



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOCTORADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

MARIA APARECIDA ALVES DA COSTA

**EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA DA TRAVESTI LETÍCIA CAROLINA PEREIRA DO
NASCIMENTO (2007-2018)**

FORTALEZA – CEARÁ
2023

MARIA APARECIDA ALVES DA COSTA

EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA DA TRAVESTI LETÍCIA CAROLINA PEREIRA DO
NASCIMENTO (2007-2018)

Tese apresentada ao curso de Doutorado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de Concentração: Formação de Professores.

Professora Orientadora: Dra. Lia Machado Fiuza Fialho

FORTALEZA – CEARÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Costa, Maria Aparecida Alves da.
Educação e Docência da Travesti Leticia
Carolina Pereira do Nascimento (2007-2018)
[recurso eletrônico] / Maria Aparecida Alves da
Costa. - 2023.
207 f. : il.

Tese (DOUTORADO ACADÊMICO) - Universidade
Estadual do Ceará, Centro de Educação, Curso de
Programa de Pós-graduação Em Educação - Doutorado
Acadêmico, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof.^a Pós-Dra. Lia Machado Fiuza
Fialho.

1. Leticia Carolina. 2. História da Educação.
3. Biografia. 4. Travesti. 5. Educação de
mulheres. . I. Título.

MARIA APARECIDA ALVES DA COSTA

EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA DA TRAVESTI LETÍCIA CAROLINA PEREIRA DO
NASCIMENTO (2007-2018)

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores.

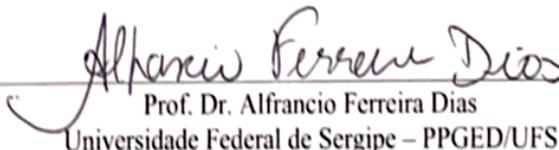
Aprovada em: 03 de março de 2023.

BANCA EXAMINADORA



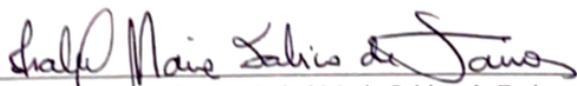
Profª. Dra. Lia Machado Fiuza Falho (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado
Universidade Federal da Paraíba – PPGE/UFPB



Prof. Dr. Alfrancio Ferreira Dias
Universidade Federal de Sergipe – PPGED/UFS

Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição
Universidade Federal de Sergipe – PPGED/UFS



Profª. Dra. Isabel Maria Sabino de Farias
Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE

AGRADECIMENTOS

Agradeço de forma primordial a Deus (que eu chamo carinhosamente de universo), porque acredito que existe sim, uma força maior por trás de tudo nessa vida e, durante a tessitura desta tese, senti fortemente essa força.

À Lia Fialho, minha orientadora por sempre estar comigo mesmo nos momentos mais solitários que uma pesquisa coloca-nos. Agradeço o apoio e os ensinamentos não só referentes à pesquisa, mas também em relação à vida.

Aos membros da minha banca avaliadora, profa. Isabel Sabino e professores Alfrâncio Dias, Charliton Machado e Joaquim Tavares pela leitura atenciosa e contribuições em relação à minha temática.

À minha biografada (Letícia Carolina) que confiou em mim quando recorri a toda a potencialidade de sua vida para elaborar uma tese de doutorado, ou seja, realizar meu sonho de ter o título de doutora.

Aos colaboradores entrevistados, Evangelita Nóbrega, Jessyka Rodrigues, Tícylli Nascimento, Cíntia Pinto, Maria de Jesus Duarte, Edmara Castro e João Carlos Borges. A contribuição de vocês foi de grande relevância.

À minha família, pelo incentivo, motivação e apoio incondicional e que, para mim, é o suporte maior da minha existência.

A meu namorado, Junior Saboya, pelo apoio incondicional.

À minha amiga especial, Nalda Stascxak que dedica sua amizade sincera em todos os momentos desde a minha chegada em Fortaleza.

À minha amiga Márcia Mendes por todo o companheirismo de uma “irmã” que a UECE presenteou-me.

A meu amigo de doutorado (do doutorado para a vida), Jânio Ribeiro, que com as palavras: “vai dar certo, amiguinha, deixe de coisa!” ajudou-me demais.

Ao grupo Práticas Educativas Memórias e Oralidades pela troca de conhecimentos e pelas experiências.

À Capes pelo apoio financeiro.

Ítaca

*“Se partires um dia rumo a Ítaca
faz votos de que o caminho seja longo,
repleto de aventuras, repleto de saber.*

*Nem os Lestrigões nem os Ciclopes
nem o colérico Poseídon te intimidem;
eles no teu caminho jamais encontrarás
se altivo for teu pensamento, se sutil
emoção teu corpo e teu espírito tocar.*

*Nem Lestrigões nem os Ciclopes
nem o bravio Poseídon hás de ver,
se tu mesmo não o levars dentro da alma,
se tua alma não os puser diante de ti.
Faz votos de que o caminho seja longo.*

*Numerosas serão as manhãs de verão
nas quais, com que prazer, com que alegria,
tu hás de entrar pela primeira vez um porto
para correr as lojas dos fenícios
e belas mercancias adquirir:
madrepérolas, corais, âmbar, ébanos,
e perfumes sensuais de toda espécie,
quando houver, de aromas deleitosos.*

*A muitas cidades do Egito peregrina
para aprender, para aprender dos doutos.*

Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas não apresses a viagem nunca.

*Melhor muitos anos levars de jornada
e fundeares na ilha, velho enfim,
rico de quanto ganhaste no caminho,
sem esperar riquezas que Ítaca te desse.*

Uma bela viagem deu-te Ítaca.

Sem ela não te ponhas a caminho.

Mais do que isso, não lhe cumpre dar-te.

Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.

*Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,
e agora sabes o que significam Ítacas.*

Konstantinos Kaváfis

(Tradução de José Paulo Paes)

RESUMO

A pesquisa está inserida no campo da História da Educação e trata acerca da educação e da profissionalização de mulheres. O objetivo é biografar a professora Letícia Carolina Pereira do Nascimento com ênfase em sua trajetória formativa e docente. O recorte temporal delimitado inicia-se em 2007, época em que Letícia Nascimento, ainda na identidade de Romário, começou a viver assumidamente sua sexualidade, e vai até 2018, período em que Letícia Nascimento efetiva-se na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Partimos do seguinte questionamento: quais dispositivos Letícia Carolina Pereira do Nascimento recorreu em sua trajetória de formação e atuação profissional para se constituir a primeira professora travesti efetiva da Universidade Federal do Piauí? A fim de respondermos à inquietação, amparamo-nos teoricamente na corrente historiográfica da História Cultural, pois ela possibilitou a ampliação das fontes históricas, bem como favoreceu a visão sobre as histórias de vida, tornando-as objeto de estudo, o que nos oportunizou traçar um estudo biográfico da professora Letícia Carolina. Utilizamos a metodologia da História Oral, tendo as entrevistas como técnica de coleta das narrativas de sete entrevistados, além das narrativas da biografada, entrecruzada com fontes documentais como, por exemplo, fotografias, certificados, cartas, memorando de lotação na educação básica, dentre outras. Os resultados apontam que Letícia Carolina nasceu em Parnaíba, litoral do Piauí, onde viveu aos cuidados da avó materna juntamente com seus irmãos. Ainda na identidade Romário Rawlisson, teve a oportunidade de ser escolarizado em instituições particulares, como podemos destacar o ensino primário na Escola Monteiro Lobato; o ensino fundamental e parte do ensino médio no Colégio São Luís Gonzaga – Diocesano, e finalizou a educação básica no Colégio Apoio, o qual era ensino médio e curso pré-vestibular. Letícia Carolina graduou-se em Pedagogia em 2011 na UFPI; concluiu o mestrado em educação em 2016 e ingressou no doutorado em educação em 2019 na mesma instituição. Podemos destacar também que Letícia sempre teve o apoio familiar em relação à sua sexualidade e à sua identidade de gênero. Atualmente, Letícia Carolina é conhecida por ser uma referência sobre os estudos transfeministas no Brasil e até em outros países, como a França.

Palavras-chave: Letícia Carolina; História da Educação; Biografia; Travesti; Educação de mulheres.

ABSTRACT

The research is inserted in the field of The History of Education and deals with the education and professionalization of women. The objective is to biograph professor Letícia Carolina Pereira do Nascimento with emphasis on her formative and teaching trajectory. The delimited time cut begins in 2007, when Letícia Nascimento, still in Romário's identity, began to live her sexuality, and runs until 2018, a period in which Leticia Nascimento takes place at the Federal University of Piauí (UFPI). We start from the following question: which Leticia Carolina Pereira do Nascimento devices used in her career of training and professional performance to constitute the first effective travesti teacher at the Federal University of Piauí? In order to respond to restlessness, we were theoretically based on the historiographical current of Cultural History, because it allowed the expansion of historical sources, as well as favored the view on life histories, making them the object of study, which opportunityed us to trace a biographical study of Professor Leticia Carolina. We used the Oral History methodology, with interviews as a technique to collect the narratives of seven interviewees, beyond the narratives of the biographer, cross-referenced with documentary sources such as photographs, certificates, letters, stocking memorandum in basic education, among other. The results indicate that Letícia Carolina was born in Parnaíba, coast of Piauí, where she lived in the care of her maternal grandmother together with her siblings. Still in the identity Romário Rawlisson, had the opportunity to be educated in private institutions, as we can highlight primary education in the Escola Monteiro Lobato; elementary school and part of high school at Colégio São Luís Gonzaga – Diocesano, and finished basic education at Colégio Apoio, which was high school and pre-vestibular course. Letícia Carolina graduated in Pedagogy in 2011 at UFPI; completed his Master's degree in education in 2016 and entered his Doctorate in Education in 2019 at the same institution. We can also highlight that Leticia has always had family support in relation to her sexuality and gender identity. Currently, Letícia Carolina is known to be a reference on transfeminist studies in Brazil and even in other countries, such as France.

Keywords: Letícia Carolina; History of Education; Biography; Travesti; Women's education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Notícia sobre a primeira professora Travesti na UFPI.....	23
Figura 2 - Letícia Carolina Pereira do Nascimento atualmente	50
Figura 3 - Família de Letícia Carolina	53
Figura 4 - Localização de Parnaíba-PI e Tutóia-MA.....	54
Figura 5 - Convite de formatura de Letícia em 2011	65
Figura 6 - Letícia no dia da posse de professora da UFPI.....	78
Figura 7 - Capa do livro Transfeminismo, de autoria de Letícia Carolina.....	80
Figura 8 - Localização de Parnaíba no mapa do Piauí	82
Figura 9 - Letícia com sua mãe na formatura do ABC	86
Figura 10 - Desfile Cívico de Sete de Setembro	94
Figura 11 - Apresentação do Coral Vozes de Pardais.....	97
Figura 12 - Letícia em um carro de Fórmula 1 em 1994.....	103
Figura 13 - Fachada do Colégio São Luís Gonzaga (Colégio Diocesano).....	107
Figura 14 - Parte interna do Colégio São Luís Gonzaga (Colégio Diocesano).....	107
Figura 15 – Exposição dos trabalhos de artes – Escola Antônio Osvaldo	136
Figura 16 – Cartaz com a identificação de Romário/Letícia feito pelos alunos do curso de.....	144
Figura 17 – Aula inicial de Didática no curso de História (UESPI)	145
Figura 18 – Grupo de Estudos e Pesquisas criado por Romário/Letícia na UESPI em 2017	146
Figura 19 – Roda de conversa sobre a despatologização LGBT	148
Figura 20 – Primeira vez que a “Letícia Carolina” aparece na performance travesti	151
Figura 21 – Convite para a comunidade acadêmica assistir a defesa dos orientandos do professor Romário.....	152
Figura 22 – Primeira vez que Letícia aparece na Universidade Estadual do Piauí	153
Figura 23 – Letícia como professora homenageada na formatura em Pedagogia da UFPI.....	154

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 - Resultados do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e BDTD.....	35
Tabela 2 - Resultados do Portal de Periódicos da Capes e SciELO.....	37
Gráfico 1 - Dados dos assassinatos de pessoas trans no Brasil entre 2008 e 2020	73
Gráfico 2 - Perfil das vítimas por idade.....	75
Gráfico 3 - Idade da percepção do desacordo de gênero	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Biografias de mulheres publicadas pelo grupo Pemo.....	18
Quadro 2 - Pesquisas encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e BDTD	36
Quadro 3 - Pesquisas encontradas no Portal de Periódicos da Capes e SciELO	37
Quadro 4 - Fontes orais.....	45
Quadro 5 – Fontes documentais	45
Quadro 6 - Escolarização de pessoas trans	76
Quadro 7 - Escolarização da biografada por período.....	83
Quadro 8 - Matrículas na primeira série do Ensino Primário no Piauí em 1996.....	88
Quadro 9 - Taxa de analfabetismo na década de 1990.....	89

LISTA DE ABREVIATURAS

ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexual Assexual
SESC	Serviço Social do Comércio
PEMO	Práticas Educativas Memórias e Oralidades
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	Os caminhos e o “encontro” com Leticia Carolina.....	21
2	PERCURSOS, PERCALÇOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO	26
2.1	A História Cultural e os estudos biográficos.....	27
2.2	A metodologia da História Oral	32
2.3	Procedimentos e fontes da pesquisa	34
2.3.1	O caminho até as fontes orais e documentais	39
3	DE ROMÁRIO RÁWLYSON A LETICIA CAROLINA: TRAJETÓRIAS PESSOAIS DE UMA TRAVESTI	48
3.1	Origem familiar e infância	49
3.2	A constituição da identidade de mulher travesti	57
3.3	Letícia Carolina Nascimento: primeira professora travesti efetiva da UFPI	76
4	TRAJETÓRIA FORMATIVA	82
4.1	Escola Monteiro Lobato	84
4.2	Ginásio São Luís Gonzaga – Colégio Diocesano	105
4.3	Colégio Apoio	121
4.4	Universidade Federal do Piauí	123
5	ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO PROFESSOR ROMÁRIO E DA PROFESSORA LETÍCIA CAROLINA	125
5.1	Secretaria Municipal de Luís Correia-PI	125
5.2	Atuação docente na educação básica	132
5.3	Educação Superior.....	139
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
	REFERÊNCIAS.....	160
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADA AOS COLEGAS DE TRABALHO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UESPI.....	175
	ANEXO A – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ASSINADOS)	177
	ANEXO B – TERMOS DE VALIDAÇÃO DAS ENTREVISTAS (ASSINADOS).....	192
	ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS.....	198
	ANEXO D – CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO ENSINO	

FUNDAMENTAL.....	199
ANEXO E – CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO	200
ANEXO F – MEMORANDO DE APRESENTAÇÃO DO CONCURSO PÚBLICO DE LUÍS CORREIA-PI.....	201
ANEXO G - PRIMEIRA PÁGINA DO CURRÍCULO LATTES DE LETÍCIA CAROLINA PEREIRA DO NASCIMENTO	202
ANEXO H – CARTA ESCRITA POR LETÍCIA DESTINADA A SEUS AGRESSORES DA INFÂNCIA.....	203

1 INTRODUÇÃO

Oui, cest'' une biographie!!

Escrever é uma arte e nós sabemos disso. Escrever sobre nós mesmos é uma tarefa um pouco difícil, mas escrever sobre o outro é um exercício complexo e delicado, e é a isso que nos propomos nesta tese doutoral. Retomando a epígrafe acima, “sim, essa é uma biografia”! Uma biografia de uma travesti, Letícia Carolina Pereira do Nascimento, que rompeu paradigmas e que atualmente é conhecida e reconhecida pela sua docência na educação superior, pela sua militância nos movimentos sociais, como nos movimentos LGBTQIAP+ ou pela autoria em publicações de artigos e livros, nacionais ou internacionais, mas que também já esteve em uma identidade masculina, o menino, o adolescente e o Romário Rawlysson¹ que, em determinados momentos, tinha que se esconder do mundo como meio de sobrevivência.

A presente pesquisa insere-se no campo da História da Educação por trazer à baila a biografia da professora Letícia Carolina Pereira do Nascimento, doravante apenas Letícia Carolina, como é conhecida a primeira professora travesti efetiva da Universidade Federal do Piauí-UFPI. Ressaltamos, sobretudo, seu percurso formativo e sua atuação docente na educação básica e superior piauiense.

As pesquisas que se configuram no campo da História da Educação, especificamente as de cunho biográfico, “não se constitui uma tarefa simples por demandar conhecimentos amplos e interdisciplinares, em especial acerca da Educação e da História, na interface com aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais, dentre outros” (LOPES; FIALHO; MACHADO, 2018, p. 241). Diante disso, a pesquisa permite compreender, hermeneuticamente, não apenas os aspectos educacionais presentes na trajetória de vida da educadora, mas também, os contextos macrossociais existentes que perpassaram suas experiências.

Nascida no dia 14 de agosto de 1989 na cidade litorânea piauiense de Parnaíba, é a segunda de uma família de quatro filhos, do então comerciante Railton Gomes do Nascimento e da dona de casa Aglai Maria Pereira do Nascimento. Registrada inicialmente com o nome civil masculino, Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento. A partir de 2017,

¹ Com a finalidade de não cometermos anacronismos, o texto será escrito trazendo sempre a identidade de Romário e Letícia. Sabemos que a história não é linear, no entanto, para melhor compreensão leitora, as duas identidades serão mantidas de acordo com o tempo histórico de cada fase da biografada.

com a identidade de mulher travesti, adotou o nome social Letícia Carolina Pereira do Nascimento.

O recorte temporal compreende o período entre 2007, ano em que Letícia começou a vivenciar assumidamente sua homossexualidade e, posteriormente, sua travestilidade, até 2019, ano de seu ingresso na UFPI como professora efetiva. Justificamos a adoção desse recorte temporal pelo foco maior concentrar-se em aspectos singulares à sua orientação sexual e à identidade de gênero, especialmente ao considerar que a intenção não é abordar todos os acontecimentos de sua vida em suas múltiplas interfaces e nuances, mas aqueles considerados importantes para a compreensão da sua trajetória formativa e atuação docente até o momento de sua efetivação como primeira professora travesti de uma universidade pública no Piauí, no ano de 2019.

Partindo do pressuposto de que a educação é um direito constitucional a todo cidadão brasileiro, é notório que muitas vezes esse direito é negado àqueles que vivem à margem da sociedade. Sujeitos que fogem dos padrões de uma sociedade heteronormativa são julgados, sofrem violência física e psicológica simplesmente pelo fato de não seguirem as regras que são impostas para o seu gênero e para a sua sexualidade. Esses sujeitos são representados pela sigla LGBTQIA+, ou seja, Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual.

A respeito da temática que versa sobre travestilidade, o primeiro campo teórico que começou a investigar as possibilidades de transgressões de gênero foi a antropologia, analisando tribos primitivas ao redor do mundo. No Brasil não foi diferente. Os estudos em torno da identidade travesti tiveram início a partir da década de 1990 em Programas de Pós-Graduação em Antropologia por meio de pesquisas etnográficas que tinham como foco de estudo “travestis em contextos da prostituição”, a exemplo dos estudos de Hélio Silva (1993), no Rio de Janeiro, Neuza de Oliveira (1994), em Salvador, Suzana Lopes (1995), em São Paulo, Cristina Florentino (1998), em Porto Alegre, dentre outros (BENEDETTI, 2005).

Em pesquisas recentes, a temática da travestilidade, bem como outras categorias identitárias são discutidas a partir da Teoria Queer, que “pode ser vinculada às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo que, ao longo do século XX, problematizaram noções clássicas de sujeito, de identidade, de agências, de identificação” (LOURO, 2021, p. 37).

Considerando que nosso objeto de estudo versa sobre a biografia de uma mulher travesti, é interessante compreender que a imagem da pessoa travesti é marginalizada pela sociedade desde os primórdios e esta ainda carrega consigo o estereótipo da prostituição, uma vez que é marcado pela exclusão social (TORRES; PRADO, 2014). No entanto, isso não é

uma regra, há mulheres travestis rompendo paradigmas diante dos atravessamentos de uma vida fadada ao preconceito e ocupando espaços públicos como, por exemplo, na educação, como docentes ou como pesquisadoras, embora em um quantitativo pequeno, mas já se constitui uma conquista forjada em meio a incontáveis lutas.

A inserção no mercado de trabalho e o desenvolvimento profissional é uma das principais dificuldades das mulheres travestis. De acordo com dados levantados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), 90% da população de pessoas *trans*² utilizam a prostituição como fonte de renda e possibilidade de subsistência devido à baixa escolaridade provocada pelo processo de exclusão escolar, gerando uma maior dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho e deficiência na qualificação profissional causada pela exclusão social (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019).

Diante desse contexto excludente experienciado por mulheres travestis, a escolha da biografada Letícia Carolina dá-se dentro do contexto da biografia de exceção (DOSSE, 2020). Pois, conforme o mapeamento do Instituto Brasileiro Trans de Educação (CANTELLI; NOGUEIRA, 2018), constatamos que apenas 90³ pessoas trans (travestis, mulheres ou homens transexuais) atuam no campo da educação brasileira, seja como docente, seja na pesquisa, desenvolvendo trabalho na educação institucionalizada⁴.

Conforme as autoras Cantelli e Nogueira (2018), apesar de representarem uma minoria numérica, as educadoras travestis ou transexuais levam para o debate, na educação, inúmeras questões caras⁵, instauram curiosidades e impactam nos modos de relação profissional no ambiente escolar. Para Seffner (2012), no momento em que professoras transexuais e travestis assumem uma sala de aula, dois aspectos importantes destacam-se: que elas são docentes com disciplinas e conteúdos específicos; e que elas são pessoas de referência tanto para estudantes LGBTQIA+ quanto para discentes heterossexuais, tendo em vista que suas identidades ficam marcadas pela sexualidade.

Na escola, a existência das professoras transexuais e travestis podem revelar mudanças na balança do poder entre elas e outros indivíduos numa conjuntura heteronormativa que circunscreve o campo educacional. Torres (2012, p. 206), considera que

²Termo guarda-chuva utilizado para pessoas travestis, transexuais e transgênero (TORRES, 2014).

³“Considera-se que esse número possa ser bem maior, uma vez que a maioria das pessoas que responderam o censo, denunciaram assédio, violência e transfobia, dessa forma, muitas pessoas travestis, mulheres e homens transexuais que atuam na educação ou na pesquisa escondem suas identidades de gênero ou em caracteres andrógenos ou em possibilidades de vida delimitadas per características cisgênera” (CANTELLI; NOGUEIRA, 2018, p. 52).

⁴ É interessante destacar que esse é o último estudo encontrado sobre essa temática.

⁵ Questões como a inclusão de pessoas trans em espaços que não sejam marginalizados.

“os estabelecidos se constituem quando alguns questionam a possibilidade de elas exercerem a função docente, recusam reconhecer o nome social, evitam socialmente as professoras travestis e transexuais, entre outras questões”. É notória a restrição de pessoas travestis ou transexuais em cargos públicos ou empresas privadas.

Ante o exposto, a problemática central deste estudo doutoral parte do seguinte questionamento: quais dispositivos Letícia Carolina Pereira do Nascimento recorreu em sua trajetória de formação e atuação para se constituir a primeira professora travesti efetiva da Universidade Federal do Piauí?

Nessa perspectiva, objetivamos biografar a professora Letícia Carolina Pereira do Nascimento com ênfase na sua trajetória formativa e atuação docente. Com a finalidade de atingirmos o objetivo proposto, elencamos três objetivos específicos, quais sejam: a) compreender as tensões vividas por Letícia Carolina durante a constituição de sua identidade de gênero; b) desvelar a educação familiar e a escolarização fomentada à Letícia Carolina; c) discutir a prática educativa na educação básica até seu ingresso na educação superior.

Posto isso, partimos do pressuposto de que a educadora Letícia Carolina Pereira do Nascimento enfrentou inúmeros preconceitos e discriminações ao longo de sua trajetória estudantil e profissional, mas que houve dispositivos que contribuíram para que ela superasse as barreiras dessas violências e ocupasse espaços pouco comuns às mulheres travestis. Ademais, sua atuação educativa deixa contribuições significativas por onde passou para a formação de professores e estudantes com os/as quais conviveu.

O interesse em desenvolver a biografia mencionada aconteceu com o contato com a história de vida de mulheres educadoras desenvolvida no mestrado acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no ano de 2018, em que foi desenvolvida a dissertação intitulada Maria Cinobelina Elvas: a docência na Escola Normal (1981-1988). Como integrante do Grupo de Estudos Práticas Educativas Memórias e Oralidades (PEMO), sob a coordenação da professora Dra. Lia Machado Fiuza Fialho, foi proporcionado um estudo sistemático sobre a trajetória de mulheres que eram invisibilizadas na história tradicional e que, com o advento da História Cultural (BURKE, 2008), puderam ter suas vidas desveladas para melhor compreender a história da educação.

A metodologia da História Oral, que tem as narrativas como principal fonte, permitiu ampliar o leque de informações sobre a biografada e sua interrelação dissociada com a história do presente, nutrindo assim, a possibilidade de aprofundar os estudos sobre a História da Educação no Piauí por meio deste estudo doutoral que versa sobre a vida de uma educadora travesti.

Ao levar em consideração as pesquisas realizadas com indivíduos que são sujeitos da sua própria história (LE GOFF, 1992), biografar a trajetória educacional de uma professora travesti importa, pois Letícia Carolina rompe paradigmas em razão da sua identidade de gênero não só em seu locus profissional, mas na sociedade com um todo.

Nessa perspectiva, para o desenvolvimento dessa pesquisa foi realizado um breve levantamento acerca de possíveis estudos científicos já realizados com a temática em tela, ou seja, a biografia de Letícia Carolina Pereira do Nascimento com ênfase em sua trajetória formativa e profissional, em que não encontramos nenhuma pesquisa igual ou semelhante a esta temática.

Inicialmente, utilizamos o descritor: “Letícia Carolina Pereira do Nascimento” na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), para saber se algo já havia sido publicado sobre a biografada e não encontramos nenhum resultado de cunho acadêmico, possibilitando assim, que esta produção seja pioneira sobre a história de vida dessa educadora. Numa perspectiva mais ampla, pesquisamos com os descritores “professoras travestis”, “travestis na educação” e “professoras trans”, na qual obtivemos um quantitativo de seis resultados que serão descritos posteriormente.

Um ponto interessante a ser destacado também é que no grupo em que a pesquisadora está inserida, ou seja, o grupo Pemo, que discute biografia de mulheres, principalmente biografia de educadoras, na qual todas as pesquisas realizadas estão descritas no Quadro 1, não encontramos nenhuma biografia de educadora travesti.

Quadro 1 – Biografia de mulheres publicadas pelo Grupo Pemo⁶

(continua)

Tipo de pesquisa	Biografadas	Autoria	Ano
Teses	Aída Balaio	(LIMA)	2019
	Luiza de Teodoro	(FREIRE)	2022
	Iraci Cassiano Soares	(MENDES)	2022
	Maria Lílian Teixeira	(CARVALHO)	2022
	Adelaide Gonçalves ⁷	Ana Carolina Braga	2020
	Raimunda Tremembé	Stephanie Pereira	2020
	Marieta Benício e Maria José de Sousa	Genifer Sousa	2020
	Adélia Brasil Feijó*	Limária Mouta	2022
	Eliane Dayse, Regina Coele, Sandra Gadelha*	Francinalda Stascxak	2022
	Maria do Socorro Eugênio*	Fernanda Ielpo	2022

⁶ Esse levantamento foi feito a partir do próprio site do grupo que está disponível em: <https://pemouece.wixsite.com/pemo>

⁷ Todas as pesquisas que estão sinalizadas com um asterisco (*) ainda se encontram em construção.

Quadro 1 – Biografia de mulheres publicadas pelo Grupo Pemo

(conclusão)

Tipo de pesquisa	Biografadas	Autoria	Ano
Dissertações	Maria Luíza Fontenele	(FREIRE)	2017
	Henriqueta Galeno	(SÁ)	2018
	Irmã Maria Montenegro	(CARVALHO)	2018
	Francisca Doneta Leite	(SOUZA)	2019
	Maria Cinobelina Elvas	(COSTA)	2019
	Irmã Elizabeth Silveira	(SOUSA)	2019
	Maria Socorro Lucena	(SANTOS)	2019
	Alba de Mesquita Frota	(STASCXAK)	2021
Artigos publicados em periódicos	Maria Margarete Sampaio	(FIALHO; COSTA; LEITE)	2022
	Maria Helena da Silva	(FIALHO; CARVALHO; NASCIMENTO)	2021
	Helena Potiguara	(PEREIRA; SOUSA; FIALHO)	2021
	Iolanda dos Santos Mendonça	(MENDES; et al.)	2020
	Minerva Diaz de Sá Barreto	(LOPES; SOUSA; FIALHO)	2020
	Maria de Lourdes Fernandes	(BRANDEMBURG; FIALHO; SOUSA)	2020
	Maria Zufla e Silva Morais	(LOPES; SOUSA; FIALHO)	2020
	Raquel Dias Araújo	(FIALHO; SANTOS; FREIRE)	2020
	Josete Sales	(FIALHO; SOUSA)	2020
	Rosa Maria Barros Ribeiro	(FIALHO; SOUSA; DIAZ)	2020
	Maria Zelma de Araújo Madeira	(FIALHO; DÍAZ)	2020
	Argentina Pereira Gomes	(MENDES; FIALHO; MACHADO)	2019
	Maria Neli Sobreira	(FIALHO; QUEIROZ)	2018
Célia Goiana	(FIALHO; CARVALHO)	2017	
Capítulo de livro	José Honorato Batista Neta	(FIALHO; HERNANDEZ DÍAZ; FREIRE)	2020

Fonte: Elaboração própria (2021).

Cumprе salientar que, das 33 pesquisas elencadas no quadro acima, uma delas chamou nossa atenção de maneira especial por aproximar-se um pouco da temática aqui desenvolvida, ou seja, a pesquisa de autoria de Fialho, Díaz e Freire (2020) que objetivou biografar a transexual José Honorato Batista Neta, com ênfase em sua trajetória formativa e seu ingresso no curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará. Esse empreendimento, de natureza biográfica, vai ao encontro de pesquisas com pessoas trans que rompem paradigmas de uma sociedade normativa e conseguem galgar visibilidade social a partir da educação e da militância nos movimentos sociais.

Um dos aspectos que expressa o pouco número de pesquisas na perspectiva da travestilidade dá-se pela razão histórica de estar relacionada a uma vertente da homossexualidade e que, no geral, as pesquisas são generalizadas à população LGBTQIA+,

sendo rara a especificidade no segmento trans (FRANCO, 2014), o que se pode acrescentar que as pesquisas com enfoque em travestis são mais tímidas ainda.

Diante do exposto, consideramos ser pertinente o estudo sobre a biografia da educadora, uma vez que sua história de vida é importante para a compreensão da história educacional do Piauí, bem como para ampliar a compreensão acerca de como o preconceito acerca da travestilidade dificulta a educação e a escolarização dessas mulheres. Além disso, as pesquisas que versam sobre a história da educação de mulheres no estado do Piauí são reduzidas, pois é evidente a “falta de bibliografia e fontes de pesquisas sobre a educação piauiense, portanto, a pesquisa historiográfica sobre a ação educativa no Piauí é de grande relevância” (MENDES, 2007, p. 30). Esta pesquisa é pertinente visto que ela vai contribuir com a preservação e valorização da história e da memória da educação do Piauí, especificamente da cidade de Parnaíba, destacando uma mulher que colabora ativamente no campo da educação e não deve ser invisibilizada.

Com a finalidade de compreendermos melhor a divisão desta tese, destacamos neste momento, que a primeira seção, “Introdução”, apresenta a temática e sua delimitação, o objeto de estudo, o problema de pesquisa, os elementos norteadores do estudo, os objetivos, a justificativa, o pressuposto, a relevância e a problemática em torno da biografada, assim como contextualiza o cenário em que Letícia Carolina está inserida.

A segunda seção, “Percurso, percalços e procedimentos metodológicos”, traz uma discussão elementar a respeito da corrente historiográfica em que a pesquisa está inserida, ou seja, a História Cultural, com a finalidade de situar a narrativa aqui descrita nas pesquisas históricas, abordando o gênero biográfico que se caracteriza como nosso tipo de estudo. Expõe ainda, a metodologia escolhida e utilizada, assim como o percurso desenvolvido até encontrar as fontes orais e documentais, bem como sua seleção e análise. Além disso, de forma preliminar, aborda um levantamento das pesquisas já realizadas a respeito da temática em tela. Ademais, apresentamos nossas fontes orais e documentais de forma sintética.

A terceira seção, “Leticia Carolina: trajetórias pessoais”, descortina a origem e a vivência familiar na infância e na adolescência da biografada ao destacar sua constituição enquanto mulher travesti. Situa também o conceito de identidade e de travestilidade e fomenta discussões comuns a outras travestis como o direito ao uso do nome social, à dignidade humana de adentrar no mercado de trabalho, bem como as implicações trazidas pela transição na identidade sexual.

A quarta seção, “Trajetória formativa”, investimos em desvelar o percurso formativo de Letícia Carolina por meio de suas memórias vividas em escolas da educação

básica como a Escola Monteiro Lobato, onde estudara da educação infantil até a quarta série do ensino primário, o Colégio Diocesano, onde concluiu o ensino fundamental e parte do ensino médio e finalizou a educação básica no Colégio Apoio. Ainda nessa sessão, discutimos sobre a sua formação em nível superior na Universidade Federal do Piauí.

Na quinta seção, “Atuação docente do professor Romário e da professora Letícia”, dissertamos sobre a inserção e os primeiros anos de experiência educacional da biografada na educação básica, na qual atuou por alguns anos em cargos de gestão na secretaria de educação de Luís Correia e, posteriormente, na docência nos anos iniciais do ensino fundamental. Exploramos também sua docência como professora substituta no ensino superior.

E, por último, as Considerações finais, onde apresentamos as principais reflexões acerca do percurso formativo e atuação docente da professora Letícia Carolina, bem como outras possibilidades de pesquisas científicas acerca da temática em estudo.

1.1 O encontro com Letícia Carolina⁸

Ao pleitear uma vaga na seleção de doutorado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará, no ano de 2019, foi submetido um Projeto de pesquisa que ia ao encontro de uma biografia de uma educadora negra, que além de ter dedicado sua vida à docência, participou ativamente de movimentos sociais, percorrendo assim, o seu caminho para a política piauiense. Biografar aquela educadora teria sido uma parcela de contribuição para a educação do Piauí, porém com o início da investigação, especificamente no mês de maio de 2020, notei que não atendia aos objetivos propostos no projeto inicial a ponto de defender uma tese de doutorado, uma vez que o eixo central do Programa de Pós-Graduação em que estou inserida versa sobre a Formação de Professores e ao investigar sobre a possível biografada notei que sua inserção no campo da docência era restrito apenas ao período dos estágios obrigatórios de seu curso de formação.

Nesse momento, a preocupação chega de forma rápida e com ela o desespero para encontrar outro “objeto de pesquisa” que se encaixasse na minha linha e núcleo de pesquisa, ou seja, precisava encontrar outra biografada, levando em conta alguns valores pessoais, como biografar mais uma educadora piauiense, que vejo que é uma das formas de contribuir com a educação do meu estado, pois como já foi ressaltado, existe uma lacuna na história da educação do Piauí que precisa ser sanada por meio de pesquisas acadêmicas, com a finalidade

⁸ Peço licença para escrever este tópico em primeira pessoa do singular por abordar os caminhos e as subjetividades que levaram a doutoranda a chegar ao seu objeto de estudo.

de deixar registrada a constituição não só da educação de um povo, mas também o legado e a memória da população piauiense.

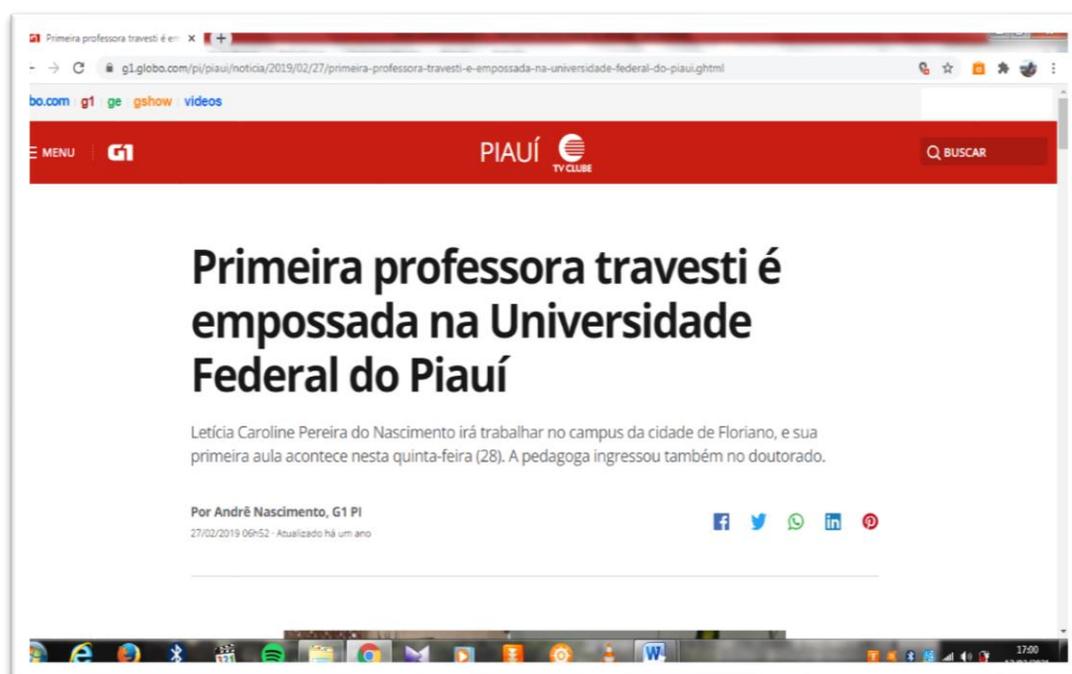
Destarte, iniciei a busca por uma nova biografada para dar andamento a minha pesquisa doutoral. Com o auxílio da internet, acessei alguns sites de busca. O primeiro deles foi o da Academia Piauiense de Letras, com a finalidade de encontrar alguma educadora que se destacasse na educação piauiense, mas a busca foi negativa pelo fato de os poucos nomes de mulheres que apareceram fugiam dos critérios estabelecidos para o desenvolvimento de uma tese. Posteriormente, acessei o site do Governo do Estado, onde no campo de buscas inseri o descritor “educadoras piauienses”, mas também não obtive resultado positivo.

No entanto, precisei acessar o repositório de teses e dissertações da Universidade Federal do Piauí para uma demanda de uma disciplina do doutorado. Acessando o site, antes de ir diretamente ao repositório, resolvi ler as notícias que ali estavam. Li as notícias recentes e, conseqüentemente, as mais antigas iam surgindo e lá eu encontrei uma chamada que direcionava para o site de um Jornal Piauiense da TV CLUB, que tinha a seguinte manchete “Primeira professora travesti é empossada na Universidade Federal do Piauí”⁹.

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/02/27/primeira-professora-travesti-e-empossada-na-universidade-federal-do-piaui.ghtml>.

Era uma notícia postada no dia 27 de fevereiro de 2019, ou seja, mais de um ano antes dessa minha busca, uma vez que resolvi encontrar outro objeto de pesquisa em maio de 2020.

Figura 1 - Notícia sobre a primeira professora travesti na UFPI



Fonte: G1 Piauí (27/02/2019).

No momento em que vi essa notícia alegrei-me imensamente, pois no meu íntimo eu já havia encontrado a minha biografada. Porém, ao mesmo tempo dessa alegria, veio também a preocupação de pesquisar sobre um universo totalmente desconhecido para mim, que é o universo LGBT. No entanto, a alegria foi maior que a preocupação de pesquisar sobre algo cujo meu conhecimento era mínimo e, considerando que o tempo máximo do doutoramento era de quatro anos, resolvi arriscar. Falei com a minha orientadora, a professora Dra. Lia Machado Fiuza Fialho e ela deu um “parecer” positivo.

Então parti para o segundo passo, que foi comunicar-me com a professora Letícia Carolina, levando em consideração que antes de entrar em contato com ela, já havia feito a busca em seu Currículo Lattes, bem como já tinha lido outras notícias¹⁰ de jornais locais que abordavam o fato de a UFPI ter a primeira professora travesti.

¹⁰ Ver: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/02/professora-primeira-travesti-empossada-ufpi>. Ver também: <https://razoesparaacreditar.com/travesti-universidade-federal-piaui/>.

Impedida pela distância entre Fortaleza-CE (onde resido) e Parnaíba-PI (residência da professora), contei mais uma vez com o auxílio da internet para contatá-la, por meio da rede social, Instagram, tomei a liberdade de enviar-lhe uma mensagem na qual eu me identificava e justificava o objetivo da minha intromissão. Prontamente, a professora respondeu e passou-me seu número de WhatsApp para uma melhor comunicação.

No mesmo dia, comunicamo-nos e foi o momento em que pude melhor explicar sobre a proposta de tê-la como biografada. Por sorte, a professora ainda era doutoranda e compreende a seriedade da produção de uma pesquisa do porte de uma tese, no entanto, notei que ela ficou um pouco receosa pois não conhecia o gênero biográfico nessa perspectiva de pesquisa acadêmica, inclusive, questionou o fato de eu ser uma pesquisadora “mulher cisgênero e hetero” interessar-me por temáticas voltadas ao público LGBT, uma vez que entendemos que é corriqueiro pesquisar ou militar por causas como essas, pessoas pertencentes à sigla.

O questionamento da professora sobre o “meu lugar de fala” sendo eu, uma mulher cisgênero, que me propus a pesquisar sobre uma temática que diz respeito à travestilidade, fez-me refletir sobre a forte influência dos marcadores sociais, pois ser uma mulher Cis, não implica dizer apenas que sou uma mulher que nasceu com o gênero biologicamente feminino e me identifico com ele, uma vez que o que caracteriza uma pessoa cisgênero é a identificação com seu gênero biológico, pois Cisgênero tem sua origem no prefixo latino “Cis”, que se traduz como “deste lado” (MODESTO, 2013), mas vai além disso, é um sujeito que vai ao encontro dos padrões de uma sociedade que foi historicamente constituída nas bases da heteronormatividade (VERGUEIRO, 2015).

É impossível olhar o mundo com lugar de uma trans sendo cis, reconheço ser uma pesquisadora cis e ter o “privilégio” de estar de acordo com os padrões historicamente constituídos, no entanto, um pesquisador não pode-se privar de suas relações sociais, tampouco deixar de pesquisar sobre temáticas que considere pertinentes só porque não faz parte daquele universo particular, mesmo tendo conhecimento e consciência das limitações e das dificuldades que podem surgir ao longo da trajetória de escrita.

É compreensível a preocupação da professora em relação a tudo o que eu estava apresentando, seu lugar social não poderia e nem deveria servir de base para qualquer produção preconceituosa. Ademais, é natural que o novo, às vezes, leve algum tempo para ser aceito, no entanto, ela solicitou o projeto de pesquisa para tomar conhecimento sobre o meu objetivo em biografá-la, bem como acerca da metodologia de pesquisa. No mesmo dia, enviei-lhe o projeto.

Diante dos afazeres da sua profissão e do curso de doutorado, Letícia demorou alguns dias para me dar um retorno, que foram dias longos e torturantes à espera da sua resposta. É salutar mencionar que, em se tratando de uma pesquisa acadêmica que precisa respeitar todos os aspectos éticos que uma pesquisa requer, eu não poderia escrever sua biografia sem a devida autorização, pois além de falar de suas práticas e representações como uma educadora travesti, ela seria minha principal fonte para o desenvolvimento da pesquisa.

Depois de nove dias de espera, a professora deu-me a autorização para biografá-la. Nesse momento, a felicidade foi tamanha mesmo diante de uma advertência contundente: no meu projeto eu a mencionei como professora transexual como estava em uma das várias notícias sobre a posse da primeira professora trans da Universidade Federal do Piauí e não como uma mulher travesti como ela identifica-se. Afirmei que iria prontamente retificar os termos e começar as leituras a partir das subjetividades da travestilidade, desculpando-me.

Partindo dessa premissa, pude perceber a dimensão do esforço que a pesquisa exigir-me-ia, porque naquele instante eu sequer sabia diferenciar as nuances entre as relações de identidades travestis e transexuais, no entanto, sabia que com muita leitura e determinação para a escrita, as dificuldades iriam diminuir e a escrita fluiria, com perspectivas de bons resultados, inspirando outras pessoas a superar seus desconhecimentos em prol não apenas do respeito à pluralidade, mas sua efetiva valorização.

2 PERCURSOS, PERCALÇOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?
Depende bastante de para onde quer ir, respondeu o gato.
Não me importa muito para onde, disse Alice.
Então não importa que caminho tome, disse o Gato.
Contanto que eu chegue a algum lugar, Alice acrescentou à guisa de explicação.
(CARROLL, 2009, p. 76).*

A epígrafe acima é uma metáfora que diz respeito ao diálogo entre Alice e o gato Cheshire, no clássico da literatura infanto-juvenil “Alice no País das Maravilhas”. Nesse diálogo, Alice precisa de um caminho para ir embora, pois está em uma encruzilhada e não sabe a direção certa a ser tomada. Dessa mesma forma, é assim que se sente um pesquisador no início de seu estudo, procurando um caminho a ser seguido que lhe permita chegar ao seu objetivo proposto e a escolha do caminho adequado a ser seguido em uma pesquisa, ou seja, o procedimento metodológico é essencial para se chegar aos resultados.

Nesta seção abordamos o procedimento teórico-metodológico desta pesquisa, levando em consideração que o desenvolvimento de um estudo precisa de um caminho a ser percorrido, ou seja, um método seguro capaz de levar o pesquisador ao seu objetivo traçado com a cientificidade necessária que possibilita uma reprodutibilidade qualificada.

Situada em dois campos de investigação imbricadamente, ou seja, a História e a Educação (VASCONCELOS; FIALHO; MACHADO, 2018), esta tese insere-se nesse campo profícuo da história da educação por trazer uma discussão sobre o contexto educacional em que a biografada insere-se em sua trajetória formativa e atuação docente.

Esta investigação ancora-se na abordagem qualitativa, que analisa o universo das subjetividades humanas, ampliando o leque de possibilidades de interpretações sobre os sujeitos investigados, pois discute o “estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (MINAYO, 2007, p. 57).

A respeito dessa abordagem, compreendemos sua importância a partir de diferentes realidades e análises sobre um sujeito ou um objeto de estudo, pois oportuniza ao pesquisador investigar as diferentes maneiras de chegar ao seu propósito de pesquisa, que para Gamboa (2012, p. 26) “nesse contexto, os estudos de caráter qualitativo sobre os métodos

utilizados na investigação educativa e seus pressupostos epistemológicos ganham significativa importância”.

Após situar a abordagem escolhida para o desenvolvimento da pesquisa, a seguir, discutiremos brevemente alguns conceitos teóricos e metodológicos que a embasam, a saber, a História Cultural como campo historiográfico que subsidia as pesquisas em torno dos estudos biográficos, a biografia de exceção, a História Oral como metodologia, principal método deste estudo e, por fim, o caminho e o encontro com as fontes orais e documentais.

2.1 A História Cultural e os estudos biográficos

As pesquisas que versam sobre a história da educação com foco na biografia de mulheres professoras, campo que esta pesquisa está inserida, em sua maioria, são amparadas teoricamente na História Cultural, especificamente a partir da terceira geração de *Annales*¹¹, que proporcionou uma visão diferenciada sobre a historiografia, possibilitando assim, que os fatos históricos não fossem interpretados sob uma perceptiva tradicionalista baseada apenas em fontes documentais, mas sim, com uma amplitude de fontes que vinham a ser valorizadas a partir de outro viés historiográfico da história do presente: diários, cartas, documentos pessoais, fotos, reportagens, utensílios etc.

Os indícios de uma quebra de paradigmas começaram a aparecer no final do século XIX e a História total passou de um status de única e verdadeira como era percebida, não para uma história fragmentada, mas para uma que deu lugar a novas perspectivas para o campo historiográfico, como a história política, econômica, social, cultural, entre outras (BARROS, 2004). Partindo dessa premissa, a presente pesquisa ampara-se na História Cultural, tendo em vista que a discussão aqui realizada tem a finalidade apenas de situar o estudo no campo historiográfico citado.

Diante disso, cabe destacar que a História Cultural é denominada como:

Campo historiográfico que se toma mais preciso e evidente a partir das últimas décadas do século XX, mas que tem claros antecedentes desde o início do século, é particularmente rica no sentido de abrigar no seu seio diferentes possibilidades de tratamento, por vezes antagônicas (BARROS, 2004, p. 55).

¹¹ Revista criada na França em 1929 pelos historiadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, que pela sua repercussão na historiografia francesa e, posteriormente, em toda a Europa ficou conhecida como movimento dos *Annales* ou Escola de *Annales* (BURKE, 1991).

A História Cultural, a partir da terceira geração dos Annales é diferenciada da História Tradicional por Peter Burke que a denomina como Nova História Cultural, com o argumento de que “os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas” (BURKE, 1992, p.12), ou seja, essa nova perspectiva historiográfica preocupava-se com a análise dos fatos ocorridos, assim como com os sujeitos que a compunham, pois “indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (PESAVENTO, 2004 p. 39).

Nessa tessitura, apropriamo-nos da História Cultural nesta pesquisa pelo fato de ser a biografia de um sujeito comum, ou seja, de uma educadora, que a partir da sua realidade e experiências é possível construir a representação de aspectos sociais, culturais e educacionais do cenário em que a biografada está inserida. Ressaltamos, no entanto, que a pesquisa não se compromete em abarcar toda a dimensão da vida da professora Letícia Carolina, mas trazer a discussão acerca do percurso formativo e atuação educacional, analisando seu percurso histórico a partir de suas memórias, que permitem revelar as práticas e representações de seu cotidiano.

É importante ressaltar que essa forma diferenciada da escrita do passado começou a ser pensada a partir do movimento dos Annales, iniciado na França em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch, quando impulsionaram uma revolução historiográfica na Europa, propondo um novo modelo de pensar e de escrever os fatos históricos, não voltados apenas para os acontecimentos que iam ao encontro dos grandes feitos políticos ou heroicos, mas que pensassem e valorizassem histórias de pessoas comuns (BURKE, 1991).

A necessidade de uma história mais abrangente e totalizante nascia do fato de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir, não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento (ODÁLIA, 1991, p. 8).

Uma história baseada apenas em uma minoria que a compunha, “jogos de poder”, como o autor acima cita, essa era a história conhecida e importante na visão da sociedade até o início do século XX. A escola de Annales foi responsável por essa ruptura de uma história total, ampliando o leque da historiografia, a partir da história cultural, possibilitando que a “nova” história fosse contada e escrita a partir de novas fontes, abordagens, problemas e sujeitos e, principalmente, trazendo o indivíduo para ser o sujeito de sua própria história (LE GOFF, 1992).

Corroborando o autor acima citado, Chartier (1988, p. 44) afirma que:

A emergência de novos objetos no seio das questões históricas: as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentescos e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, tem tanta importância historiográfica quanto o estudo das conjunturas econômicas e demográficas ou das estruturas sociais.

É importante destacar que a construção histórica a partir da vida de um sujeito importa, pois ele está situado num tempo e num espaço, cercado de acontecimentos com contributos para a historiografia. A análise dos acontecimentos em seu cotidiano é uma representação da sociedade que o cerca, mesmo que em minúcias, mas são indícios de experiências de outrora que se perpetuaram no imaginário social.

Compreender as representações de Letícia Carolina é compreender sua formação educacional, sua formação para a docência, assim como também pertencente à sigla LGBT, a qual se identifica como mulher travesti, no entanto, a História Cultural subsidia esta pesquisa pelo fato de compreender pessoas anônimas da história, o “popular”, os “de baixo” diminuindo a lente de foco da história, “concentrando-se no tempo significativo de fatos, ações e representações que cercam o indivíduo” (DEL PRIORE, 2009, p. 11).

Pensar na escrita da história a partir da vida de pessoas comuns, ou “os de baixo” como se refere a autora acima, é compreender que essa historiografia é pensada dessa forma apenas nas últimas décadas do século XX, com a ampliação de fontes assim como de novos objetos de pesquisa. De acordo com Ferreira (2012, p. 8):

Na virada dos anos 1970 e no decurso da década de 1980, registraram-se transformações expressivas nos diferentes campos da pesquisa histórica: incorporou-se o estudo de temas contemporâneos, revalorizou-se a análise qualitativa, resgatou-se a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares.

Tomando isso como base, uma das transformações ocorridas em relação à pesquisa histórica aconteceu no gênero biográfico, pois “desde os antigos, o gênero biográfico conformou-se em uma série de discursos narrativos consagrados à busca de tornar presente a trajetória passada de um indivíduo, figurar num instante o remoto e o desejo de imortalizar o personagem” (AVELAR, 2012, p. 63). Desse modo, conhecida desde o seu surgimento como um campo de serventia apenas para contar e homenagear os grandes feitos dos homens, a

biografia ganha destaque novamente a partir da revolução historiográfica promovida pelo movimento dos Annales trazendo contribuições para o campo historiográfico.

Nas pesquisas biográficas de cunho histórico, as análises e interpretações das fontes e personagens são realizadas dentro de uma visão crítica em relação às suas produções, o que não impede sua variedade, diversidade e grande quantidade. Os protagonistas envolvidos são reais e estão necessariamente destinados a representar uma realidade inserida em um dado contexto vinculado com realidades anteriores e posteriores (XAVIER, FIALHO, VASCONCELOS, 2018 p. 165).

Com o objetivo de não apenas reproduzir uma narrativa dos grandes feitos heroicos, como era conhecida outrora, mas analisar criticamente essas narrativas, a biografia ganha espaço na segunda metade do século XX com uma perspectiva de fazer parte da historiografia real, pois “a biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e suas angústias” (DOSSE, 2015, p. 11).

A biografia deixa de ser resumida à vida de um sujeito enaltecido pela sociedade e passa a contribuir com a escrita da história por meio de sujeitos comuns, como é o caso da pesquisa em questão. A biografia de Letícia Carolina, mulher travesti, negra e professora está inserida em uma época e em um espaço que vale ser narrado e interpretado por meio de suas memórias enquanto estudante e professora, assim como a partir da memória de outros sujeitos entrevistados.

É interessante ressaltar que a biografia não se compromete com toda a vida de um sujeito, mas apenas com uma parte, pois “os vários aspectos de uma vida não são suscetíveis a uma narração linear, não se esgotam numa única representação, na ideia de uma identidade” (AVELAR, 2012, p. 71). Trata-se, no entanto, de buscar e constituir uma representação da biografada como participante e atuante no cenário educacional da cidade de Parnaíba-PI durante o período e enquanto aluna e, posteriormente, como professora.

A preocupação em relatar as experiências discentes e docentes de Letícia Carolina, não se limita em descrever de forma linear os principais acontecimentos de sua existência desde seu nascimento, tampouco expor apenas pontos considerados positivos sobre a sua imagem, mas sim contextualizar sua história de vida imbricada com o coletivo, ou seja, um sujeito inserido numa sociedade num determinado tempo e espaço. Corroborando isso, Rodrigues (2015, p. 57) afirma que “uma biografia que não se limita à singularidade da personagem estudada. Esta deve ser um ícone de uma época, de um conjunto de instituições sociais, como família, organização política ou costumes”.

Uma biografia não se restringe a escrever a história de vida de um sujeito isolado das relações sociais, é importante situar esse indivíduo como um ser ativo enquanto pertencente a uma sociedade nos diversos aspectos, sejam, religiosos, educacionais, culturais e políticos, pois “quando se estuda o indivíduo, estuda-se a sua comunidade, a sua localidade, ou, conceitualmente falando, a sua configuração social (BARROS, 2004, p. 192).

Importa ressaltar que uma biografia não se faz do nada. Ela é constituída a partir do acesso às fontes que tenham uma ligação direta com a biografada que, como dito anteriormente, a pesquisa tem como método a história oral, assim como outras fontes que possibilitam o estudo. Corroborando essa ideia, Borges (2015, p. 214), ressalta que “a própria vida do biografado fornecerá pistas para outras fontes, como sua produção no campo da arte, indústria, da política, da ciência etc.”. No caso da vida de Letícia Carolina, alguns de seus textos com relatos autobiográficos, publicados em periódicos nacionais foram utilizadas nesta pesquisa, assim como outras fontes documentais e imagéticas que foram fornecidas por ela mesma.

Ao se tratar da escolha de um sujeito para ser objeto de investigação histórico de cunho biográfico, mesmo considerando que todo indivíduo é sujeito da sua própria história (LE GOFF, 1990), é necessário considerar que não se trata apenas de investigar e narrar uma vida pela vida, ou seja, de traçar uma linha do tempo desse sujeito, ressaltando os principais acontecimentos do seu cotidiano, mas de algo que vá além disso, como destaca Barros (2004, p. 191).

Não se trata de estudar qualquer pessoa por qualquer motivo. Estuda-se através de uma vida com vistas a enxergar mais longe, mais profundo, mais densamente, de maneira mais complexa, ou porque o estudo desta vida permite enxergar a vida social em sua dinamicidade própria, não excluindo os seus aspectos caóticos e contraditórios.

Essa escolha do sujeito a ser biografado é uma responsabilidade um pouco difícil para o pesquisador. Embora seja pertinente a história do cotidiano de pessoas comuns, como já advogamos, o gênero biográfico deixou de valorizar apenas vidas importantes de cunho heroico ou político. Essa pessoa comum a ser biografada, também precisa ter dado a sua contribuição de cunho social e que permita, a partir de sua história de vida, que o leitor possa compreender contextos distintos que se fizeram presentes não só na sua individualidade, mas no coletivo, ou seja, as contribuições pertinentes de cunho social e histórico, como destaca Dosse (2020, p. 7):

Hoje, o que se expressa com a nova paixão biográfica contemporânea, não é o próprio personagem, aquele da *Historia magistra vitae*, do culto da vida exemplar, mas uma nova preocupação para o estudo da singularidade e uma atenção particular aos fenômenos emergentes que são considerados como bons objetos reflexivos, graças à sua complexidade e à impossibilidade de reduzi-los a esquemas mecânicos.

O estudo dessa singularidade tratado na citação acima se configura nessa pesquisa por meio da singularidade de Letícia Carolina, que mesmo diante dos desafios e adversidades conseguiu romper com os padrões heteronormativos, bem como apresentar para outras travestis, mediante sua trajetória de vida que é possível galgar espaços sociais e de poder, como o que ela está inserida no momento. Partindo dessa premissa, sua biografia caracteriza-se como uma biografia de exceção (DOSSE, 2015), uma vez que sua história de vida diverge da maioria das outras mulheres travestis.

Desse modo, concordamos com Fialho e Díaz (2020, p. 778) quando salientam que é importante “lançar visibilidade às mulheres que conseguiram se empoderar e lutar contra os padrões consolidados, lançando reflexão sobre oportunidades e obstáculos referentes ao contexto educativo e profissional feminino”, no entanto, ainda acrescentamos que quando se fala em “mulheres” estamos abarcando toda a categoria, indistintamente.

2.2 A metodologia da História Oral

Durante muito tempo a oralidade era o único meio de comunicação entre os indivíduos. Até surgir a ideia da escrita, a oralidade predominava em forma de tradição. Os fatos e acontecimentos eram passados às gerações futuras por pessoas sábias que detinham esse poder de transmitir a sabedoria por meio de suas palavras proferidas aos mais novos. De acordo com Jucá (2011, p. 47), “não constitui novidade que, desde os tempos primitivos, os relatos orais simbolizavam um precioso recurso de transmitir informações acerca das experiências sociais ou mesmo de divulgação do conhecimento adquirido”.

Diante da consciência da importância da oralidade desde os tempos remotos, a pesquisa tem como procedimento metodológico a História Oral, sendo essa metodologia seu suporte principal, pois

[...] abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida e dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humanas (LOZANO, 2006, p. 15).

É importante ressaltar que ao se referir a uma biografia, como é o tipo de estudo desta tese, é evidente que a História Oral fornece elementos necessários para a construção da história de vida da educadora Letícia Carolina, pois essa metodologia auxilia a aproximação entre a pesquisadora e a sua biografada por meio da comunicação mediante as entrevistas, como será discutido mais adiante.

A História Oral agrega contribuições no sentido de perpetuar, por meio da oralidade de pessoas entrevistadas, uma memória coletiva que é utilizada por diversos campos do conhecimento, pois já é um método que superou as barreiras das científicas positivistas e consolidou-se, conquistando espaço e destaque em várias áreas, como é ressaltado por Thompson (1992, p. 17).

[...] a História Oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

A História Oral ganha destaque a partir da invenção do gravador e da fita e, mediante esses recursos, as narrativas dos sujeitos contribuintes para uma pesquisa seriam coletadas considerando que “a história oral é um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas sociais” (ALBERTI, 2015, p.164).

Um dos elementos que podemos elencar como contribuinte para a História Oral é a memória, tendo em vista que, de acordo com Fialho (2015, p. 36) a história oral “recorre à memória do informante, nas suas dimensões de tempo individual e coletivo, respectivamente, referentes à vida privada e social”.

A memória é aliada da História Oral no sentido de que um sujeito só é capaz de narrar os acontecimentos por intermédio de suas memórias, ou seja, o que está guardado como lembrança, portanto, “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagem-lembrança” (BOSI, 1994, p. 53).

Esse passado é rememorado a partir das narrativas dos sujeitos, sendo estas, riquíssimas fontes históricas, que de acordo com Thompson (1992, p. 197):

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.

A intenção, na verdade, não é atingir uma verdade oculta, mas sim buscar uma maior interpretação que se aproxime dos fatos acontecidos na vida de um sujeito, partindo da base de que a oralidade é uma fonte inestimável para compreender a subjetividade dos sujeitos investigados.

As narrativas de Letícia Carolina, assim como de outros entrevistados durante a pesquisa, terão como suporte as lembranças de seu passado, sendo que estas podem ser individuais ou coletivas. Individuais porque são pertencentes à biografada e coletiva porque os acontecimentos individuais sempre estão imbricados com a coletividade, ou seja, com o social. No entanto, ao mesmo tempo em que uma memória é individual, também é coletiva, pois a individualidade é formada por contextos sociais (RICOEUR, 2007).

O principal meio de coleta das fontes orais são as entrevistas, que permitem que o pesquisador tenha um contato maior com o entrevistado podendo, no entanto, direcionar a entrevista a partir de um roteiro previamente elaborado com a finalidade de chegar ao objetivo almejado, que para Alberti (2005, p. 102):

Numa situação de entrevista, que se encaminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita a cumplicidade entre entrevistado e entrevistadores, à medida que ambos se engajam na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado.

Essas entrevistas precisam ser gravadas a partir da autorização do entrevistado que se dá por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) respeitando os aspectos éticos de uma pesquisa. Após a assinatura, as entrevistas são gravadas, transcritas em que o pesquisador transcreve a narrativa do entrevistado obedecendo a sua fidedignidade e, posteriormente, a transcrição é enviada ao entrevistado para uma leitura minuciosa com a finalidade de serem validadas e, por fim, são textualizadas conforme a necessidade do pesquisador (FLICK, 2009).

Importa destacar que todo esse procedimento que concerne à coleta das entrevistas, assim como os aspectos éticos encontram-se de maneira detalhada ainda nesta seção, no subtópico 2.3.2 intitulado O caminho até as fontes orais e documentais.

2.3 Procedimentos e fontes da pesquisa

Nesta seção centramos foco nas fontes que auxiliam no desenvolvimento da pesquisa. A princípio, uma pesquisa em bases de dados acerca da temática em estudo, em que

foram encontrados alguns estudos que utilizamos como norte teórico e, posteriormente, abordaremos as fontes orais e documentais.

2.3.1 Levantamento de pesquisas acerca da temática

Com a finalidade de um aprofundamento maior sobre a temática em estudo, foi necessário realizar uma busca em bases de dados como: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Catalogo de Teses e Dissertações da Capes, com a temática “travestis na educação”, elencamos alguns descritores individuais, como: “professoras travestis”, “travestis na educação” e “docentes travestis”. A busca foi realizada entre os meses de abril a junho de 2021.

Importa enfatizar que a busca por pesquisas sobre a biografada já tinha sido realizada durante o projeto de doutorado, no qual não foi encontrada nenhuma pesquisa igual ou semelhante a esta, como já mencionada anteriormente na introdução. Na busca mais ampla pela temática, objetivamos expandir o conhecimento acadêmico, assim como para nos apropriarmos da discussão que já existe sobre travestis na educação.

A princípio, fizemos uma busca por teses e dissertações no Catálogo da Capes e da BDTD no “campo assunto” e selecionando o item “todos os campos” com os seguintes descritores individuais: “professoras travestis”, “travestis na educação” e “professoras trans”. Importa mencionar que o descritor “professoras travestis” está no feminino porque é uma identidade de gênero que existe apenas no feminino (BENTO, 2008). Obtivemos o seguinte resultado expresso na Tabela 1:

Tabela 1 – Resultados do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e BDTD

Descritor individual	CAPES	BDTD	Resultados	Total considerado
“Professoras travestis”	4	1	5	4
“Travestis na educação”	-	-	-	-
“Professoras Trans”	3	3	6	2
“Professores Trans”	-	3	3	-
Total			14	6

Fonte: Elaboração própria (2021).

Destacamos que foram localizados 14 resultados, porém consideramos apenas seis, pois analisando os resultados de cada descritor, encontramos alguns trabalhos repetidos.

Ao que concerne ao descritor “professoras travestis”, nas duas bases resultou em cinco trabalhos, mas consideramos apenas 4 porque o único que foi encontrado na BDTD, repetiu-se a um encontrado na Capes. No descritor “Professoras Trans”, adquirimos um total de seis trabalhos, no entanto, consideramos apenas dois porque quatro repetiram-se com os resultados do descritor “professoras travestis”.

Obtivemos, portanto, um quantitativo de seis trabalhos, que foram selecionados a partir dos elementos: título, resumo, introdução e considerações finais e chegamos à conclusão de que os trabalhos encontrados corroboram a temática em discussão.

Quadro 2 – Pesquisas encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na BDTD

Título da pesquisa	Tipo/Ano	Autoria	Instituição
A pedagogia do salto alto: história de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira	Dissertação 2013	REIDEL	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero	Dissertação 2009	FRANCO	Universidade Federal de Uberlândia
A emergência de professoras travestis e transexuais na escola: heteronormatividade e direitos nas figurações sociais e contemporâneas.	Tese 2012	TORRES	Universidade Federal de Minas Gerais
Professoras Trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar.	Tese 2014	FRANCO	Universidade Federal de Uberlândia
Quando o “estranho” resolve se aproximar: A presença da professora transexual e as representações de gênero e sexualidade no ambiente escolar.	Dissertação 2015	SANTOS	Universidade do Sul de Santa Catarina
Docências trans*: entre a decência e a abjeção.	Tese 2017	SANTOS	Universidade Federal do Paraná

Fonte: Elaboração própria (2021).

No que diz respeito às teses e dissertações encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na BDTD, são pesquisas realizadas entre os anos de 2009 e 2017 em universidades federais de duas regiões brasileiras, sendo a região Sudeste com uma pesquisa na Universidade Federal de Minas Gerais e duas pesquisas na Universidade Federal de Uberlândia, estas do mesmo autor, ou seja, Neil Franco (2009 e 2014). Já na região Sul, existe uma pesquisa na Universidade Federal do Rio Grande Sul, uma na Universidade Federal do Paraná e outra na Universidade Federal de Santa Catarina.

É importante destacar também que cinco dessas pesquisas são realizadas em Programas de Pós-Graduação em Educação e apenas uma, a tese, “*A emergência de professoras travestis e transexuais na escola: heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporâneas*” foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Nos portais de Periódicos da Capes e da SciELO, aplicamos as buscas com os mesmos descritores individuais, no campo assunto, sem a utilização de filtros, uma vez que, por esta ser uma temática pouco discutida, quando são aplicados os filtros, os resultados pouco aparecem ou zeram. Sendo assim, optamos por não utilizá-los. Na Tabela 2, apresentamos os resultados e o total considerado de cada descritor em cada uma das bases.

Tabela 2 – Resultados do Portal de Periódicos da Capes e SciELO

Descritor individual	Capes	SciELO	Resultados	Total considerado
“Professoras travestis”	5	-	5	4
“Travestis na educação”	-	1	1	1
“Professoras Trans”	4	1	5	-
Total	-	-	11	5

Fonte: Elaboração própria (2021).

Como resultados em ambas as bases com os descritores acima citados, obtivemos um quantitativo de onze trabalhos que, ao lermos os títulos, os resumos e as introduções, descartamos três por serem repetidos e três por não corroborarem a discussão, levando-nos a considerar apenas cinco artigos que descrevemos no quadro abaixo.

Quadro 3 – Pesquisas encontradas no Portal de Periódicos da Capes e na SciELO

Título da pesquisa	Ano	Autoria	Periódico
Professoras Travestis e Transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto	2015	SEFFNER; REIDEL	Currículo sem Fronteira
Professoras <i>Trans</i> Brasileiras em seu processo de escolarização	2015	FRANCO; CICILLINI	Estudos Feministas
Professoras Transexuais e Travestis no Contexto Escolar: entre estabelecidos e outsiders	2014	TORRES; PRADO	Educação & Realidade
Mulheres, Travestis e Transexuais: interseções de gênero e políticas públicas	2018	MOREIRA <i>et al</i>	Fractal: Revista de Psicologia
Educação Básica e o acesso de Transexuais e Travestis à educação superior	2020	LIMA	Revista do Instituto de Estudos Brasileiros

Fonte: Elaboração própria (2021).

Das quatro bases consultadas, encontramos um resultado de onze pesquisas que contribuem para a temática aqui discutida. Dentre elas, três são teses de doutorado, três são dissertações de mestrado e cinco são artigos publicados em periódicos científicos nacionais.

No tocante às pesquisas encontradas no Portal de Periódicos da Capes, e na SciELO, foram publicadas entre 2014 e 2020 e evidenciou que três desses artigos são resultados de Pesquisas de Pós-Graduação que encontramos no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, quais sejam: “Professoras Travestis e Transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto” (SFENNER; REIDEL, 2015), “Professoras *Trans* Brasileiras em seu processo de escolarização” (FRANCO; CICILINI, 2015), “Professoras Transexuais e Travestis no Contexto Escolar: entre estabelecidos e outsiders” (TORRES; PRADO, 2014). Os outros dois artigos são mais recentes, um de 2018 e outro de 2020 e que igualmente às pesquisas citadas, tratam da docência de professoras travestis e transexuais.

Diante dessa busca, importa destacar, nesse momento, a relevância do levantamento feito nas bases de dados que destacamos anteriormente, em que percebemos a incipiência dos estudos voltados para mulheres travestis no cenário educativo brasileiro como docentes. A busca evidencia diversas lacunas em relação às pesquisas na área da educação. Dentre essas lacunas, destacamos a falta de estudos sobre travestilidade nas pesquisas científicas e acadêmicas. Os poucos resultados e, conseqüentemente, os poucos achados anunciam essa incipiência de pesquisas nesse campo.

Percebemos, diante das pesquisas encontradas que, em sua maioria, trazem como procedimentos de coleta de dados entrevistas livres e semiestruturadas, nas quais os autores entraram em contato direto com os sujeitos investigados: mulheres travestis e transexuais. Notamos ainda, por intermédio de suas histórias de vida, que elas sofrem diversos tipos de preconceito e violência não só no meio social, mas também no seio familiar. Sendo vítimas de represálias em seus lares, elas são obrigadas a desistir de frequentar a escola ainda na adolescência e sujeitam-se a encontrar diversos tipos de trabalhos e, por serem rejeitadas, algumas delas encaram a prostituição como “meio” de sobrevivência.

É importante destacar também que essas mulheres travestis e/ou transexuais que conseguem acesso à escola, nem sempre adquirem a permanência nesse ambiente, pois o preconceito ali vivido, às vezes, tanto da parte do corpo discente quanto docente, ocasiona um alto nível de evasão escolar não só para as jovens/mulheres trans, mas para todos os sujeitos integrantes da sigla LGBT (FRANCO; CICILLINI, 2015).

Pudemos considerar também que mesmo diante do preconceito vivido por essas mulheres travestis e/ou transexuais, principalmente no período da adolescência, que é a fase

da descoberta e da aceitação dessa mudança de gênero, essas pesquisas trazem histórias de vida que, de certa forma, mesmo diante das adversidades, quebraram paradigmas e junto com essa ruptura, conseguiram seu espaço social. Espaço este que é negado pela sociedade normativa.

As trajetórias de vida das travestis e das transexuais descritas nas pesquisas analisadas assemelham-se, pois ainda são vistas como sujeitos que podem viver apenas à margem da sociedade e que ocupar um espaço público como a escola ou as universidades seria até uma afronta para os padrões sociais heteronormativos (SEFFNER; REIDEL, 2015).

É salutar compreender que a discussão em torno de mulheres travestis no meio educacional é importante e urgente, assim como possui uma amplitude e uma complexidade a sua volta, portanto, compreende-se que o foco aqui delimitado é sobre a biografia de uma professora travesti e que as pesquisas acima citadas serviram de base e norte para a discussão em tela, uma vez que “diversos e enigmáticos caminhos são trilhados para que as fontes sejam alcançadas e analisadas minuciosamente para, no final, servirem à pesquisa pretendida” (XAVIER; FIALHO; VASCONCELOS, 2018, p. 58).

Importa destacar que esse levantamento nas bases de dados não é um resultado fechado e imutável, pois devemos considerar a instabilidade das bases de buscas que não abarcam todas as pesquisas produzidas no país, assim como de pesquisas anterior à Plataforma Sucupira.

Tal afirmação sustenta-se a partir de pesquisas feitas em repositórios de instituições isoladas e foi possível encontrar outras pesquisas sobre a temática, como pode ser exemplificado por meio dos seguintes estudos: *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*” tese de autoria de Luma Nogueira Andrade, defendida em 2012 na Universidade Federal do Ceará (UFC); “*Sobre coragem e resistência: contando a história de Leona, professora e mulher trans*”, dissertação de autoria de Rubens Gonzaga Modesto, defendida em 2015 na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); “*Tia, você é homem? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os "cistemas" de Pós-Graduação*” dissertação desenvolvida por Sara Wagner York, defendida em 2020 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), dentre outras pesquisas.

2.3.1 O caminho até as fontes orais e documentais

Como dito anteriormente, esta pesquisa possui como principal metodologia, a História Oral e tem como técnica de coleta de dados as entrevistas livres, bem como

entrevistas temáticas em história oral, na qual tivemos a oportunidade de colher as narrativas não só da biografada, mas também de pessoas que estiveram presentes em sua vida em contextos diferenciados como ex-professores, alunos, familiares, amigos e colegas de trabalho.

Com o intuito de não realizar uma biografia heroica de Letícia Carolina, buscamos outras fontes orais, além das suas, que nos possibilitaram chegar ao objetivo almejado. A busca por esses sujeitos que auxiliaram no processo de composição da narrativa biográfica de Letícia Carolina foi um desafio a ser superado.

O contato inicial com Letícia foi feito via rede social, ou seja, pelo Instagram, momento em que ela forneceu seu contato telefônico, que também era o contato de seu WhatsApp, sendo possível, posteriormente, marcarmos a primeira entrevista. A entrevista foi realizada no dia 24 de novembro de 2020 a partir das 14h, a qual teve a duração de 1h25min, com o auxílio do Google Meet, ferramenta on-line que possibilitou um contato maior com a entrevistada, pois além de utilizarmos o recurso de áudio, as câmeras ficaram ligadas igualmente. Em decorrência da pandemia da Covid-19, não foi possível o deslocamento até o local de residência da biografada, sendo esta a cidade de Parnaíba-PI.

Antes de iniciarmos a gravação, foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com a finalidade de inteirar a biografada sobre a entrevista, bem como sobre a pesquisa, haja vista que neste documento constam algumas informações pertinentes ao entrevistado como o objetivo central da pesquisa, a metodologia, a forma de participação da pessoa entrevistada - voluntária, os possíveis riscos e a possibilidade de publicação de suas oralidades não só na utilização desta tese, mas em outras pesquisas científicas, a possibilidade de desistir da participação a qualquer momento, dentre outros.

Na primeira entrevista, foram ressaltados diversos pontos sobre a vida da biografada. Letícia iniciou a entrevista relatando sua vida de forma cronológica e que, às vezes, foi interrompida pela pesquisadora apenas quando surgia alguma inquietação ou quando acontecia alguma falha na conexão da internet, sendo necessária a repetição da fala por não ser possível ter ouvido ou compreendido bem o que fora relatado.

A biografada narrou com riqueza de detalhes sobre sua origem familiar, sua infância, suas amizades, sua trajetória estudantil, o ingresso como professora no magistério básico mediante aprovação em seu primeiro concurso público na cidade de Luís Correia, bem como o ingresso como professora efetiva da Universidade Federal do Piauí.

Finalizando a primeira entrevista, elucidamos para a entrevistada que ao longo da escrita da pesquisa, certamente seria necessária a realização de outras entrevistas, partindo do

princípio de que uma pesquisa da dimensão de uma tese de doutoramento não poderia ser delineada apenas com uma única entrevista.

É importante destacar que a biografada sempre foi solícita tanto em relação à concessão das entrevistas, como no que diz respeito a outras fontes, como as documentais, que, ainda nesse dia da realização da primeira entrevista, ao finalizarmos a gravação, ela forneceu-nos algumas de suas fotografias em faixas etárias diferentes, individuais e com seus familiares e em espaços diversos, o que nos auxiliou na escrita de sua narrativa biográfica.

Além das fotografias, Letícia forneceu também alguns documentos como certificados de conclusão do Ensino Fundamental (Anexo D) e do Ensino Médio (Anexo E) e o Memorando de Apresentação (Anexo F) quando recebeu sua lotação no concurso em Luís Correia.

No decorrer da pesquisa, mantivemos um contato “próximo” mesmo que de forma virtual, muitas vezes, para tirar dúvidas ou para colher assinaturas de alguns termos, como de validação das entrevistas (Anexo B) e de autorização do uso das fotografias (Anexo C). No avançar da escrita, houve a necessidade da realização de uma segunda entrevista, que marcamos para acontecer da mesma forma que a primeira, ou seja, pelo Google Meet, para o dia 5 de maio às 15h.

Essa segunda entrevista teve uma duração mais longa que a primeira, isto é, durou 2h35min, na qual a biografada relatou detalhes de sua trajetória estudantil na educação básica e muitos aspectos que atravessaram esse tempo de sua vida. Em muitos momentos, Letícia era tomada pela emoção ao relatar suas memórias de traumas, angústias e preconceitos sofridos durante a infância e a adolescência em relação a sua sexualidade, bem como a sua transição de gênero, o que causava emoções.

Por necessidade de mais informações para complementar a escrita da pesquisa, fizemos uma terceira e última entrevista com Letícia Carolina no dia 12 de setembro de 2022, via Google Meet e teve duração média de 1h55min. Nessa entrevista, Letícia relatou com mais profundidade sobre sua experiência como professora universitária, bem como forneceu algumas imagens de movimentos sociais e sobre sua prática docente universitária.

Percebemos que, naquele momento, Letícia revivia, por intermédio de suas lembranças, todo um passado que ela fazia questão de esquecer ou que não se sentia bem em lembrá-las. Foi questionado se precisava de uma nova data para realizarmos outra entrevista, no entanto, ela preferiu dar continuidade depois de alguns minutos que conseguiu conter a emoção trazida pelos sentimentos angustiantes revisitados.

De acordo com Bosi (1994, p. 47), “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações [...] a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”.

Durante as duas entrevistas, Letícia citou nomes de pessoas que fizeram parte de sua infância, como uma amiga da época do ensino primário, chamada Cintia Pinto, a diretora da Escola Monteiro Lobato, Dona Teresinha e uma professora do Colégio Diocesano, Flávia Marques, dentre outras.

Considerando que a pesquisa necessita da narrativa de outros sujeitos, resolvemos entrar em contato com alguns dos nomes que Letícia falava em sua narrativa, pois diziam respeito a pessoas que marcaram sua trajetória de vida. Como não era possível o deslocamento de Fortaleza a Parnaíba por medidas sanitárias da Covid-19, que instituía o isolamento social, garimpamos alguns contatos pelas redes sociais, nas quais conseguimos obter, primeiramente, o contato de sua colega de sala, Cíntia Pinto.

Entramos em contato com Cintia Pinto a fim de explicarmos o objetivo da pesquisa e sua forma de contribuição (por meio de entrevistas em história oral através de ferramentas on-line). Cintia aceitou de prontidão contribuir com a pesquisa e mencionou que apenas precisaria encaixar o horário da nossa entrevista em sua agenda de atendimentos, haja vista que ela é psicóloga e que estava realizando o acompanhamento de seus pacientes também de forma on-line.

Marcamos a entrevista pelo Google Meet para o dia 01 de junho de 2021 às 14 horas. Iniciamos a gravação por volta de 14h05min e finalizamos às 15h30min, totalizando, portanto, 1h25min de gravação. A entrevista com Cíntia possibilitou-nos compreender sobre a infância de Letícia Carolina, especificamente no ambiente escolar vivenciado na Escola Monteiro Lobato, onde elas estudaram 5 anos na mesma turma.

Além dessa compreensão sobre a biografada, Cíntia relembrou com detalhes (como podemos ver na seção quatro) sobre a rotina e a cultura da escola envolvendo as práticas educativas de algumas professoras e das pessoas da gestão, bem como o comportamento dos alunos em relação à biografada.

Impulsionada por dois motivos, a outra pessoa que decidimos entrevistar foi Tícylli Pereira. O primeiro motivo é que Tícylli é a irmã mais nova de Letícia e ainda não tínhamos entrevistado um familiar da biografada. O segundo é que, durante as entrevistas com Letícia, percebemos que Tícylli sempre foi a pessoa que mais conviveu com a biografada por terem o vínculo familiar e por serem muito próximas, tanto pelo afeto como por terem apenas

um ano de diferença em suas idades. Ademais, Tícylli estudou nas mesmas escolas que a irmã durante toda a educação básica.

Conseguimos o contato de Tícylli mediante comunicação com Letícia Carolina. Tícylli foi bem receptiva e concordou em participar de uma entrevista sobre sua irmã. Marcamos a entrevista para o dia 13 de agosto de 2021 às 10h da manhã e foi realizada via Google Meet. A entrevista teve um tempo médio de 1h05min. Tícylli¹², inicialmente, ressaltou a importância de estar participando de uma entrevista sobre sua irmã, assim como parabenizou a pesquisa por abordar uma temática sobre travestilidade. A entrevista aconteceu de forma livre, sem necessidade de um roteiro, no entanto, foi solicitado que Tícylli falasse de sua relação com a biografada tanto no convívio familiar como nos espaços escolares.

A quinta entrevista que foi realizada, foi concedida por Jessyka Rodrigues. Jessyka, assim como Letícia, é travesti e negra. É a primeira travesti a ingressar em um mestrado na Universidade Federal do Delta do Parnaíba¹³. O contato com a entrevistada deu-se por meio da aquisição de um livro de sua autoria chamado *“Sem rótulos, por favor! gênero e sexualidade em ambientes educacionais”*¹⁴. No início da leitura do livro mencionado percebemos que este foi prefaciado por Letícia Carolina e resolvemos entrar em contato com autora para conceder-nos uma entrevista.

O interesse por realizar uma entrevista com Jessyka foi impulsionado não só por ela conhecer Letícia, mas também por ser uma mulher travesti e estar inserida no contexto da pós-graduação. Jessyka é Assistente Social, Assistente de Pesquisa da Fiocruz Piauí e, atualmente, é mestranda do Programa de Políticas Públicas da Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

Entramos em contato com ela mediante rede social, falamos do objetivo da pesquisa e do interesse em entrevistá-la. O convite foi aceito de prontidão, pois de acordo com Jessyka em sua fala inicial *“é muito importante ter travesti negra, ter pessoas trans ocupando esses espaços de educação porque a educação é uma grande ferramenta. Paulo Freire já falava isso, é uma ferramenta de transformação”* (JESSYKA RODRIGUES, entrevista em 24 de ago. de 2021).

A entrevista foi realizada via Google Meet no dia 24 de agosto de 2021 às 09h da manhã e teve duração de aproximadamente 1h22min. É importante salientar que a entrevista

¹² Possui formação em Engenharia Civil e Turismo.

¹³ Foi instituída por meio de um desmembramento da Universidade Federal do Piauí, campus Ministro Reis Veloso na cidade de Parnaíba a partir do ano de 2017.

¹⁴ 1. ed. Porto Alegre: Nova Práxis Editorial, 2020.

com Jessyka não teve um único objetivo, ou seja, sua relação com a biografada. A entrevistada relatou suas experiências individuais e coletivas que, muitas vezes, imbricam-se às vivências trans da biografada.

Mencionou ainda sua relação de “irmandade” com Letícia, principalmente nos movimentos sociais e de lutas quando se conheceram. Além disso, trouxe contribuições que nos fez refletir sobre importantes perspectivas e espaços que até então foram e são relegados para a travestilidade e para a comunidade trans em geral, tais como o acesso ao mercado de trabalho formal utilizando o nome social.

Após a qualificação ocorrida em dezembro de 2021, no ano seguinte, fizemos entrevistas na cidade de Parnaíba-PI, com outras pessoas que fizeram parte da vida da biografada, tais como: professora Evangelita Nóbrega, coordenadora do curso de Pedagogia da UESPI no período em que Letícia lecionou na referida instituição; professora Maria de Jesus Duarte, também professora da UESPI; professora Edmara Castro da UFPI; professor João Carlos Borges, que trabalhou com Letícia na Secretaria de Educação de Luís Correia.

Conseguimos os contatos dos professores citados com alguns colaboradores que já tinham dado entrevista a respeito da biografada. As entrevistas ocorreram no mês de julho de 2022. Com o professor João Carlos, foi no dia 12 de julho às 14h e teve duração média de 40 minutos. Com as professoras Edmara Castro e Maria de Jesus Duarte, aconteceu no dia 13 de julho; a primeira às 10h da manhã com duração de aproximadamente 50 minutos; a segunda às 14h com duração média de 1h10min. Já com a professora Evangelita, ocorreu no dia 14 de julho às 16h e durou aproximadamente 1h20 min.

Cumpramos destacar que todas as entrevistas foram realizadas conforme o local e a disponibilidade de cada um dos entrevistados respeitando os preceitos éticos de uma pesquisa científica. Todos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido foram assinados, nos quais as entrevistadas autorizavam a gravação das entrevistas.

Posteriormente à gravação, as entrevistas foram transcritas na íntegra, enviadas por e-mail juntamente com o Termo de Validação para que as entrevistadas lessem as entrevistas e, concordando com a transcrição, assinassem o referido termo. Todos os termos foram assinados.

Com a intenção de sintetizarmos o que foi mencionado acima, reunimos as principais informações acerca da realização de cada uma das entrevistas no quadro abaixo.

Quadro 4 - Fontes orais

	Pessoa entrevistada	Relação com a biografada	Data da entrevista	Duração da entrevista
1 ^a	Letícia Carolina Pereira do Nascimento	A própria biografada	24/10/2020	1h14min
2 ^a			05/05/2021	2h35min
3 ^a			12/09/2022	2h:25min
3 ^a	Cintia Pinto do Nascimento ¹⁵	Amiga de infância	01/06/2021	1h25min
4 ^a	Tícylli Natasha Pereira do Nascimento ¹⁶	Irmã da biografada	13/08/2021	1h05min
5 ^a	Jessyka da Silva Rodrigues	Travesti e amiga de Letícia	24/08/2021	1h22min
6 ^a	João Carlos de Feiras Borges	Colega de trabalho (Secretaria de Educação)	12/07/2022	40min.
7 ^a	Edmara de Castro Pinto	Colega de trabalho na UFPI	13/07/2022	50min.
8 ^a	Maria de Jesus Marques Duarte	Colega de trabalho na UESPI	13/07/2022	1h:10min
9 ^a	Evangelita Carvalho da Nóbrega	Colega de trabalho na UFPI	14/07/2022	1h:20min

Fonte: Elaboração própria (2021).

Desse modo, além das fontes orais apresentadas acima, utilizamos também algumas fontes documentais que foram, na sua maioria, cedidas pela biografada. A pertinência em trazer outras fontes foi no sentido de enriquecer a discussão mediante vieses que favoreçam uma ampla visão da narrativa biográfica aqui proposta, pois como enfatiza Rodrigues (2018, p. 100) “as fontes históricas são registros que atravessam o tempo e permitem ao historiador elaborar interpretações daquilo que se encontra além do horizonte de sua própria existência”.

Organizamos as fontes documentais no quadro abaixo para melhor compreensão. Cumpre destacar que a maioria são fotografias e que todas foram inseridas ao longo do texto, não no sentido apenas de ilustrar o que fora escrito, mas de contextualizar diversos aspectos que, muitas vezes, auxiliaram no descortinar da narrativa.

Quadro 5 – Fontes documentais

(continua)

	Documentos	Acervo
1	Memorando de apresentação	Acervo pessoal de Letícia Carolina
2	Certificado de Conclusão do Ensino Fundamental – Colégio Diocesano	Acervo pessoal de Letícia Carolina
3	Certificado de Conclusão do Ensino Médio – Colégio Apoio	Acervo pessoal de Letícia Carolina
4	Fotografias da formatura em Pedagogia – Universidade Estadual do Piauí	Acervo pessoal de Letícia Carolina

¹⁵ Com a finalidade de não confundir o leitor com o nome de referência da biografada, o nome de referência da entrevistada Cíntia será mencionado o sobrenome PINTO.

¹⁶ Com a finalidade de não confundir o leitor com o nome de referência da biografada, o nome de referência da entrevistada Tícylli será mencionado o sobrenome PEREIRA.

Quadro 5 – Fontes documentais

(conclusão)

	Documentos	Acervo
5	Fotografia da Letícia com sua família	Acervo pessoal de Letícia Carolina
6	Fotografia de Letícia com sua irmã Tícylli no Coral da Escola	Acervo pessoal de Letícia Carolina
7	Fotografia de Letícia nos desfiles cívicos	Acervo pessoal de Letícia Carolina
8	Fotografia de Letícia com sua mãe Aglai na formatura do ABC	Acervo pessoal de Letícia Carolina
9	Fotografia da posse de Letícia na Universidade Federal do Piauí	Acervo pessoal de Letícia Carolina
10	Fotografias do Colégio Diocesano	Acervo de fotografias do Facebook oficial da escola
11	Fotografia do Colégio Apoio	Acervo de fotografias do Facebook oficial da escola
12	Fotografia do grupo de estudos de Letícia Carolina	Acervo pessoal da professora Evangelita
13	Fotografia de Letícia na formatura da turma de Pedagogia	Acervo pessoal da professora Evangelita
14	Fotografia da aula inicial de Didática no curso de História (UESPI)	Acervo pessoal da professora Evangelita
15	Fotografia da Exposição dos trabalhos de artes – Escola Antônio Osvaldo	Acervo pessoal de Letícia Carolina

Fonte: Elaboração própria (2021).

As fotografias permitem a construção de uma memória que foi produzida de forma individual ou coletiva e que jamais será esquecida, pois a impressão ou até mesmo a imagem virtual está cada vez mais comum agora em meio às redes sociais, eternizando as histórias de vida e suas trajetórias.

Corroborando essa ideia, Kossoy (2020) destaca que quando nos referimos a uma fotografia, não nos referimos apenas à imagem ou ao assunto ali representado, não é um documento que mostra uma cena passada ou congelada naquele tempo, mas faz-nos compreender todo um contexto que ali foi tratado, desde o autor da fotografia, a tecnologia que lhe proporcionou a construção da imagem física, assim como o porquê de aquela imagem ter sido registrada.

Já os documentos impressos (1, 2, 3) que se encontram nas primeiras linhas do Quadro acima, como o memorando de apresentação e os certificados de ensino fundamental e de ensino médio, também nos auxiliaram no que concerne à interpretação de alguns fatos considerados importantes na vida da biografada, uma vez que, como salienta Bacellar (2015, p. 63), “documento algum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou do órgão que o escreveu”.

Finalizamos essa parte teórica e metodológica apresentando as fontes documentais que, juntamente com as fontes orais, forneceram subsídios para o desenvolvimento da narrativa biográfica da professora Letícia Carolina. Na próxima seção, comprometemo-nos em traçar o perfil biográfico da professora pesquisada a partir de suas trajetórias pessoais e formativas.

3 DE ROMÁRIO RÁWLYSON A LETÍCIA CAROLINA: TRAJETÓRIAS PESSOAIS DE UMA TRAVESTI

*Ninguém nasce mulher,
torna-se.*
(BEAUVOIR, 1967).

A epígrafe acima é uma afirmação de Simone de Beauvoir no início da primeira parte da obra “O Segundo Sexo II” e faz-nos refletir sobre a posição e o papel da mulher e de sua feminilidade diante da sociedade que foi normatizada e naturalizada apenas no binarismo sendo macho e fêmea, homem/mulher desde os tempos de outrora. A autora ainda ressalta que “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” (BEAUVOIR, 1967, p. 9). Ou seja, o “ser mulher” ou “tornar-se mulher” vai além da genitália que compõe o corpo humano, como veremos adiante.

Considerando que a autora reportou-se a tal afirmação na década de 1960, momento de efervescência em relação às lutas feministas, em que o ambiente destinado à mulher ainda era majoritariamente o espaço doméstico, restrito aos cuidados com a casa, os filhos e o marido, ou seja, sua principal ocupação era com o casamento. O pouco além disso, considerando o espaço público, era a inserção no mercado de trabalho, geralmente no magistério primário, no campo da saúde como auxiliar ou em dedicação à vida religiosa (ALMEIDA, 1998).

Importa ressaltar que essa não era uma realidade para toda a categoria de “mulheres” no início da segunda metade do século XX, mas é uma discussão que foge aos limites temporais desta tese. O que é necessário compreender aqui é que o papel da mulher na sociedade foi historicamente relegado ao plano privado e de invisibilidade, seja ela branca, negra, indígena, quilombola, rica ou pobre, em contextos distintos, são marcadas por algo em comum que é a exclusão. Situação asseverada a depender dos contextos econômicos e das discriminações raciais que cerceavam ainda mais os espaços legitimados ao feminino.

Partindo dessa premissa, podemos lembrar da obra da autora francesa, Michele Perrot, intitulada “Os excluídos da história”, publicada em 1988 em que ela afirma que, naquele contexto, esses excluídos eram os operários, as mulheres e os prisioneiros. Atualmente, se fôssemos elencar os excluídos da história, poderíamos citar também a comunidade LGBTQIA+, sujeitos que não só são julgados pela perspectiva de sua sexualidade, mas também pela sua identidade de gênero como é o caso de pessoas travestis ou transexuais.

Nesta seção, centraremos foco na história de vida da biografada, Letícia Carolina, abordando sua genealogia, seus espaços no mundo e no tempo, assim como a sua constituição de identidade travesti, caracterizando alguns contextos tanto familiares como sociais, desde o menino que teve como prenome civil Romário Ráwlyson até a mulher travesti Letícia Carolina. Contudo, não é a intenção desta pesquisa abarcar todas as vivências da biografada pormenorizadamente, mas lançar luz à discussão que envolve sua educação familiar e inserção no ensino superior como docente, considerando as nuances que perpassam sua identidade de gênero.

3.1 Origem familiar e infância

*Eu travesti,
Assumi que sou divina.
E criei a mim mesma.
Somos criadoras,
Crias de dores.
A vida se faz
Frente à morte voraz.
(LETÍCIA CAROLINA, 2021).*

A epígrafe acima é um trecho do livro *Transfeminismo*, de autoria de Letícia Carolina do Nascimento (2021). A criação do “eu travesti” e do “eu criei a mim mesma”, descrito pela biografada, vai ao encontro do que conhecemos e reconhecemos a respeito das rupturas da construção de sua própria identidade e sobre a potência dos corpos que podem ser plásticos, fluídos e sem órgãos e tantas outras definições (DELEUZE; GUATARRI, 2019).

A construção de um corpo travesti é atravessada pelos padrões cirsheteronormativos e são marcados por eles e, partindo dessa premissa, sabemos que são necessárias estratégias de resistência para sobreviver e conviver com esses padrões, uma vez que partimos da ideia de que “um corpo não combina com o determinismo biológico, escapa aos padrões de conduta e uma seleção de estudos que transitam por diferentes áreas do saber e que se propõem a estranhar e a desnaturalizar os modos de ser” (SILVA, 2014, p. 14).

Adentraremos nesse tópico sobre a origem familiar da biografada, principalmente ao que concerne à infância até a construção de sua identidade travesti, tecendo algumas narrativas que desembocam em seu corpo trans, em seu nome, em sua sexualidade e em sua identidade de gênero.

Letícia Carolina Pereira do Nascimento atualmente é professora efetiva da Universidade Federal do Piauí, mestra e doutora em Educação pela mesma instituição. É

lotada no campus “Amílcar Ferreira Sobral” da cidade de Floriano-PI, cerca de 250 km de distância da capital piauiense, Teresina. Ainda na identidade masculina, ou seja, Romário, lecionou como professor substituto na Universidade Federal do Piauí, assim como na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Atuou na Secretaria de Educação no setor de coordenação de projetos, bem como foi docente na educação básica, por meio de concurso público na cidade litorânea de Luís Correia-PI, município vizinho à cidade de Parnaíba.

Figura 2 - Letícia Carolina Pereira do Nascimento atualmente



Fonte: Arquivo pessoal da biografada (2021).

Na fotografia da Figura 2, visualizamos Letícia Carolina no ano de 2021. Podemos perceber que ela é vaidosa, gosta de se arrumar com vários adereços e demonstra ser uma pessoa feliz, pois para ela, “a felicidade é um dever ancestral. A tristeza é um contra-axé” (2021, p. 16), apesar de driblar diversos desafios por conta de sua identidade ou identidades. Mulher travesti, negra, gorda, nordestina e de candomblé, como ela afirma-se e faz questão de levantar a bandeira de luta dessas identidades que as representa, uma vez que até em seu Currículo Lattes (Anexo G) sua minibiografia ressalta essas identidades.

Ela destaca que é importante afirmar essas identidades porque é onde ela está inserida, esse é o seu lugar de fala, não só o lugar que ocupa profissionalmente como professora universitária, mas de locais que são ditos marginalizados e acompanhados de preconceitos, como a travestilidade, a religião de matriz africana e, principalmente, a questão racial, como ela ressalta “*a questão étnica é algo que eu afirmo muito porque é uma identidade*

importante que eu me entendo enquanto negra e acho que é importante a gente demarcar esse espaço” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Nasceu no dia 14 de agosto de 1989, na cidade de Parnaíba-PI, sendo fruto do matrimônio do comerciante Railton Gomes do Nascimento e da dona de casa Aglai Maria Pereira do Nascimento, foi registrada com o nome civil Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento, por seus pais seguirem uma cultura que o gênero é definido pela genitália, no entanto é interessante ressaltar que:

Os corpos que resultam dos partos só podem ser entendidos como corpos na concepção dos adultos, para as crianças pequenas ainda não existe anatomia e nem cultura. Não possuem um ponto de vista, porque ainda não há noção de vista nem de pondo, a visão está sendo construída, tanto a biológica como a de mundo (MACHADO, 2021, p. 75).

É oportuno salientar que Letícia Carolina usa seu nome social desde o ano de 2017, quando resolveu usar publicamente a identidade de mulher travesti. O nome social é o nome pela qual uma pessoa travesti ou transexual deseja ser identificada, considerando que o seu nome civil já não condiz mais com seu modo e estilo de vida, como destaca Rodrigues (2020, p. 29):

O nome pode informar sobre um papel no mundo, papel subjetivo, social, profissional, afetivo, sexual, familiar, para citar alguns, isto é, o nome faz parte dos atos performáticos do cotidiano, reiterando narrativas e discursos do sujeito e do social sobre o sujeito.

O uso do nome social como um direito político, assim como o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais é assegurado pelo Decreto nº 8.727 de 28 de abril de 2016, que dispõe em seu Artigo 1º que:

I - nome social - designação pela qual a pessoa travesti ou transexual se identifica e é socialmente reconhecida; e
 II - identidade de gênero - dimensão da identidade de uma pessoa que diz respeito à forma como se relaciona com as representações de masculinidade e feminilidade e como isso se traduz em sua prática social, sem guardar relação necessária com o sexo atribuído no nascimento.

Desse modo, tendo esse direito assegurado legalmente, pessoas trans já conseguem alcançar o mínimo da dignidade diante da sociedade normativa, ou seja, podem exercer seus direitos pelo menos em requerer serem atendidas em órgãos e entidades de administração pública pelo nome e identidade de gênero que se sinta confortável, embora, na

maioria das vezes ainda sejam ignoradas, não obtendo o respeito necessário por pessoas que se dizem desconhecer tais direitos (RODRIGUES, 2020).

A importância da documentação persiste não só para a identificação do próprio nome, mas é uma forma de testemunhar quem você é de fato diante da sociedade. Como ressalta Lima (2013, p. 63) “os documentos de identificação são indispensáveis na atualidade. Não basta ser quem se é: faz-se necessário provar quem é, ou seja, ter testemunhos materiais que comprovem a veracidade da nossa ‘identidade’”.

No que diz respeito às mulheres travestis, o nome de registro, que é definido na certidão de nascimento, não significa apenas uma identificação ou modo de tratamento, significa também a representação de um contexto normativo em que ela considera que não faz parte, ou seja, um contexto que remete a sua inserção ao gênero masculino, como afirma Andrade (2012, p. 194), “a travesti é uma vítima desta normatização, pois o nome pelo qual foi nomeada (na certidão de nascimento) a apresenta de uma - forma falsa quando comparada com o gênero (feminino ao invés de masculino)”.

Em relação à identidade de gênero, de acordo com Franco (2014, p. 17), ela “se define como a forma pela qual a pessoa se localiza e identifica como homem ou mulher”. Utilizar uma identidade de gênero no Brasil, principalmente no século XXI, ainda é um motivo que causa medo em pessoas travestis, transgêneras ou transexuais, pois são inúmeras as represálias sofridas não só no ambiente social, mas também no ambiente familiar.

O padrão aceito na sociedade como normativo ainda é o binário, ou seja, o que se pode denominar como macho/fêmea ou homem/mulher, sendo diferente disso, a pessoa é marginalizada passando a sofrer a discriminação da heteronormatividade. De acordo com Bento (2008, p. 36), antes mesmo de uma criança nascer “o seu corpo já está inscrito em um campo discursivo [...] a suposta descrição do sexo do feto funciona como um batismo que permite ao corpo adentrar à categoria de humanidade”.

Quando nasce, ela já encontra um mundo projetado para a sua existência, em que seu gênero é determinado pelas cores, roupas, brinquedos, brincadeiras etc. e isso não acontece somente no seio familiar, acontece em vários ambientes sociais, principalmente, na escola, uma vez que essa instituição possui em seu currículo um caráter normativo de acordo com os padrões sociais onde, às vezes, tem a fila dos meninos e das meninas, cartazes como do “aniversariante” ou do “ajudante do dia”, que são definidos por cores como azul ou rosa, entre outras coisas (LOURO, 1997).

A imagem que segue, é uma fotografia de Romário com sua família - seus pais, sua avó materna e suas duas irmãs -, quando criança, aos 6 anos de idade no ano de 1995 em

sua formatura do Jardim de Infância¹⁷, trajado de terno e gravata, pois fazia parte do “traje de gala” que era solicitado para o evento.

Figura 3 - Família de Romário/Letícia Carolina



Fonte: Acervo pessoal de Letícia Carolina (1995).

Letícia é a segunda filha de uma família de quatro filhos, como ela ressalta “*eu tenho três irmãos. Duas irmãs e um irmão. O irmão é o mais novo. Uma irmã mais velha do que eu e uma irmã mais nova do que eu*” [...]. *Primeiro é a Priscila, a segunda sou eu, a terceira é a Tícylli e o mais novo é o Railton Júnior* (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020). Na fotografia acima, está faltando apenas o seu irmão mais novo que, na época, era recém-nascido.

A biografada nasceu na cidade de Parnaíba, litoral do estado do Piauí, mas em seus primeiros dias de vida mudou-se com seus pais para a cidade de Tutóia, no estado do Maranhão, como ela relata:

Nasci em Parnaíba, mas aí, logo depois do nascimento no hospital a gente foi para Tutóia e quando eu tinha uns dois anos minha família resolveu ficar em Parnaíba mesmo [...] Antes dos dois anos de idade a gente morava em Tutóia no Maranhão porque minha família materna é de lá e minha família paterna é de um interior

¹⁷ Sobre isso, será tratado com mais detalhes em um tópico específico de sua escolarização.

próximo que é Água Doce. Então minha família é de origem maranhense. Tutóia e Água Doce, que são municípios vizinhos (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

De origem familiar maranhense, seus pais decidem regressar para Parnaíba e fixar residência na cidade piauiense em decorrência de novas oportunidades de trabalho para seu pai. Como se pode observar no mapa abaixo, os estados são vizinhos e a distância entre Parnaíba-PI e os municípios de Tutóia e Água Doce, no estado do Maranhão é de aproximadamente 160 km, ou seja, é uma distância não muito longa, logo, seus pais não iam se distanciar muito dos demais familiares.

Figura 4 – Localização de Parnaíba-PI e Tutóia-MA



Fonte: <http://br.distanciaciudades.net/distancia-de-tutoia-a-parnaiba> (2021).

Mesmo morando em Parnaíba com seus pais, Letícia afirma que durante sua infância e início da adolescência, permanecia na cidade piauiense durante o período letivo e, nas férias escolares, ia para o Maranhão para a casa dos seus avós paternos.

Eu ia para o interior do Maranhão, para Água Doce. Minha avó paterna sempre morou em Água Doce, em Flexeiras, então até os 12 ou 13 anos de idade, todas as férias a gente ia para o interior, isso era um ritual, isso não falhava. [...] inclusive, teve um período quando a gente já era maior que a mamãe ia no ônibus comigo e com a Tícylli, deixava a gente lá, voltava no outro dia e a gente ficava lá uns 15 dias sem mamãe e sem papai e ela só vinha de novo, no ônibus pegava a gente e voltava, então nem sempre era com eles, porque dependia se o papai conseguia ou não organizar as férias do serviço dele para esse período (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio de 2021).

Ainda com a ausência dos pais, a biografada relata que ficava na casa de seus avós paternos no Maranhão, juntamente com sua irmã Tícylli, pois nem sempre seus pais poderiam ficar lá com elas, considerando que seu pai atuava no setor comercial como vendedor, “*ele atuava no setor comercial, mas como vendedor. Ele trabalhou durante toda a minha infância como vendedor numa loja automobilística. Ele vendia pneu, essas coisas para carro. Era a São Francisco Pneus*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio 2021).

Além do período das férias escolares, que correspondia aos meses de julho, dezembro e janeiro, outro período que Letícia relembra ir para o interior do Maranhão era em feriados prolongados, como a Páscoa.

Outro período também que era sagrado a gente ir era Semana Santa; era sagrado a gente ir todo mundo junto, a mamãe também ia, o papai também ia, [...] e era o período também da mandioca, das farinhadas então era algo que fazia parte da nossa rotina ir para o interior na Semana Santa, nas férias de julho e nas férias de dezembro, inclusive, no Natal também, a mamãe às vezes levava a gente pra passar ou o Natal ou o Ano Novo (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio 2021).

Nesse período pascal, como é rememorado pela biografada, além da reunião de sua família para os ritos sagrados da Semana Santa, outra atividade que se juntava a isso eram as farinhadas. Essas farinhadas eram realizadas fortemente no século XX nas chamadas “casas de farinha”, sendo este um elemento importante na cultura do nordeste brasileiro que consiste na transformação da raiz da mandioca em produtos como a farinha e a goma para a tapioca, sendo utilizados tanto para o próprio consumo, como para a comercialização. Ultimamente, com a industrialização, as farinhadas ainda acontecem, mas de forma bem reduzida (OLIVEIRA; SANTOS; ZULIANE, 2019).

Letícia rememora as atividades que costumava fazer no interior juntamente com sua irmã Tícylli, que é a irmã que ela tinha mais intimidade nessa época por conta da proximidade de idade entre elas. Estar no interior para ela, era sinônimo de alegria e diversão, uma vez que sua família era grande e que dividia o tempo de férias entre a casa dos seus avós e a casa de seus tios.

Então, lá no interior, nossa família, a gente considerava enorme, inclusive, eu e a Tícylli cada dia a gente visitava um tio, então a gente ia na casa da tia Noca, na casa da tia Pastora, tia Pastora fazia bolo... a gente ia à tarde visitar ela, ela dava bolo para a gente... a gente ia na casa da tia Zuza, que tinha um quintal muito grande, a gente ficava comendo fruta lá. Então a gente gostava muito do interior porque a gente andava na casa dos tios todos (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de nov. 2021).

Na época da sua infância, sua sexualidade não era um problema para a sua família, pois Romário agia como lhe era solicitado, ou seja, atitudes que lhes eram permitidas apenas para o sexo masculino. No entanto, apesar da pouca idade, ele não se sentia confortável com o contexto normativo que lhe era exigido, afinal, ainda não compreendia sua identidade de gênero, uma vez que possuía um corpo masculino, mas sentia-se uma menina.

A masculinidade de Romário “nasceu desviante, porque ele se construiu através dos elementos que convencionamos chamar de masculinos e femininos”. Antes de se tornar Letícia Carolina, ele era filho, irmão, neto, amigo, enfim, a “sua subjetividade foi marcada por devires que atravessaram seu corpo” (MACHADO, 2021, p. 40).

Letícia foi criada em uma família afetuosa com seus pais, os três irmãos e sua avó materna até os 10 anos de idade quando sua mãe faleceu em decorrência de complicações cirúrgica após uma histerectomia. Nesse momento, de ausência da mãe, Letícia e seus irmãos vão morar na casa de sua avó materna, Maria de Lourdes, pessoa que, a partir daquele momento, tornou-se uma mãe para seus netos.

Eu terminei de ser criada por ela a partir dos 10 anos, pela minha mãe que é minha avó, que é a Maria de Lourdes do Rêgo Pereira [...]. Na verdade, sempre fomos criados com duas mães que era a mãe Glai e a mãe Ude”. O meu pai veio morar conosco aqui na mesma casa com a nossa avó. Nossa avó o recebeu, então a gente morava todo mundo junto aqui, ele continuou trabalhando na São Francisco Pneus e morando aqui com a gente. Nós dormíamos aqui, eu, ele e o Júnior nesse quarto, até que ele teve a doença (doença hepática) e ele precisou ir pra Teresina e depois de Teresina ele já foi pra Brasília e a gente continuou morando aqui com a vovó, inclusive, a vovó assumiu a tutela da gente (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio 2021).

Em decorrência da doença de seu pai que necessitava de tratamento em Teresina e em Brasília, a justiça autorizou que Romário e seus irmãos fossem tutelados pela sua avó, Maria de Lourdes. Mesmo seu pai estando ausente, tentou exercer seu papel de pai na educação dos filhos, como relata a biografada “sempre nas conversas que a gente tinha, ele sempre colocava que a gente tinha que respeitar ela que ela era nossa responsável e tudo mais... então foi algo sempre muito tranquilo para a gente entender que a mãe/avó que era nossa responsável” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio de 2021).

Nessa época, Dona Maria de Lourdes só tinha Romário e seus irmãos como netos. A convivência da avó com os netos sempre foi tranquila, no entanto, a avó era bastante rígida no tocante à educação. Mas eles podiam sair para brincar, receber seus colegas em casa, participar de atividades em ambientes sociais, como as atividades promovidas pela Igreja Católica nos fins de semana, como relata Letícia.

A gente fazia catequese, a gente fazia apresentação de teatro na própria capela, depois eu entrei no grupo de coroinhas junto com a minha irmã, então a gente fazia a atividade dos coroinhas, fui catequista nesse período. Então a gente tinha outras atividades com outras crianças da nossa idade a partir da própria Igreja. A gente sempre fez coisas assim (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio de 2021).

Em relação à educação dos netos, Tícylli argumenta que a avó era muito exigente, principalmente em época de provas e anos finais do ensino médio, na qual a preparação para o vestibular¹⁸ era uma das principais preocupações.

Mas era bem rígida, principalmente em questão de ensino médio, terceiro ano todo mundo tinha que passar na faculdade, era uma pressão muito grande é tanto que todo mundo passou na faculdade com 17 anos. A Priscila passou pública para inglês, a Letícia passou Pedagogia, eu passei pública para Turismo e o meu irmão mais novo também passou na pública, para a estadual, para informática, ciências da computação. Todo mundo. Então, o estudo realmente era muita pressão (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. de 2021).

Pela narrativa de Tícyilly, o esforço de sua avó em mantê-los na escola e ser rígida no que concerne à rotina estudantil dos netos teve bons resultados considerando que todos conseguiram aprovações em universidades públicas no Piauí.

Tratamos, pois, de forma sucinta sobre o contexto familiar e a infância da biografada nesse tópico. No tópico seguinte, discutiremos as subjetividades de Letícia em relação a sua orientação sexual e à identidade de gênero, revisitando alguns conceitos que norteiam a discussão em tela.

3.2 A constituição da identidade de mulher travesti

*Os seres humanos são seres interpretativos,
instituidores de sentido.
(Stuart Hall)
Quem sou eu?
Eu sou aquela que nasceu identificada como menino
Não nasci para ser menina,
mas me tornei mulher.
Transformei meu corpo,
modifiquei meu gênero.
Sabe quem sou eu?
Muito prazer sou Travesti!
(Fernanda Silva)*

¹⁸ Os vestibulares eram os principais meios de ingresso ao ensino superior antes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) (BARROS, 2014). No tópico 4.4 desta tese serão discutidas maiores informações sobre os vestibulares.

A primeira epígrafe faz-nos refletir sobre a complexidade dos seres humanos. Vivendo em sociedades e culturas semelhantes ou distintas, somos sujeitos que exigem uma interpretação diferenciada, sujeitos que carregam e moldam suas próprias identidades e suas histórias o tempo todo.

Já a segunda trata da transgressão e da transição das identidades de gênero, especificamente da travesti, que, historicamente são forjadas na resistência para sobreviver e sobressair-se diante dos padrões normativos sobre seus corpos e comportamentos impostos desde os tempos mais remotos e será com base nesses pressupostos que nortearmos nossa discussão neste tópico.

Discutir o conceito de travestilidade ou de identidade travesti não é o foco desta pesquisa, no entanto, é pertinente destacar alguns pontos importantes que perpassam a trajetória pessoal da biografada, sendo esta, uma mulher travesti, que teve toda a sua trajetória educacional e profissional marcada por nuances decorrentes de sua identidade de gênero. Cumpre destacar também que ao se falar em identidade nesta tese, não estamos tentando construir ou discutir a identidade de Letícia Carolina, mas interpretá-la a partir de suas próprias narrativas enquanto mulher travesti, pois de acordo com Pesavento (2004, p. 90), “as identidades são múltiplas e vão desde o eu, pessoal, construtor da personalidade, aos múltiplos recortes do social, fazendo com que um mesmo indivíduo superponha e acumule em si, diferentes perfis identitários”.

É complexo falar de identidade pela sua amplitude, pois as identidades humanas são constituídas ao longo de suas vivências e experiências individuais e sociais, perpassando pelas identidades étnicas, religiosas, raciais e de gênero, como foi mencionado por Letícia. As identidades são carregadas de subjetividades e podem ser mudadas a qualquer momento. Consoante Araújo, Muniz e Melo (2018, p. 64) “a identidade de um indivíduo é uma construção prismática - de diversas faces -, complexa por poder ser enxergada de diferentes ângulos e recortes”.

A respeito do termo travestilidade, de acordo com a literatura já existente, ele “surgiu na língua francesa, como variante de burlesque, gênero artístico relacionado ao erotismo. Travesti referia-se à forma de se vestir em casas de espetáculos na França, onde mulheres se apresentavam com roupas pequenas e provocantes, a partir do século XV” (REIDEL, 2013, p. 34).

Logo, compreendemos que é um termo que data de um passado longínquo e que, ao longo dos séculos, foi sendo descrito apenas como performático, o que servia de diversão

para quem frequentasse as casas de espetáculo europeias, sendo ignorado, no entanto, pelo que viria a ser uma identidade de gênero nos dias de hoje. Corroborando essa ideia, Franco (2014, p. 40), assevera que essa forte relação da travestilidade com a arte serviu de vínculo para um desfecho que a aproximou da prostituição:

A palavra travesti ligada ao campo da arte, do entretenimento, mais especificamente, do teatro. Com isso, uma das justificativas para o estreito vínculo entre travesti e prostituição relacionou-se diretamente à concepção de artistas, principalmente de atrizes, vigente no contexto social brasileiro do início do século XX.

Desse modo, é importante destacar que a relação da travestilidade com a prostituição não era apenas um fenômeno do início do século XX, sendo estes sujeitos marginalizados pela sociedade normativa por esta conduta até o presente, o que nos faz inferir que seja ocasionado pela falta de oportunidades e porque muitas vezes são rejeitados pela família, principalmente no período da adolescência, que é a fase de maior conhecimento do corpo e de descoberta da sexualidade. Evadem da escola e, muitas vezes, o único acolhimento está na prostituição como meio de sobrevivência diante de uma sociedade excludente e de julgamentos prévios relacionados ao comportamento fora do padrão binário, sua identidade de gênero e sexualidade (ANDRADE, 2012).

Podemos compreender isso também a partir de dados colhidos pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), publicados por Benevides e Nogueira (2021, p. 44) quando alertam que “se mantém atual a estimativa que 90% das travestis e mulheres trans utilizam a prostituição como fonte primária ou complementar de renda”.

É pertinente analisar que é um quantitativo elevado em relação a toda a comunidade que se identifica como travesti ou transexual. Um ponto importante a ser analisado também é que essa é uma estimativa publicada no início do ano de 2021, que são dados referentes ao ano anterior, ou seja, 2020, e não justifica dizer que 90% é um dado alarmante somente em decorrência da pandemia da Covid-19 em 2020, pois as autoras especificam que o número mantém-se, entendendo que é uma realidade que acompanha esses indivíduos ao longo do tempo.

É notória a falta de oportunidades e de melhores condições de vida para a população trans, que podemos apontar que uma das principais causas é o baixo nível de escolarização, haja vista que, não tendo um alto grau de instrução, a inserção ao mercado de trabalho formal torna-se praticamente inexistente.

Compreendemos travesti, transexual e transgênero, (sendo nosso foco apenas o termo travesti) como expressões identitárias que demarcam o rompimento e o cruzamento dos limites históricos, sociais e culturais estabelecidos para o gênero. Problematizam e situam em estado de divergência o dimorfismo macho/fêmea, a heterossexualidade e, por conseguinte, as idealizações do ser que é ser homem ou mulher, instituída e consolidada a partir das normas de gênero que conferem o estado de humanidade aos corpos (BENTO, 2008; FRANCO, 2014).

Corroborando essa ideia, Bento (2015, p. 51) ainda afirma que “ninguém nasce com os atributos comportamentais do gênero masculino e do gênero feminino, cada sociedade elabora formas para definir padrões comportamentais para cada gênero”, ou seja, os comportamentos de cada sujeito não são determinados pelo seu gênero, mas constituídos e desenvolvidos de acordo com os elementos culturais que cada sociedade define como padrão.

Trazendo essa discussão para o contexto da biografada, é possível perceber que o reconhecimento de uma identidade que não era sua, acompanha-a desde a primeira infância. Seu corpo masculino não condizia com a feminilidade que aflorava em seu sentimento desde criança, como é relatado em uma escrita autobiográfica, publicado pela autora em uma revista científica no ano de 2020: “não sei determinar com precisão desde quando ela passou a existir. Todo momento vivido que recordo, ela está lá. Ela sempre esteve lá. Ela sempre esteve aqui. Olhando-me com seus grandes olhos que me devoram a alma” (NASCIMENTO, 2020, p. 6).

O termo “ela” que a biografada trata nas linhas acima refere-se a sua identidade feminina que existia desde as lembranças mais remotas de sua existência, mesmo que ainda, em sua pouca idade, ela não soubesse identificar o porquê de sentir-se diferente, ou porque não se “encaixava” nos padrões normativos que lhe eram impostos, causando desconforto e conflitos internos na infância, conforme ela relata em entrevista:

Eu percebia que eu já era diferente das outras pessoas, pelo menos dentro de mim, porque por fora, eu tinha que ser o que me pediam e queriam que eu fizesse, mas dentro de mim eu me achava diferente, mas eu não sabia por que, mas eu não gostava daquilo que as pessoas pediam para ser feito, então, dentro mim, na minha cabeça eu era menina e eu queria ser tratada como menina, mas como sempre me exigiam outras coisas e eu não falava nada, não chegava nem a comentar sobre esses desejos, porque já havia repressão antecipada (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio 2021).

São evidentes o desconforto e a confusão vivida por Letícia nesse “jogo de identidades” com conflitos internos e externos, em que o seu “eu interior” exigia um tipo de comportamento e a sociedade, a partir da imagem que era passada pelo seu corpo, exigia outro.

Seus desejos femininos eram reprimidos antecipadamente, o que lhe obrigava a ter uma postura passiva de ficar calada e retraída aceitando o que era imposto.

Ao que concerne à vivência de Letícia na infância, ou seja, à infância de Romário, assim como de outras crianças trans, Berenice Bento (2017, p. 84), explica que:

O mundo infantil se constrói sobre proibições e afirmações. Essa pedagogia dos gêneros tem como objetivo preparar para a vida referenciada na heterossexualidade, construída a partir da ideologia da complementaridade dos sexos. É como se as ‘confusões’ nos papéis provocassem, direta e imediatamente, ‘perturbações’ na orientação sexual.

Sendo a heteronormatividade considerada o único padrão social aceito por uma sociedade excludente, a criança, independentemente da sua identidade de gênero, é preparada para viver e conviver com um modelo heteronormativo, construído principalmente a partir do seu núcleo familiar, em que seus pais irão trata-la por seu gênero biológico e ignorar todo e qualquer tipo de comportamento que foge a essa norma binária, no entanto, de acordo com Louro (2020, p. 16), “mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas regras e técnicas, há aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos”, como é o exemplo da nossa biografada, que mesmo sendo moldada em padrões familiares e sociais cis, rompeu paradigmas para viver sua identidade travesti.

Tendo consciência de que não se identificava com uma identidade de gênero que não se sentia confortável e, provavelmente, sem conseguir entender o que estava acontecendo, Romário experienciava um longo dilema, precisava aprender a conviver com a feminilidade do seu “eu” interior que não conseguia adaptar-se com o meio externo ao mesmo tempo em que a sociedade cobrava comportamentos masculinos por ter um corpo que era, por ela, como masculino, como Letícia Carolina relata em um trecho de um artigo autobiográfico publicado no Periódico “Inter-legere” em 2020.

Quando criança, eu sempre falei sozinha. Perdida em meus pensamentos, mergulhava dentro de mim. Eu não era quem eu queria ser. Eu falava para a outra em mim: “eu não posso ser uma menina”. Mas ela não entendia, ela me pedia coisas... Uma vez, quando eu tinha entre 7 a 8 anos de idade, ela me disse que eu deveria sentar de lado na garupa da bicicleta e não com as duas pernas abertas. Eu disse que não podia, ela insistiu muito. Eu sabia que o papai não iria deixar. Bolamos um plano de mudar a posição com a bicicleta em movimento, só deveríamos fazer isso bem perto da escola, pois precisaria descer antes que o papai percebesse que eu não estava sentada como os outros meninos. Quando eu fiz o movimento, eu experimentei, por alguns segundos, a sensação de sentar como uma menina, foi rápido, precisava pular antes que papai parasse a bicicleta e olhasse para trás, quando pulei, eu machuquei o joelho. Não senti dor, por dentro, eu estava feliz, eu havia sentado como uma menina (NASCIMENTO, 2020, p. 6).

Com essa narrativa, é possível perceber alguns pontos pertinentes. O primeiro deles, é que a biografada ainda na identidade de Romário tentava resistir aos desejos de sua feminilidade quando afirma: “eu não posso ser uma menina”, uma vez que sabia que em qualquer contexto em que estivesse inserido, sofreria repressão por comportamentos que não eram permitidos pelo fato de ser um menino, ainda assim, os desejos por experiências femininas soavam mais alto a ponto de serem praticados como, por exemplo, nesse episódio da bicicleta.

A experiência de sentar-se de lado na garupa da bicicleta e reproduzir o que historicamente era permitido apenas para as meninas foi uma realização pessoal para Romário, independentemente das consequências que viriam depois, como o fato de ter caído e machucado-se e até mesmo correr o risco de seu pai presenciar a cena e repreendê-lo, impondo que se comportasse como um menino e não como uma menina. É possível identificar que Romário convivia diariamente numa completa vigilância de seu corpo e de seus comportamentos. Vigilância realizada tanto por ele como por todos os que estavam ao seu redor (FOUCAULT, 1987).

Para quem convive e é responsável por crianças trans entende que estas não têm autonomia de seus atos, não têm e não podem ter o direito de governar seus desejos e sua própria identidade (OLIVEIRA, 2018; PRECIADO, 2014). Logo, mesmo em meio ao disciplinamento do corpo consoante ao gênero imposto socialmente, Romário buscava mecanismos de fuga, momentos em que podia transgredir às normas sem ser percebida, no afã de sentir-se menina.

A constituição de uma identidade de gênero não acontece de forma instantânea. Perpassa por inúmeros aspectos como, por exemplo, sociais, econômicos, familiares e, principalmente, o conhecimento do sujeito com seu corpo e com seus desejos (TORRES, 2012). Apesar de Letícia já não se reconhecer com o gênero masculino desde muito cedo, sua identidade travesti demorou um pouco para vir ao conhecimento do meio externo, mesmo ela tendo consciência de que queria ser uma travesti “*eu sempre sabia que eu queria ser uma mulher travesti, sempre soube disso*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Sua travestilidade foi-se dando aos poucos ao longo dos anos, iniciando pelo entendimento de seus desejos pelo sexo masculino, conhecimento com seu próprio corpo e do reconhecimento de uma identidade de gênero. A homossexualidade já era algo bem aparente para alguns familiares, como destaca sua irmã:

Eu já percebia desde a infância, mas, eu não entendia. Já peguei alguma conversa dessa minha mãe/avô na cozinha com a menina que trabalhava lá em casa, Dona Raimunda, a secretária, eu acho que eu tinha uns 10 anos, vi ela falando que achava que meu irmão era afeminado, assim em outros termos, que ele era viado (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. de 2021).

A diferença de idade entre Tícylli e Letícia é de pouco mais de um ano, partindo disso, a feminilidade de Romário já era aparente desde muito cedo. Para Cardoso (2020), os comportamentos e os trejeitos afeminados, muitas vezes, denunciam os sujeitos que se apresentam “fora dos padrões” de forma bem prematura. Tícylli ficou sabendo da homossexualidade do irmão por uma conversa de sua avó com a secretária de sua casa, no entanto, por volta dos 15 anos de idade, Romário afirmou que era homossexual, uma vez que elas eram muito próximas, “*eu acho que ela falou para mim, ela tinha uns 16 ou 15 anos, quando começou a ter interesse por meninos, falar, comentar: “ah que esse menino é bonito” sempre era menino, lógico que tinha meninas que ela achava bonitas*” (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. 2021).

Por mais que fosse algo muito aparente para todos, aos 18 anos, Romário teve uma conversa com sua mãe e revelou a homossexualidade, não tendo surpresa nenhuma com a reação desta, que aceitou e declarou apoio ao filho: “*com 18 anos eu conversei com a minha mãe, chamei ela para conversar e disse para ela que eu era gay. Ela disse que já sabia, que já esperava, mas que continuaria me amando, que não teria nenhum problema*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

O apoio por parte de sua mãe sobre sua sexualidade confortou-o, uma vez que podemos considerar que a homossexualidade é motivo de exclusão familiar e social em nossa sociedade, todavia, com a biografada, pelo menos esse estigma de exclusão familiar foi diferente porque ela teve apoio não só de sua mãe, mas também de seus irmãos. Letícia ainda afirma que sua mãe não se incomodava com sua sexualidade, mas que sua aparência e a aproximação com a feminilidade causavam certo receio.

Então, a gente continuou convivendo em casa de boas, ela não se incomodava; ela se incomodava um pouco quando eu pintava as unhas, quando eu usava batom, em algumas noites que eu saía eu passava algum batom ela se sentia incomodada e eu sentia que ela tinha um medo, principalmente um medo de que eu não teria um bom retorno profissional por conta disso, é tanto que quando eu terminei a faculdade que eu passei no concurso, assim que eu terminei, ela meio que deu um alívio muito grande (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Nessa fala, é possível identificar algumas situações que merecem destaque. Dona Lurdes que já era idosa nessa época (pois esta era a sua avó), aceitou sem nenhuma imposição

a homossexualidade do filho, mas seu jeito afeminado era recriminado. Em relação aos incômodos da mãe pela sua feminilidade pode-se inferir que não era simplesmente por preconceito de ter um filho gay afeminado ou ter uma filha travesti, mas era mais por receio de Romário sofrer discriminação em ambientes fora de casa.

As unhas pintadas e o uso de maquiagem eram frequentes na vida de Romário quando assumiu sua homossexualidade, posto que os primeiros fatores que dão ideia de aproximação com aparência da feminilidade hegemônica é a partir das mãos e do rosto, como ressalta Benedetti (2005, p. 55 - 57) “o batom é normalmente um dos primeiros produtos de maquiagem experimentados na trajetória do processo de transformação das travestis [...], nas mãos inicia-se um trabalho intenso com as unhas. Estas começam a ser cuidadas com esmero e esmalte”.

A percepção da mãe sobre o que era ser um gay afeminado¹⁹ - que era essa identidade vivida por Romário naquele momento trazia preocupação, principalmente, em relação ao mercado de trabalho, temendo que o filho sofresse alguma represália em ambientes sociais, pois como argumentam Moura, Nascimento e Barros (2017, p. 1479), “embora os indivíduos gays enfrentem grandes barreiras na sociedade, por conta de sua orientação sexual, para os gays afeminados a resistência é ainda maior, pois os mesmos são excluídos também pelo próprio grupo gay”.

Há um preconceito maior com os gays afeminados porque esses representam um “desvio” do que é esperado pela sociedade normativa. Muitos gays conseguem camuflar-se nos padrões heterossexuais, no entanto, os afeminados, não e, por isso, a exclusão é ainda maior.

Tícylli comenta ainda que seu pai aceitou a orientação sexual de Romário desde o início. A resistência maior sempre foi de sua mãe.

O meu pai, ele aceitou desde o início. A minha mãe, que é a nossa mãe/vó, ela pegou no pé dela no começo porque não queria que ela fosse afeminada. Tipo assim, aceitou... “eu aceito que você é gay, mas eu não quero que você deixe as unhas crescerem, eu não quero que você pinte as unhas, eu não quero que você deixe o seu cabelo crescer...”, essas coisas assim a minha mãe não deixava. Não a deixava usar roupa feminina, no entanto, a primeira vez que ela usou um vestido preto foi no Apoio, para uma apresentação que teve lá, [...] ela ainda estudava no Apoio, fazia ensino médio. Ela mandou uma costureira fazer um vestido para ela. Minha mãe não aprovou essa situação e ela sempre falou: “olha tudo bem, mas, eu não quero”, e

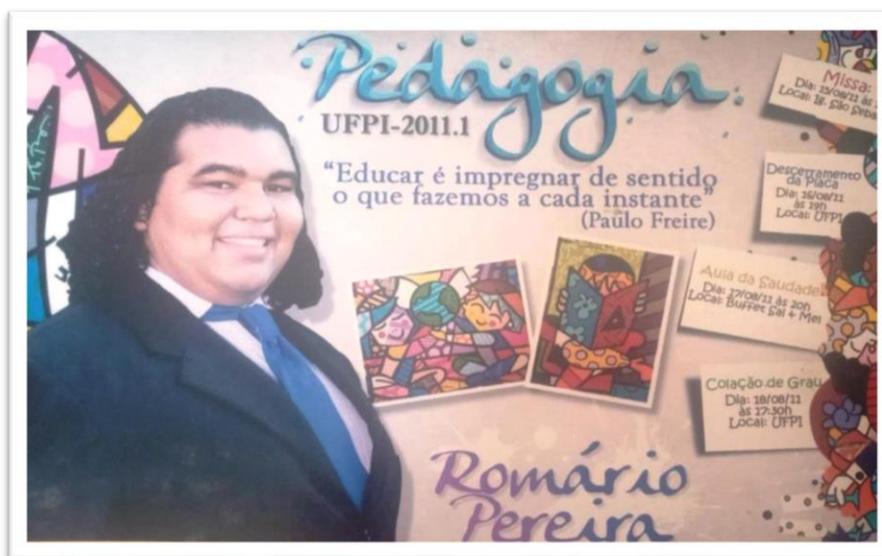
¹⁹ Existem várias definições a respeito do “Gay afeminado”, porém, esta pesquisa dialoga com a definição de Moura, Nascimento e Barros (2017) que consideram que: “é aquele que se enquadra dentro dos parâmetros da feminilidade em relação a uma identidade masculina, que geralmente são relacionados às características tradicionalmente associadas à mulher como a delicadeza, gentileza e compaixão (características convencionalmente femininas construídas socialmente)”.

minha irmã contrariava. Ela pintava as unhas, minha mãe via e brigava, ela deixou o cabelo crescer e minha mãe brigava, mandava ela cortar, mas isso aí a gente entendia por que ela era muito velha, eu digo assim, idosa. Ela já faleceu com mais de 80 anos, então, para a cultura que ela foi criada, aceitar ter um filho gay já é um avanço e aceitar que ela fosse mais afeminada, já foi difícil para ela aceitar (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. de 2021).

Embora Romário respeitasse muito sua mãe, em alguns pontos relatados por sua irmã, é possível perceber que a biografada desobedecia, um pouco as suas orientações quando pintava as unhas, quando deixava o cabelo crescer e até mesmo vestir-se pela primeira vez com roupas que representavam o gênero feminino. Tícylli ainda enfatiza que, além do cuidado que a mãe tinha com o filho, essas proibições também faziam parte de uma falta de compreensão em relação a gênero e à sexualidade, por sua mãe ter tido uma formação cultural bem diferente da que se apresentava no início do século XX.

Na fotografia abaixo, registrada no final do ano de 2011, para o convite de sua formatura no curso de Pedagogia, Romário estava com 22 anos, vestido com o traje masculino da formatura e o cabelo em tamanho médio.

Figura 5 – Convite da formatura do curso de Pedagogia de Letícia em 2011



Fonte: Arquivo pessoal da biografada (2011).

Mesmo Romário vivendo sua identidade homossexual, ou seja, um gay afeminado, já se aproximava da travestilidade, dado que esse era o seu desejo, como relata Jessyka Rodrigues, amiga de Letícia.

Eu e Letícia, a gente se conheceu nos movimentos sociais. Desde o primeiro momento que a gente se viu. Na verdade, a Letícia, a leitura que eu sempre fiz dela

é que ela era uma travesti. Eu vivia implicando com ela “mulher, tu é mais mulher do que eu... unha pintada e tudo mais”. Ela era esse ser queer, ela era uma transviada e a gente sempre brincava sobre isso. O nosso afeto foi de imediato. Nos movimentos sociais a gente começou a se fortalecer e se identificar e aí Letícia começou a aparecer (JESSYKA RODRIGUES, entrevista em 24 de ago. de 2021).

Diante dessa narrativa, é pertinente destacar alguns pontos interessantes. Jessyka também é travesti e negra e conheceu Letícia ainda na identidade de gay afeminada ou como ela destacou, Letícia era uma “transviada”. A leitura que Jessyka fazia da identidade de Romário já era de uma mulher travesti, no entanto, existiam muitos fatores que a impediam de viver de imediato essa identidade.

O termo “transviada”, verbalizado por Jessyka remete-nos ao cenário da segunda metade do século XX, em que o jovem transviado era aquele que, de acordo com Gomes, Tavares e Souza (2019, p.9), “transviou-se”, ou seja, interrompeu seu papel como indivíduo em dado lugar na sociedade ao desobedecer às regras estipuladas pelas suas instituições familiares e de Estado, o famigerado rebelde sem causa”.

Ainda de acordo com os autores acima citados, trazendo o termo “transviado” para a atualidade, estes são os sujeitos que são amparados pela Teoria Queer a partir de novas perspectivas de uma categoria sociocultural pós-identitária.

De certa forma, não nos deparamos com transviados e transviadas, mas cotidianamente os termos como *viado*, *bicha*, *travesti*, *traveco*, *sapatão* e tantos outros que fogem a nossa lembrança, utilizados como armas que visam manter uma ordem social vigente ao menosprezar e humilhar pessoas que não se enquadram em tal ordem. Independentemente, esses sujeitos estão reunidos pelo amplo “guarda-chuva” que é a Teoria Queer, ou por nossa defesa – e apelo – a Teoria Transviada (GOMES; TAVARES; SOUZA, 2019, p. 10).

Nesse enredo de preocupações e proibições de Dona Lourdes com Romário, ao finalizar o curso de Pedagogia em 2011, nesse mesmo ano, a biografada é aprovada em um concurso público para o magistério básico (Anexo F), na cidade de Luís Correia²⁰, município vizinho a Parnaíba e só diante dessa aprovação, sua mãe diminuiu as preocupações.

Ela deixou de se preocupar com várias coisas da minha vida, porque é como eu falei para ela: “eu agora sou concursada pública eu posso... se eu quiser morrer nesse emprego, se eu não fizer nada de errado eu vou morrer nesse emprego... vou ser aposentada e pronto”. Ela entendia o concurso público. Muitos dos nossos pais e mães entendem assim o concurso público, o filho passa e dá aquela segurança, aquela estabilidade; e nossa mãe ela sempre focou muito nisso, ela sempre queria

²⁰ Luís Correia é um município do nordeste brasileiro, situado ao norte do estado do Piauí. É um dos quatro municípios litorâneos do Piauí e, também, um dos mais visitados por turistas e banhistas ao longo de todo o ano IBGE (2021).

que a gente estudasse para passar em concurso público, sempre era essa a ladainha dela; “estudem para passar num concurso público” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Diante da estabilidade profissional do filho por ter passado e assumido um concurso público logo que terminou a graduação, Dona Lourdes, sentiu-se mais aliviada em relação à identidade de Romário, pois sua preocupação maior era com o mercado de trabalho, pois ela tinha receio de que o filho não conseguisse ter um bom trabalho por conta de sua feminilidade.

Ao assumir o concurso em Luís Correia, concomitantemente, Romário foi aprovado na seleção de mestrado²¹ em Educação na Universidade Federal do Piauí no campus de Teresina, que fica a cerca de 350 km de Luís Correia. Estando ainda no período probatório, não conseguiu a licença para cursar o mestrado, no entanto, a solução dada pela secretaria de educação foi Romário não assumir a sala de aula e sim, ficar como assessor de projetos na própria secretaria de educação, sendo esta ocupação mais flexível para que ele conseguisse conciliar com suas aulas do curso de mestrado, realizadas em Teresina.

Sobre a sua sexualidade e a sua identidade, que naquele momento ela considerava-se um “gay afeminado” ou uma “bicha afeminada” como costuma denominar, ela relata que não teve muito problema em relação a isso na secretaria de educação ou nas visitas que fazia frequentemente às escolas.

Dentro da secretaria eu vivi muito fortemente minha identidade enquanto homossexual, as pessoas sabiam que eu era gay na secretaria de educação, não tinha essa restrição, as escolas que eu visitava como coordenadora ou como assessora de projetos todas sabiam, inclusive, eu ia e não tinha esse medo de visitar escolas com unha pintada, as bolsas eu me lembro que nesse tempo eu só usava bolsas a tiracolo que eram bolsas que a gente compreende como femininas, então eu tinha uma coleção de bolsas de couro e muitos adereços cheios de brilho (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Pela narrativa de Letícia, é possível identificar que ela foi respeitada em sua inserção ao mercado de trabalho. Não presenciou nenhuma falta de respeito ou discriminação por sua identidade, assim como não foi alvo de ataques ou violência por pintar as unhas, utilizar muitos adereços que chamavam atenção ou acessórios que são considerados femininos como, por exemplo, o uso das bolsas a tiracolo, em seus ambientes de trabalho. Ela ainda destaca que “nunca houve nenhum tipo de incômodo por parte da secretaria, por parte dos outros professores e nem por parte da prefeita, pelo contrário, todos sabiam da minha

²¹ Esse fato será discutido com mais informações na próxima seção.

competência, que foi uma coisa que eu aprendi também, desde esse período da secretaria” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Nesse período em que Letícia afirma ter vivido fortemente sua homossexualidade, sentia-se livre e feliz pela sua orientação sexual, no entanto, não se sentia confortável pela sua identidade de gênero, em razão de nunca se identificar com o gênero masculino.

Apesar de sempre se sentir mulher e já utilizar muitos fatores e aspectos ditos historicamente como femininos, faltava algo, ou seja, faltava a transição. Todavia, essa transição não representa apenas “vestir-se” de mulher (como é dito no senso comum), mas sim, o que ela vai representar para todo um contexto social. Para a transição externa do cis para o trans, é exigido muito mais do que o desejo de transgredir ou transitar para o gênero que se sente confortável, acima de tudo, é preciso ter coragem de enfrentar uma sociedade normativa, opressora e excludente.

Eu sempre achei que seria uma decisão que poderia me cobrar muito pelo que eu vivia, pelo que eu decidiria viver, então eu tomei a decisão. Quando eu terminei o mestrado que minha mãe morreu, eu pensei assim: “agora eu vou batalhar para entrar no doutorado e passar em um concurso público para ser professora federal, assim que eu entrar num concurso público para ser professora federal e que eu entrar no doutorado e concluir o doutorado e encerrar o probatório, eu vou ser quem eu sempre quis ser e quem eu sou de verdade”, então eu fiz isso em 2015. Esperei, tentei uma vez um concurso, não passei, tentei o doutorado e não passei. Aí veio 2016 mais uma vez, tentei... não me lembro se tentei concurso nesse período, mas tentei doutorado e não passei (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. 2020).

Romário finalizou o mestrado em 2014, mesmo ano em que sua mãe faleceu. É possível identificar na narrativa da biografada que o sonho de ser quem ela “era de verdade”, ou seja, uma mulher travesti, era adiado em detrimento de suas conquistas profissionais, pois conseguir passar em um processo seletivo de doutorado e em um concurso federal para o magistério superior, que era seu grande foco, seria naquele momento, mais acessível para um gay afeminado do que para uma mulher travesti, pois as complicações são diversas e distintas para pessoas trans conseguirem ocupar espaços acadêmicos como a pós-graduação, assim como o mercado de trabalho, como corrobora York (2020, p. 35), ao explicar que “enquanto mulheres cis lutam por equiparação salarial, mulheres trans lutam por inserção no mercado de trabalho e uso de banheiro”.

Partindo dessa premissa, a imagem da travesti na ocupação de espaços de poder, como é exemplo das instituições de ensino superior ou qualquer outro espaço é vista e marcada pela desconfiança e pela comparação com mulheres cisgêneras, como é destacado por Andrade (2012, p. 112).

Quando olham para a travesti, observando da cabeça aos pés, não estão apenas admirando ou repudiando seu lado feminino, estão procurando a anatomia sexual do nascimento. Quando perguntam sobre a origem, não estão querendo saber de sua autoconstrução poética, não estão querendo saber de sua estética, estão querendo saber de sua genética, dos pares de cromossomos XX ou XY, dos genes, de sua - essência biológica.

O mercado de trabalho ainda é o grande espaço de exclusão de pessoas trans. O fato de Romário adiar sua identidade de mulher travesti, a partir da transição externa, não era uma decisão fácil de ser tomada, pois havia muitos aspectos a serem considerados e um deles seria o medo pela rejeição no mercado de trabalho.

Cumpramos destacar que quando se fala em transição de pessoas trans, esta acontece em dois momentos - o interno e o externo - que compreendemos que primeiro ocorre uma transição interna, ou seja, a transição de Letícia não se deu apenas quando começou a deixar o cabelo crescer, a pintar as unhas ou a vestir roupas, que historicamente são destinadas ao gênero feminino, mas sim, começou com o próprio reconhecimento de uma não identificação com o gênero masculino desde as suas primeiras lembranças de vida. A transição externa acontece por um processo de tentativa de aproximação com a aparência do gênero hegemônico do qual o sujeito identifica-se, como é enfatizado por Jessyka, “*a transição se dá a partir desse momento que você se vê, você se reconhece para além das indumentárias femininas, para além dessas performances*” (JESSYKA RODRIGUES, entrevista em 24 de ago. 2021). Ela ainda complementa que:

Tem umas que demoram mais e a gente compreende por essas questões culturais e econômicas também. A gente sabe que a partir do momento em que você transgride essa trincheira você sofre retaliações. Não é fácil você entrar no mercado de trabalho sendo uma pessoa trans, mesmo você tendo o currículo lindo as pessoas não olham para a sua potência, para a sua habilidade, para o seu currículo; elas não olham para a sua identidade, porque a sua identidade está conforme a tudo aquilo que emprega naquela empresa (JESSYKA RODRIGUES, entrevista em 24 de ago. de 2021).

Essas retaliações mencionadas pela entrevistada são vindas de diversos ambientes em que uma pessoa trans esteja ou venha a frequentar, seja no ambiente familiar, seja em espaços sociais como a escola, as instituições religiosas, espaços públicos, isto é, todo e qualquer espaço em que a heteronormatividade esteja presente.

Um aspecto importante destacado na narrativa acima é a problemática da identidade de pessoas trans para adentrar ao mercado de trabalho. Como dito anteriormente, Jessyka também é travesti e durante a entrevista, que seria direcionada apenas sobre sua

relação com a biografada, esta também relatou algumas experiências tanto individuais como coletivas que não se resumem somente as suas subjetividades, todavia, do mesmo modo alcançam as singularidades de Letícia assim como de outras pessoas trans.

O fato de uma pessoa ter uma identidade trans é motivo para anulá-la enquanto ser humano, cidadão e profissional, sendo muitas vezes, ignorados seus conhecimentos, suas habilidades e competências. Um estudo realizado por Almeida e Vasconcelos (2018, p. 310), cuja temática abordada versa sobre a inserção de pessoas trans no mercado de trabalho, foram elencados vários fatores que dificultam a entrada desses sujeitos em ocupações formais, quais sejam: “preconceito e transfobia; documentos, tais como registro civil e certificado de reservista; uso de banheiro, vestiário e uniforme; baixa escolaridade e evasão escolar involuntária; e linguagem corporal e verbal”.

Partindo desse ponto, podemos inferir que a transição de pessoas trans, muitas vezes, é adiada por receio de todos os fatores acima elencados, uma vez que diante do contexto capitalista vigente, ter acesso ao mercado de trabalho é algo primordial para a sua subsistência e se a transição representa uma ameaça de perda de seus empregos ou até mesmo uma negativa antes mesmo de conseguirem ser empregados, a solução, infelizmente, é adiá-la (REIDEL, 2013). Todos esses fatores citados, quando analisados isoladamente geram intensas discussões que não cabem nesta pesquisa, mesmo alguns deles perpassando à vivência da biografada.

Romário tentou algumas vezes a aprovação tanto no doutorado como no magistério superior sempre com respostas negativas e, enquanto isso e, devido a isso, sua transição não ocorria. Entretanto, em 2017, quando estava como professor substituto no curso de pedagogia na Universidade Estadual do Piauí, no campus de Parnaíba, com o componente curricular de orientação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a partir das orientações cujas temáticas eram sobre gênero e sexualidade começou a encorajar-se sobre seu processo de transição, como ela relata:

Quando chegou em 2017 eu pensei assim: “o tempo vai passar e eu continuo sem ser quem eu quero ser”. Nesse tempo eu era professora substituta da UESPI, a estadual do Piauí em Parnaíba e aí nesse período eu estava orientando um TCC com a temática de gênero e sexualidade. Quer dizer, um não, dois e nessas orientações eu comecei a criar muita coragem, porque eu estava orientando alunos que pesquisavam o que eu queria, eu já era uma professora conhecida na UESPI, apesar de ser substituta eu era uma referência na área de gênero, na área de educação... sempre participava dos congressos, inclusive dos outros cursos, do curso de história, do curso de filosofia eu era convidada para palestrar, para dar minicurso, então eu me sentia muito prestigiada e aí eu comecei a perceber que eu não precisava ser concursada e que eu não precisava ter o doutorado para ser quem eu era; que as pessoas teriam que continuar me respeitando como eu sou e foi quando eu comecei, na defesa desses meninos, eu convidei a professora Sara para ser da banca deles dois e na defesa na UESPI foi a primeira vez que eu me

apresentei como professora Letícia Carolina e aí eu fui para a defesa dos dois como Letícia e aí foi linda a defesa deles (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Percebendo que já era reconhecida no meio acadêmico em que convivia, uma vez que desde 2014 era professor substituto tanto na UESPI como na UFPI, Romário já tinha conquistado o público acadêmico de vários cursos, tanto pelo prestígio enquanto professor pesquisador da área de gênero, pois fazia palestras e minicursos sobre a temática, como o respeito em relação a sua sexualidade e, mediante essa percepção, compreendeu que sua transição de gay afeminado, ou seja, de professor Romário Ráwlison para a professora travesti Letícia Carolina não seria tão complicada como ele acreditava que seria.

A partir da primeira aparição de Letícia Carolina na defesa de seus orientandos na UESPI, Letícia começou a frequentar eventos, palestras e outras defesas, no entanto, ela não vivia ainda essa identidade o tempo todo, apresentava-se como gênero fluido.

Comecei a assumir o que a gente chama de gênero fluido, então em 2017 eu era gênero fluido. Eu não dizia que era travesti porque eu não vivia essa identidade o tempo todo, mas era muito dividido; você ia assistir aula na segunda-feira eu estava de Letícia, na quarta-feira eu estava como Romário. Dependia do dia, do humor, do momento, do que eu tinha para vestir e aí eu fiquei o ano de 2017 na UESPI, em 2018 passei no seletivo da UFPI, fui trabalhar na UFPI de Parnaíba e professora Letícia foi comigo e lá eu também passei a ser recebida como professora Letícia e as turmas sempre me receberam muito bem; eu não vou dizer que eles não possam ter preconceitos comigo, mas é um preconceito velado; ninguém diz isso na minha cara (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

É interessante ressaltar alguns pontos importantes nessa narrativa da biografada. O gênero fluido é entendido por Araújo, Muniz e Melo (2018, p. 68), como “uma trajetória identitária pautada não estaticidade do gênero, alargando a mutabilidade de sua identidade e propondo que, ao longo da vida podemos nos identificar com diferentes gêneros e que isso não é um empecilho, e sim mais uma possibilidade”. Na visão dos autores, existe uma fluidez nos gêneros e que estes podem ser mutáveis ao longo da vida. Não podemos inferir que essa mesma fluidez aconteceu na trajetória de Romário/Letícia, partindo da base que ele não se identificava com seu gênero desde a infância.

É oportuno ressaltar que antes de Letícia consolidar sua transição externa, passou um ano como gênero fluido e isso não implica dizer que ela não tivesse certeza em relação a sua identidade de gênero, essa fluidez normalmente acontece por um período de adaptação e depende de alguns fatores como ela mesma relatou. Dependia do momento, do dia e, também,

das vestimentas, tendo em vista que precisava substituir todas as suas roupas masculinas para femininas.

Em 2018, Letícia consolida sua identidade de gênero como mulher travesti, que foi “aceita” tanto pelo seu meio familiar, como nos locais que lecionava. Relembra que foi bem aceita na UFPI quando assumiu o cargo de professora substituta também em 2018. Já em relação a sua família, a respeito da transição, ela salienta que:

Assim, meu núcleo familiar é composto por meu irmão mais novo e minhas duas irmãs e meus sobrinhos. Então esse núcleo familiar é o que eu realmente tenho contato próximo, que a gente se comunica, que a gente está junto, que a gente marca almoço. O meu pai também tem um contato próximo da gente. Ele mora em outra cidade, mas sempre que ele vem, ele faz questão de passar aqui, então essa questão sempre foi bem tranquila com ele também, apesar de ele continuar me chamando de Romário, mas é uma coisa que eu nunca manifestei problema com ele (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio de 2021).

Apesar de ter uma família paterna numerosa e que reside no Maranhão, Letícia mantém um vínculo familiar mais próximo apenas com seus irmãos, seus sobrinhos e seu pai que também reside Maranhão, no entanto, frequenta a casa dos filhos em Parnaíba sempre que possível. Seus irmãos não se opuseram em relação à transição, assim como também o seu pai, que apesar de ainda lhe chamar pelo nome masculino, Letícia afirma não ter problema com ele em relação a isso.

Um aspecto interessante a ser destacado ao que concerne à identidade travesti de Letícia, é que ela rompe com alguns padrões que são construídos pela normatividade em relação à feminilidade hegemônica, ou seja, muitas mulheres travestis e transexuais submetem-se a alguns procedimentos estéticos como implantação de próteses de silicone e aplicação de hormônios com a finalidade de alcançar aquele padrão feminino.

Eu me sinto mulher e feminina o tempo todo, só que a minha experiência de mulher, como mulher e como feminina, ela rompe um pouco com os padrões daquilo que é esperado de uma mulher e de uma feminilidade, então eu questiono esses padrões, mas eu não tenho dúvidas de que eu seja uma mulher ou que eu seja uma mulher travesti como eu prefiro dizer [...] mesmo eu estando com barba ou sem barba, eu continuo me sentindo do mesmo jeito, como às vezes eu brinco, hoje eu ‘estou de mulher barbada’, ou seja, continua sendo mulher, só que aí eu brinco com a personagem do circo, ou seja, hoje eu estou de mulher barbada; isso depende muito do processo, do tempo... então eu faço algumas negociações dentro da mulheridade e dentro da feminilidade, mas eu não tenho dúvidas da minha identidade de gênero, não (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

É perceptível que a identidade de mulher travesti de Letícia não depende de procedimentos que modifiquem seu corpo para que estes venham afirmar sua feminilidade ou

mulheridade como ela define. Independentemente de sua genitália ou dos pelos de sua barba, ela é e sente-se mulher o tempo todo.

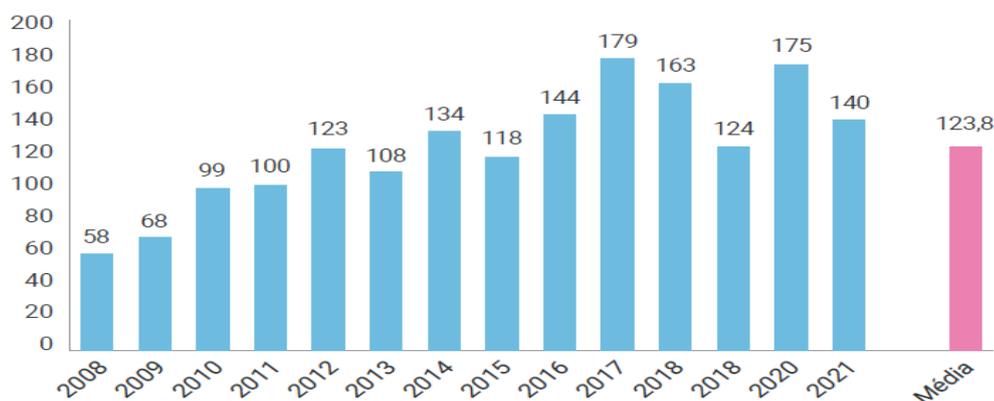
Ainda em relação ao processo de transição e suas consequências, como foi apontado anteriormente, um agravante que não podemos deixar de mencionar é a violência social no tocante às pessoas trans. É importante salientar que não estamos justificando que a violência acontece por conta da transição, pois sabemos que violência contra pessoas que fazem parte da sigla LGBTQIA+ são constantes, independentemente da orientação sexual ou da identidade de gênero, no entanto, a transição amplia o tensionamento que ela representa na sociedade normativa e opressora.

Uma das preocupações de Tícylli com a irmã é justamente o receio de Letícia sofrer algum tipo de violência, principalmente física, em outras cidades, considerando que, em sua cidade natal, todos já a conhecem e respeitam-na como mulher travesti.

Eu tenho muito medo. Tenho receio dessas pessoas que gostam de fazer violência, sem vê nem para quê, a troco de nada. Eu tenho muito medo de um dia acontecer isso com ela em outras cidades, porque aqui na nossa cidade todo mundo a conhece, ela já é bem conhecida e respeitada, mas em outras cidades... ela vai para Floriano, porque lá já é uma cidade mais violenta porque eu já vi alguns casos lá em Floriano e eu sempre tenho bastante receio de acontecer alguma coisa, alguns ataques homofóbicos (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. de 2021).

É importante destacar, a partir dessa narrativa de Tícylli, que de acordo com a ANTRA, em um dossiê temático realizado anualmente sobre “assassinatos e violência contra pessoas trans²²”, o Brasil é o país com maior número de assassinatos de pessoas trans em nível mundial com uma média de 123,8 nos últimos 14 anos, como é possível notar no gráfico 1.

Gráfico 1 – Dados dos assassinatos de pessoas trans no Brasil entre 2008 e 2021



Fonte: BENEVIDES (2022).

²² Ver mais em: <https://antrabrasil.org/assassinatos/>

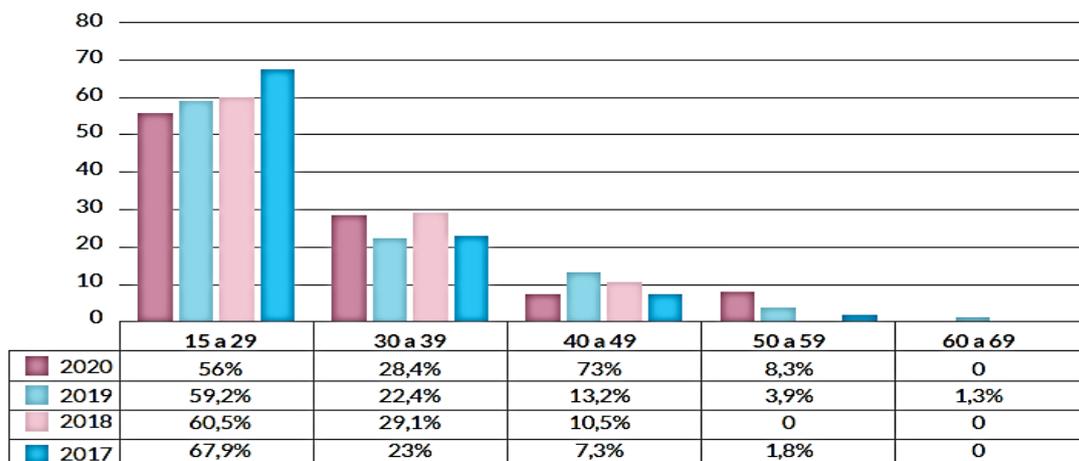
Analisando os dados do gráfico acima, podemos perceber que é um número crescente a cada ano, no entanto, não podemos afirmar que esses números são exatos, partindo do princípio de que esses dados quantificados resultam de denúncias, o que podemos inferir que, possivelmente existam outros que não venham ao conhecimento das políticas públicas de assistência a pessoas trans.

Dentre os 14 anos relatados no gráfico, o maior número de assassinatos ocorreu em 2017, com 179 casos e que esse número quase repetiu-se no ano de 2020 com um quantitativo de 175 assassinatos. É importante destacar também que esses números, muitas vezes, concentram-se em uma determinada faixa etária, posição social, questões raciais e, também, de gênero, haja vista que, de acordo com o mesmo Dossiê, são mais comuns os assassinatos de travestis e mulheres trans no Brasil, do que de homens trans ou pessoas transmasculinas, como salienta Benevides (2020, p. 49).

Uma pessoa trans apresenta, pelo menos, nove vezes mais chances de ser assassinada do que uma pessoa cisgênera. Porém, essas mortes acontecem com maior intensidade entre travestis e mulheres transexuais, principalmente contra negras, assim como são as negras as que têm a menor escolaridade, menor acesso ao mercado formal de trabalho e a políticas públicas. Travestis e transexuais negras são maioria na prostituição de rua. Proporcionalmente, são essas as que têm os maiores índices de violência e assassinatos.

Não iremos adentrar com profundidade em cada um desses casos específicos, pois é uma discussão muito ampla, contudo, é importante mencionarmos o perfil dessas vítimas por idade, partindo do princípio de que a nossa biografada, em um texto autobiográfico expõe esse medo da morte precoce simplesmente pelo fato de ser uma mulher travesti quando afirma que “desafiar a morte e viver é um ato de resistência contra a cis/hetero/branco/magro/normatividade que me quer morta” (NASCIMENTO, 2020, p. 03). Esse desafio anunciado por Letícia não é vivido apenas por ela, mas por uma maioria de travestis e mulheres trans que lidam com o medo de morrer cotidianamente.

No Gráfico 2, também extraído do Dossiê “assassinatos e violência contra pessoas trans” de 2021, podemos compreender a faixa etária recorrente aos assassinatos ou até mesmo a “expectativa de vida” de uma pessoa trans no contexto nacional.

Gráfico 2 – Perfil das vítimas por idade

Fonte: BENEVIDES (2022).

De acordo com o Gráfico 2, a faixa etária de maior número de assassinatos é entre 15 e 29 anos de idade, seguido da idade entre 30 e 39 anos. Esse não é um dado somente do contexto atual, haja vista que Benevides (2020, p. 39), enfatiza que “a morte prematura de jovens (15 a 29 anos) por homicídio é um fenômeno que tem crescido no Brasil desde a década de 1980, de acordo com o Atlas da Violência 2020”.

Esses assassinatos ou essa perseguição a pessoas trans no Brasil ocorre em todas as regiões, no entanto, de forma desigual, sendo que, em 2020, a região nordeste sobressai-se com um quantitativo de 43%, Sudeste com 34%, Sul com 8% e as regiões Norte e Centro-Oeste, cada uma com 7%. A região nordeste mantém esse ranking de liderança em assassinatos desde 2017. Importa mencionar que o estado do Piauí, estado que Letícia Carolina reside, o número de mortes de pessoas trans varia entre uma ou duas anualmente (BENEVIDES, 2020).

Existe todo um contexto estrutural de exclusão de pessoas trans no Brasil. A falta de mecanismos de enfrentamento a essas violências ocasiona um aumento no quantitativo de vidas trans ceifadas. Corroborando essa ideia, York (2020, p. 28) assevera que são necessárias:

medidas públicas que atuem na diminuição/eliminação do preconceito e das violências contra a população travesti e transexual, ampliando o acesso às políticas públicas de educação, ciência e tecnologia no Brasil, são urgentes. A morte e a violência são ferramentas políticas de composição de Estado e soberania, as organizações sociais fazem uso dessas mortes para sua composição.

A vulnerabilidade social desses sujeitos pode ser causada pela negação à vivência e ao aprendizado da cidadania, uma vez que, de acordo com Franco (2014, p. 96) são vários

os “obstáculos impostos pelos sistemas educacionais que ainda representa uma das únicas possibilidades de elevação cultural e social para as camadas menos favorecidas da sociedade”.

Pode-se inferir que a exclusão social a pessoas trans pode ser atribuída a diversos aspectos como o alto índice de humilhação, segregação, guetilização e opressão às quais essas pessoas são expostas (JUNQUEIRA, 2009; FRANCO, 2014). É necessário também elucidar que essas exclusões não acontecem de forma isolada que, conforme argumenta Peres (2009), são construídas dentro de marcadores sociais a partir da singularidade de cada sujeito, como em relação ao gênero, à sexualidade, à classe social, à etnia/raça, dentre outros fatores.

Diante desse contexto, podemos inferir que a trajetória familiar de Letícia, assim como sua escolarização, como será discutida na seção quatro, difere de algumas situações comuns a pessoas trans, uma vez que ela pôde contar com o apoio familiar em relação a sua identidade de gênero e à sexualidade, alcançando o nível superior e a pós-graduação tornando-se a primeira professora travesti da UFPI, como será discutido no tópico seguinte.

3.3 Letícia Carolina Nascimento: primeira professora travesti efetiva da UFPI

*“Nós não vamos desistir,
Nós vamos existir,
Nós vamos resistir,
A universidade pública é lugar de travesti”.*
(NASCIMENTO, 2019)

A epígrafe acima é uma fala de Letícia Carolina, que podemos compreender como um desabafo ao tomar posse no concurso público na Universidade Federal do Piauí no dia 25 de fevereiro de 2019, como primeira professora travesti efetiva da referida instituição.

Tomar posse em um concurso público em uma Universidade Federal, infelizmente é um lugar que poucos conseguem alcançar, principalmente para pessoas que são discriminadas e oprimidas ao longo de suas vidas, como a população trans. No quadro abaixo, expressamos o nível de escolaridade de pessoas trans no Brasil de acordo com os dados levantados em 2018 pelo Projeto Além do Arco-íris/Afro Reggae.

Quadro 6 – Escolarização de pessoas trans

Nível de escolaridade	%
Ensino Fundamental	56 % não possuem
Ensino Médio	72% não possuem
Educação Superior	0,02 estão na Universidade

Fonte: Projeto Além do Arco-íris/Afro Reggae (2018).

De acordo com esses dados levantados em relação ao ensino fundamental e ensino médio, considerando um quantitativo a partir de uma amostra de quem não possui esses níveis de escolaridade, podemos constatar que menos de 50% da população trans tenha concluído o ensino fundamental ou o ensino médio, o que ocasiona um número extremamente reduzido, ou seja, 0,02% que conseguem ingressar no ensino superior.

São vários os fatores que acarretam essa realidade da baixa escolarização da população trans como desestrutura familiar, preconceito, falta de oportunidades etc. (FRANCO, 2014), como será mencionado posteriormente, no entanto, enfatizamos esses dados agora para contextualizar que somente no ano de 2019 uma universidade pública do estado do Piauí teve a sua primeira professora travesti efetiva.

Letícia atuava na educação básica na cidade de Luís Correia, assim como professora substituta na UFPI, no campus de Parnaíba quando fez o concurso no final de 2018.

Outubro eu acho que foi a prova e, em novembro, a prova didática e até dezembro saiu o resultado. Eu lembro que eu estava na escola de educação básica quando eu recebi o resultado que eu havia passado na prova didática eu estava num supermercado em Luís Correia, comprando chocolates porque era o último dia de aula do ensino fundamental. Último dia de aula para quem não estava de recuperação e eu iria entregar os prêmios dos melhores escritores da sala porque eu era professora de Redação (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

É importante ressaltar que, em 2018, Letícia já utilizava o nome social e já era conhecida como professora Letícia, no entanto, a biografada fez as seleções do concurso utilizando seu nome civil, temendo que algo desse errado em relação ao seu nome social, uma vez que toda a sua documentação, na época, ainda era com o nome civil.

eu fiz as seleções e minhas grandes amigas sempre falavam: “toma cuidado, não vai fazer o concurso como Letícia, nós vivemos um momento político muito perigoso”. Bolsonaro tinha acabado de ser eleito e eu fiquei com muito medo mesmo de fazer o concurso nesse processo em que as próprias instituições públicas estavam perseguindo professores ligados à esquerda, então ter uma travesti fazendo um seletivo... isso para mim foi uma violência que eu passei, porque eu não pude fazer o concurso com a minha identidade de gênero com medo de ser rechaçada pelas pessoas que estavam no concurso, porque eu não sabia quem iria me avaliar e podia ter na banca um avaliador ou uma avaliadora bolsonarista que iria me rejeitar simplesmente por eu ser uma professora travesti (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

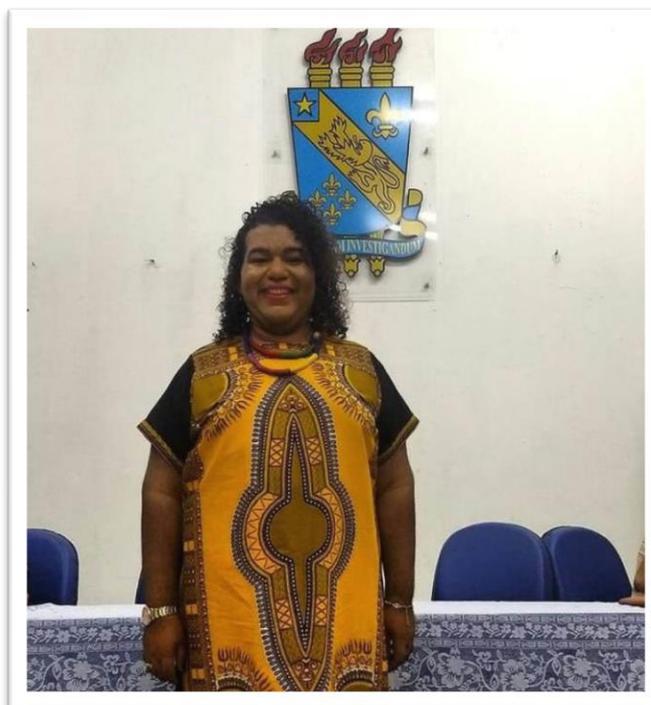
É compreensível a atitude de Letícia de ter receio de não utilizar o nome social durante as seleções, especificamente no momento atual, uma vez que existe ausência de políticas públicas que assegurem direitos mínimos à população trans. Seu direito de utilizar o

nome social foi violado por receio de uma consequência futura, ou seja, não ser aprovada simplesmente por ser uma travesti.

Assim que passou o processo que eu concluí, eu fui tomar posse e os meus amigos... [...] tu vai realmente tomar posse como professora Letícia? Como tu está pensando em ir? E aí, para não ter muita confusão eu falei assim: “não gente, uma coisa é certa, eu não posso mais ser covarde, eu tenho que ser corajosa, eu tenho que usar esse momento para empoderar as travestis negras, eu tenho que assumir a minha identidade, aquilo que eu sou nesse processo, então eu vou assumir o concurso como Letícia e vou tomar posse como Letícia” e aí eu coloquei uma cafta colorida porque eu entendia que a cafta tinha uma leitura mais fluida de gênero (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Com a aprovação, Letícia vislumbrou que não teria problemas com seu nome social e tomou posse de sua efetivação como professora Letícia Carolina utilizando uma roupa que transmitia mais uma ideia de gênero fluido, ou seja, é utilizada tanto pelo gênero masculino como feminino, como podemos observar na figura abaixo que foi registrada no dia de sua posse.

Figura 6 – Letícia no dia da posse de professora da UFPI



Fonte: Arquivo pessoal da biografada (2019).

Letícia relembra que assim que chamaram seu nome para a assinatura, ela gritou a seguinte frase: “nós vamos existir, nós vamos resistir a universidade pública é lugar de

travesti” com a bandeira trans em suas mãos como ato representativo de empoderamento para outras mulheres travestis negras e transexuais também lutarem e conquistarem qualquer outro espaço que não seja o da subalternidade em que a sociedade normativa as coloca.

Em uma entrevista cedida para a Revista Revestés (2021), Letícia relata que sempre lhe perguntam o que ela faz na universidade e ela responde:

Faço as mesmas coisas que toda professora: preencho diário, planejo aula, preparo slide, faço avaliação, publico artigos, submeto projetos de pesquisa – a única diferença é que sou travesti – a única, no meu departamento, meu campus e minha universidade. E faço questão de esclarecer uma coisa: não compactuo com ideias de meritocracia, não quero que nessa entrevista pareça que, se eu consegui chegar aonde cheguei, qualquer uma consegue. Porque isso é mentira, não é fácil e eu só cheguei porque tive condições: estudei em escola particular, tive educação de qualidade, nunca tive problemas sociais como passar fome, não ter o que vestir (NASCIMENTO, 2021, p.16).

O fato de Letícia ser uma professora travesti não a diferencia de nenhuma professora cis, ou seja, as atribuições em relação à profissão é a mesma coisa, a diferença é que Letícia é a única travesti da sua universidade em todo o estado do Piauí.

Um ponto interessante que foi ressaltado pela biografada, é que analisando sua trajetória formativa e profissional na docência, ela percebe que não é uma questão de mérito, não é pelo fato de ela ter conseguido esse espaço de poder que toda e qualquer travesti pode conseguir, não no sentido de diminuir e menosprezar a categoria de mulheres travestis e transexuais, mas pelo fato de ela ter consciência de ter tido acesso a boas instituições escolares que eram particulares, bem como sempre poder contar com o apoio familiar, fator esse que, muitas vezes, não acontece para a maioria das travestis.

Com o ingresso como efetiva no ensino superior, Letícia utiliza sua trajetória e identidade trans como *“plataforma de luta, e então eu comecei a militar nessa perspectiva”* (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020). A militância da biografada versa sobre o empoderamento de pessoas trans, principalmente no campo educacional e, além disso, atualmente é referência ao que concerne ao transfeminismo no Brasil, com o lançamento de seu primeiro livro intitulado *“Transfeminismo”*, como podemos ver na figura abaixo.

Figura 7 – Capa do livro *Transfeminismo*, de autoria de Letícia Carolina



Fonte: Instagram pessoal da biografada (2021).

O livro de autoria de Letícia foi lançado em maio de 2021 e, de acordo com a Editora Jandaíra, já possui aproximadamente 5.000 cópias²³ vendidas entre impressos e e-books. O livro faz parte da coleção *Feminismos Plurais* coordenada pela filósofa e feminista negra Djamila Ribeiro. Conforme Ribeiro (2021), essa coleção tem o objetivo de trazer para o público questões relevantes referentes a diversos feminismos de forma didática e acessível, elencando, principalmente, produções de grupos historicamente marginalizados e que são sujeitos políticos.

Letícia aborda em *Transfeminismo*, a construção da cidadania de travestis e transexuais a partir de seus próprios saberes e experiências, aprofundando e ampliando a compreensão das feminilidades e das mulheridades existentes, bem como desconstruindo um feminismo que representava apenas mulheres cisgêneras, incluindo mulheres travestis e transexuais em um transfeminismo.

Importa ressaltar a importância de Letícia, assim como outras professoras trans que se destacam tanto no ensino superior como na educação básica por trazerem discussões

²³ Dados fornecidos pela própria editora para a pesquisadora Maria Aparecida Alves no dia 01 de outubro de 2022.

com temáticas pertinentes ao público trans em geral, principalmente para o público acadêmico, porque a ruptura com os padrões normativos só acontecerá a partir do conhecimento e da compreensão da diversidade, pois conforme Dias (2020, p. 340):

As pessoas trans* estão desenvolvendo uma epistemologia trans*, potencializada por suas existências, vivências e saberes. A escrita trans* é um potente instrumento de transformação social e de questionamento do conhecimento produzido sobre trans* por pessoas cisgênera²⁴.

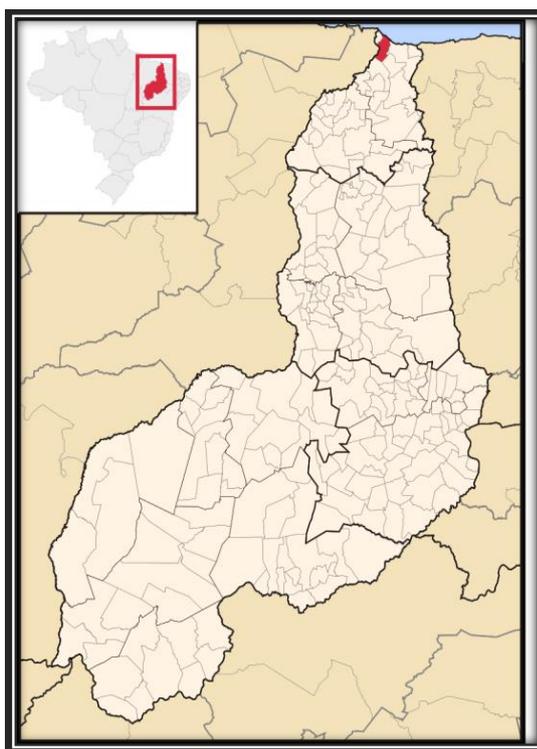
Partindo dessa base, na próxima seção, discutiremos as vivências de Letícia Carolina durante a sua trajetória estudantil, enfatizando não só o contexto educacional, mas também, todo um imbricamento social que permeou suas experiências educativas.

²⁴ Mantivemos os asteriscos por ser uma citação original, em que o autor tráz-los como um indicativo das muitas possibilidades de identidades.

4 TRAJETÓRIA FORMATIVA

Esta seção debruça-se especificamente sobre a escolarização da biografada no que concerne às escolas que fizeram parte da sua trajetória educativa. Para tanto, faz-se necessário também situar o local onde Letícia nasceu e escolarizou-se, sendo esta a cidade de Parnaíba, no litoral do estado do Piauí, como podemos ver sua localização no mapa abaixo.

Figura 8 – Localização de Parnaíba no mapa do Piauí



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Parna%C3%ADba> (2021).

A cidade de Parnaíba, desde o século XIX, é considerada privilegiada por sua localização ao norte do estado, principalmente por ser litoral, uma vez que tinha mais abertura para entrada e saída das atividades comerciais, pois “o desenvolvimento comercial do litoral piauiense tornou-se um diferencial local, pelo intenso comércio de produtos do extrativismo vegetal e derivados do gado vacum²⁵” (ALVARENGA, 2017, p. 195). Corroborando essa ideia, Mendes (2007, p. 31) afirma que “em Parnaíba formou-se uma sociedade diferente em sua organização social, produção econômica e na forma de ver o mundo”.

Desde o século XVIII, sendo a principal porta de entrada de cunho marítimo do Piauí, seja pelo mar, seja pelos rios Parnaíba, Igarçu e Portinho, a antiga Vila de São João da

²⁵ Referente apenas ao gado bovino.

Parnaíba, como era chamada, conectava o mundo com o sofrido sertão do restante da província, possibilitando principalmente o contato comercial com outras regiões do país e fora dele que, de acordo com Cerqueira (2018, p. 177-178):

Foi considerada na primeira metade do século XX, o principal empório comercial do estado. Essa posição foi conquistada, por meio das relações comerciais realizadas com centros comerciais brasileiros e países europeus de produtos extrativistas. As transações comerciais colocaram a cidade em uma posição de destaque, em relação às demais, faz com que sua elite comercial apoiasse e incentivasse investimentos na urbanização, higienização, construção de estradas e a fundação de escolas, especialmente católicas, de ensino primário e secundário.

É notório, no entanto, que o desenvolvimento do comércio parnaibano, principalmente o marítimo, possibilitou à cidade o acesso ao progresso fazendo com que esta se sobressaísse em relação às demais, proporcionando assim, uma melhor estrutura em diversos aspectos sociais como, por exemplo, o educacional destacado pela autora.

Atualmente, é o segundo maior município em termos populacionais do estado do Piauí, com aproximadamente 153.482 habitantes (IBGE, 2020), ficando atrás apenas da capital Teresina. Parnaíba segue uma atividade econômica baseada no comércio extrativista e no turismo desde a sua edificação enquanto município (REGO, 2010).

Destarte, após situar a cidade de Parnaíba geográfico e socioeconomicamente, considerando que nosso foco é o contexto educacional, elaboramos um quadro com o período, níveis de ensino e instituições educacionais que Letícia frequentou durante a educação básica e superior, não com a finalidade de fazermos uma história linear, mas apenas para uma melhor compreensão do leitor.

Quadro 7 – Escolarização da biografada por período

Período	Nível de ensino	Instituição
1993-1999	Escola pré-primária e ensino primário	Escola Monteiro Lobato
2000-2003	Ensino fundamental (anos finais)	Ginásio São Luiz Gonzaga (Colégio Diocesano)
2004-2006	Ensino Médio	Ginásio São Luiz Gonzaga (Colégio Diocesano) / Colégio Apoio
2007-2011	Ensino Superior (Curso de Pedagogia)	Universidade Federal do Piauí

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Toda a educação básica de Letícia, assim como de suas irmãs, foi feita em escolas particulares, como ela afirma “*Nós lá de casa, nenhum de nós estudamos em escola pública. Estudamos sempre em escola privada. No início, nós três estudamos na mesma escola, que*

foi a escola Monteiro Lobato, tanto Priscila, como Tícylli e eu, estudamos lá” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Nos tópicos seguintes, conseguiremos vislumbrar e compreender toda a escolarização que foi fomentada à biografada.

4.1 Escola Monteiro Lobato

A escolarização de Romário/Letícia Carolina iniciou aos 4 anos de idade no Jardim I, no ano de 1994 em uma pequena escola privada chamada Monteiro Lobato, que possuía da primeira à quarta série do ensino de primeiro grau, assim como a educação pré-primária como era denominada a Educação Infantil antes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9.394/1996.

Sendo a educação até meados da década de 1990 regida pela Lei de Diretrizes e Bases de nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, a educação de crianças com idade até 7 anos não era obrigatória para o estado, no entanto, os sistemas de ensino poderiam ofertar tal educação, como é estabelecido no Art. 19, § 2º da referida lei que “os sistemas de ensino velarão para que as crianças de idade inferior a sete anos recebam conveniente educação em escolas maternais, jardins de infância e instituições equivalentes”.

Nesse cenário, a educação de crianças pequenas de 0 a 6 anos, atendida por meio de creches e pré-escolas foi reconhecida em prerrogativas na Constituição de 1988 e, posteriormente, com a LDB de 1996. No entanto, o que houve antes disso, principalmente nos governos ditatoriais de Ernesto Geisel (1974-1979) e de João Figueiredo (1979-1985), em relação a esse público, foram tentativas de programas e projetos de impacto político, como o Projeto Casulo implementado pela Legião Brasileira de Assistência (LBA). Nessas tentativas e, posteriormente, fracassos de políticas públicas que atendessem a essas crianças, as instituições de cunho particular cresciam, correspondendo a cerca de 37% das matrículas, pois as famílias que podiam custear essa pré-escola para seus filhos, não mediam esforços em matriculá-los (FREITAS; BICCAS, 2009) e é nesse cenário de escola particular que a biografada está inserida.

Partindo disso, a Escola que Romário frequentou contava com o Jardim de Infância, como ela rememora com detalhes: “*do Jardim de Infância até a quarta série que naquela época ainda era quarta série, nós estudamos todos na mesma escola, que era a Escola Monteiro Lobato, uma escola de bairro. Era uma escola pequena, com poucos alunos,*

mas uma escola de boa qualidade” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Conforme a narrativa da biografada, tanto ela como suas irmãs estudaram na mesma escola primária, ou seja, a escola Monteiro Lobato que ela caracteriza como uma escola de pequeno porte, com poucos alunos, mas que era de boa qualidade. Letícia ainda relembra que fez a classe de alfabetização e que participou da formatura da ABC *“eu fiz ainda a classe de alfabetização. Então, teve aquela turminha do ABC que chamava na época [...] e eu fiz até a formatura da alfabetização”* (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Em relação às formaturas do ABC, pode-se considerar que faziam parte da cultura escolar dos Jardins de Infância no século XX e que era um momento singular na vida dos alunos, com a entrega dos diplomas de alfabetização, simbolizando a conclusão da primeira etapa de formação educacional pré-escolar, sendo a *“formatura um evento social reconhecido pela comunidade escolar, familiares e autoridades locais”* (MENDES, 2015, p. 35).

A festa de formatura do ABC da biografada não foi realizada nas dependências da escola por não ter espaço suficiente para tal acontecimento, mas sim no espaço do Serviço Social de Comércio (SESC), como ela relembra *“aqui tem um espaço, que é o SESC que geralmente as escolas fazem atividade nele, então a nossa escola todos os anos alugava esse espaço do SESC para as formaturas e demais atividades”* (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Ainda sobre a formatura do ABC, Cíntia Pinto, amiga de infância da biografada relembra que havia uma grande preparação para o dia da solenidade, muitos ensaios para a dança e para o juramento *“foi muito ensaio, foi muita pisada de pé para aprender a dançar porque tinha que dançar. O par dela era a Sarinha [...] tinha que fazer o juramento também, tudo isso tinha* (CÍNTIA PINTO, entrevista em 01 de jun. de 2021).

Após a valsa solene dos formandos, era habitual as crianças dançarem com seus familiares. Na fotografia abaixo, podemos descrever Romário vestido de terno e gravata, figurino adequado para a festa, na época, dançando com a sua mãe, em um salão ornamentado com balões coloridos e ao fundo algumas pessoas prestigiando a dança que acontecia no centro do espaço.

Figura 9 –Romário com sua mãe na formatura do ABC



Fonte: Acervo pessoal da biografada (1995).

De acordo com os relatos da biografada e de sua amiga Cíntia, a festa de formatura do ABC na escola Monteiro Lobato já era uma tradição que fazia parte da cultura escolar da instituição, levando-nos a perceber que esse tipo de solenidade era uma prática comum para os Jardins de Infância da década de 1990. Ao que concerne à cultura escolar, Julia (2001, p. 10) assevera ser:

Conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Partindo dessa base, a cultura escolar permite-nos conhecer não só as normas, condutas e práticas que aconteciam outrora em uma instituição, mas também entendermos o papel social da escola e sua contribuição para a sociedade. Trazendo isso para a discussão da

formação de Letícia Carolina, percebe-se que iremos adentrar à cultura escolar das instituições que a biografada frequentou.

A Escola Monteiro Lobato era localizada no bairro Nova Parnaíba próximo à casa de Letícia, que era residente do bairro São José, na época, como relembra Cíntia: “*era próxima as nossas casas. Ela morava no Bairro São José e eu morava também no bairro São José [...]. A Monteiro Lobato ficava no bairro Nova Parnaíba. Era um bairro próximo um do outro, colado*” (CÍNTIA PINTO, entrevista em 01 de jun. de 2021). Cíntia ainda relembra que “*era um prédio com dois andares. Um pátio amplo na frente. De um lado a secretaria, do outro, a diretoria [...] onde ficava a tia Teresinha que era nossa diretora*”. A tia Teresinha era a diretora e dona da escola.

Por ser uma escola tradicional e a década de 1990 ser o período em que o Brasil ainda estava passando por um momento de redemocratização por ter saído recentemente de uma ditadura militar, Letícia relembra como era a rotina ao chegar à escola primária:

A gente cantava o hino nacional, principalmente no período do Sete de Setembro. Durante todo o ano, acontecia uma vez por semana, mas em setembro, era tradicional a gente cantar o hino em fila, ficar nas filas, pelo menos eu não lembro tanto o ano todo, era tradicional a gente chegar e ficar nas filas no pátio e quando tocava a campã todo mundo ficava em fila no pátio, às vezes, a diretora falava alguma coisa e aí a gente ia em filas para as salas, as salas nossas; e aí a gente ficava nas salas (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

O rito que era seguido pelos alunos ao chegar à escola, de ficar em filas no pátio, cantar o hino nacional e ir para as salas de aula enfileirados, era uma herança de uma educação moldada nos princípios da moral e do civismo, cobrado e imposto, principalmente durante o período militar, em que os alunos tinham que demonstrar respeito à pátria e à escola, era visto como um aparelho de reprodução e de vigilância de uma sociedade construída nos pilares do conservadorismo, pois de acordo com Abreu e Inácio Filho (2006, p. 133), “a escola era o centro das atividades cívicas, dela o civismo deveria irradiar para toda a comunidade; assim planejava o Estado”.

Ainda sobre essa rotina inicial da escola, outro ponto que também fazia parte dela, era a oração, como relata Cíntia “*era aquela coisa da fila, cantava o hino, tinha a oração também [...] não era adotada por todas as séries, mas tipo, primeira série e segunda série tinha*” (CÍNTIA PINTO, entrevista em 01 de jun. de 2021). Elucida-se, no entanto, que esse hábito da oração em algumas séries na escola Monteiro Lobato não acontecia só por sua proprietária, Dona Teresinha, ser católica, mas também expressa a forte presença da religião

na escola desde outrora, uma vez que a religião esteve imbricada com a educação a contar da época do Brasil colônia (ARANHA, 2012).

Em relação à série de alfabetização, Cíntia relembra com detalhes do material didático que era a “cartilha de alfabetização” e do manejo rígido e exigente da professora “tia Girlene”.

Eu lembro da cartilha da alfabetização. Eu lembro do livro em si, que era um livro alto de arame vermelho e tinha a divisão silábica, o alfabeto, ela ia conduzindo... era a tia Girlene. Ela era assim, bem exigente! Foi a primeira professora que nós tivemos exigente. No jardim I era a tia Jaqueline, no Jardim II era a tia Bené e na alfabetização era a tia Girlene e ela cobrava muito da gente. E aí a Tia Girlene conduzia muito dessa forma, separação, pedia para cada um fazer a leitura daquilo soletrando. Ela era bem tranquila. Exigente, mas era uma excelente professora (CÍNTIA PINTO, entrevista em 01 de jun. de 2021).

A Cartilha foi utilizada durante muito tempo no Brasil e consistia em um método de alfabetizar crianças, sendo um agrupamento de lições e que “cada lição parte de uma palavra-chave, ilustrada por desenho. Desta palavra, destaca-se a primeira sílaba e, a partir dela, desenvolve-se a sua respectiva família silábica” (MENDONÇA, 2011, p. 30). Mesmo sendo um método consolidado, foi bastante criticado por limitar a visão de mundo e o conhecimento prévio do aluno, reduzindo seu conhecimento apenas à memorização e à decodificação de símbolos descontextualizados da realidade da comunidade estudantil (CAGLIARI, 1999).

Finalizando a etapa de educação pré-escolar, ou seja, Jardim I, Jardim II e classe de Alfabetização, Romário inicia a primeira série do ensino primário em 1996, na mesma escola, Monteiro Lobato, na qual permaneceu até a quarta série primária, uma vez que a escola só ofertava até a referida série.

Para melhor compreensão sobre a educação no Piauí na década de 1990, especificamente do ano de 1996, ano de ingresso da biografada no ensino primário, trouxemos no quadro com o percentual de matrículas por dependência administrativa.

Quadro 8 - Matrículas na primeira série do Ensino Primário no Piauí em 1996

Número de Matrículas	Dependência administrativa
82,9 %	Estadual
13,7 %	Municipal
3,4 %	Particular

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) (2000).

Podemos analisar, no entanto, que a dependência administrativa que mais ofertava o ensino primário na década de 1990 era a rede estadual, uma vez que o Estado era o maior responsável por esse nível de ensino, obtendo uma média de 82,2% das matrículas escolares. Já a rede municipal, correspondia a 13,7% das matrículas e apenas 3,4% estavam matriculadas na rede particular de ensino, dependência administrativa que Letícia fazia parte.

Percebemos que a maioria da população piauiense em idade escolar estava matriculada em escolas públicas. Diferentemente dessa maioria, Romário estava inserido na rede particular de ensino, mesmo não sendo de família com muitas posses, uma vez que seu pai atuava no setor comerciário e sua mãe era dona de casa ocupando-se com o cuidado da casa e dos filhos, a escolarização dos filhos era prioridade, mantendo-os em boas escolas privadas na cidade de Parnaíba.

Um ponto importante a destacar nessa época sobre a educação piauiense, é a taxa de analfabetismo. Sabemos que a educação brasileira desde o período colonial é marcada pelo analfabetismo, visto que a pouca escolarização que existia era destinada às elites (econômica, política, religiosa) e isso se repetiu no período imperial, começando a avistar algumas mudanças no início do século XX com a República (GONDRA; SCHUELER, 2008).

Com a finalidade de situarmos a conjuntura educacional da última década do século XX, trouxemos no quadro abaixo, a taxa de analfabetismo desse período elencando as esferas: nacional, regional, estadual e municipal, uma vez que esses números possibilitam-nos uma visão macro do analfabetismo brasileiro.

Quadro 9 - Taxa de analfabetismo na década de 1990

Instância Administrativa	Taxa de analfabetismo acima de 15 anos	
Brasil	18.1%	
Nordeste	26%	
Piauí	Rural	Urbana
	45,5%	20,3%
Parnaíba	20.1%	

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) (2000).

Analisando o quadro acima, observamos que mesmo com diversos programas e movimentos apresentados²⁶ e desenvolvidos na segunda metade do século XX contra o

²⁶ Experiência da Rádio-escola, no Rio Grande do Norte (1958), Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo – CNEA (1958), Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA (1958), Movimento de Cultura Popular–MCP (1960), o surgimento do Método Paulo Freire (1961), Movimento de Educação de Base – MEB (1961), Campanha Pé no Chão também se Aprende a Ler (1961) e, em 1963, houve a experiência de alfabetização do educador Paulo Freire em Angicos/RN. Mobral na década de 1970 (BRAGA; MAZZEU, 2017).

analfabetismo, o quantitativo de analfabetos na década de 1990 evidencia que essas ações não atingiram seu objetivo, uma vez que a taxa de analfabetismo na referida década em nível nacional equivale a 18,1% da população em idade escolar, o que nos leva a considerar que esse reflexo na educação é fruto de outros aspectos sociais, como “situação de pobreza, exclusão e baixo desenvolvimento econômico” (BRAGA; MAZZEU, 2017, p. 25).

É interessante mencionar que, no início da década de 1990, o Brasil vivia um momento de redemocratização, fragilidade política e econômica marcado não só pelo governo Collor²⁷, mas também pelas medidas adotadas durante a ditadura militar nas duas décadas anteriores. Além disso, o Governo de Fernando Henrique Cardoso, a partir de 1994 de acordo com Fonteneles e Sousa Neto (2019, p. 191) “passou a defender a diminuição de investimentos na aplicação de programas sociais ou então a descentralização na sua aplicação, em relação aos estados e municípios”. Na esteira desse argumento, essas políticas implantadas pelo governo FHC, contribuíram de forma direta para a fragilização em diversos contextos, entre eles, o da educação.

Já a Região Nordeste apresenta um quantitativo de 8% superior à média nacional, ou seja, totalizando 26% de analfabetos. Por ser a maior região do país em número de estados e, a maioria desses estados serem castigados por diversos fatores, como o desprezo político em relação a políticas públicas sociais, assim como por fenômenos naturais como os longos períodos de estiagem que ocasionam as grandes secas (SANTOS; PALES; RODRIGUES, 2014), a educação nordestina torna-se frágil, haja vista que os fatores econômicos refletem sobremaneira no contexto educacional.

No que concerne ao estado do Piauí, o analfabetismo também é expresso em números elevados, principalmente na zona rural, fato que nos chamou atenção. O Piauí, diferente de outros estados, teve sua colonização tardia e, conseqüentemente, isso se estende ao seu processo de escolarização, como assevera Silva (2008, p. 83).

A colonização do Estado do Piauí tem suas origens nas fazendas de gado implantadas após conquista destas terras pelos aventureiros da Casa da Torre na Bahia, no final do século XVII. Os seus primeiros habitantes formavam uma população composta principalmente por vaqueiros, que pelo seu próprio ofício não sentiam necessidades de uma instrução formal.

²⁷ Presidente do Brasil entre os anos 1990 e 1992, sofrendo impeachment nesse último ano, momento em que a presidência do país é assumida por seu vice, Itamar Franco. Ver mais em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/collor-fernando>. Acesso em: 02 jul. 2021.

Partindo dessa base, a província do Piauí, que mais tarde se tornou estado, iniciou seu “povoamento” em fazendas de gado e com a concentração de pessoas em seus arredores foram-se tornando vilas, tendo como principal fonte de renda, a pecuária e a agricultura, atividades estas que não exigiam um vasto conhecimento formal para exercê-las. Contudo, percebemos que a população piauiense mantinha uma maior concentração na área rural e que o acesso à escolarização para essas pessoas era pouco ou quase inexistente, já que eram poucos os investimentos para o contexto educacional (MENDES, 2007).

Tendo esse histórico da colonização e da escolarização do Piauí como norte, podemos perceber que a falta de investimentos públicos em relação à educação no campo nesse estado tem-se mantido, visto que, na década de 1990, a taxa de analfabetismo para a população rural era de 45,5%, ou seja, quase metade da população residente nessa área era analfabeta, o que nos leva a entender que são vários os fatores que contribuem para que esse número seja elevado.

No que tange a esses fatores, elencamos alguns como as dificuldades que essas pessoas residentes da área rural enfrentam para frequentarem a escola, uma vez que seu tempo é destinado para a agricultura e a pecuária de subsistência, sendo que os filhos precisam ajudar seus pais nos processos da lavoura como plantar e colher; a falta de investimentos públicos em escolas, principalmente em relação à estruturação dos prédios, mobília, materiais escolares e a precariedade na formação de professores são elementos que contribuem para a falta de escolarização no meio rural piauiense, ocasionando um alto índice de analfabetismo (SILVA, 2018).

Quanto ao analfabetismo urbano no Piauí, a taxa corresponde a 20,3%, o equivalente a menos da metade do analfabetismo rural (45,5%), em que mais uma vez notamos o desprezo à educação que acontecia no campo, mas não só no campo, uma vez que se percebe que essa porcentagem de analfabetos no Piauí, relativo à sua população, ainda era maior do que a média nacional que equivalia a 18,1%.

Nesse período, o Piauí teve como governante, por dois pleitos consecutivos, Francisco de Assis Moraes Sousa²⁸, conhecido como Mão Santa, que ao assumir o governo em 1995 fez um levantamento sobre a situação educacional do estado, em que pôde fazer a seguinte análise:

²⁸ Atualmente é prefeito da cidade de Parnaíba, desde 2017, assim como também já foi prefeito desta mesma cidade entre 1989 e 1992. Foi Governador do Piauí pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), durante 8 anos, sendo de 1995 a 2002. Ver mais em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-assis-de-morais-sousa>. Acesso em: 02 jul. 2021.

Compõe-se de um parque escolar de 1.593 estabelecimentos de ensino para atender à demanda desde o pré-escolar ao 2º grau (urbano e rural); dispõe de um quadro de 15.203 professores, atende a cerca de 318 mil alunos no Ensino Regular, e o Ensino Supletivo atende a uma clientela de 40 mil alunos. A infra-estrutura física encontra-se, todavia, profundamente danificada (PIAUI, 1995, p. 30).

Partindo dessa mensagem, que foi enviada pelo governador à Assembleia Legislativa do Piauí, em que esta diz respeito ao panorama em que se encontrava a educação piauiense, nota-se que a situação era crítica, principalmente no que concerne à infraestrutura das instituições. Corrobora essa ideia, (FONTENELES; SOUSA NETO, 2019), a existência dos atrasos salariais dos professores, assim como os baixos valores, que ocasionavam greve dos servidores da educação.

O percentual de analfabetismo da cidade de Parnaíba corresponde a 20,1%, quantitativo que difere da média estadual por apenas 0,2%, é explicado praticamente pelos mesmos motivos recorrentes ao estado, haja vista que a educação, em maior parte nessa época, como vimos anteriormente, era fomentada pela rede estadual de ensino.

Abordamos essa contextualização sobre o analfabetismo a partir de uma visão nacional para a municipal, para compreendermos e refletirmos o cenário em que a nossa biografada estava inserida, o que podemos perceber a desigualdade em torno do acesso à educação, ocasionado por outros diversos fatores sociais. No estado do Piauí, ficou evidente que nem todos em idade escolar tinham acesso e permanência no processo de escolarização, principalmente quem residia na zona rural e que, além disso, evidenciamos também que apenas uma pequena parcela da população tinha o privilégio de frequentar escolas particulares, como era a realidade da biografada.

Voltando à rotina escolar de Romário no ensino primário na escola Monteiro Lobato, Letícia destaca que a referida instituição era localizada próxima à casa de sua avó e por isso, antes mesmo de sua mãe biológica falecer, ela já passava a maioria do tempo com a sua avó, como rememora “*o Monteiro Lobato era muito próximo daqui, então, como a gente sempre estudou perto e o colégio era de manhã, pra acordar cedo, a mamãe deixava a gente ficar dormindo aqui meses e meses*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Em relação às práticas educativas da escola, a biografada relata que:

Nós gostávamos muito de lá, porque nós sempre desfilávamos muito no Sete de Setembro. Era uma escola que era muito envolvida com arte; tinha muito projeto de cultura por conta de ser também do Monteiro Lobato a gente lia muito o Monteiro Lobato, tinha a coleção completa, então tinha muito estímulo para a

leitura também na escola (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

A partir dessa narrativa, podemos perceber que Romário tinha um apreço pela escola pelo que esta proporcionava aos seus alunos, visto que valorizava projetos culturais com ênfase, principalmente ao incentivo à leitura que, como ela mesma ressalta, o próprio nome da escola por ser de um escritor brasileiro da literatura infantojuvenil, Monteiro Lobato, fazia alusão ao desenvolvimento de projetos que envolvessem o estímulo à leitura.

É importante notar que esse incentivo à leitura nas primeiras séries escolares oportuniza ao aluno um maior desenvolvimento do senso crítico e reflexivo, posto que, para Pereira (2007, p. 5), “a literatura infantil possibilita, ainda, que as crianças consigam redigir melhor desenvolvendo sua criatividade, pois, o ato de ler e o ato de escrever estão intimamente ligados”.

Em relação a uma prática da escola que era bem corriqueira que é citada nas narrativas da biografada é o período do Sete de Setembro, em que ela destaca que “*era sempre tradicional o desfile do Sete de Setembro; a escola se organizava toda, todos os anos a gente saía em alguma ala, era muito bonito*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020). Corroborando com esse relato de Letícia sobre o desfile cívico, Cintia também ressalta que:

Sempre desfilávamos. Era a alegria para todas nós, era um momento de exibição mesmo, a gente sempre ficava ansiosa. Era no centro da cidade, na Praça Santo Antônio, com as autoridades olhando. Isso era um marco para a gente, a questão do desfile. Todo mundo tinha que desfilar bem, todo mundo estava ali olhando e muita foto, coisa que a gente não vê hoje... nós éramos estrelas... “lá vem o Monteiro Lobato...” eu lembro muito disso (CÍNTIA PINTO, entrevista em 01 de junho de 2021).

De acordo com a fala da biografada, o desfile cívico era um momento singular e histórico para os alunos que participavam. Buscavam sempre desfilar bem, pois sabiam que estavam sendo observados por boa parte da população que estava ali presente, como ela cita, as autoridades. Vale destacar que essas festas ou comemorações cívicas estão presentes na cultura das escolas brasileiras desde o início do século XX, nos primeiros anos de república e possuía a finalidade de construir uma memória histórica por meio de tradições nacionais (BITTENCOURT, 1994).

Como a biografada citou em linhas anteriores, todos os anos a escola desfilava em alas diferentes. A fotografia abaixo foi registrada pela mãe de Letícia no ano de 1994, em que Romário desfilava em uma ala específica sobre a Copa do Mundo de 1994, em que o Brasil

foi campeão mundial pela terceira vez. Era um pelotão composto por meninos e meninas em que todos estavam caracterizados em cores que simbolizam a bandeira do Brasil, sendo um short verde e uma camiseta amarela em que estava escrito “Valeu, Brasil”, como gesto de agradecimento à seleção pela conquista do tetracampeonato.

Figura 10 – Desfile cívico de Sete de Setembro



Fonte: Arquivo pessoal da biografada (1994).

Os desfiles cívicos sempre aconteciam pela manhã, no Centro da cidade, especificamente no Centro Cívico, como relembra Letícia:

A gente passava primeiro pelo Centro Cívico e aí o desfile encerrava na praça Santo Antônio; na praça Santo Antônio, a gente tirava fotos com outras crianças, com a família... porque como nós éramos três nessa época, os três desfilavam, geralmente, e cada um com uma roupa diferente, num pelotão diferente, então a gente tirava foto com as outras crianças e com os irmãos também (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Cumprе destacar que o local do encerramento do desfile, ou seja, a Praça Santo Antônio é considerada de acordo com o IBGE (2021), uma das praças mais antigas da cidade

de Parnaíba, abrigando grandes marcos históricos como o Monumento do Centenário da Cidade (1844-1944) e o Centro Cívico, onde acontecem desfiles e outras solenidades cívicas.

Desse modo, pela narrativa da biografada, é notório que a data do Sete de Setembro ficou marcada na memória de quem participava desse importante e histórico momento, uma vez que representava um evento significativo para a cidade, sendo registrado por meio de fotografias, principalmente ao final, em que as famílias reuniam seus filhos, assim como outras crianças para o registro fotográfico, o que podemos perceber que “nesse sentido, as festas escolares e eventos cívicos assumem importante significado para a incorporação de práticas e valores de determinada sociedade” (FILGUEIRAS; ARAÚJO, 2019, p. 42).

Letícia ainda relembra como era a rotina da escola no que concerne às práticas educativas das professoras destacando mais uma vez a recorrência da leitura e da escrita na escola Monteiro Lobato.

Eu lembro que a gente tinha livro. Eu me lembro que a gente fazia muito ditado. Essa escola era muito pequena, a Monteiro Lobato, então essa coisa do ditado perseguiu a gente até a quarta série, lá era uma coisa muito forte de leitura mesmo, a gente lia muito, era muito exercício no caderno mesmo, porque nesse tempo a tônica maior era isso. A gente tinha um caderno para cada disciplina e cada caderno tinha muito exercício (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Pela narrativa da biografada podemos perceber que os alunos tinham uma rotina extensa de atividades escolares, haja vista que possuíam um caderno para cada componente curricular e que o uso do ditado, como método para melhorar o desempenho da escrita e da leitura dos alunos, fazia parte de seu cotidiano até a quarta série.

Vale salientar que a prática do ditado remonta um passado longínquo, expresso na educação tradicional como forma, sobretudo, de avaliar e de acompanhar o nível de escrita dos alunos, no qual o professor ditava palavras ou frases e os alunos, utilizando o exercício de atenção e de memorização, transcrevia o que era dito pelo professor, tendo em vista que “a composição, ou redação, como exercício escolar, segue o mesmo padrão de realização dos exercícios de cópia e de ditado: o silêncio reina na sala de aula, é preciso concentração por parte dos alunos e o trabalho é individualizado (MONTEIRO, 2016, p. 59).

Letícia ainda complementa que,

Os exercícios, em grande maioria, eram à mão, apesar de ter o mimeógrafo na nossa escola e a gente usava muita atividade mimeografada porque tinha a entrega das atividades no final de cada semestre, também a gente fazia a capa, esse era um momento muito especial, era quando a professora passava a cada bimestre, eram quatro capas que a gente fazia. Ela entregava a atividade mimeografada para a gente e dizia: “essa é a capa das atividades de vocês desse bimestre, então

caprichem!”, então a gente fazia uma capa bem bonita porque ela ia grampear todas as nossas atividades e a nossa mãe ia receber (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

De acordo com a biografada, as atividades eram feitas à mão em seus cadernos, assim como também existiam muitas atividades mimeografadas que eram entregues ao final de cada bimestre aos pais ou responsáveis, para que estes pudessem acompanhar o desempenho escolar das crianças. Além das atividades mimeografadas feitas em sala de aula, a biografada enfatiza que *“tinha que responder as atividades no caderno, copiando do quadro, porque não eram ditadas as atividades, copiava no quadro e a gente copiando no caderno e quando a atividade chegava em casa, respondia e retornava”* (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio 2021).

O mimeógrafo, de acordo com Campos (2009, p. 15) *“foi um dos primeiros sistemas de cópias utilizados no ensino durante o século XX”*. Durante muito tempo serviu como um importante recurso didático para os professores e consistia em realizar cópias das atividades para realizar em casa, bem como as provas dos alunos. Com o avanço das tecnologias, foi substituído por instrumentos mais modernos como, por exemplo, a máquina de xerox.

Outro aspecto que também podemos perceber nessa escola, é a participação da família em algumas atividades, como Letícia cita o exemplo do Coral dos alunos, o que gerava uma comunicação maior entre as famílias e a escola.

Era uma escola assim, bem tradicional, bem familiar, onde a família era muito presente por conta do coral, inclusive, a gente às vezes conhecia as mães dos outros alunos, porque as mães iam pegar os filhos na escola, então às vezes uma mãe conversava com a outra ou as mães vinham conversar com a gente: “e aí, está tudo bem, cadê tua mãe não veio ainda te pegar não? E a gente, não.” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

É pertinente destacar que essa comunicação entre as famílias pode ser vista a partir de uma perspectiva da própria característica da cidade de Parnaíba na década de 1990. Nesse momento, ela ainda era uma cidade com pouco mais de 100 mil habitantes (IBGE, 2021), o que podemos considerar que não era uma cidade tão grande, mas também não muito pequena, no entanto, ainda carregava a tranquilidade de uma cidade interiorana que, em muitos casos, as pessoas, principalmente do mesmo bairro, comunicavam-se com maior frequência.

Em relação ao coral que Letícia citou no relato acima, era um coral que fazia parte da escola, chamado Vozes de Pardais, em que a biografada, juntamente com sua irmã, Tícylli

fizeram parte durante três anos. A imagem abaixo é uma fotografia de uma apresentação do Coral Vozes de Pardais em época natalina no ano de 1997, quando Romário tinha 8 anos.

Figura 11 – Apresentação do Coral Vozes de Pardais



Fonte: Arquivo pessoal da biografada (1997).

De acordo com Letícia, esse coral fazia parte de um projeto maior e que se apresentava na escola, assim como em outros locais em diversas datas comemorativas, como Natal e festas juninas.

A Tia Teresinha ela era a dona da escola e era cantora num coral profissional e o mesmo regente, o mesmo maestro do coral dela tinha esse projeto na nossa escola; então foi uns dois a três anos que a gente participou do coral, tanto eu como a minha irmã e a gente se apresentava tanto em festas de Natal como em festas juninas dentro da escola e fora da escola também; em algumas atividades culturais que tinha também, que o município fazia (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Podemos perceber, diante dos relatos que a escola Monteiro Lobato dedicava-se muito a atividades artísticas e culturais, valorizando as festividades que envolviam não só o coletivo escolar, mas a comunidade como um todo, como destaca Cíntia, em relação às festividades, “*tinha muita data comemorativa. Tudo era festa no Monteiro Lobato e a gente adorava*” (CÍNTIA PINTO, entrevista em 01 de jun. de 2021).

Letícia ainda relata com detalhes as vestimentas que eram usadas para a apresentação do coral que, de acordo com ela:

No Natal a gente usava a bata vermelha e a estolazinha com os pardais e durante os outros períodos essa estola permanecia, mas a bata era azul; então a gente tinha duas roupas de coral, uma azul para o ano todo e a vermelha com dourado era específica para o período natalino (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Quanto ao material escolar utilizado na escola, era fornecido pelos pais dos alunos. Existia uma lista de materiais para serem entregues no início do ano à escola. Era uma escola de pequeno porte, no entanto, possuía muitos recursos, como relata Letícia.

Porque era uma escola de bairro, mas não era uma escola pública, então tinha recursos e cada mãe, fazia parte do material escolar, entregar a resma de papel, então a gente recebia muita atividade mimeografada por isso, porque a escola além de cobrar uma mensalidade, cobrava o material escolar... era cartolina... tudo a mamãe tinha que comprar... lápis de cor, massinha... não era uma escola que tinha escassez de material para trabalhar (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 905 de junho de 2021).

Letícia também enfatiza que, por ser uma escola pequena, era bem tranquila em relação à indisciplina dos alunos e à comunicação com os familiares “*era muito tranquilo porque era uma escola pequena de 20, 25 alunos por turma, então eram bem atenciosas as professoras, as famílias participavam muito, qualquer coisa já comunicava a mãe e o pai, então não tinha indisciplina, não tinha briga, não tinha confusão*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Podemos inferir que a escola Monteiro Lobato era tranquila em relação à comunicação entre escola e família, com bons professores, com recursos didáticos que facilitava o trabalho dos professores, assim como a aprendizagem dos alunos e por ser uma escola pequena, com poucos alunos, o nível de conflitos entre eles era pouco. Todavia, precisamos analisar além disso, ou seja, o que era para Letícia, ser uma criança trans, mesmo sem saber ainda identificar seu gênero e sexualidade, estar inserida nesse ambiente regido pela heteronormatividade, pois como foi mencionado anteriormente, a escola é o principal palco da construção de uma sociedade normativa.

Sobre esses papéis de gênero e sexualidade na escola, principalmente na infância, Letícia relembra que nas primeiras séries do ensino primário era mais tranquilo, as brincadeiras não tinham divisões de gênero “*a gente brincava de correr, era pega-pega, então a gente não tinha essa coisa rígida de diferenciação de gênero, isso não me incomodava muito na escola primária [...] o problema era mais comigo por não me reconhecer como menino*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

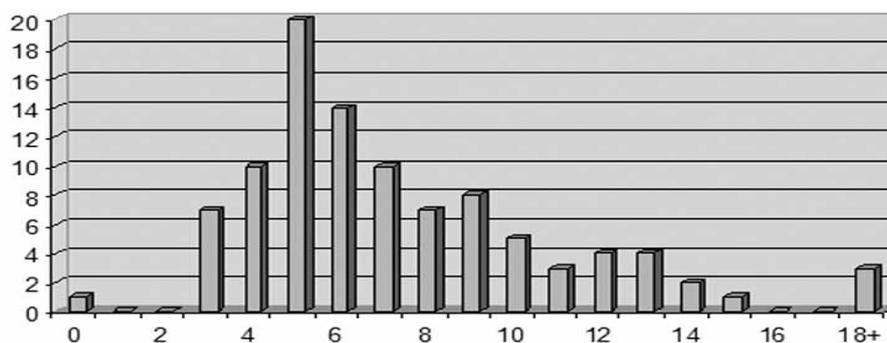
Partindo dessa ideia, a biografada afirma que no período em que frequentou essa escola primária, ou seja, entre 4 e 10 anos de idade (1994-1999), os conflitos em relação a sua sexualidade eram mais de forma interna, pois ainda não sabia discernir o que estava acontecendo e que algumas coisas incomodavam-na, no entanto, nas séries finais como a quarta série, período de transição entre a infância e a adolescência, começaram os conflitos externos também.

No Colégio Monteiro Lobato não muito, porque lá não tinha tanto isso. Não era assim tão frequente. Eu não me via em muitas coisas, mas ao mesmo tempo... de certo modo eu não entendia, então eu meio que ficava sem muita reação. Aceitava mais não... como as roupas que a gente tinha que usar nos desfiles o pelotão que eu participava, tudo isso na minha cabeça era algo que eu tinha que fazer, mas eu não tinha ainda consciência de que eu poderia querer outra coisa; eu não me sentia tão confortável, mas era algo que eu não reclamava (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Analisando o relato da biografada podemos perceber que, mesmo com pouca idade, Letícia já conseguia sentir desconforto em relação a algumas coisas que eram impostas como, por exemplo, as roupas que eram utilizadas nos desfiles cívicos do Sete de Setembro, mas mesmo com certo desconforto, ela não se impunha em relação a isso.

Em uma pesquisa realizada por Kennedy e Jesus (2010), em que seu objetivo foi compreender vários aspectos da vida de pessoas trans, especificamente do período da infância buscando identificar qual a idade que uma pessoa trans identifica-se ou nota que é “diferente” do que é ditado pela sociedade normativa, as autoras chegaram à conclusão de que não existe uma idade específica dessa transição ou “epifania” como elas preferem denominar, pois nas lembranças mais remotas de pessoas trans, elas já conseguem identificar que fogem aos padrões heteronormativos e outras conseguem perceber apenas a partir da adolescência como é mostrado no gráfico abaixo.

Gráfico 3: Idade da percepção do desacordo de gênero



Fonte: Adaptado de (KENNEDY; JESUS, 2010).

Analisando o gráfico, observamos que a percepção de “desacordo de gênero” mais frequente acontece entre 4 e 9 anos de idade, fase de maiores descobertas da vida de uma criança, descobertas sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Isso vai ao encontro da narrativa de Letícia que, desde a mais tenra idade sabia que já havia algo diferente consigo e que essa diferença ia-se ampliando com o passar dos anos a ponto de ser notada não só por ela, mas por todos ao seu redor, uma vez que os traços femininos vão aparecendo e ficando cada vez mais fortes, dificultando uma possível ocultação.

Tendo consciência da inevitável percepção dos outros em relação a sua sexualidade, Letícia buscava mecanismos de não ser vista ou conhecida apenas pelo fato de sentir-se diferente dos outros alunos, mas por ser uma aluna dedicada e inteligente, como ela relata:

No Monteiro Lobato, nos anos finais eu já comecei a sentir muito incomodada porque, na verdade, eu percebia que eu já era diferente das outras pessoas [...], mas eu sempre procurei válvulas de escape; essa coisa de ser inteligente sempre foi uma válvula de escape para mim, então eu sentia que precisava ser notada de algum modo e eu não queria ser notada por ser diferente no que tange ao gênero e à sexualidade (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Essa procura por válvulas de escape era frequente no cotidiano de Romário, uma vez que sua sexualidade tornava-se mais aparente, sua busca por meios que ajudassem a inibir o fator relacionado à sexualidade ampliava-se. Procurava ser uma boa aluna e destacar-se nas atividades escolares mesmo não sendo tão cobrada por sua avó, como ela relembra “A vovó era muito tranquila. Era livre. A gente que estudava na hora que a gente queria. Nós nunca... nenhum de nós deu trabalho na escola, em nenhum momento” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Mesmo sendo uma escola com alunos com a faixa etária máxima de até 10 anos, Cintia, amiga de infância de Letícia, relembra que já era possível identificar preconceito entre os alunos, não só em relação à sexualidade de Romário, mas também com a própria Cintia, que aos 10 anos foi diagnosticada com distrofia muscular e teve que se locomover mediante cadeira de rodas, como ela relembra.

De certa forma, apesar da inocência da criança eu entendia o que ela sentia e quando eu vim para a cadeira de rodas, ela também entendia; tipo na quarta série, eu tinha que ser transportada da cadeira de rodas para a cadeira da sala de aula, ela sempre segurava a cadeira, [...] ela sempre segurava a minha cadeira de rodas enquanto eu passava; quando eu cheguei na escola na cadeira de rodas ela foi uma das pessoas que me recebeu sem o olhar de preconceito enquanto outros nem chegavam perto. Eu lembro de uma menina da nossa sala que dizia assim: “eita,

ela deve estar com uma doença contagiosa” e a Leticia foi uma das pessoas que nunca me abandonou naquele momento é por isso que até hoje a amizade ficou, embora mudamos de colégio (CÍNTIA PINTO, entrevista em 01 de jun. de 2021).

A partir do relato da entrevistada pode-se notar que alguns alunos tinham preconceito com Cintia por ter que se locomover apenas com o auxílio da cadeira de rodas, no entanto, ela relembra que a biografada ajudava e que não tinha preconceito, uma vez que Romário também era alvo do desprezo dos colegas não só pelo fato dos trejeitos afeminados, mas também pelo fato de suas brincadeiras no horário do recreio serem com as meninas, como rememora Cintia.

Eu sempre brinquei com ela e às vezes as brincadeiras nossas eram sempre de mulher, de boneca, ela sempre pegava o meu ken e ia brincar, então a gente sempre ficava brincando. Eu adorava demais e às vezes alguns meninos passavam e diziam: “olha, o Romário tá brincando com a Cintia... olha eles estão brincando de boneca... ai outro dizia: ah mas isso ai a gente já tinha percebido, era fácil ver isso..”, então assim, uma certa maldade, apesar da idade, eu percebia que isso doía nela e às vezes eu dizia: “não liga pra eles não, deixa para lá” e ela, “não, estou nem ligando”, mas eu percebia que isso era bem doloroso. Brincadeiras bem difíceis (CÍNTIA PINTO, entrevista em 01 de jun. de 2021).

Os papéis sociais de gênero são definidos desde o nascimento da criança a partir de inúmeras características determinadas para meninos e para meninas. O lúdico tem um papel crucial nas identidades de gênero, pois existem os moldes determinados pela sociedade normativa que definem os brinquedos ou as brincadeiras de meninos ou de meninas. O desejo da criança por brinquedos ou brincadeiras que são elencadas para o gênero oposto já causa nos pais ou responsáveis certa vigilância em torno da criança, uma vez que o que se espera é que as crianças cresçam e sigam os padrões normativos de uma sociedade heterossexual.

O preconceito que Romário sofria por parte dos meninos por gostar e por identificar-se mais com as brincadeiras que são determinadas como de meninas, é fruto de uma sociedade que exige da criança uma identidade de gênero definida biologicamente e que esse discurso é ditado e reforçado incansavelmente a partir de diversas instituições como a família, a escola, a religião, a medicina etc. (OLIVEIRA, 2018).

Pela narrativa de Cintia, percebemos que a única reação de Romário, no que concerne aos ataques de seus colegas da escola, era ignorar as brincadeiras de mau gosto, embora isso a machucasse profundamente. Essa ação de ficar quieta e não revidar é uma das fortes características de pessoas que são oprimidas pelo bullying²⁹, embora na década de 1990

²⁹ No Brasil e em muitos países, diversas palavras e expressões têm sido utilizadas com sentido equivalente ao *bullying*, tais como zoar, intimidar, humilhar, ameaçar, difamar, provocar, gozar e tantas outras. Essa forma de

esse tipo de violência nas escolas, sofrida principalmente por pessoas LGBTQIA+, não passava de uma brincadeira de mau gosto, não sendo levada a sério em hipótese alguma.

Sendo um fenômeno caracterizado por atos de violência física e verbal, principalmente com crianças e adolescentes, ocorrendo sempre de forma intencional e com muita frequência, o Bullying só começou a ser alvo de discussão em território brasileiro a partir de 2005 (OLIVEIRA-MENEGOTTO; PASINI; LEVANDOWISK, 2013), o que se pode entender que no período em que Letícia ouvia de seus colegas que “brincar de boneca era coisa de menina”, sendo que para eles esse tipo de brincadeira não era adequada para ele, uma vez que seu gênero era o masculino, Romário sentia-se incomodado, no entanto, nunca revidava as ofensas que eram tidas como normais nesse período, embora incomodasse profundamente, como é relatado:

Dentro de mim eu sempre era uma criança tímida. Na verdade, esse lado que eu mostrava era uma linha de fuga para que as pessoas não me vissem desse outro modo, mas dentro de mim, eu me achava insegura, indesejada, não amada, tudo isso eu sentia dentro de mim (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

É importante destacar que no momento desse relato da biografada concedido via entrevista à pesquisadora, Letícia foi tomada pela emoção de suas lembranças de infância a ponto de chorar copiosamente ao lembrar sua infância, por lembrar que era uma criança com sonhos, que para ela eram impossíveis de serem realizados, embora fossem sonhos que pareciam pequenos como vestir um vestido ou ser chamada pelo gênero feminino.

A emoção emitida mediante o choro da biografada expressa o quão sua infância foi marcada pela insegurança, que era constante, assim como o sentimento de não ser amada pela família, pelos professores, pelos amigos e colegas de aula pelo fato de as pessoas amarem a figura masculina do Romário e não o que ela realmente identificava-se, que era a Letícia Carolina, nome que ela relembra que escolheu porque “na verdade quando eu escolhi o nome Letícia Carolina eu pensei que as pessoas poderiam me chamar de Leca porque nas novelas as pessoas sempre têm apelidos na infância e eu sempre pensei que eu poderia ser Leca... mas isso não era possível” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Na pouca percepção de Romário e, diante do contexto patriarcal e normativo durante sua infância, o sonho de um dia ser chamada por um nome feminino e, principalmente,

violência pode-se manifestar também por atos repetitivos de opressão, discriminação, intimidação, xingamentos, chacotas, tirania, agressão a pessoas ou grupos (ISOLAN, 2014, p. 69).

pelo que escolheu desde a infância seria totalmente impossível, uma vez que as possibilidades eram praticamente inexistentes.

Por não se identificar biologicamente enquanto menino e por se sentir um pouco diferente das demais crianças, embora Romário fosse uma criança quieta e tímida, que guardava suas angústias para si, Cíntia relembra que, às vezes, ele mostrava-se incomodado, mesmo não verbalizando suas inquietações, por ter que aceitar os moldes sociais impostos.

Não lembro se ela chegou a falar isso para mim, mas lembro muito das inquietações dela [...] naquela época, eu não tinha percepção, mas assim, ela não aceitava, é nítido hoje para mim, a forma de comportar-se, as brincadeiras comigo, a forma de ela ser. Ela se sentia livre quando brincava ali, no brincar, ela se sentia livre; no brincar, ela poderia ser ela, não assumia papel; não tinha que ser o Romário, podia ser o que quisesse e eu lembro muito que eu gostava de brincar com ela de boneca embaixo da escada (CÍNTIA PINTO, entrevista em 01 de jun. de 2021).

A partir da narrativa acima, é perceptível que Letícia tentava sempre manter, direta ou indiretamente, uma vigilância de seus atos e comportamentos (FOUCAULT, 1987), porque ela precisava viver a “teatralização” da figura do menino Romário, como era vista pela sociedade, e sentia-se livre quando brincava, principalmente as brincadeiras ditas de “meninas”, em que, como relata Cíntia, ela não precisava assumir outros papéis.

Outro aspecto a destacar é que, algumas vezes, Romário era alvo de chacota por parte de seus colegas na escola não só pelo fato da sua sexualidade, mas também por ser uma criança acima do peso, como ela relembra que na fotografia abaixo “eu estava de pé no carro porque não conseguia sentar, o espaço era pequeno para mim, porque nessa idade eu já era bem acima do peso” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Figura 12 - Romário em um carro de Fórmula 1 em 1994



Fonte: Arquivo pessoal da biografada (1994).

A fotografia acima foi registrada no final de um dos desfiles cívicos do Sete de Setembro no Centro de Parnaíba em que Romário recorda que, desde os cinco anos, seu peso ultrapassava a média do peso ideal para sua idade e, por conta disso, também era apontada por seus colegas, como relembra Cíntia.

Tinha demais. Muito mesmo. Diziam que ninguém ia querer namorar... “ah ninguém vai querer namorar com Romário” dizia assim: “olha a gordura...” então, às vezes tinha brincadeira [...] a professora ia dar aula, separação de sílaba, aí, por exemplo, falava a palavra baleia, aí falavam: “Romário...”. Isso aí eu lembro (CÍNTIA PINTO, entrevista em 01 de jun. 2021).

Apesar da pouca idade das crianças nessa época, já existia uma compreensão sobre o padrão de beleza que era imposto. O aceitável seria ser magro, mesmo para as crianças. O fato de ser gorda e ser chamada atenção por seus colegas, agregava mais ainda os conflitos internos de Romário, uma vez que se sentia mais excluída pela comunidade estudantil, visto que de acordo com Abrantes (2015, p. 77) “para a maioria das pessoas, inclusive para pessoas gordas, nem haveria o que questionar: gordo é tido naturalmente como recusável, sendo tomado como sinônimo de fealdade, de doença e de condição limitante de várias ordens: social, sexual, profissional etc.”.

No que tange à reação de Romário em relação ao que era dito por seus colegas, tanto em sala de aula, como nos corredores da instituição, Cíntia relembra que a única atitude dele era ficar calado, não revidava as ofensas. Algumas vezes dizia que ia informar na secretaria da escola ou para a mãe quando chegasse em casa, mas, na maioria das vezes, seu sofrimento era silenciado, “*sempre calada! Eu nunca vi a Letícia alterada. Nunca, de brigar, nunca. Ela sempre ficava calada, baixava a cabeça*” (CÍNTIA PINTO, entrevista em 01 de jun. de 2021).

Letícia, atualmente é colunista do Blog Nohs Somos³⁰ e, em uma das publicações, ela escreve uma carta (Anexo H) para seus “agressores” da infância, em que contextualiza seus medos, angústias, traumas e sentimentos dignos de serem lançados aos porões de sua memória sobre essa época de sua vida e, que, na inocência de sua meninice, não era capaz de compreender o que se passava consigo e com os outros por tratarem-na tão mal.

Na carta, eu contextualizo tudo isso, de como é ter uma infância que não é nossa de certo modo, é algo que, às vezes, é muito difícil a gente ter consciência quando se é criança, mas que depois que a gente cresce e que a gente fica voltando, olhando, a gente percebe o quanto de lacunas que ficam na gente e o quanto isso molda e o

³⁰ nohssomos.com.br/blog/

quanto é difícil que as pessoas entendam (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 maio de 2021).

É complexo, muitas vezes, compreender as crianças trans por já terem um padrão pré-estabelecido historicamente, contudo, faltam mecanismos que dialoguem com uma busca ativa por essa compreensão a partir de vários fatores e meios de transformação social como, por exemplo, a escola, que seria um ambiente de inclusão e que, muitas vezes, torna-se um ambiente segregacionista e opressor, como veremos mais adiante.

4.2 Ginásio São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano

Ao finalizar a quarta série do ensino primário no ano de 1999, Romário foi transferido para a escola COPEDI³¹ no ano seguinte, na qual permaneceu apenas durante a quinta série do ensino fundamental e, não se adaptando em tal escola pelo fato de ser uma escola bem grande e por sentir-se sozinho, uma vez que sempre estudou nas mesmas escolas que suas irmãs, mudou-se para o Ginásio São Luiz Gonzaga, conhecido como Colégio Diocesano, onde cursou da sexta série até o segundo ano do ensino médio, ou seja, permaneceu cinco anos na referida instituição, de 2001 a 2006.

É interessante destacar que quando Romário cursou o ensino primário na década de 1990, este ainda era regido pela lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, como foi dito anteriormente, no entanto, a educação brasileira, na última década do século XX, foi alvo de intensas discussões em Encontros e Conferências³² nacionais e internacionais que resultaram, em 1996, numa nova legislação educacional, ou seja, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96 que determina que a educação básica seja dividida em três etapas, sendo estas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011).

O Ginásio São Luiz Gonzaga da cidade de Parnaíba foi fundado na década de 1930, especificamente em 1937, pela iniciativa particular do Comendador Ozias de Moraes Correia como “Instituto São Luiz Gonzaga” em que objetivava a ampliação da educação da juventude masculina parnaibana, tendo em vista a necessidade do preenchimento da lacuna educacional para esse público. Inicialmente, suas atividades eram voltadas para “os cursos

³¹ Por ter passado pouco tempo nessa escola, Letícia não relatou muita coisa sobre a instituição.

³² A exemplo, pode-se citar “A Conferência Mundial de Educação para Todos” realizada em Jomtien (Tailândia).

pré-primário e primário, funcionando no ‘Centro Católico’. Em 1938, foi concedida a equiparação ao Colégio Pedro II e o funcionamento do curso ginásial” (COSTA, 2017, p. 41).

A referida instituição é de orientação católica e de cunho particular desde a sua fundação, uma vez que, no século XX, a educação pública no estado do Piauí, principalmente a educação secundária, andava a passos lentos. A cidade de Parnaíba, por ser um local que se desenvolvia mais rápido por sua posição estratégica para o comércio, possuía um progresso propício no setor educacional que, por sua vez, foram fundadas várias escolas particulares³³, pois o interesse “da elite parnaibana pelo ensino vinha apenas para suprir seus anseios e objetivos que era qualificar sua mão-de-obra e em relação ao ensino secundário, formar seus filhos para que pudesse cursar universidades fora e então assumir os negócios de família” (COSTA, 2017, p. 37).

É notório que não só a elite econômica parnaibana preocupava-se com a educação local, mas a religiosa também tinha forte influência no contexto educacional a partir de suas práticas populares visto que “favoreceu a fundação de escolas católicas na cidade, que contribuíram para a formação da juventude masculina e feminina em Parnaíba no século XX” (CERQUEIRA, 2018, p. 178).

De acordo com a página do site oficial da Diocese de Parnaíba, o funcionamento da escola foi autorizado pela Portaria Ministerial de 09 de julho de 1939, nos termos do Art. 52, do Decreto nº 21.241, de 04 de abril de 1942, tendo como inspiração no sistema preventivo de São João Bosco Preventivo que é sinônimo também de “prévio”, “preparado”, “predisposto”, de criação das condições positivas para alcançar uma meta eficaz e humanamente satisfatória e, para acontecer uma prevenção educativa, é necessário ter em vista a “Razão”, o “Amor” e a “Religião”. Partindo disso, a disciplina da escola perpassa esses três aspectos para atingir o objetivo da educação.

³³ Colégio Nossa Senhora das Graças (1907), Colégio Misto São Vicente de Paula (1901), Unidade Escolar União Caixeiral (1918), Externado Santa Inês (1927), entre outros (MENDES, 2007).

Figura 13– Fachada do Colégio São Luís Gonzaga (Colégio Diocesano)



Fonte: facebook.com/diocesanodeparnaiba/

Figura 14 – Parte interna do Colégio São Luís Gonzaga (Colégio Diocesano)



Fonte: <https://br.worldorgs.com/cat%C3%A1logo/parna%C3%ADba/escola/col%C3%A9gio-diocesano>

Nas fotografias acima, é possível observar a fachada do Colégio São Luís Gonzaga, localizado na Avenida Capitão Claro, nº 676 no Centro da cidade de Parnaíba,

localização esta que permanece desde a sua fundação na década de 1930. Nota-se que possui uma estrutura grande composta pelo térreo e o primeiro andar.

Podemos perceber que é um prédio com a arquitetura que remete às construções do início do século XX. Caracterizada por um muro baixo na parte da frente por influência europeia, considerando que o centro da cidade de Parnaíba, local que a escola está situada, é ocupado, na sua maioria, por comerciantes que marcaram a arquitetura da cidade com o estilo europeu (MOTA, 2010). Além disso, a escola apresenta janelas amplas que favorece uma boa ventilação para a parte interna da instituição, o que podemos inferir que são caracterizadas dessa forma pela cidade ter um clima quente, decorrente da sua posição geográfica.

Ao longo da segunda metade do século XX, o Colégio passou por algumas mudanças, como deixar de ser uma escola que atendia apenas o público masculino, como também, por um período, ser arrendado por alguns professores e, no entanto, em 1997, a instituição voltou para o poder da Diocese de Parnaíba (CERQUEIRA, 2018). No início dos anos 2000, período em que Romário frequentou a instituição, esta atendia toda a educação básica, como relembra Tícylli, irmã mais nova da biografada:

A gente ia a pé para a escola. Eu, ela e o nosso irmão mais novo que é o Railton Junior. O Railton foi para o Diocesano na alfabetização, porque o Diocesano são dois prédios no mesmo quarteirão. O meu irmão Juninho ficava desse lado das crianças, a gente deixava ele e eu e a Letícia estudávamos nesse outro prédio que era dos adolescentes e aí tinha que deixá-lo e pegá-lo, geralmente eu pegava, porque como a Letícia era sempre uma série maior, tinha dias que ela saía mais tarde (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. de 2021).

A partir da narrativa de Tícylli, percebemos que era uma escola de grande porte e que os três irmãos faziam o percurso de casa para a escola a pé, uma vez que a residência ficava próxima. Alguns dias da semana, Romário voltava sozinho pelo fato de seus irmãos saírem mais cedo, no entanto, ela argumenta que não havia perigo uma criança voltar sozinha caminhando pelo fato de a cidade ser tranquila e o bairro ser seguro.

É importante destacar que Romário e seus irmãos frequentaram essa escola, conhecida na cidade por formar a elite parnaibana desde a década de 1930, pelo esforço e dedicação de sua avó, que priorizava a educação de qualidade para seus netos. Nessa época, Dona Lourdes era aposentada pela sua profissão de contabilista, assim como pensionista do seu falecido marido que era funcionário da Secretaria da Fazenda, como é relatado “*minha avó/mãe botou a gente no Diocesano por ser uma das melhores daqui e por ser mais em conta também. Na época, a gente pagava, eu me lembro, acho que eram 270,00 ou 265,00 no meu ensino médio*” (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. de 2021).

Romário começou a estudar no Colégio Diocesano a partir da sexta série e permaneceu até o segundo ano do ensino médio *“eu fui fazer a sexta série lá e a Tícylli foi fazer a quinta série e aí nós ficamos no Diocesano até praticamente todo nosso ensino médio [...] O maior espaço de tempo que eu fiquei como estudante foi basicamente lá”* (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Como afirma Letícia, foram cinco anos estudando no Colégio Diocesano juntamente com uma de suas irmãs, Tícylli. Para cursar o terceiro ano do ensino médio, transferiu-se para o Colégio Apoio³⁴ *“eu fui para uma escola que era originária de um cursinho preparatório e como lá já tinha o ritmo de preparatório para vestibular, eu preferi ir para lá a ficar no Colégio Diocesano, apesar de ele ter um bom ensino”* (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Além da preparação para o vestibular, que de acordo com sua irmã, o vestibular era uma prioridade que sua mãe/avó impunha, Romário mudou-se para o Colégio Apoio também com a finalidade de melhorar o rendimento em relação às notas que tinham baixado um pouco.

Em relação à rotina da escola, Tícylli descreve com riqueza de detalhes os ritos da instituição antes dos alunos adentrarem para a sala de aula.

A gente tinha uma carteirinha, tinha que entregar para o porteiro e aí a gente entrava. Tinha um dia na semana que todo mundo, antes de entrar, tinha uma oração que a gente fazia porque era uma escola religiosa [...] então a gente fazia uma oração e cantava o hino, mas era somente um dia na semana acho que era terça-feira. No pátio da escola, o hino nacional e tinha o hino da escola também que a gente cantava São Luís Gonzaga, tinha o hino de Parnaíba e o hino do Piauí e a gente cantava os hinos, rezava um pai nosso e a gente ia para a aula. Era dividido. Na terça era o ensino fundamental, na quarta era os pequeninhos... era um dia para o ensino fundamental e um dia para o ensino médio (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. de 2021).

A partir disso, é possível perceber o rigor da instituição ao que concerne ao cumprimento de suas normas, iniciando pelo portão de entrada em que os alunos só adentravam se apresentassem e entregassem a carteirinha do estudante. É notório também que a instituição mantinha o conservadorismo da união secular entre Educação e Igreja, uma vez que se preocupava e prezava por uma educação pautada em valores religiosos a partir da oração do “pai nosso” e que buscava na simbologia dos hinos professar um respeito pela pátria, iniciando em escala em nível nacional até chegar à comunidade escolar com o hino da própria escola.

³⁴ Será discutido no próximo tópico.

No que diz respeito ao corpo docente e suas práticas educativas podemos destacar que havia uma distinção apontada por faixa etária, ou seja, os mais novos preocupavam-se em transmitir os conhecimentos mediante metodologias diversas, enquanto os professores mais velhos utilizavam mais o que tinha no livro didático, como destaca Tícylli *“tinha alguns professores, os mais novos eram mais construtivistas; os mais antigos, professores já de idade, eram meio arcaicos mesmo; copiava muita coisa”* (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. de 2021).

Quando indicado que os professores mais novos eram mais construtivistas, entendemos que a prática desses docentes em início de carreira, provavelmente seja mais dinâmica e chama mais atenção dos alunos do que os professores em final de carreira, no entanto, de acordo com Cunha (2013, p. 612), *“o professor se faz professor em uma instituição cultural e humana, depositária de valores e expectativas de uma determinada sociedade, compreendida em um tempo histórico”*. Nessa projeção, a prática docente aplicada em sala de aula é fruto de um processo formativo constituído durante um tempo e um espaço, sendo que esta precisa estar pautada em aspectos teóricos, metodológicos, práticos e epistemológicos para auxiliar a construção do conhecimento dos discentes.

São apontadas como práticas “arcaicas” dos professores mais velhos o hábito de copiar muito, de utilizar muitas atividades nos livros e nos cadernos, assim como a rigidez da professora de língua portuguesa que era tida pelos alunos como “carrasca” como relembra Tícylli,

eu tenho recordação de uma professora que também foi professora da Letícia, que era a de português [...] a Fátima Ramos, ela pegava muito no nosso pé, agora eu entendo muita coisa, sou muito grata a ela pelas dificuldades que ela impôs, porque português é muito importante” (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. de 2021).

Os métodos mais modernos utilizados pelos professores mais novos, de acordo com a irmã de Letícia, considerando o contexto do início dos anos 2000, era a utilização do retroprojeto de transparência em componentes curriculares que necessitavam de imagens, como é relatado *“na época estava surgindo aquele projetor com aquele papel transparente, utilizava nas aulas de biologia. Quando o professor chegava com aquilo ali na aula de biologia e não precisava desenhar no quadro... aquilo ali era muito bom”* (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. de 2021).

A gestão da escola na época em que Romário estudou era composta por três padres, quais sejam: padre Vitório, padre Vicente e o padre Jurandir, sendo cada um responsável por um setor na instituição.

O padre Jurandir, ele ficava responsável pelo contato com os alunos, ele era diretor mesmo, ele pegava muito no nosso pé, mas ele conversava. Ele chegava e conversava com você e entendia e aí depois ele levava você para conversar na sala dele que a gente chamava o sermão do Jurandir aí todo mundo era discípulo de Jurandir, porque gostava muito dele, os jovens; já os outros padres, o padre Vicente era responsável pela contabilidade da escola, tudo que envolvia contabilidade era com ele. O padre Vitório era responsável pela outra parte, de funcionários essa parte da diocese mesmo. Mas o padre Jurandir mesmo é que cuidava da gente; ele jogava com a gente, ele gostava muito de participar de jogos interescolares (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. de 2021).

O cuidado com a parte disciplinar dos alunos era feito pelo padre Jurandir em que se pode perceber que era um gestor flexível, que demonstrava saber interagir com a comunidade estudantil.

Diferente da escola anterior, que era de pequeno porte, com poucos alunos e que, na maioria, eram crianças pequenas, o Colégio Diocesano causou certo espanto em Romário, que teve dificuldades de adaptação, pois era uma escola grande com muitos alunos adolescentes e jovens.

Eu vinha de tradição de escolas que tinha de 20 a 25 alunos por turma e que tinham quatro salas, então você ir para uma escola que tem até o Ensino Médio, ou seja, adolescentes maiores [...] então eram no mínimo 7 turmas, cada turma com 40 a 45 alunos, então era um universo muito grande de alunos. Lá era uma escola que eu tinha muito medo (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

O fato de ser uma escola com muitos alunos e que no início eram todos desconhecidos, a insegurança era normal naquele momento, no entanto, para Romário, um fator que intensificava mais essa insegurança era o fato da transparência de sua sexualidade que frequentemente era alvo de críticas deixando-o, muitas vezes, desmotivado para permanecer na escola “*eu me sentia muito reprimida na escola, sozinha, eu sentava no fundo, eu achava que ninguém iria gostar de mim, eu desejava voltar para a minha outra escola, não queria ficar lá na escola Diocesano durante um bom tempo*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020)

Na narrativa da biografada, é possível notar que o desconforto de estar em uma escola nova não era só por não conhecer o ambiente em que estava inserida, era também o medo de não ser aceita pela comunidade estudantil e que a solução era, de certa forma,

“esconder-se” dos outros. O objetivo de sentar-se “no fundo da sala” era uma tentativa de fuga daquela realidade a qual era submetida.

Importa mencionar que essa experiência da biografada é também uma experiência vivida por inúmeras pessoas trans no ambiente escolar, principalmente na fase da adolescência. Um dos motivos da baixa escolarização de pessoas pertencentes à sigla LGBT, especificamente pessoas trans, é a falta de mecanismos para a permanência na escola. Não lhes é negado o acesso à educação, porém se o estudante não se sente confortável e apoiado no ambiente escolar em que está inserido, a permanência torna-se insustentável, ocasionando a evasão escolar (FRANCO, 2014).

Após o período de adaptação, Letícia afirma ter criado algumas táticas de “sobrevivência” na escola, mesmo diante do bullying em relação a sua sexualidade e sua aparência física, uma vez que era gorda e afeminada – como foi discutido no tópico anterior – a biografada começou a ressignificar algumas coisas, usando os atributos que se destacava em sua personalidade como, por exemplo, ser engraçada e também ser estudiosa, isso ajudava a conquistar algumas amizades, como ela rememora em linhas abaixo:

Comecei a gostar da escola, a fazer amizades e a criar algumas táticas de sobrevivência dentro da escola, então eu consegui realmente gostar da escola, apesar da violência, eu já conquistava mais as pessoas, essa coisa da desenvoltura, da piada, de ser engraçada, de ser inteligente também, isso acabou conquistando muitas pessoas e eu comecei a fazer amizades e o bullying diminuiu um pouco porque as pessoas me viam como uma pessoa popular dentro da escola (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

A aproximação e a convivência com os colegas de sala, bem como com os alunos de outras turmas, fizeram com que Romário pudesse mostrar algo mais do que sua aparência física e os trejeitos afeminados apresentavam. Nesse momento, ele conseguia aproximar-se dos professores também, que, por inspiração em alguns docentes, sentiu-se motivado a seguir a carreira docente posteriormente.

Já naquele momento ela já me inspirava a ser professora porque uma me elogiou muito, disse que eu tinha uma boa oratória, que eu falava muito bem e aquilo foi meu primeiro estímulo para ser professora. Eu me dedicava muito quando tinha feira de ciências, quando tinha gincana, quando tinha grêmio estudantil no Diocesano, sempre me candidatava ao grêmio, então isso sempre foi uma válvula de escape na tentativa de fazer com que as pessoas me notassem por isso e não por outras coisas (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2021).

A maneira desinibida de interagir com os demais facilitou um pouco seu convívio no ambiente escolar. As “válvulas de escape” como são ressaltadas pela biografada, é

entendida por Junqueira (2009, p. 26), como esforços que viabilizam uma possível inclusão diante de um cenário opressor.

Tal como ocorre em outras “minorias”, esse/a estudante tende a ser constantemente impelido/a a apresentar “algo mais” para quem sabe, “ser tratado/a como igual”. Sem obrigatoriamente perceber a internalização dessas exigências, é instado/a assumir posturas a fazer dele/a: “o melhor amigo das meninas”, “a que dá cola para todo mundo”, “um exímio contador de piadas”, “a mais veloz nadadora”, “o goleiro mais ágil”, etc. [...] Trata-se, em suma de esforços para angariar um salvo-conduto que possibilite uma inclusão (consentida) em um ambiente hostil.

O fato de contar com um grupo de amigades, significava não estar mais tão vulnerável aos ataques homofóbicos e gordofóbicos que vinha sofrendo no início, pois mesmo com suas fragilidades e repressão, mostrava-se uma pessoa popular na escola, a ponto de conseguir ser presidente do grêmio estudantil³⁵ por três anos seguidos, no entanto, antes disso, ela relata que essas agressões psicológicas eram:

uma rotina deles dentro da escola, principalmente até antes de eu encontrar um grupo de amigos e amigas que eu andava junto e que de certa forma me protegiam mais dos outros, porque eu não estava só, eles não iam tirar muita brincadeira comigo quando eu estava com todo um grupo de amigos reunidos e reunidas. Eles não iam tanto. Eu tinha que estar vulnerável que é até uma característica dos bullies, eles aproveitam o momento em que as vítimas estão sozinhas, vulneráveis. Então, ter um grupo de amigos dentro da escola foi algo fundamental (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

O grupo de amizade que Romário constituiu dentro da escola, de certa forma, o defendia dos seus agressores. Só o fato de estar enturmado com um grupo, fazia com que se sentisse seguro, proporcionando uma sensação de não estar mais tão vulnerável diante de todo o ambiente escolar. A partir do seu envolvimento com os colegas foi percebido o seu lado popular e desinibido, o que a levou pela primeira vez a concorrer à presidência do grêmio estudantil, como é lembrado:

Era sétima série e um padre novo assumiu a direção da escola e um dos projetos dele foi implantar o Grêmio Estudantil. E aí as meninas mais inteligentes fizeram uma chapa e as meninas do esporte resolveram fazer outra chapa e me convidaram para ficar na chapa delas, porque eu já tinha um pouquinho de amizade com elas e nas reuniões de planejamento a gente fazia cartaz, colava os cartazes na sala; teve um pequeno debate e nesse momento as meninas perceberam que eu falava muito bem e disseram que era melhor que ficasse na vice-presidência do grêmio e eu aceitei; nessa época eu fiquei surpresa com eles me quererem como vice-presidente

³⁵ O Grêmio é importante, pois sua principal função é democratizar a escola, ou seja, torná-la acessível e agradável para todos. Por meio dele, os estudantes ganham voz e conseguem levar reclamações e sugestões aos responsáveis pela gestão da escola. Ver mais em: <https://www.politize.com.br/gremio-estudantil/>.

do grêmio. Com o tempo, ainda no decorrer do processo eletivo, a equipe decidiu que era melhor que eu realmente ficasse na presidência do Grêmio e mudou o nome da chapa que passou a ser com o meu nome para a presidência. E aí o nosso grêmio ganhou sétimo, oitavo e primeiro ano; eu fui presidente do grêmio da minha turma, todas as vezes. A última eleição a gente nem fez campanha, a gente só botou o nosso nome e todo mundo votou na gente porque sabia que a gente ganhava mesmo (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

A desenvoltura de Romário que se deu por ter facilidade de comunicação com os demais por conta de sua boa oratória permitiu-lhe conquistar um espaço de liderança estudantil por três anos seguidos, diante de um ambiente que em maioria era de opressão e exclusão. Importa esclarecer que aqui não está se afirmando que a escola tenha esse caráter opressor e de preconceito, mas que esta deixou marcas não tão agradáveis na história de vida da biografada, no entanto, sabe-se que “o espaço escolar é ocupado por conflitos, tensões e complexidades. No convívio entre gestão, professores(as), estudantes, pais, mães, alunos(as), as questões de identidade, gênero e sexualidade são vividas de formas particulares” (SILVA; RIOS, 2019 p. 559).

Essas questões levantadas pelas autoras acima são particulares, mas, precisam de um espaço de respeito e acolhimento e a escola seria um ambiente propício a isso, espaço de compreensão à diversidade e a diferença partindo da interpretação da subjetividade de cada sujeito.

Mesmo conseguindo ter esse espaço de empoderamento na escola, as agressões psicológicas em torno de Romário diminuíram, no entanto, não cessaram, sendo estas estendidas até para sua irmã, Tícylli, como ela relembra “*os meninos começaram a tirar onda comigo ‘ah que tu é irmã do gordinho viado’, nessa época foi que eu fui começar a entender e ficar triste com isso, porque como já estavam fazendo bullying comigo então faziam bullying com ela também*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Tícylli é mais nova que Letícia e mediante os comentários maldosos proferidos a ela em relação a seu irmão começou a entender aspectos mais complexos, como, por exemplo, relacionados à sexualidade. O vínculo familiar que era regado pelo afeto na família da biografada fazia com que esta fosse protegida pelo menos em casa, no entanto, em outros meios sociais, como a escola, essa proteção é frágil e, praticamente inexistente, como explica Miskolci (2012, p. 41).

[...] muito frequentemente, nas famílias é claro você está inserido na sociedade, mas você tem um cordão de proteção em relação a muitas demandas exteriores ao círculo do parentesco. Na escola, tal cordão desaparece e é aí que descobrimos que somos acima do peso, ou magros demais, feios, baixos, gagos, negros, afeminados. Em suma, é no ambiente escolar que os ideais coletivos sobre como deveríamos ser

começam a aparecer como demandas até mesmo como imposições, muitas vezes de uma forma muito violenta.

A escola é como um “micro laboratório social” onde os sujeitos deparam-se com a diversidade e, com essa diversidade, muitas vezes, vem o desrespeito à cor da pele, o preconceito à sexualidade, a exclusão pelo contraste da classe social, o surgimento do padrão de beleza ideal e até mesmo as normas de como se deve comportar-se diante de uma sociedade que é constituída historicamente pela branquitude e pela heterossexualidade.

Um dos fatores que também faziam parte da rotina escolar de Romário, como é lembrado por sua irmã, Tícylli, é que elas tinham o hábito de não levar lanche de casa. Na hora do recreio, lanchavam na cantina da escola dando preferência a lanches não saudáveis, o que evidencia o fato de a biografada ser acima do peso “*a gente gostava de lanchar na cantina, não levava lanche de casa. Ela sempre gostou de salgado, de bomba*³⁶*... essas coisas bem gordurosas, não era muito fã de saudável não*” (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. de 2021).

Tícylli também destaca que a biografada não gostava muito das aulas de educação física que eram feitas no horário da tarde, no entanto, Romário fazia parte da companhia de teatro da escola, pois algumas atividades no teatro contavam como carga horária para as aulas de educação física.

Quando era para fazer educação física ela não curtia muito porque a gente estudava de manhã e à tarde tinha a educação física e ela não gostava [...] ela só ia mesmo para adquirir nota para passar. Ela gostava mesmo era de leitura, ela gosta muito de história, geografia, essas coisas. O que ela mais gosta é literatura, a língua portuguesa e história. Tinha o teatro e era com essas atividades que ela conseguia complementar, porque já que ela não jogava futebol, ela não jogava vôlei, não gostava... então era uma atividade, o teatro que ela conseguiu para a nota. O teatro, além de fazer parte da personalidade dela, que era uma coisa que ela gostava, ajudou também na nota, já que ela não gostava da educação física (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

A preferência de Romário pelos componentes curriculares durante a sua trajetória estudantil ia ao encontro das disciplinas que tinham um envolvimento maior com a arte. Sempre participava das peças teatrais e das apresentações do coral, tanto no ensino primário como no ensino fundamental. O aspecto performativo chamava sua atenção pelo fato de ser uma adolescente trans impedida de viver o estilo de vida que se sentia confortável e que,

³⁶ Salgado típico do estado do Piauí.

quando vivia os personagens, sentia-se mais livre, era também o momento de “esconder” de certa forma sua identidade de gênero designada no nascimento.

Letícia rememora que na escola tinha muito a valorização e o incentivo pela arte. Recorda também que não era uma das mais inteligentes da sala de aula, mas que era estudiosa e esforçada.

Eu nunca fui a mais inteligente da sala, mas eu nunca fui preguiçosa nos estudos; eu conversava também com as meninas que eram inteligentes, inclusive, nós fizemos uma coletânea de poemas e eu era uma das autoras também, escrevia poesia já nesse período [...] Além da imaginação ou era Asas da Imaginação, uma coisa assim; o lançamento que foi feito e a gente assinando o livro, autografando, meu pai foi, minha mãe foi, que foi no auditório que a gente tem lá em Parnaíba, o auditório do Sesc e aí a escola fez uma sessão solene de lançamento do livro com todos os autores, a gente botou até aquela coisinha azul da academia de letras, era só uma batinha.. todos os autores tinham uma batinha azul para demonstrar quem eram os autores do livro (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

No que tange à parte cultural da escola, além do grupo de teatro que Romário participava, todos os anos eram comemoradas duas festas tradicionais que faziam parte do calendário da instituição que é o Diojunino, sendo esta a tradicional festa junina “*os alunos preparavam uma dança, tinha aquele ensaio e a gente se apresentava e aí tinha as roupas típicas*”, e o Diofeste, que é o aniversário da Escola que acontece no mês de março. Além dessas duas, existe um dia do ano (mas não tem uma data fixa no calendário) que “*eles sempre fazem um dia religioso, a gente canta música religiosa, essas coisas, é como se fosse um dia de louvor*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

A escola também contava com outras comemorações mais simples, como o carnaval, o dia dos pais, que era festejado, muitas vezes, com café da manhã, assim como o dia das mães, em que os alunos faziam algumas apresentações e confeccionavam cartões em homenagem as suas mães.

Apesar de Romário ser desinibido, em alguns momentos, ele era um pouco tímido, posto que algumas coisas faziam parte do universo feminino, no qual eram impossibilitadas para ele, como relembra um episódio que aconteceu em uma época junina.

Foi bem interessante! No Colégio Diocesano também tinha essa questão cultural que nem sempre eu participava, porque mesmo eu sendo popular, tinha coisas que eu era tímida, como, por exemplo, coisas de quadrilha, eu sempre era tímida, até porque eu não me sentia dentro daqueles estereótipos, eu queria ser, e sair como rainha do milho, rainha caipira, e eu sabia que eu não podia, então eu nem me colocava. Teve uma vez, ao mesmo tempo que era um bullying eu achava engraçado porque (risos)..., foi feita na escola uma eleição para saber quem seria a rainha caipira da sala, porque cada sala tinha que ter uma rainha caipira, e aí, os meninos

iam votar nas pessoas para ser a rainha caipira, e tinha as candidatas, [...] eu acho que tinha as candidatas só que não tinha listinha de votação, cada um recebia um papel em branco e escrevia o nome, então eu sem ser candidata recebi três votos, as pessoas votaram em mim de propósito (risos) para fazer piada, aí no meio da eleição, do nada a professora aí “o próximo” aí ia lá (o nome masculino) (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

A “brincadeira” que fizeram com Romário, que era para ser maldosa, não o incomodou muito, partindo do princípio de que, mesmo sabendo que era impossibilitado de ser a rainha caipira, esse era um dos seus desejos, no entanto, percebe-se que “a zombaria, o escárnio, o deboche, que decorrem da ideia de degradação ou degenerescência, são constitutivas da vida homossexual desde sua infância como conceito e, portanto, prática” (OLIVEIRA, 2018, p. 177).

As violências, principalmente psicológicas praticadas na escola contra Romário pela sua homossexualidade e por ser gordo eram constantes. É importante mencionar que Letícia é negra, no entanto, veio ter consciência de raça apenas na universidade, contudo, ela assevera que nunca percebeu e/ou sofrera racismo por parte de seus colegas. O bullying sempre vinha em forma de homofobia e gordofobia.

Então, a gente considerava a Priscila negra, mas nós não nos considerávamos negros e na faculdade foi que eu vim entender que eu também era negra e, de certo modo, eu nunca sofri com episódios racistas, pelo menos eu não consigo identificar só o racismo e geralmente eu costumo entender que dentro do mote homotransfóbico poderia estar também associado o fato de eu ser negra e gorda, então a violência era ampliada porque eu estava dentro de uma grande vulnerabilidade, mas os motes maiores sempre eram a homofobia e a gordofobia mesmo era o que me atingia com maior força (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Diante dessa circunstância, por Romário não apresentar fortes traços do fenótipo que determina uma pessoa como negra e não ter essa consciência racial no contexto familiar, não se reconhecia enquanto negro, assim como também não era vislumbrada pelos seus colegas como tal, entretanto, se a questão racial fosse alvo de desprezo e exclusão por parte da comunidade estudantil, estava cambulhada dentro da questão maior da homofobia e da gordofobia.

Partindo da premissa de que a escola é vista não só como um local de aprendizagem de conteúdos, de transmissão e de construção do conhecimento, mas também como um cenário de convívio social entre todos os que fazem parte daquele ambiente, diante das agressões e violências que Romário experienciou durante o ensino fundamental, foi pertinente questioná-la como essas vivências de exclusão eram vistas pelo corpo docente e se

estas vinham apenas por parte dos discentes, em que ela relata que: “*professores muito difícil, eles nunca me trataram com desrespeito. Alguns eram inertes a situações de violência. Eram mais alguns companheiros de turma*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Pela narrativa da biografada, é possível inferir que não existia violência ou desrespeito diretamente por parte dos professores, entretanto, a postura de alguns docentes presenciarem situações conflituosas do corpo discente contra Romário e não ter nenhuma conduta que repudiasse a situação de desrespeito para com o colega, tal atitude anunciava que a biografada não contava com o apoio de alguns de seus professores.

Letícia relembra de alguns momentos vivenciados nesta escola que, para ela, era um dos piores, a ponto de a permanência, às vezes, tornar-se insustentável em razão das repressões e dos constrangimentos serem tamanhos, como ela relata:

Por exemplo, me constrangiam quando eu ia ao banheiro. Ficavam tentando pular da cabine. Eles entravam na cabine do lado enquanto eu estava utilizando o banheiro, por exemplo, eles pulavam de um lado para tentar me ver ou subiam no vaso e me constrangiam. Então eu comecei a ir ao banheiro apenas no meio da aula, pedia para os professores, porque no recreio eu não podia ir (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

A questão do uso do banheiro para pessoas LGBTQIA+, principalmente pessoas trans sempre foi uma problemática. O uso do banheiro para Romário, sobretudo na hora do recreio não representava um local apenas de alívio de suas necessidades fisiológicas, mas de violência e de constrangimento simplesmente pelo fato de ser afeminado.

O recreio era o pior horário para Romário, porque todos os alunos estavam fora das salas de aula e o uso do banheiro era praticamente impossível para ele, sendo obrigado a pedir permissão para sair durante as aulas e essa permissão, na maioria das vezes, era negada nos horários das aulas próximas ao recreio, geralmente o terceiro e o quarto horário, pois os professores não tinham a dimensão do problema que acontecia nesse momento e davam a justificativa de que já estava próximo do horário do recreio.

Eles (os professores) diziam: “não, no recreio você vai”, ou quando é no quarto horário: “você acabou de chegar do recreio” e obvio que eles não sabiam, não entendiam que o recreio era o lugar em que eu não podia usar o banheiro, porque todos os meninos estavam lá e eu me sentia constrangida em usar o banheiro com outros meninos no banheiro (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

A falta de conhecimento dos professores em relação ao que se passava com Romário e, talvez até com outros alunos da instituição nessa época, assim como o desrespeito, o preconceito e a exclusão por parte dos colegas dá-se por vários fatores, dentre esses, podemos apontar que as questões relacionadas ao gênero e à sexualidade não sejam discutidas como necessitam ser e, possivelmente, não é dada a mínima atenção, principalmente na adolescência.

É possível também apontar que mesmo que as diferenças de gênero e de sexualidade sejam notadas nas instituições escolares, elas são invisibilizadas para fins de discussões que possibilitem uma compreensão maior no que se refere à diversidade, sobre o que representam diante da sociedade, no entanto, são notadas apenas por olhares que discriminam, julgam, implicam, perseguem e rotulam esses sujeitos, como salientam Silva e Rios (2019, p. 559):

as relações com os colegas e professores demarcam uma linha tênue entre a escola vista como um espaço hostil ou de acolhimento, porque é no momento da vivência de relações interpessoais, com os colegas e docentes, que os meninos experimentam as marcas de escolarização que invisibilizam e rotulam os sujeitos. Por mais que a escola tente negar a sexualidade dentro do seu espaço, ela existe e se faz presente, em diferentes situações. A sexualidade pulsa na escola, mesmo que dela pouco se fale. As crianças e adolescentes possuem suas sexualidades, independente da visibilidade ou não que isso ganhe nas discussões em sala de aula.

Letícia também recorda que, na escola, existia um grande disciplinamento da gestão para os alunos, mas por ser uma escola muito grande muita coisa fugia ao controle de diretores e dos professores, como acontecia com ela ao ser discriminada e chamada por vários nomes “*os meninos me chamavam muito de baleia, de bicha, de viado eram os nomes mais chamados [...] Majin boo³⁷, que era aquele do desenho do Dragon ball... era muito comum ser chamada assim*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de jun. de 2021).

O que se pode perceber diante do relato da biografada é que por trás das ofensas por meio de cada nome que proferiam contra ela que, inclusive, a machucavam profundamente existem as relações de poder, mesmo que talvez estejam ocultas. Quando é ofendida de “baleia”, “bicha”, “viado” e até comparada a terríveis personagens de desenho animado, existem por trás disso, os mecanismos que salientam que o correto é seguir o padrão social aceito, ou seja, a heteronormatividade e o que desvia desse padrão, merece ser subalternizado, independentemente de qualquer aspecto. De acordo com Silva e Rios (2019, p. 556) “os

³⁷ Personagem do desenho animado Dragon Ball Z exibido na TV Globo em 2002. Apelidavam a biografada em comparação com o personagem pelo fato deste ser gordo.

apelidos representam a forma mais comum de agredir e (des)caracterizar os corpos. Nas entrelinhas do discurso que classifica os corpos em veados, bichas e gays, as demarcações de poder e privilégio são evidenciadas”.

A violência sofrida pela biografada nessa instituição escolar e até fora da escola, sempre eram em forma de xingamentos que constrangiam e traziam sofrimentos, principalmente internos, partindo do princípio de que Romário não revidava as ofensas e não chegava a comunicar a seus responsáveis como, por exemplo, a sua mãe. Ao que concerne à violência na escola, Franco (2014, p. 107) enfatiza que:

a escola é um dos principais desencadeadores desses processos de exclusão, expressos em uma violência anunciada, em sua maioria, por parte do corpo discente e outra violência velada e/silenciada, pelos agentes escolares. Cabe ainda destacar que essas formas de violência, principalmente a anunciada, muitas vezes se consagra em outra forma de violência que definimos como violência materializada, incidindo diretamente na possibilidade de prejuízo e/ou violação física sobre a pessoa exposta.

A percepção do autor vai ao encontro do que Romário experienciou na fase inicial de sua adolescência. É interessante observar que a biografada, de acordo com seus relatos, nunca sofreu violência física por conta de sua sexualidade, nem na escola, nem em outros espaços sociais, todavia, as agressões psicológicas eram cada vez mais frequentes.

No final do segundo ano do ensino médio, Romário decidiu sair do Colégio Diocesano para cursar o terceiro ano em uma escola em que o foco maior fosse a preparação para o vestibular. Em relação a sua saída do Diocesano, Letícia considera como um alívio pelas diversas experiências desagradáveis que sofreu na escola, por se sentir vulnerável diante de um universo opressor e não ter apoio quando necessitava. Apesar disso, também foi um período em que ela descobriu certo poder de liderança, como na presidência do grêmio estudantil.

Ali foi realmente onde eu tive algumas experiências de empoderamento, mas eu também tive experiências de muita vulnerabilidade e de zero apoio [...] eu participei lá do grupo de teatro, esse grupo de teatro foi ótimo para mim, mas foi uma escola bem complicada para eu estudar e, sair de lá, foi um alívio (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

A escola, por ser um ambiente considerado de sociabilidade apresenta-se, de acordo com a trajetória de escolarização de Romário/Letícia, como excludente e discriminatório para pessoas que fogem à ordem normativa reproduzindo padrões culturais e sociais que silencia pessoas trans de um contexto que seria acolhedor à diversidade.

Concordamos com Fialho, Díaz e Freire (2020, p. 82) quando salientam que “é pertinente que a escola cumpra o papel de incluir os transexuais e demais sujeitos que fogem ao padrão heteronormativo e saiba tratar com prioridade as questões relacionadas ao gênero ao longo do processo formativo de crianças e adolescentes”.

Apesar de uma trajetória estudantil marcada pelo preconceito, principalmente no período da adolescência, o último ano de educação básica da biografada apresentou-se um pouco diferente do que ela já tinha experienciado em instituições anteriores, como podemos perceber no próximo tópico.

4.3 Colégio Apoio

Para cursar o terceiro ano do ensino médio, Romário transferiu-se do Colégio Diocesano para o Colégio Apoio em 2006. O Colégio Apoio era uma instituição pequena, apenas de cursinho pré-vestibular e, quando implantou o ensino médio, Romário sentiu-se atraída em finalizar o ciclo da educação básica nessa instituição com o objetivo de preparar-se melhor para o vestibular, considerando que este era um dos objetivos do ensino médio nessa escola.

Eu queria entrar num pique de estudo mais sério e acreditava que essa escola, como abriu o ensino médio agora, mas já tinha a tradição de cursinho pré-vestibular, ela me treinaria bem para o vestibular e eu fui para essa escola, que é a Escola Apoio que ainda existe até hoje; então estudei lá o terceiro ano quando prestei o vestibular (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

É interessante mencionar que os cursos pré-vestibulares iniciaram ainda na década de 1950, por iniciativa dos alunos da Faculdade Politécnica de São Paulo – USP, de caráter popular e que houve grande expansão somente na década de 1990, sendo ofertados em instituições públicas e privadas (CAMARGO, 2009).

Mesmo considerando que o Colégio Diocesano tinha um bom ensino, Romário optou pela preparação para o vestibular do Colégio Apoio e um dos aspectos positivos que somou a essa preparação, foi o fato de ser uma escola bem pequena na qual Romário sentia-se confortável em relação a sua sexualidade, principalmente em relação ao uso do banheiro. “No Apoio, só tinha um banheiro de menina e um banheiro de menino e era uma cabine individual, não era banheiro coletivo, então, no Apoio eu me sentia muito confortável e a gente só tinha três salas no Apoio quando eu estudei” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Como foi destacado no tópico anterior, a biografada sofria na outra instituição, principalmente em relação ao uso do banheiro, no entanto, no Apoio, esse problema foi extinto para Romário, assim como o preconceito em relação a sua sexualidade que diminuiu bastante, por ser uma escola pequena e pelo público de alunos não ser, na sua maioria, adolescentes.

no APOIO não existia nenhum tipo de piada constrangedora. Conviver com alunos que eram do terceiro ano [...] porque o APOIO foi muito interessante para mim. A gente era uma turma de terceiro ano junto com cursinho, então tinha pessoas do cursinho que já tinha 20 anos, 21 anos, que já tinham terminado o terceiro ano, tinham uma certa maturidade, então eles me acolheram, pelo contrário eles me acolheram e foi o período que eu passei a ser muito uma bicha engraçada também. A gente brincava junto, a gente combinava de marcar grupo de estudo só para brincar; estudava um pouco e começava a brincar (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de jun. de 2021).

Conviver com um público de alunos que já tinham certa maturidade, principalmente em relação ao respeito à diversidade, seja de gênero, seja de sexualidade, contribuiu para Romário sentir-se bem e acolhido por seus colegas de turma, fato esse que foi percebido também por sua irmã Tícylli. *“Ela foi estudar no Apoio, que era próximo lá de casa. Lá ela teve um apoio maior e melhor, eu senti como irmã dela, que o Apoio acolheu mais essa forma, essa sexualidade dela, por também ser uma escola familiar, uma escola pequena (TÍCYLLI PEREIRA, entrevista em 13 de ago. de 2021).*

Em relação ao ensino, Letícia relata que, na época da sua passagem pelo Apoio, só existia uma turma do terceiro ano, no entanto, funcionavam os três turnos e que os alunos tinham a liberdade de assistir uma mesma aula em outros turnos e que era necessário apenas agendar com os professores responsáveis pelas disciplinas. *“Então era comum que a gente pedisse autorização para assistir mais aula de história à tarde e assistir duas vezes a mesma aula, porque naquele tempo o vestibular ainda tinha essa coisa de disciplinas específicas” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).*

O turno regular de Romário era pela manhã, que era a turma de ensino médio juntamente com o cursinho, entretanto, ela assistia também muitas aulas à tarde ou à noite *“era comum a gente ir à tarde, ou o próprio professor marcar uma megarrevisão à noite e dizer que quem quisesse todo mundo da escola podia ir, porque as turmas eram pequenas à noite e à tarde” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).*

Romário concluiu o terceiro ano nessa instituição com o objetivo de conseguir aprovação na seleção do curso de Direito na Universidade Estadual do Piauí, porém, não conseguiu. Concomitantemente, concorreu ao curso de Pedagogia na UFPI, curso em que foi aprovada.

4.4 Universidade Federal do Piauí

Como descrito anteriormente, Romário decide finalizar a educação básica juntamente com um curso preparatório para o vestibular, porque seu sonho era cursar Direito, ou Psicologia, pois sabia que queria seguir uma profissão que utilizasse a habilidade da oratória, como é relatado:

Eu sempre soube que eu só sabia fazer uma coisa bem na minha vida, que era falar. Eu sempre fui elogiada porque falava muito bem, me expressava muito bem, sabia fazer as pessoas entenderem as coisas, e para mim, as profissões que as pessoas poderiam falar era ser professor, era ser advogado e era ser psicólogo. Nesse tempo que eu prestei vestibular, não tinha psicologia na minha cidade. Tinha Direito na Estadual e tinha Pedagogia na Federal. Então eu tentei Pedagogia na Federal e Direito na Estadual (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Diante dos três cursos citados pela biografada, Direito, Pedagogia e Psicologia, que eram de seu interesse, apenas dois estavam dentro de suas possibilidades de ingresso, uma vez que o curso de Psicologia estava longe de seu alcance no momento, por não ter oferta em nenhuma universidade da sua cidade naquele período. Sendo assim, Romário presta vestibular nas duas instituições públicas e consegue aprovação apenas na Universidade Estadual para o curso de Pedagogia.

Eu passei para a Pedagogia logo de primeira, passei entre os 10 principais colocados e no direito eu não passei. Eram 30 ou 40, era um número assim de vagas. Não passei, mas fiquei entre os 100 classificados [...] e eu decidi que iria começar Pedagogia porque tinha passado e iria entrar no cursinho para fazer Direito no outro ano. E entrei no cursinho e fiquei na Pedagogia (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

É notório que o ingresso no curso de Pedagogia ocorreu pela reprovação no vestibular para o curso de Direito, haja vista que, mesmo cursando Pedagogia, a preferência era pelo último, pois continuou fazendo cursinho preparatório para um futuro ingresso no curso pretendido. No entanto, logo no primeiro semestre de Pedagogia, a biografada relata que se apaixonou por esse curso e resolveu seguir adiante com a formação. “*Eu me encantei pela pedagogia porque algumas professoras já nesse período eram freireanas e eu entendi que a educação transforma as pessoas e que as pessoas transformam o mundo*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Diante disso, Letícia afirma que não se arrepende de ter escolhido o curso de Pedagogia, pois teve um retorno financeiro mais rápido do que se estivesse seguido o curso

de Direito, porque se “*eu iria ter que batalhar pra ter qualquer cliente e isso é muito complicado. Então a Pedagogia me deu um retorno muito mais rápido, principalmente porque assim eu passei no concurso, eu também passei no mestrado*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Romário não trabalhava formalmente, no entanto, teve a experiência de ser bolsista de um projeto em que desenvolvia a função de educador social. O projeto Aliança Mandu era uma parceria entre a UFPI, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e a QUER BRASIL, uma ONG internacional.

Eu fui durante três anos educadora social nesse projeto que é Aliança Mandu e foi um período de muita aprendizagem pra mim, inclusive, aprendizagem política. A gente fazia atividade em dez comunidades do litoral piauiense. Eu fui educadora popular na Barra Grande, que era o município de Cajueiro da Praia e no Barro Vermelho, que é uma comunidade da Ilha Grande Santa Isabel (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Os locais citados por Letícia eram os que existiam uma frequência maior na realização de oficinas com grupos de jovens, de pelo menos, uma oficina por mês. Além dessas oficinas, Letícia relembra que, às vezes, tinham atividades que envolvia 10 comunidades distintas e que o foco do trabalho era com jovens periféricos, em um momento de troca de experiências e rico de aprendizagens sobre questões políticas e sociais.

É pertinente ressaltar que a experiência vivenciada nesse projeto da Aliança Mandu, Letícia desenvolveu e pôde aprimorar sua formação profissional inicial, bem como iniciou sua militância nos movimentos sociais.

5 ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO PROFESSOR ROMÁRIO E DA PROFESSORA LETÍCIA CAROLINA

Esta seção trilha pelo itinerário da inserção da biografada em seu campo profissional, ou seja, a docência. Com o final do curso de Pedagogia, a biografada não só encerra esse ciclo de estudante de graduação, como também realiza o sonho de sua mãe, que era ver todos os filhos formados e inseridos no mercado de trabalho, principalmente Romário, por conta da sua sexualidade que, naquele momento, representava uma preocupação para a matriarca.

Sabemos que a construção de uma profissão demanda vários aspectos, desde a formação inicial seja em cursos técnicos, tecnólogos, bacharelado e licenciaturas até conhecimentos diversos sobre sua carreira. De acordo com Huberman (2000, p. 38), “o desenvolvimento de uma carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas, para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranques, descontinuidades”.

Partindo disso, dissertamos a partir de agora sobre as práticas e as vivências educativas da biografada não só em ambientes restritos à sala de aula, mas também em cenários de gestão como, por exemplo, na assessoria de projetos e coordenação de ensino fundamental e EJA, na Secretaria de Educação de Luís Correia e, concomitantemente a isso, como docente nas Universidades Federal e Estadual do Piauí no município de Parnaíba.

5.1 Secretaria de Educação de Luís Correia-PI

Ao finalizar o curso de graduação, em 2011, a biografada conseguiu aprovação em um concurso público na cidade de Luís Correia para atuação no magistério básico onde foi lotada inicialmente em turmas da educação infantil³⁸ “*eu passei em 2011, porque foi no segundo semestre de 2011 e eu comecei a trabalhar em setembro ou outubro de 2011. Esse primeiro período eu trabalhei na educação infantil*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

O tempo em que Romário permaneceu na educação infantil foi curto, tendo em vista que em 2012, conseguiu aprovação no mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI, no campus de Teresina, e foi afastado, no entanto, como

³⁸ Anexo F memorando de lotação docente.

ainda estava no período probatório, conseguiu a licença apenas no primeiro ano do mestrado, ou seja, em 2012.

A atuação de Romário na educação infantil no último semestre de 2011 deu-se em uma comunidade rural chamada Carapebas, na Creche Raio de Sol. A vaga do concurso que Romário foi aprovado era para a comunidade Mexeriqueira, no entanto, Romário não foi lotado na comunidade citada porque a vaga disponível era apenas de 20h/a e sua vaga do concurso era de 40h/a e, nesse caso, Romário foi lotado na comunidade Carapebas.

Na época em que Romário passou na seleção para o mestrado, o professor João Carlos, que era seu colega de trabalho, também conseguiu aprovação na mesma seleção, em que ele destaca que, para o afastamento, conseguiram uma “brecha” no plano de carreiras do magistério municipal que lhes permitia afastamento para cursar pós-graduação em nível *stricto sensu*, mesmo estando no período probatório, mas, além disso, João Carlos ressalta que eles tiveram auxílio por parte da secretaria de educação a partir da professora Ana Elisia, como ele destaca:

A gente teve uma força muito grande da secretaria de educação na época, a professora Ana Elisia, que falou: “gente olha, independente da aprovação do Conselho Municipal de Educação, vão pra Teresina fazer o mestrado de vocês e não se preocupem com o dinheiro de vocês, o salário de vocês tá garantido”, e nós passamos esse ano estudando em Teresina. Houve essa boa vontade por parte da gestão na época de permitir [...] houve um certo auxílio também do sindicato na época; a gente procurou o sindicato pra ver essa questão e fomos liberado (JOÃO CARLOS BORGES, entrevista em 12 de jul. de 2022).

A gestão que estava na secretaria de educação de Luís Correia juntamente com o sindicato concedeu apenas um ano de afastamento para Romário cursar o mestrado. No ano seguinte, houve mudança na gestão e Romário teve que voltar para Luís Correia, no entanto, o mestrado ainda não tinha finalizado. Partindo dessa base, a nova secretária de Educação fez um acordo com o biografado, como ele relembra:

Em 2013 e 2014 eu ainda estava no período do mestrado, então ela me convocou e disse que não tinha condição de eu ficar afastada para o mestrado, mas como eu tinha que concluir o mestrado e eu precisava ir pra Teresina ela disse o seguinte [...] basicamente ela fez uma troca comigo e disse: “você não pode ficar afastada porque você está no probatório e a gente não tem mais como fazer isso por você!” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

O fato de ainda estar no período probatório foi um impedimento para continuar com a licença para a pós-graduação, entretanto, o acordo permitia que o docente continuasse o curso e também continuasse trabalhando, uma vez que o acordo consistia em Romário não

voltar para a sala de aula, mas ter uma ocupação na secretaria de educação, especificamente na coordenação do ensino fundamental assessorando a coordenadora pedagógica na elaboração de projetos para serem realizados nas escolas, principalmente os projetos que envolviam datas comemorativas.

Ela disse: “você vai ficar na sala da coordenação do ensino fundamental e eu quero que você desenvolva projetos aqui no município, junto com a coordenadora de ensino fundamental”. Então eu vivia de fazer projeto naquele lugar e a coordenadora era muito ativa, então era dia das mães e ela dizia assim: “vamos fazer um projeto do dia das mães. Letícia eu quero assim, assim”, aí eu escrevia o projeto, criava folder do projeto, mandava para as escolas, às vezes, ia nas escolas ou as supervisoras vinham pra eu conversar sobre o projeto, que era idealizado pela coordenadora, mas eu que acompanhava o projeto e, assim, a gente vivia de projetos, então eu fiquei esse tempo todinho só fazendo projetos na secretaria e concluindo meu mestrado, foi 2013 e 2014 desse jeito, sem nenhuma portaria, ganhando como professora mas trabalhando dentro da secretaria de educação (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

É interessante destacar alguns pontos da narrativa da biografada. Nessa época, Romário desenvolvia um trabalho que não era regido exatamente por um cargo, não tinha nenhuma portaria, ou seja, era apenas um acordo entre ele e a secretária de educação, haja vista que seu mestrado precisava ser concluído. Seu trabalho resumia-se em elaborar projetos pedagógicos idealizados pela coordenadora do ensino fundamental e auxiliar na realização deles.

A maioria dos projetos eram voltados para datas comemorativas como, por exemplo, Dia das Mães, Páscoa, Sete de Setembro, Dia das Crianças, Dia dos Pais, dentre outros. Quanto à importância desses projetos, sabemos que estes precisam estar articulados aos conteúdos que são transmitidos e construídos em sala de aula. De acordo com Santos e Leal (2018, p. 86), “o trabalho com projetos constitui uma das posturas metodológicas de ensino mais dinâmica e eficiente, sobretudo pela sua força motivadora e aprendizagens em situação real, de atividade globalizada e trabalho em cooperação”.

Essa nova metodologia que envolve a criação e a realização de projetos nas escolas vem ganhando um espaço mais amplo, principalmente em escolas que trabalham dentro de um perfil construtivista, em que o aluno consegue estar mais articulado com os conteúdos trabalhados em sala de aula durante o projeto, bem como em sua culminância, além de desenvolver uma consciência crítica e participativa.

Ainda sobre a atuação de Romário, nessa época, como assessor de projetos, além dos projetos das datas comemorativas, já citados em linhas acima, João Carlos relembra outros projetos que eram desenvolvidos por Romário:

A Letícia, no caso na época ainda Romário, trabalhava diretamente com o ensino fundamental e ele trabalhava diretamente com os projetos pedagógicos. Então, às vezes, tinha projetos de leitura, a gente tinha projetos de valorização do professor, projetos de valorização do patrimônio escolar, projeto do sete de setembro sempre acontecia, semana da consciência negra, essas datas mais... semana do meio ambiente; essas datas mais marcantes do calendário escolar todos eles eram pontuados por projetos que, em geral, eram produzidos pelo Romário [...] mas ele acabava, de certa forma ocupando um lugar muito importante na articulação desses projetos (JOÃO CARLOS BORGES, entrevista em 12 de jul. de 2022).

Perante o exposto, é dessa forma que a experiência docente do biografado inicia de fato e que podemos perceber na narrativa do entrevistado, que esse já era um lugar de destaque dentro da Secretaria de Educação, ou seja, um lugar de poder. Em relação à sexualidade de Romário nessa época, principalmente no ambiente de trabalho, João Carlos relembra que *“Romário já usava unhas cumpridas, ele já usava colares, usava brincos, se maquiava, mas ele não tinha ainda digamos assim, assumido esse devir Letícia, ele não tinha ainda se apresentado como Letícia”* (JOÃO CARLOS BORGES, entrevista em 12 de jul. de 2022).

O devir Letícia como é destacado pelo entrevistado, ou seja, a identidade travesti almejada por Romário que, posteriormente seria a identidade Letícia Carolina, acontece em um processo gradual e a passos lentos, uma vez que assumir uma identidade travesti seria possivelmente colocar em risco uma carreira profissional e de sucesso dentro das instituições de ensino, como já foi discutido anteriormente.

Em 2015, após a conclusão do mestrado, Romário continua na secretaria de educação, mas não mais na “assessoria de projetos”, e sim como coordenador geral do ensino fundamental e EJA da rede municipal de Luís Correia. A função de coordenador do ensino fundamental foi assumida por Romário porque a secretária de educação foi afastada e, a partir disso, a pessoa que exercia o cargo de coordenadora do ensino fundamental, passou a ser a Secretária de Educação e Romário foi convidado para assumir a coordenação, como é lembrado por ele:

2015 e 2016 eu atuei como coordenadora pedagógica do ensino fundamental, que foi o período em que a coordenadora do ensino fundamental assumiu a secretaria de educação, então ela assumiu a secretaria e na coordenação quem mais desenvolvia as coisas era eu porque estava o tempo todo com ela, tudo que ela queria fazer, eu fazia, na verdade era muito precária a situação no município porque nem todos os supervisores e coordenadores tinham uma formação mesmo de qualidade (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Considerando que Romário já atuava juntamente com a coordenadora há dois anos desenvolvendo os projetos pedagógicos, o convite para ser coordenador partiu de sua vivência

e experiência na coordenação, contudo, além de sua atuação em conjunto com a coordenadora, a biografada relembra, na narrativa acima, que existia uma fragilidade na formação inicial de alguns profissionais que exerciam as funções de coordenação e de supervisão nas escolas, o que podemos inferir que, em sua visão, a coordenação geral do ensino fundamental e EJA teria que ter um profissional mais preparado à frente.

Letícia ainda relembra que alguns professores possuíam a *“formação naquelas faculdades de fim de semana no interior, então não era uma formação num curso de Pedagogia numa universidade presencial, então há muito diferença nesse contexto”* (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Podemos inferir, de acordo com a narrativa de Romário, que a formação inicial de professores advindos de forma não presencial pode ser acometida de fragilidades no contexto profissional futuro, todavia, sabemos que *“embora a formação inicial não seja determinante única no desenvolvimento profissional, podemos afirmar que tem papel central no processo de constituição da docência”* (AMORIM; FERNANDES, 2018, p. 88).

Ainda sobre essa discussão da formação inicial, Nóvoa (2007, p. 32) salienta que essa formação *“deve funcionar em alternância, com momentos de forte pendor teórico nas disciplinas e nas ciências da educação, seguidos de momentos de trabalho nas escolas, durante os quais se levantam novos problemas a serem estudados através da reflexão e da pesquisa”*.

Outro motivo que impulsionou Romário a assumir a coordenação geral do Ensino Fundamental e EJA, foi pelo sentimento de gratidão à nova secretária de educação, pois esta havia-lhe ajudado na época da conclusão do curso de mestrado, no entanto, Letícia ressalta que nunca ocupou cargos na secretária de educação por indicação política, inclusive, quando tinha algum pedido relacionado à política partidária, era recusado.

Ela me ajudou muito e quando ela precisou, eu me senti em dívida e aceitei a coordenação, mas eu nunca ocupei nenhum cargo de modo político, então eu nunca persegui, inclusive sempre que precisava, ou que a prefeita mandava a ordem ou alguma coisa assim, eu dizia para ela que não fazia que não era o que eu acreditava, geralmente ela mesma resolvia essas coisas quando era coisas de politicagem, porque eu sempre dizia para ela: “minha parte é técnica! Eu não vou ceder a essa questão política, isso não é comigo” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Na narrativa da biografada podemos vislumbrar um problema que acontece em secretarias de educação ou em órgãos de poder de cidades interioranas, que é a ocupação em alguns cargos por indicação política, ou seja, favorecimento para algumas pessoas que acompanham o partido político que está na prefeitura durante algum mandato (COSTA, 2019),

no entanto, de acordo com Letícia, sua conduta era diferenciada, pois o local que ocupava não foi conquistado por indicação política.

Letícia também lembra que por ser coordenadora dessas duas modalidades de ensino, era responsável por quase todas as escolas da rede municipal, considerando que apenas a educação infantil não estava sob seu domínio.

Tinha a coordenação de educação infantil, mas como eu era de ensino fundamental e EJA, então era praticamente 70% das escolas do município estavam sob minha coordenação, então a minha era a maior coordenação pedagógica do município e aí ao meu lado tinha a coordenadora do ensino infantil, mas sempre houve esse destaque pra coordenação do ensino fundamental, então, a gente trabalhava muito em parceria, até porque muitas escolas eram de fundamental e infantil; então a gente tinha que ter uma opinião conjunta sobre as questões (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. 2020).

É evidente, pela narrativa de Letícia que nessa época, existia uma parceria entre as coordenações da educação infantil, do ensino fundamental e da EJA. Outra coisa que também é interessante destacar é que esse espaço ocupado por Romário na coordenação era um espaço de poder e que possivelmente isso poderia inibir comentários relacionados à sua sexualidade na época.

No que diz respeito à sua sexualidade, haja vista que, nessa época, Romário era lido pela sociedade como uma “bicha afeminada” como atualmente a própria Letícia define que era dessa forma, questionamos como era a relação dos professores e dos demais funcionários da secretaria de educação em relação à sua sexualidade e Letícia relata que:

Foi um período bem tranquilo, bem bacana. Não tive problemas nesse período para assumir minha identidade. Nesse período foi que eu entendi algumas coisas. O preço da diferença, digamos assim. O fato de você ser uma pessoa... uma bicha ou uma travesti dentro de um sistema como esse, requer de você muita competência. Você não pode vacilar em nenhum momento. Então as pessoas poderiam criticar que eu pintava as unhas, mas elas não podiam falar mal de mim profissionalmente (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

É possível compreender, a partir da narrativa de Letícia, que nesse período de atuação na Secretaria de Educação, ela não teve problemas com rejeição ou preconceito por parte dos colegas de trabalho, no entanto, podemos também perceber que existia uma autodefesa de sua parte, visto que havia um esforço para realizar suas atividades laborais com competência e excelência, como ela mesma ressalta que as pessoas poderiam criticá-la pelo *esmalte na unha*, mas não pelo seu trabalho.

A competência em realizar seu trabalho como “*excelência*”, como Letícia mesma ressalta, era um mecanismo de defesa e que, de certa forma, coibia as pessoas de falarem da sua identidade, da sua sexualidade, do seu modo de falar, de vestir-se, de maquiar-se ou de utilizar suas indumentárias que remetiam à feminilidade hegemônica.

As pessoas não podiam falar mal do meu trabalho porque eu buscava trabalhar com excelência, então isso eu levei durante toda a minha vida e hoje, inclusive; eu sei que como travesti eu não posso falhar, eu não tenho essa oportunidade de falhar, eu sempre tenho que ser bem competente no que eu faço, porque a qualquer erro meu as pessoas não vão achar um erro normal, elas vão dizer que: “ah, travesti não sabe fazer nada... travesti, está vendo? Ela é burra! Tá vendo o que dá, ter travesti na universidade? Elas não sabem fazer um projeto de pesquisa, elas não sabem fazer nada.”. Então eu sempre tive essa cobrança de ser muito competente desde a secretaria e agora na universidade também (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. de 2020).

Essa autocobrança em expor sua competência, tanto na Secretaria de Educação como, atualmente, na universidade, constitui-se uma vigilância de algumas atitudes que não a acompanha somente de modo profissional. Podemos perceber que é uma preocupação desde a infância, quando vimos que Romário queria-se destacar pela sua inteligência em sala de aula, em tirar notas boas ou ser o menino engraçado que todos queriam estar perto no colégio, ou seja, a tentativa de exibir diversos pontos positivos para que as pessoas à sua volta não vissem apenas o que chamava atenção, que era a sua sexualidade.

Quando em linhas anteriores, Letícia afirma que nessa época da secretaria, foi um período *tranquilo e bacana* em relação à sua identidade, é interessante percebermos que essa era a sua visão sobre o ambiente que estava inserida, não significa que não existiam comentários maldosos ou rejeições por parte de colegas de trabalho, ou seja, existia preconceito e até mesmo uma rejeição velados, mas não chegava até Romário, partindo do princípio de que ele ocupava um espaço de poder legitimado por uma portaria e que certamente, a maioria de seus colegas de trabalho eram subordinados às suas ordens, como destaca o professor João Carlos em entrevista.

Era uma espécie de rejeição velada, porque é assim, ele ocupava um lugar de poder e ele era muito competente e sempre falava de um lugar de autoridade, porque ela tinha uma autoridade legitimada por uma portaria. Ele era a pessoa que coordenava o ensino fundamental e à época aqui a gente tinha quase 100 escolas, então ela tinha aí quase 400 professores homens e mulheres de faixas etárias diversas que estavam subordinados a ela/ele. Na época aqui na secretaria não existia direção de departamento de supervisão, então todos os supervisores escolares estavam diretamente subordinados à coordenação do fundamental, tinha aí 13 ou 14 supervisores que acompanhava o trabalho das escolas que estavam todos diretamente subordinados profissionalmente e hierarquicamente a ele. Então ela tinha um lugar de autoridade e de respeito, mas a gente sempre ouvia

*comentários, por exemplo, “é uma bicha, mas é competente!”, então a coisa da sexualidade por mais que houvesse um respeito a gente sempre ouvia um burburinho aqui e acolá que, de certa forma, eram abafados pela competência*³⁹ (JOÃO CARLOS BORGES, entrevista em 12 de jul. 2022).

Sobre essa narrativa do professor João Carlos Borges, é pertinente discutirmos dois pontos interessantes. De acordo com ele, existia, sim rejeição por parte de algumas pessoas no que se refere à sexualidade de Romário, mas que essa rejeição era ocultada pelo fato de Romário ocupar um espaço hierarquicamente mais alto que o dessas pessoas, ou seja, respeitavam apenas pelo cargo de poder que era ocupado por ele, e não pelo respeito à sua pessoa.

Outro ponto que nos chama atenção é a afirmação preconceituosa “*é uma bicha, mas é competente!*”. Por trás dessa afirmação podemos tecer algumas discussões. O que podemos inferir é que para uma sociedade heteronormativa o fato de ser *bicha* remete a um sinônimo de ser uma pessoa marginalizada e que não tem muita instrução, principalmente uma bicha preta, como era o caso de Romário. Quando o preconceito é apaziguado com a expressão “*mas é competente*”, podemos notar que a estratégia que Romário utilizava como mecanismo de fuga, isto é, utilizar a *excelência e a competência* em seu trabalho para inibir a sexualidade, estava dando certo.

Romário finalizou sua atuação como coordenador na secretaria de educação no final do ano de 2015, e com a mudança de gestão municipal no início de 2016, ele volta para a sala de aula, como veremos sua prática na educação básica no tópico seguinte.

5.2 A Atuação docente na educação básica

A atuação da biografada em sala de aula na educação básica também foi um período curto, apenas nos anos 2017 e 2018, pois logo passou no concurso da UFPI, em fevereiro de 2019, onde atualmente é dedicação exclusiva no campus de Floriano. Em 2017, Romário volta a lecionar nos componentes curriculares de língua portuguesa e redação em turmas de 6º e 7º ano em uma escola chamada Carmozina Martins.

É oportuno mencionar que a biografada, ao sair do cargo de gestão, voltou para a sala de aula, mas dessa vez, não para a zona rural, onde era a vaga de seu concurso, mas para a zona urbana. Letícia relembra que teve a chance de ser lotada na zona urbana pelo fato de

³⁹ Grifos nossos.

ser presidente do FUNDEB⁴⁰ e do Conselho de Educação na época, e que a gestão intercedeu por ela com receio de que Romário viesse a dificultar algumas coisas para as escolas.

*Na verdade, a gente que era da gestão e geralmente quando a gente sai da secretaria rola muita perseguição. Eles queriam me colocar na zona rural, mas eu tive uma professora que intercedeu por mim, que foi a professora Florisa; ela que comandava muita coisa na educação, inclusive nos últimos anos se tornou secretária de educação e eu era ainda presidente do FUNDEB e do Conselho Municipal de Educação e aí a Florisa, quando eles queriam me lotar, ela falou assim: “olha, vocês tem que pensar muito o que vocês vão fazer, porque a professora é presidente do FUNDEB, e se a gente **for começar a persegui-la ela pode dificultar algumas coisas pra gente, porque como professora do FUNDEB, as contas do município são aprovadas lá;** então ela conversou com as pessoas e disse: “vamos colocar ela no Carmozina Martins” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 12 de set. de 2022).*

Essa perseguição mencionada por Letícia acontece por jogos políticos de poder e que também não acontecia apenas com Letícia, acontecia com diversos outros professores que ocupavam um espaço na gestão educacional e, com a mudança dos gestores municipais, todo o quadro de servidores era trocado, ou seja, os espaços de poder eram ocupados por apoiadores do partido político que estava vigente na prefeitura.

Sobre essa questão, Letícia relembra que, por não ser de Luís Correia e não fazer parte das campanhas políticas partidárias do município, não se sentia “perseguida”, mas mesmo assim, antes de ser lotada na escola Carmozina Martins para as turmas de 6º e 7º ano, sua lotação era destinada para a Educação infantil como uma forma de “punição”, como ela rememora: *mas antes disso, elas iriam me colocar na Educação infantil porque eles viam que a educação infantil era um castigo e eles me ligaram e me lotaram na escola que é a maior Escola de Educação Infantil da zona urbana; eu estava lotada lá* (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. 2020).

É interessante destacar que a carga horária de lotação, de acordo com o concurso era 40 h/a semanais, no entanto, sua atuação na docência em 2017 era somente de 20h/a porque ele era presidente do Conselho de professores, como destaca Letícia: *“o presidente do Conselho tem uma liberação de 20 h/a para presidir o Conselho, então eu trabalhei em sala de aula só 20 horas no primeiro ano”* (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 de nov. 2020).

O primeiro ano que Letícia refere-se é o ano de 2017, considerando que após a aprovação no concurso, atuou por cerca de três meses e logo se afastou para a pós-graduação

⁴⁰ Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação.

e, posteriormente, sua atuação estava voltada apenas para cargos de assessoria de projetos e coordenação na secretaria de educação.

A entrada na carreira docente, como salienta Huberman (2000, p. 39), parte muitas vezes de fases de sobrevivência e de descoberta. A primeira parte, da “confrontação inicial com a complexidade da situação profissional”, isto é, surgem os questionamentos sobre sua própria preparação para exercer aquela função. Já a segunda parte, do “entusiasmo inicial, a experimentação, a exaltação por estar, finalmente em situação de responsabilidade, por se sentir colega num determinado corpo profissional”.

A escola Carmozina Martins, localiza-se no Bairro Coqueiro, que é um pouco distante do centro da cidade, nessa época, assistia apenas alunos do 1º ao 5º ano, todavia, pelo motivo de os alunos ainda serem bem pequenos e seus responsáveis nutrirem uma preocupação em relação a isso, no sentido de “*serem pequenos para estarem em escolas de adolescentes*” houve uma flexibilidade por parte da gestão que resultou em um acordo de ofertar o 6º ano na referida instituição, como rememora Letícia:

Era uma escola de primeiro ao quinto ano, e o município por conta de uma demanda do bairro decidiu abrir o sexto ano lá, porque as mães achavam ruim ter que colocar eles nas escolas grandes, eles ainda eram muito pequenos e queriam que tivessem o sexto ano no bairro menor, e a secretaria por politicagem, aceitou, porque as mães ficam tudo feliz (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio de 2021).

Quando Letícia afirma que a escola aceitou ofertar o sexto ano “por politicagem”, é interessante percebermos que esse é um problema corriqueiro em cidades interioranas. Muitas vezes, pelo interesse de obter mais votos durante o período eleitoral e, posteriormente, serem eleitos, os políticos cedem a alguns caprichos de seus eleitores.

No ano seguinte, ou seja, em 2018, Romário é lotado na escola Antônio Osvaldo para também assumir turmas do 6º ano a convite de uma das coordenadoras, como ela relembra: “*ela me chamou e disse: “tem agora esse sexto ano que vai abrir lá no Antônio Osvaldo, eu vou te colocar lá, você quer?” e eu disse: “professora, tá ótimo para mim porque é no centro de Luís Correia e eu consigo dar minha carga horária, para mim está perfeito”* (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio de 2021).

De acordo com Letícia, os professores que atuavam na escola do Coqueiro era apenas para complementar a carga horária, pois era uma instituição que ficava um pouco distante do centro da cidade e, partindo dessa premissa, havia certa rejeição para serem lotados lá. Letícia relembra também que tinha sido lotada lá pelo fato de ser “perseguida” por algumas

coordenadoras, contudo, existia uma coordenadora que nunca quis persegui-la e a lotou na escola Antônio Osvaldo.

*Então, os professores que atuavam lá eram tudo professor com carga horária faltando e que ia lá pra preencher carga horária, e eu que era a professora que entre aspas, **era um pouco perseguida**, mas uma das coordenadoras nunca quis me perseguir. Ela sempre intercedeu por mim, mas se fosse pelas outras que gostam de perseguir, eu tinha voltado para o interior do interior mesmo, mas ela nunca deixou (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio de 2021).*

De acordo com a narrativa acima, Romário retoma sua atividade docente nessa escola numa turma do 6º ano com cinco aulas de português, duas de redação e duas de artes, ou seja, nove aulas por semana. Letícia relembra também que a diretora ainda estava começando a adaptar-se com a rotina de uma série do ensino fundamental anos finais, uma vez que a rotina do ensino fundamental do 1º ao 5º ano era totalmente diferente.

Por exemplo, de primeiro ao quinto as professoras se juntavam e faziam a festa do dia da páscoa e eles não tinham, sexto ano não participava, ai eles ficavam com muita raiva e como eu era a professora que mais dava aula, porque eu dava nove aulas para eles, por semana, então, eu era a professora que eles mais tinha contato e geralmente as coisas caíam pra cima de mim, e eu tinha uma relação muito boa com a diretora, porque eu tomava café com ela, eu tinha que ir três dias por semana na escola, então eu tinha que ficar amiga do povo e ai ela me pedia: “Oh Letícia⁴¹, os meninos estão achando ruim porque não vai ter festa da páscoa para eles, tu não consegue fazer uma coisa não?” E eu dizia: “Mulher eu faço, espera aí que eu vou inventar” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio de 2021).

Uma das características que podemos analisar é que a diretora confiava no perfil profissional da biografada, uma vez que era criativa e dinâmica em sua prática educativa. Entendemos por prática educativa “um conjunto das ações socialmente planejadas, organizadas e operacionalizadas em espaços intersubjetivos destinados a criar oportunidades de ensino e aprendizagem” (MARQUES; CARVALHO, 2016, p. 123).

Para agradar seus alunos, Romário atendeu ao pedido da diretora e organizou uma comemoração da Páscoa só para os alunos do 6º ano “aí eu comprei um bolo e levei para fazer o dia da Páscoa, e cada um ganhou uma caixa com chocolates, que eu quem tinha comprado tudo isso, ainda fazia do meu bolso” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio de 2021).

No que concerne à sua prática docente, Letícia ressalta que, às vezes, tinha dificuldades de separar os horários das aulas e acabava misturando as disciplinas.

⁴¹ Importa destacar que a identidade de Letícia nessa época era Romário, no entanto, como a narrativa foi recente ela sempre se coloca no feminino.

Era uma confusão porque eu misturava todos os horários. [...] tinha semana que eu não dava nenhuma aula de artes pra eles, eles ficavam loucos porque não tinha artes, porque o conteúdo de português estava atrasado, aí quando eu fazia isso, que eu dava três aulas seguidas na sexta-feira eu dava as três aulas seguidas só de artes, e a gente passava o dia fazendo artes, eles adoravam... aí eles já começavam a gostar e pediam que na sexta-feira fosse só artes, porque aí a gente tinha mais tempo pra fazer o que a gente quisesse, então eles pintavam muita coisa, a gente levava coisas da Tarsila do Amaral, eu levava Romero Brito, levava pintura com corante que a gente fazia também sobre pinturas rupestres, teve um dia que a gente fez tinturas vegetais e a gente ia sempre criando essas coisas (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 5 de maio de 2021).

É importante analisar que, na prática docente de Romário, havia uma preocupação maior com o conteúdo de língua portuguesa e que as aulas de artes, às vezes, ficavam secundarizadas, mas que eram compensadas em semanas seguintes. Também podemos inferir, pelo exemplo das aulas de artes, que a docência de Romário partia de uma visão mais construtivista, haja vista que podemos vislumbrar que não era uma prática engessada e conteudista, mas uma prática em que os alunos sentiam-se livres para expressar suas visões de mundo através das artes, como podemos ver na Figura 15.

Figura 15 - Exposição dos trabalhos de artes – Escola Antônio Osvaldo



Fonte: Arquivo pessoal da biografada (2018).

Outro ponto que é relevante comentar, haja vista que, de acordo com Letícia, era uma prática significativa para os alunos e que eles gostavam em sala de aula, era o estímulo à aprendizagem por meio de competições, como ocorria nas aulas de redação. A melhor redação seria premiada em sala de aula e até mesmo fora dos muros da instituição escolar.

Redação eu também pedia muito para eles, corrigia redação, entregava, a gente participou de um prêmio do município sobre redação e uma aluna da minha sala foi a aluna premiada no município e eu também fazia competição com eles que a melhor redação ia ganhar uma caixa de chocolate, então eles gostavam também por conta disso (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Letícia relembra também que a experiência docente com a turma do 6º ano foi uma das melhores de sua trajetória docente, pois era uma turma pequena com, no máximo, 20 alunos e que os alunos eram tranquilos e comportados, como é recordado por ela na narrativa abaixo:

Os meninos do sexto ano não me davam trabalho, tão tal que às vezes eu ia sem almoçar, passava uma atividade no primeiro horário e dizia assim: “fiquem aí fazendo a atividade que eu volto já” aí eu ia tomar café com a diretora e com as meninas da cantina, ficar conversando uns 10 ou 15 minutos e comer... aí, quando eu ouvia qualquer zuada eu só botava a cara do pátio para o corredor da sala e pronto, ficava tudo em silêncio, aí a diretora dizia assim: “a Letícia é a professora que tem realmente moral, ela nem precisa nem falar nada, os meninos olha a cara dela e eles já se comportam”... e lá era desse jeito. Eu gostava muito dessa turma na verdade foi um prazer ser professora deles (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Às vezes, Letícia chegava sem almoçar, era devido aos horários de trabalho do período da manhã e da tarde serem bem próximos. Percebemos pela narrativa que era uma turma tranquila e que não fazia muito barulho, todavia, não justifica o fato de a professora sair de sala para tomar café e conversar na cantina durante o horário das aulas.

Como dito anteriormente, a biografada passou pouco tempo na docência na educação básica, todavia, teve experiência com algumas turmas diferenciadas, como é o caso do 5º, 6º e 7º ano que Letícia relembra que o 6º ano era “uma turma muito gostosa, a turma tinha no máximo 20 alunos, diferente da minha outra experiência em que eu tinha 40 alunos no 5º ano A, uns 35 no 5º ano B e mais uns 35 no 7º ano” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 24 nov. 2020).

Dentre as turmas mencionadas, Letícia recorda que a que teve maior dificuldade foi o 5º ano, porque os alunos eram recém-chegados de escolas situadas em distritos da cidade, ou seja, eram alunos residentes da zona rural e que havia uma diferença no ensino das redes urbanas e rurais.

Eu sempre me considerei uma boa professora. Eu sempre considerei que eu ensinava de modo didático, como a gente costuma dizer, mas eu percebia que havia um limite que eu não conseguia ultrapassar e que eu não tinha condições de ultrapassar. Esse limite era toda uma trajetória escolar defasada e que eu não conseguiria resolver sozinha e que eu não tinha tempo e nem condições para fazer aquilo, porque naquele momento eu já era professora substituta de uma

universidade, então eu era extremamente sobrecarregada e eu ensinava o que eu conseguia, mas eles não conseguiam aprender, que foi de onde eu consegui entender que o problema da educação pública, ao contrário do que muitas pessoas ficam batendo em cima, não é a formação de professores (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

Pela narrativa da biografada, podemos elencar algumas problemáticas que merecem atenção. Letícia relembra que se preocupava em ensinar de modo “didático”, ou seja, de uma forma que fazia com que o aluno chegasse ao objetivo almejado pelo professor (LIBÂNEO, 1994), no entanto, a biografada percebia que existia um limite em relação ao desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, uma vez que eles não tinham conseguido construir um conhecimento elementar nas séries anteriores e, partindo disso, não conseguiam acompanhar o que era ensinado na série em que estavam. Outro ponto que Letícia relata é o fato de não ter muito tempo para se dedicar somente à educação básica, haja vista que já era professora substituta em universidades.

Em relação à sua metodologia de ensino, Letícia recorda que:

Eu explicava direito, eu anotava no quadro, eu fazia o exercício no quadro, não era aquela professora que me sentava na mesa na sala e corrigia, como eu via muito professor fazendo, corrigindo o exercício falando. Então às vezes eu escrevia, eu colocava a frase, aí eu pegava dois pincéis, o sujeito eu botava de azul, o predicado eu botava de vermelho, quem é o verbo? ... já botava de verde. Eu comprava os pincéis de cores diferentes para eles visualizarem... comprava material com meu próprio dinheiro (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 de maio de 2021).

A falta de material didático nas instituições também é um agravante que afeta diretamente a aprendizagem dos alunos, pois, muitas vezes, falta o essencial nas instituições escolares, como o livro didático, pincel para os professores e até mesmo o giz (pois sabemos que muitas instituições não contam com o quadro branco). Partindo dessa ideia, Veiga (2012, p.15) ressalta que “a escola não pode se limitar à função de ensinar. [...] A escola deve ser cada vez mais próxima à realidade. Muitos problemas enfrentados por ela relacionam-se com a crescente diversidade cultural e social dos alunos”.

Tendo em vista esse contexto vivenciado por Letícia, ela sublinha que “foi um período que me ensinou muito sobre a dureza da realidade educacional brasileira, e foi extremamente frustrante enquanto profissional, porque me considerava uma profissional competente, mas que não tinha a menor condição de desenvolver um bom trabalho” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 12 de set. de 2022).

Simultaneamente a esse contexto vivenciado por Romário/Letícia na educação básica, a biografada também atuava no ensino superior, como veremos no próximo tópico.

5.3 Educação Superior

Concomitantemente ao cargo de gestão e à docência na educação básica na cidade de Luís Correia, a biografada também lecionava no ensino superior no período noturno, tanto na Universidade Estadual do Piauí, como na Universidade Federal do Piauí na cidade de Parnaíba.

Após a conclusão do mestrado em 2014, Romário faz a seleção para professor substituto nas duas universidades públicas e foi selecionado para ambas, no entanto, a possibilidade era de assumir apenas uma das instituições e, naquele momento, opta pela UESPI, como relembra a professora Maria de Jesus, que é mais conhecida na universidade como Dude e que prefere ser chamada dessa forma.

Eu encontrei o Romário nessa seleção para professor substituto; ele também concorreu pra Universidade Federal e eu sei que ele ficou num dilema entre assumir a universidade federal ou a universidade estadual e por sinal nós chegamos a conversar que o tempo de possibilidade que ele ficaria na universidade estadual seria maior e ele teria mais vantagem do ponto de vista de tempo mesmo, e ele ficou muito sentido por conta do espaço dele, porque o espaço dele era a universidade federal, era a universidade dele e eu lembro dele nesse dilema. Lá na universidade federal eram só dois anos como professor substituto e ponto final, e na universidade estadual ele teria um período de quase três anos, ou mais de três anos. E ele terminou fazendo essa opção de ficar com a gente de uma maneira muito sentida por conta do espaço dele, da universidade federal enquanto espaço da graduação e, também na questão do mestrado (MARIA DE JESUS DUARTE, entrevista em 13 de jul. de 2022).

A professora Dude conheceu Romário ainda no tempo da graduação em Pedagogia quando eles participaram do Projeto Aliança Mandu, onde a professora ministrava um curso de formação política e Romário era aluno desse curso. Na narrativa acima, a entrevistada relembra que conheceu Romário nessa época do curso de formação política e o reencontrou apenas na seleção para professor substituto na UESPI, no qual a professora também era coordenadora do curso de pedagogia até 2015.

Romário estava em dúvida sobre qual instituição assumiria pelo fato de nutrir um afeto pela UFPI, tendo em vista que essa foi a instituição de sua formação inicial, ou seja, o curso de Pedagogia, assim como o mestrado em Educação, contudo, as vantagens profissionais em relação ao tempo de experiência docente no ensino superior seriam maiores na UESPI, instituição esta que ele lecionou por três anos, de 2015 a 2017.

É oportuno salientar que nesse período, foi o momento de transição da identidade de Romário para Letícia, ou seja, do gay afeminado Romário, do professor Romário na

educação básica, para a identidade travesti Letícia Carolina, professora Letícia Carolina na universidade e, diante dessa situação, é interessante observarmos alguns pontos importantes na vivência de Romário/Letícia no ambiente universitário.

Não pretendemos reconstituir toda a vivência de Romário/Letícia no ambiente universitário, mas ressaltaremos alguns pontos de sua prática docente, bem como os atravessamentos que se fizeram presentes na vida da biografada durante esse período de transição social, diante principalmente, de um “micro laboratório social” que é a universidade, onde Romário/Letícia transitava por vários cursos de graduação e por diversos indivíduos com formações sociais diversas que tinham olhares de aceitação e de estranhamento daquele corpo que uns dias apresentava-se como professor Romário e outros como professora Letícia Carolina.

Em relação às disciplinas e aos cursos em que Romário/Letícia atuou, a biografada relata o seguinte:

Eu ministrava aula no curso de Filosofia, de Sociologia, de História, eu já ministrei no curso de Inglês lá também. O que eu mais ministrava era no curso de história. Os alunos de história gostavam muito de mim porque eu sempre tive leituras foucaultiana, então eles gostavam da minha proximidade e teve turma que eu voltei mais de uma vez para dar aula, eu já gostava da turma e eu pedia para ficar com eles. Dava muita disciplina de Didática, Filosofia da educação... ministrava bastante, então eu sempre ia para os outros cursos, principalmente o curso de História, mas também fui muito para a Filosofia e pra Sociologia. Sociologia também foi uma turma que eu fui mais de uma vez; eu dei Didática para eles e depois fui dar Organização do trabalho pedagógico (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 12 de set. 2022).

Partindo da narrativa de Letícia, podemos vislumbrar que sua atuação docente perpassou por diversos cursos de licenciatura, dentre eles: História, Sociologia, Filosofia, Inglês, entre outros. Uma informação que é importante ressaltar é que, de acordo com a biografada, os alunos dos cursos de História gostavam de suas aulas pela proximidade das leituras na área histórica, principalmente as discussões acerca dos estudos de Michel Foucault (1926-1984).

Importa ressaltar também que Romário/Letícia, por ter formação em Pedagogia, pode atuar nos cursos de licenciaturas com as disciplinas pedagógicas obrigatórias, tais como: Didática, Estágio Supervisionado, Metodologia do Ensino, Práticas Pedagógicas, Organização do Trabalho e do Currículo e Fundamentos Filosóficos e Socio-Históricos da Educação (LIBÂNEO, 1990).

Em relação à prática docente de Romário na UESPI, a professora Duda relembra que o primeiro dia de aula foi “impactante” não só pela sua prática, mas também como ele apresentou-se em sala de aula.

Foi muito interessante a atuação dele na Universidade Estadual. No primeiro dia de aula do Romário foi muito impactante porque ele levou uma série de apetrechos, várias coisas pra fazer uma aula diferente, uma aula envolvente que envolvesse os alunos, levou alguns materiais, algumas coisas, mas a forma como ele se apresentou, como ele estava vestido foi impactante, porque assim, ele estava ali com um calção short desses que a gente vai pra praia, um calção tãctel, um chinelinho, parecido mesmo como se ele fosse pra praia e de camiseta e foi pra lá e algumas pessoas, aquelas pessoas mais tradicionais meio se perguntando por que aquele professor estava entrando na sala de aula daquele jeito, ele quebrou bem esse padrão daquele professor que se veste e que vai lá todo vestido de calça comprida e ele foi assim muito à vontade (MARIA DE JESUS DUARTE, entrevista em 13 de jul. de 2022).

Podemos perceber na narrativa acima que o primeiro dia de aula de Romário na universidade causou um “estranhamento” por parte do corpo docente, haja vista que a imagem que costumamos ver dos professores universitários parte de uma formalidade que é historicamente construída e o fato de Romário chegar com vestes que, como ressaltou a professora, “parecia de ir para a praia” e não para um ambiente universitário gerou comentários negativos por parte das demais pessoas que frequentavam a instituição. Naquele momento, Romário quebrava os padrões não só da vestimenta que era esperado de um professor universitário, mas também o padrão de apenas existências cis naquele ambiente, que desde então, passaria a conviver com uma identidade trans, como relembra em entrevista, a professora Evangelita Nóbrega.

*Na UESPI, ele já estava passando por essa transição, tanto que ele começou a usar vestidos, se pintar, usar pulseira, bolsas, sapatos e isso na universidade causou **muita estranheza** porque para os olhos da universidade, principalmente para as pessoas com mais de 40 anos ou 50 anos, ou seja, um público mais tradicional, digamos assim, não compreendia até porque tinha pouca leitura sobre isso e não compreendiam essa transformação (EVANGELIRA NOBREGA, entrevista em 14 de jul. de 2022).*

Na fala da professora Evangelita, podemos perceber mais uma vez que a presença de Romário/Letícia causava “muita estranheza” na universidade e ela atribui que esse estranhamento vem de um público mais tradicional, ou seja, um público de professores e servidores do que por parte do corpo discente, haja vista que, em sua maioria, os discentes são de uma geração que já sabem e conseguem interpretar e compreender mais sobre os processos das identidades humanas. Em relação a esse contexto, Oliveira (2017, p. 157), ressalta que “a

simples presença de uma bicha preta exercendo o magistério desencadeia uma série de discursos que revelam que a escola, ao contrário da bicha, mudou pouco e continua caracterizada por discursos racistas e homofóbicos”.

Em relação à percepção que Letícia tinha sobre o que acontecia a sua volta, ou seja, o que diziam ou julgavam sobre sua identidade e imagem é um pouco diferente do que alguns entrevistados relataram, todavia não estamos tentando confrontar informações, mas complementá-las para que facilite a nossa interpretação.

eu enquanto coordenadora, uma vez eu fui chamada por uma servidora, essa senhora tem mais de 60 anos, eu acho, e claro, eu entendi a visão dela de mundo, ele estava em transição; ele não usava roupa feminina todos os dias, não era uma rotina, ele não se apresentava diariamente assim; tinha dia que ele resolvia ir com um vestido e uma sandália ou com a bolsa. A bolsa ele foi adotando logo e colares também [...] ela me chamou e disse: “professora, eu queria que a senhora conversasse com o professor porque ele está usando o banheiro das mulheres” (EVANGELITA NÓBREGA, entrevista em 29 de ago. 2022).

De acordo com a narrativa da entrevistada, a servidora sentiu-se constrangida por chegar ao banheiro feminino e deparar-se com o professor Romário, pois ele ainda estava em processo de transição, e que naquele dia estava com trajes masculinos, tendo em vista que nesse período, as identidades que transitavam na instituição eram Romário e Letícia. A professora Evangelita ainda ressalta que naquele momento a comunidade acadêmica ainda não estava sensibilizada com a quebra dos padrões normativos a ponto de compreender que o professor Romário mesmo que, em processo de transição para a identidade de Letícia Carolina, pudesse utilizar o banheiro feminino.

A professora entrevistada ainda relembra que não chegou a comentar com Romário sobre o ocorrido “*eu nem cheguei a comentar com ele sobre a situação desse banheiro. Eu fui deixando a coisa fluir e eu disse: “não, ele tá mudando, mas é uma pessoa muito respeitosa...”*” (EVANGELITA NÓBREGA, entrevista em 14 de jul. de 2022).

Sobre essa situação do uso do banheiro feminino, questionamos à Letícia se ela tinha conhecimento sobre esse ocorrido e a partir de quando ela começou a utilizar o banheiro feminino. Ela relembra:

Eu usava sim. No início nem tanto, mas depois já no último ano de UESPI, em 2017 eu já era muito Letícia, então eu já começava a fazer uso do banheiro feminino mesmo e talvez tenha acontecido isso de fato, mas ela nunca me contou e nunca gerou algo maior do que isso não. Realmente ela tinha o entendimento de que era correto que eu utilizasse o banheiro... talvez ela não quisesse levar a história porque sabia que seria uma situação bem constrangedora para todo mundo. Mas eu não soube disso não e nunca tive episódios nenhum de alguém ter falado alguma coisa

para mim quando eu estava usando o banheiro, nem na UESPI nem na UFPI. Na UFPI era até mais tranquilo porque o meu bloco de sala de professores era ao lado de um banheiro, então era muito tranquilo; eu saía da minha sala e ia para o banheiro, era super-rápido, mas nunca tive nenhum problema em relação ao uso do banheiro, nenhum mesmo (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 12 de set. 2022).

Consoante ao relato de Letícia, ela nunca sofreu nenhum tipo de constrangimento por ter utilizado o banheiro feminino nas instituições onde trabalhava, nem durante o período de transição de Romário para Letícia, nem quando assumiu de vez sua identidade travesti. O ocorrido ressaltado pela professora Evangelita também não chegou ao conhecimento de Letícia na época em que ela considera que a professora, que era coordenadora na época, compreendia que Letícia tinha o direito de utilizar o banheiro que se sentisse confortável.

Em relação ao uso do banheiro para travestis, Andrade (2012, p. 158), salienta que:

A travesti, portanto, é encarada como motivo de medo e constrangimento nos dois banheiros, é vista como homem no banheiro masculino e é vista como fêmea/gay no banheiro masculino, é afrontada como alguém que pode devorar, nos dois sentidos, é vista como uma ameaça que pode constranger ou como uma vítima que pode ser constrangida, dependendo do banheiro onde ela se encontra.

No que diz respeito à relação de Romário/Letícia com os alunos nas graduações, Letícia relembra que:

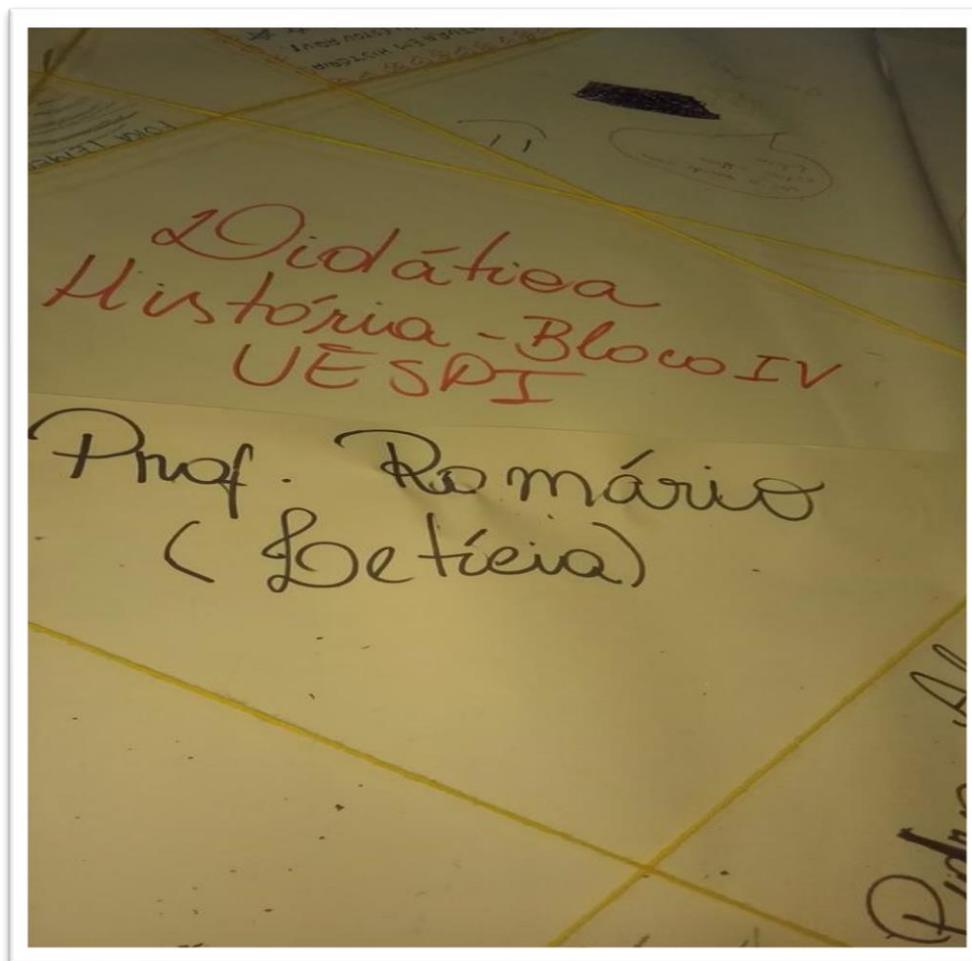
Uma turma ou outra que tinha um pouco de rejeição à minha pessoa eram turmas de áreas mais fechadas, que nem era uma rejeição, eles não levavam a disciplina a sério, como por exemplo, no curso de Administração que eu dava a disciplina de Filosofia. Eles não gostavam da disciplina, eles pagavam porque é obrigatória, então eles não levavam realmente a disciplina a sério e isso me causavam muitos problemas, mas não era nada motivado por transfobia de modo escancarado, não sei se havia também, ou seja, “além de ser uma professora de Filosofia nesse curso a gente ainda tem que ter uma professora travesti” ... mas muitos dos alunos falavam comigo, me abraçavam a gente fazia trabalhos, eles iam na minha sala ter orientação comigo. Era muito comum eu receber alunos na minha sala para orientar acerca de seminários de trabalhos em grupos que eles tinham que fazer (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 12 de set. 2022).

É pertinente salientar que o contato de Romário/Letícia com os alunos, pelo menos na visão e interpretação da biografada é bem tranquila, embora ela ressalte que alguns alunos não gostavam de algumas disciplinas ministradas por ela, mas em sua visão não atribui isso à transfobia, e sim ao próprio componente curricular, inclusive, “alguns deles quando me entregavam trabalhos com capa, vinha na própria capa inclusive o nome professora Letícia barra professor Romário, alguns vinham só professora Letícia Carolina. Então eles mesmos

já sabiam e eu não exigia, eles é que colocavam (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 12 de set. 2022).

Na figura abaixo, podemos identificar um desses ocorridos, em que os alunos realizaram uma atividade e entregaram com os nomes professor(a) Romário/Letícia.

Figura 16 - Cartaz com a identificação de Romário/Letícia feito pelos alunos do curso de História



Fonte: Arquivo pessoal da biografada

Analisando o cartaz, os alunos escrevem o nome Professor Romário e, entre parênteses, Letícia. Esse cartaz foi feito pela turma de História na UESPI na disciplina Didática no primeiro dia de aula em que Romário/Letícia faz uma dinâmica com a pergunta motivadora “Por que ensinar História?” com o objetivo de os alunos discutirem como seriam suas práticas docentes enquanto professores de história. Diante disso, os alunos construíram um painel expondo os motivos pelos quais escolheram o curso de história, como podemos ver na figura a seguir.

Figura 17 - Aula inicial de Didática no curso de História (UESPI)



Fonte: Arquivo pessoal de Evangelita Nóbrega.

Ainda sobre a prática pedagógica de Romário/Letícia podemos inferir que era uma prática um pouco diferenciada, como explica a professora Evangelita:

Em alguns momentos ele se revolucionava mais. Lembro até uma aula dele que chamava muito a atenção dos outros professores porque ele inovava as práticas; ele teve uma vivência no mestrado dele, em Teresina, com uma metodologia que quebra os padrões de sala de aula, é uma metodologia que explora muito a questão do corpo, da imersão do ser dentro daquele espaço como um todo. Ele levou alguns tecidos e colocou no chão e colocou alguns alunos em roda e aí sentou e deitou e as pessoas passavam e não sabia quem era o professor Romário misturado naquele processo e assim ele quebrava os padrões, porque a gente está acostumada a ver na universidade aquele professor padrão todo arrumado e todo vestido, se for homem, se for mulher e ele em vários momentos ele quebrava esse padrão com sua própria apresentação visual que ele usava roupas que chamavam bastante atenção e assim, em vários momentos as suas técnicas didáticas rompiam com alguns padrões do que a universidade está acostumada a promover, então ele trouxe para aquele espaço naquela vivência, múltiplas linguagens; uma abordagem dos saberes nas suas diversas formas e isso, claro, tinha alunos que eram favoráveis, mas também alunos que dizia que estava enrolando a aula, que isso aí não é aula, que o professor não tem metodologia...(EVANGELITA NÓBREGA entrevista em 14 de jul.. de 2022).

A partir da narrativa da professora entrevistada, inferimos que as práticas educativas de Romário/Letícia quebravam os padrões tradicionais que são vistos dentro das universidades. Tanto pelas suas vestimentas, pela sua performance enquanto professor(a), quanto pela sua abordagem metodológica. A metodologia utilizada por Romário/Letícia citada pela professora é a sociopoética que é um método de “construção coletiva do conhecimento que tem como princípios a valorização dos sujeitos da pesquisa, além do reconhecimento da importância do corpo, da criatividade do tipo artística, considerando a dimensão ético-estética e política da produção do conhecimento” (SILVEIRA *et al.*, 2008, p. 02).

Além das atividades relacionadas ao ensino, Romário/Letícia dedicava-se às atividades de extensão. Por mais que as atividades de extensão sejam destinadas aos professores efetivos, a biografada estava presente tanto nas atividades de ensino como nas de extensão, como relembra a professora Evangelita:

Ele participou de atividades de extensão também[...] tudo que ele era convidado ele sempre estava presente, ele sempre participava; em auditório, muitas palestras vinculadas não só ao curso de Pedagogia, mas ele tinha também uma boa relação com outros cursos que ele também atuou, mas ele contribuiu também com outros cursos e no curso de Filosofia, Ciências Sociais, Direito, entre outros (EVANGELITA NÓBREGA, entrevista em 14 de jul. de 2022).

Podemos inferir que a atuação de Romário na universidade não acontecia de forma tímida e voltada apenas para a sala de aula. Ele destacava-se nas atividades relacionadas ao ambiente universitário em diversos cursos, como foi rememorado pela professora. Podemos destacar também a criação de um grupo de Estudos e Pesquisas sobre diversidade, como podemos ver na figura abaixo:

Figura 18 - Grupo de Estudos e Pesquisas criado por Romário/Letícia na UESPI em 2017



Fonte: Arquivo pessoal da professora Evangelita Nóbrega (2017).

O Grupo de Estudos e Pesquisas: Diversidades e Diferença (DIVERPI) em educação do Piauí foi criado por Romário/Letícia e tinha o objetivo de discutir inúmeras temáticas relacionadas aos contextos da diversidade de gênero e sexualidade. Letícia relembra que havia discussões de algumas obras, dentre elas o livro “Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença”⁴². Era um grupo aberto, entretanto, não durou muito tempo, pois “*eu descobri que na UESPI a gente não podia fazer nada com o nosso nome porque era substituto e isso começou a me deixar desanimada e quando eu percebi que não tinha muito espaço eu fui deixando de lado*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 12 set. 2022).

Esse grupo de estudos e pesquisas idealizado por Romário teve duração apenas de um ano pelo fato de ser professor substituto e, na época, não poderia registrá-lo em seu nome. Outra experiência de grupo de estudos que também podemos destacar e que contou com a participação de Romário para iniciar suas atividades foi o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Juventude (NEPJUV) na UFPI como ressalta a professora Edmara Castro (entrevista em 13 jul. 2022), “*a gente fundou o NEPJUV em Parnaíba em 2015 e ela esteve super à frente orientando alunos, fazendo grupo com os alunos dela [...] atividades científicas, extensão e foi assim que a gente fundou [...] ai o nome ainda foi Romário Rawlisson, na ata de criação.*”

A motivação de Romário para envolver-se nesses grupos de estudo parte da necessidade de pesquisas voltadas para as temáticas que lhes eram caras, como gênero, sexualidade e diversidade, uma vez que os contextos universitários que ele estava inserido não traziam à baila pesquisas com essas referências, como é lembrada pela professora Edmara Castro (entrevista em 13 de jul. de 2022).

A gente já discutia o quanto era carente de núcleos na Universidade Federal do Piauí, de professores que abraçassem essa temática da educação sexual, das juventudes e gênero, da homofobia na escola. Ela começou a dizer que sentia essa necessidade, que os professores pudessem mudar a postura, porque na época dela de graduação, ela relatava que foi tudo muito limitado, que ela desejava trabalhar questões envolvendo novas questões de trabalho, mas que não tinham professores interessados.

⁴² Obra de autoria de Carlos Skliar e Jorge Larrosa (2007). O livro discute instigantes e inovadoras interpretações sobre o mito bíblico de Babel. Os autores articulam história e modernidade rumo à temporalidade mítica, que se reitera a cada dia, em sociedades e tempos diferentes. A memória que desafia o presente e que abre o imprevisível desconhecido que pode ser futuro é analisada através de sua manifestação mais autêntica: a linguagem. Disponível em: <https://grupoautentica.com.br/autentica/livros/habitantes-de-babel-politicas-e-poeticas-da-diferenca/149>.

Letícia não se sentia representada pelas discussões que aconteciam nas universidades nem quando era estudante, nem quando foi professor e, essa falta de representação, fez com que ele(a) buscasse uma ampliação da visão dos professores a partir de novas leituras e discussões e, isso seria possível a partir dos estudos que vieram a acontecer nos grupos.

Outras práticas que também podemos elencar dentro da docência de Romário/Letícia é a participação em eventos acadêmicos e científicos como, por exemplo, as três edições do Museu do Brinquedo em que a temática em destaque era as relações étnico-raciais, o I Encontro do AFROPI, que é o Afro Piauí, as Semanas de Educação da UESPI em que a biografada participava ativamente na organização *“além de incentivar e motivar os alunos do PIBID a apresentarem seus trabalhos”* (MARIA DE JESUS DUARTE, entrevista em 13 jul. 2022).

As aulas de Romário/Letícia, em sua maioria, eram inovadoras e críticas, nas quais conseguia trazer, de uma forma interdisciplinar, algumas temáticas de estudos imbricadas com suas experiências docentes, bem como suas vivências pessoais a partir de suas identidades. A prática interdisciplinar permite-nos compreender uma visão crítica e global do mundo, com habilidades, como sublinha Morin (2003, p. 29), para *“articular, religar, contextualizar, situar-se num contexto e, se possível, globalizar, reunir os conhecimentos adquiridos”*, como é tratada na Figura 19.

Figura 19 - Roda de conversa sobre a despatologização LGBT



Fonte: Arquivo pessoal da biografada (2017).

Essa roda de conversa foi realizada num ambiente aberto da universidade no período vespertino. A discussão versava sobre a despatologização LGBT, na disciplina de Educação e Movimentos Sociais na UESPI em 26 de setembro de 2017, com a presença da convidada travesti Jessyka Rodrigues. É possível perceber que os estudantes mostram-se interessados com o que está sendo exposto.

A prática docente de Letícia é lembrada e marcada pelas professoras entrevistadas como “bem atuante” e de “se destacar”, isto é, Romário/Letícia dedicava-se à maioria das atividades que lhes eram propostas, como relembra a professora Maria de Jesus Duarte (entrevista em 13 jul. 2022).

Nunca se negou a participar de tudo que a gente propunha, de tudo que a gente colocava juntamente com as turmas, com os alunos e com os outros professores, eu sempre lembro dele/dela uma maneira bem atuante. Essa sempre vai ser a imagem que eu tenho do Romário e da Letícia, onde ela passa, assim de se destacar. O que eu acho mais interessante é que ela foi assumindo várias características que são estereótipos fortes na sociedade de diminuir as pessoas e ela foi assumindo, trouxe para si, puxou-se para si a reafirmação da sua própria imagem, a bicha negra gorda de terreiro.

No que concerne às identidades de Romário/Letícia, citada pela professora, o que podemos chamar de identidade pessoal, a biografada sempre marcou seus espaços de fala e de luta, ou seja, não é apenas uma travesti, é uma travesti negra e esse marcador tem um peso maior do que ser “apenas” travesti e, além de carregar o marcador social da travesti negra, ainda é gorda e de terreiro, tudo o que uma sociedade branca heteronormativa abomina.

Então, partindo dessa premissa, podemos inferir que o preconceito sofrido por Romário/Letícia desde criança, muitas vezes, vinha de muitas frentes, como a gordofobia, a homofobia, o preconceito racial e, possivelmente transfobia, pois como ressalta a entrevistada Edmara Castro (Entrevista em 13 de jul, 2022) sobre a transição social de Letícia, “*têm pessoas, olhares que acolhem e acolheu o processo de mudança da Letícia, mas tinham outros de punições, de perseguições, mas a Letícia sempre ignorou, era uma forma de fuga*”.

Esse aspecto de ignorar o que estava à sua volta, ou seja, essa espécie de fuga relatado por Edmara lembra-nos outra entrevistada que já citamos em linhas anteriores (Cintia Pinto), que ressaltou que desde a infância, Romário ignorava as “brincadeiras de mal gosto”, as “chacotas”, os xingamentos como uma forma de se adaptar e tornar aquele ambiente mais pacífico para ele. Na universidade, podemos inferir que isso não foi diferente. A vontade e a necessidade de envolver-se naquele meio era maior do que os olhares de punições e de estranhamento que eram voltados para sua pessoa.

Diante disso, Letícia relembra de apenas um desconforto que teve na UESPI na época de sua transição, como é relatado abaixo:

A coordenadora de Pedagogia da época me chamava dos dois nomes e ela mesma comentava comigo e dizia assim: “é muito fácil perceber, o dia que você está de professora Letícia e o dia que você está de professor Romário, então na hora que eu olho pra você eu vejo quem é que está aqui dando aula naquele dia e eu chamo você de acordo com seu nome”. E aí tinha uma professora de Psicologia... ela (Dude) me contou depois, ela disse assim: “você não acha que esse rapaz confunde muito a cabeça dos alunos, vindo um dia de um jeito e no outro dia de um outro jeito?” Aí a professora Dude respondeu para ela: “acho que não! Pelo contrário, eu tenho percebido que os alunos entendem muito bem a professora Letícia, entendem quando ela está de professora Letícia e entendem quando ela está de professor Romário, chamam ela pelo nome devido e nunca percebi nenhuma confusão nesse campo, talvez professora, a senhora que esteja confusa” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 05 maio 2021).

O que podemos compreender pela atitude da professora de Psicologia é que ela não queria “aceitar” aquele corpo trans transitando no meio acadêmico e quis chamar atenção para esse fato, mas trazendo como se fosse uma problemática dos próprios alunos em relação à identidade de Romário/Letícia, o que de acordo com as narrativas anteriores da biografada, nunca houve oposição por parte dos alunos para com ela.

Saindo um pouco da parte da atuação docente da biografada, discutiremos agora de forma sucinta, até porque já foi mencionado no capítulo três, a fase da transição social de Letícia Carolina.

Letícia relembra que, em suas memórias, sempre se via como uma menina, embora fosse lida como menino e depois como gay afeminado. A Letícia ganhou forma e espaço a partir não só do desejo que Romário tinha de ser uma travesti, mas por um conjunto de elementos que foram sendo construídos e desconstruídos ao longo do tempo. A Letícia Carolina “não é resultado de uma operação, ela surge através de várias operações legais ou ilegais, que não são apenas aquelas que foram feitas pelos cirurgiões ou pelas bombadeiras, são outras mesas de cirurgia, construídas através das artes, da educação e da cultura” (MACHADO, 2021, p. 306).

Sabemos que Letícia sempre afirma que queria ser travesti, que já se sentia na identidade travesti, mas para que houvesse, de fato, a transição social, Letícia inspirou-se em algumas travestis que conheceu na militância. Em 2014, em um evento do GPTRANS⁴³, em Luís Correia, Romário conversou com Maria Laura dos Reis, uma travesti e “ela me olhou e falou assim: “você é travesti?” e eu falei: “não, eu sou gay” aí ela: “ah, você parece muito

⁴³ Grupo Piauiense de Travestis e Transexuais.

travesti” e aí eu fiquei com aquilo na cabeça, porque eu sou travesti, mas ainda não assumi e não era justo eu falar (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 12 de set. 2022).

Outras travestis que Letícia relembra ter conhecido nesse evento e que, de certa forma, inspiraram a assumir sua identidade travesti foi Josiane Borges, que também é do GPTRANS, a professora Luma Andrade, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Beatriz Chaves de Camucin, Jessyka Rodrigues, dentre outras que Romário teve contato ao longo de sua militância, principalmente no GPTRANS.

Figura 20 - Primeira vez que a “Letícia Carolina” aparece na performance travesti



Fonte: Arquivo pessoal da biografada (2017).

A Figura 20 representa a primeira vez que a travesti Letícia Carolina surgiu para a sociedade. Letícia Carolina está com sua amiga Jessyka Rodrigues que também é travesti, em um evento em maio de 2017, da Faculdade Internacional do Delta, no auditório da Associação Comercial de Parnaíba, para assistir a palestra: “Como Criar para Si um corpo Drag”.

Nesse momento, Letícia rompeu com todo o medo e receio de fazer e trazer esse corpo trans para a sociedade. Remetemo-nos ao medo e ao receio porque ser travesti em um país como o Brasil é sinônimo de fazer do seu corpo um tanque de guerra (RODRIGUES, 2020) para resistir e existir a cada dia. A constituição desse corpo travesti que se apresenta para a sociedade a partir de então, perpassa todos os espaços reais possíveis, sendo estes políticos, religiosos, culturais, econômicos, enfim, espaços plurais.

De acordo com York, Oliveira e Benevides (2020, p, 02), ser travesti é:

Ao contrário do imaginário do senso comum, ser uma travesti é o reconhecimento de um outro corpo possível, legítimo, além daquele normatizado. É a constituição de uma identidade real (quando apresenta materialmente seu corpo), social (quando transita entre os espaços) e política (quando reivindica direitos – de fato e de direito). Essa mesma identidade social, que é produtora de cultura, rompe com os signos binários estáticos e expressa-se como pertencente ao gênero feminino.

A construção de um corpo travesti ultrapassa os padrões aceitáveis e indiscutíveis constituídos historicamente pela normatividade. O corpo travesti de Letícia começou a “aparecer”⁴⁴ definitivamente em alguns eventos no início de 2017 fora dos ambientes das universidades, assim como fora das instituições de educação básica onde ela atuava. Na universidade, ainda era mantida a identidade fluída, a “bicha afeminada” que, às vezes, era professora Letícia e, às vezes, era professor Romário. No entanto, no dia da apresentação do TCC de seus orientandos, Letícia “apareceu” na universidade, como uma “convidada” do professor Romário, como podemos vislumbrar no convite feito pelo professor Romário para as apresentações dos TCCs.

Figura 21 - Convite para a comunidade acadêmica assistir a defesa dos orientandos do professor Romário



Fonte: Arquivo pessoal da professora Evangelita Nóbrega (2017).

⁴⁴ Usamos os termos “apareceu” ou “aparecer” para manter a narrativa da biografada, pois é dessa forma que ela refere-se quando fala da transição de Romário para Letícia.

No convite feito pelo professor Romário destinado à comunidade acadêmica, Letícia Carolina surge como uma convidada especial para um *Talk Show* juntamente com a professora Shara Jane⁴⁵ da UFPI. Letícia relembra que, nessa época, é “*como se eu tivesse duas identidades. É como se a Letícia fosse uma personagem. Ela aparecia assim, e aí é um convite, o professor Romário convidando, mas na hora, ele não estaria lá, quem ia era só a Letícia (risos)*” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista 12 de set. 2022).

Esse dia das apresentações dos orientandos do professor Romário, foi o primeiro dia em que Letícia vai de fato à universidade. Letícia já existia fora da universidade, mas na universidade é como se ela fosse “uma personagem”, como é lembrado pela biografada. Um ponto que é pertinente destacar é que quando a biografada refere-se à identidade de Romário, ela aborda na terceira pessoa, “o Romário” ou “quando eu era Romário” e em momento algum ela recusou-se a trazer suas vivências enquanto Romário, pelo contrário, a identidade do Romário é cuidada e mantida na memória de Letícia com certo carinho e respeito, pois foi devido à insistência e à força interna de Romário que Letícia nasceu para o mundo.

Na Figura 22, podemos vislumbrar Letícia Carolina com os dois acadêmicos orientandos do professor Romário. À esquerda, a estudante Nalyta Ribeiro que pesquisou sobre “*reproduzir ou transformar? As relações de gênero no livro didático*” e à direita, o estudante Roberto Vinício Sousa que pesquisou acerca da “*A sociopoética das bichas docentes nos labirintos da prática educativa*”.

Figura 22 - Primeira vez em que Letícia aparece na Universidade Estadual do Piauí



Fonte: Arquivo pessoal da biografada (2017).

⁴⁵ A professora Shara Jane foi orientadora do Romário no mestrado e orientadora da Letícia no doutorado.

Podemos inferir, de acordo com a leitura da imagem, que a expressão sorridente de Letícia é como se tivesse aliviada ao poder viver a liberdade, de viver a identidade da professora Letícia sem estar por trás da imagem do professor Romário.

A partir do momento em que Letícia apresentou-se na universidade na performance feminina de travesti, desde então, passou a utilizar essa identidade. A respeito do nome, ela relata que *“Letícia é um nome que eu escolhi porque tem uma sonoridade parecida com o das minhas irmãs. E Carolina eu sempre gostei do nome Carolina”* (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 12 set. de 2022).

Apesar de já ter passado pela transição, algumas pessoas ainda tratavam o nome social de Letícia como algo informal, tanto na universidade como fora. Um momento em que devemos destacar como importante na vida da professora Letícia, foi a primeira formatura do curso de Pedagogia da UFPI que ela foi homenageada e foi chamada pela cerimonialista pelo nome social.

Figura 23 - Letícia como professora homenageada na formatura em Pedagogia da UFPI



Fonte: Arquivo pessoal da professora Evangelita Nóbrega (2017).

A Figura 23 retrata a formatura citada anteriormente, como destaca Letícia:

“nós éramos professoras homenageadas. Essa formatura foi interessante porque, eu fui chamada pelo nome social na hora de subir com os professores; a Carol Porto que é uma comunicadora bem conhecida na cidade e já me conhecia, e ela

perguntou se tinha problema me chamar pelo nome social e eu disse: “não, fico até mais feliz porque já fica um pouco estranho não chamar o que seja o social e aí eu fui chamada já como professora Letícia para fazer a entrega” (LETÍCIA NASCIMENTO, entrevista em 12 de set. 2022).

Compreendemos a importância para Letícia de ser chamada pelo nome social, que é o nome que ela escolheu para sua identidade travesti, sua identidade feminina. Como discutido anteriormente a respeito do nome social, entendemos a importância do Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016 que regulamenta o uso do nome social para pessoas travestis e transexuais, uma vez que seu nome faz parte de sua representação social.

Vimos a partir de toda a trajetória de vida Letícia as dificuldades que atravessam as mulheres travestis e transexuais em todos os espaços onde elas estão presentes, seja na família (que não foi o caso de Letícia, pois ela foi acolhida), seja em instituições escolares, na inserção ao mercado de trabalho, no uso do banheiro, na vestimenta como se acha confortável, enfim, uma série de direitos que lhes são negados pelo fato de romperem com os padrões estabelecidos historicamente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Sempre é preciso saber
quando uma etapa chega ao fim.
Encerrando ciclos,
fechando portas,
terminando capítulos.
(GLÓRIA HURTADO).*

A epígrafe acima resume um pouco a seção “Considerações finais”. Chegamos ao fim da produção dessa narrativa biográfica que demandou muitas leituras, reflexões, escuta dos sujeitos envolvidos e, essencialmente, muita escrita. Sendo assim, é hora de encerrarmos este ciclo formativo com a convicção de que novas portas serão abertas e que a formação tornar-se-á permanente. É interessante destacarmos que a feitura desta tese foi um processo de construção e, principalmente, de desconstrução que termina, mas não se encerra. Desconstrução no sentido de nos permitir ir além do que a sociedade sempre ditou sobre as identidades e a construção de novos olhares a respeito da diferença e da diversidade para o fortalecimento da luta em prol de uma sociedade mais justa e respeitosa.

Objetivamos com essa pesquisa de cunho doutoral biografar a professora travesti Letícia Carolina Pereira do Nascimento com ênfase na sua trajetória formativa e atuação docente, com destaque para o recorte temporal 2007 a 2018. Com a finalidade de atingirmos o objetivo proposto, realizamos uma pesquisa do tipo biográfica, amparada teoricamente na História Cultural e, metodologicamente, na História Oral, tendo as entrevistas livres e temáticas como principal coleta das narrativas tanto da biografada como dos demais colaboradores entrevistados. Além das narrativas, utilizamos documentos e imagens como fontes históricas.

Ao longo da tessitura da pesquisa, perpassamos por diversas problemáticas que envolveram a história de vida da biografada como, por exemplo, gênero, sexualidade e travestilidade. No entanto, salientamos que é uma pesquisa que está inserida no campo da história da educação com foco principal na trajetória formativa e na inserção da biografada na docência, tendo em vista que estamos situados em um programa de pós-graduação em educação com área de concentração em formação de professores.

Letícia Carolina Nascimento é negra, gorda, de axé e a primeira professora travesti efetiva da Universidade Federal do Piauí. Partindo disso, a curiosidade inicial para a realização da pesquisa surgiu do seguinte questionamento: quais dispositivos Letícia Carolina Pereira do

Nascimento recorreu em sua trajetória de formação e atuação para se constituir a primeira professora travesti efetiva da Universidade Federal do Piauí?

Letícia Carolina nasceu na cidade de Parnaíba no litoral do Piauí em uma família humilde em que seu pai trabalhava no setor comerciário e sua mãe, dona de casa. Perdeu sua mãe aos dez anos de idade e, sua avó materna, que era aposentada e pensionista assumiu a guarda dos quatro netos, em que priorizou principalmente a educação das crianças. Todo o seu período de escolarização foi vivido na identidade masculina, ou seja, Romário Rawlisson, uma vez que a identidade travesti Letícia Carolina tornou-se aparente para a sociedade apenas no ano de 2017.

A biografada teve a oportunidade de iniciar e concluir toda a educação básica em instituições particulares. O ensino primário foi realizado na Escola Monteiro Lobato que era uma “escola de bairro”, de boa qualidade. O ensino fundamental e parte do ensino médio, no Colégio São Luís Gonzaga, o Diocesano, que era uma das escolas que formavam (e ainda formam) muitos jovens da elite parnaibana. Finalizou o ciclo da educação básica no Colégio Apoio, que era uma escola de ensino médio e, também, preparatório para o vestibular. Já a educação superior, fez a graduação em Pedagogia, Mestrado e Doutorado em educação na Universidade Federal do Piauí.

Vale ressaltar que Letícia galgou escolarização tão alta pelo esforço e apoio de sua família, principalmente pela sua avó, Dona Lourdes, que sempre priorizou a escolarização dos netos acima de outras coisas materiais.

Em relação ao percurso profissional de Romário/Letícia, inicia-se a partir da aprovação em concurso público na cidade de Luís Correia como professor(a) na educação infantil. Posteriormente, assessora de projetos e coordenadora do ensino fundamental e EJA na Secretaria Municipal de Educação de Luís Correia. A docência na educação básica deu-se em escolas municipais como Carmozina Martins e Antônio Osvaldo, ambos na cidade de Luís Correia-PI. Já a docência universitária, inicia-se nas Universidades Estadual e Federal do Piauí como professor(a) substituto(a).

Os principais desafios como professora da educação básica foram enfrentar situações em que algumas turmas tinham muitas dificuldades de aprendizagem, bem como a falta de tempo e de disponibilidade para uma melhor preparação, uma vez que concomitantemente à educação básica, também era professora substituta em universidades no período noturno.

Em 2019, Letícia passou no concurso da Universidade Federal do Piauí, na qual é lotada no campus Amílcar Ferreira Sobral, na cidade de Floriano, sul do Piauí. Além de suas

atividades realizadas na instituição, Letícia tornou-se uma referência nos estudos de gênero em nível nacional e é umas das principais autoras que discute transfeminismo no Brasil a partir de seu livro “Transfeminismo” da coleção Feminismos plurais, coordenada pela filósofa e estudiosa do feminismo negro, Djamila Ribeiro. Inclusive, realizando palestras em várias universidades no país.

Partindo do contexto acima, precisamos compreender que, para Letícia conseguir conquistas, como o acesso à escolarização e sua rápida inserção ao mercado de trabalho, não ocorreu de forma fácil. Letícia encontrou diversas resistências em sua trajetória formativa, bem como no início de sua docência, tais como o preconceito racial, sexual e gordofóbico.

Por ser uma pessoa que foge aos padrões normativos de uma sociedade opressora, desde o ensino primário, Letícia/Romário deparou-se com questões de preconceito em relação ao seu corpo e ao seu comportamento. Por ser uma criança que estava acima do peso, sofria gordofobia; e por apresentar trejeitos afeminados, como gostar de brincar de boneca com as meninas, sofria homofobia, no entanto, aconteciam de forma moderada. Já no período dos ensinos fundamental e médio, a violência em torno de Letícia/Romário intensificou-se, uma vez que a adolescência é considerada uma época de muitas mudanças, principalmente em relação à sexualidade dos sujeitos. As violências sofridas por Romário na adolescência, principalmente no ambiente escolar, eram de cunho verbal mediante diversos tipos de xingamentos.

Aos 18 anos, quando assumiu sua homossexualidade para a família, embora fosse uma situação bem aparente, pôde contar com o apoio principalmente de sua avó, todavia, o desejo de Romário ultrapassava a homossexualidade, pois logo descobriu que queria ser e ter uma identidade travesti. A transição da identidade “gay afeminado” para a identidade travesti ocorreu apenas em 2017, justamente por receio dos preconceitos socioculturais.

Podemos considerar que a transição social de Letícia Carolina ocorreu somente depois de algumas realizações pessoais, como passar num concurso público na educação básica, ter concluído o mestrado, bem como viver a experiência de professor(a) substituto nas universidades Estadual e Federal do Piauí, onde percebeu o respeito que tinha pelo público universitário. Podemos destacar também que essa transição “um pouco tardia”, comparada à maioria das transições sociais de pessoas travestis e transexuais, ocorreu pelo receio da rejeição que Letícia iria ter diante da sociedade, sobretudo em relação ao mercado de trabalho.

Compreendemos o fato de Letícia ir conquistando espaços de poder ou, pelo menos, ocupar um espaço na sociedade que não seja a subalternidade ou a marginalidade, ainda na identidade Romário, pois devemos considerar que, assim como é cruel fazer a

transição social ainda na adolescência ou no início da juventude e enfrentar uma sociedade cisheteronormativa pronta para lhe atacar a qualquer momento e em qualquer espaço, é desumano ter que esconder sua identidade ao ponto de a situação tornar-se insustentável.

Consideramos que o apoio de sua família, bem como a educação que foi fomentada a Romário/Letícia deram-lhe subsídios para que a biografada não faça parte da estatística de 90% das travestis e transexuais que vivem à margem da sociedade, em que buscam meios de sobrevivência na prostituição, porque não tiveram o direito à educação assegurado pelo Estado. Constatamos que, muitas vezes, não é negado o acesso à educação para pessoas trans, mas é negada a permanência por falta de políticas públicas destinadas a essa população e ações de educação para a diversidade e para o combate ao preconceito.

Diante disso, confirmamos a tese de que Letícia Carolina Pereira do Nascimento enfrentou inúmeros preconceitos e discriminações ao longo de sua trajetória estudantil e profissional, mas que houve dispositivos que contribuíram para que ela superasse as barreiras dessas violências e ocupasse espaços pouco comuns às mulheres travestis. Ademais, sua atuação educativa deixa contribuições significativas por onde passou para a formação de professores e estudantes com os/as quais conviveu.

Acreditamos que as pesquisas biográficas não permitem generalizações, todavia sabemos de sua importância para compreendermos aspectos vivenciados não só pela biografada, mas também de outras mulheres travestis e transexuais com trajetórias semelhantes. Possibilitou também contribuir com as poucas pesquisas a respeito de mulheres travestis e transexuais que estão inseridas no campo da educação básica e superior.

À luz do que foi exposto durante o estudo, sugerimos que são pertinentes pesquisas futuras que se debrucem sobre temáticas relacionadas às mulheres travestis e transexuais, às suas histórias de vida, ao seu direito de existirem com dignidade humana e resistência à cisheteronormatividade, para que deixem de ocupar “um não lugar na sociedade” (NASCIMENTO, 2021) e ocupem cada vez mais espaços onde são vistas e reconhecidas para que fortaleçam a luta das pessoas trans na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, A. #Sim, gorda pode!: corpo e subjetividade em tamanhos grandes. *In*: NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, C. J. dos S; VASCONCELOS, L. M. de. **Diálogos sobre Gênero, Cultura e História**. Fortaleza: EdUECE, 2015. p. 73-92.
- ABREU, V. K. de. INÁCIO FILHO, Geraldo. A educação moral e cívica – doutrina, disciplina e prática educativa. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.24, p. 125–134, 2006. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4955/art11_24.pdf. Acesso em: 09 jun. 2021.
- ALBERTI, V. Fontes Oraís: História dentro da História. In: PINSKY, C. B. (organizadora) **Fontes Históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALMEIDA, J. S. de. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- ALMEIDA, C. B. de; VASCONCELOS, V. A. Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo? **Revista Direito GV** v. 14, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/HpFvXPZ8WRd63GbZ4CfSRQC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 23 set. 2021.
- AMORIM, A. D. FERNANDES, M. J. S. A formação inicial, a prática pedagógica e processo de tornar-se professor. **Revista Práxis Educacional**. Dossiê Temático: Formação e Prática Pedagógica. Vitória da Conquista - Bahia - Brasil, v. 14, n. 30, p. 85-110, 2018.
- ARANHA, M. L. de A. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2012.
- ALVARENGA, A. V. M. Parnaíba Historiografada: "da cidade projetada à cidade habitada". **Vozes, Pretérito & Devir** Dossiê Temático: Gênero e Diversidade. Ano 4, v, 7. n. 1, 2017. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/issue/view/7/showToc>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- ANDRADE, L. N. de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7600>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- ARAÚJO, L. A. MUNIZ, L. M. MELO, M. dos S. Tecendo uma possível trajetória para entender os estudos de gênero e os gêneros fluidos: Ponderações a partir da performance de um casal não-binário "Sopa de Gênero e a Destruição dos Prédios". **Áskesis** v.7, n.2, p. 62-75, 2018. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/376>. Acesso em 29 jun. 2021.

AVELAR, A. de S. Escrita da história, escrita biográfica. In: AVELAR, A de S; SCHMIDT, B. B. **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

BACELLAR, C. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

BARROS, J. D'A. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2004.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo Sexo II: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1967.

BENEVIDES, B. G; NOGUEIRA, S. N. B. (Orgs.). **Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2020**. Brasil: ANTRA/IBTE, 2019. Disponível em: <https://antrabrasil.org/mapadosassassinatos/>. Acesso em 10 jul. 2021.

BENTO, B. A. de M. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENTO, B. A. de M. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 3 ed. Salvador, BA. Editora Devires, 2017.

BENTO, B. A. de M. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas**. Natal: EDUFRN, 2015.

BENEDETTI, M. **Toda feita: o corpo e o gênero das Travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BORGES, João Carlos de Freitas. 2022. **Entrevista** - concedida à pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, Fortaleza, 12 jul.

BRAGA, A. C; MAZZEU, F. J. C. O analfabetismo no Brasil: lições da história. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara/SP, v. 21, n. 01, p. 24-46, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v21.n.1.2017.9986> Acesso em: 18 jun. 2021.

BRANDENBURG, C; FIALHO, L. M. F; SOUSA, F. G. de A. Formação educativa de Maria de Lourdes Fernandes: memórias de superação. **Debates em Educação**, v. 12, p. 474-494, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10180>. Acesso em: 10 set. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 27 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016. **Presidência da República Secretaria-Geral Subchefia para Assuntos Jurídicos**, Brasília, DF. 28 de abril de 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm. Acesso em: 14 abr. 2021.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Câmara dos Deputados**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 27 maio 2021.

BITTENCOURT, C. M. F. As “tradições nacionais” e o ritual das “Festas Cívicas”. In: PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de história e a criação do fato**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1994. p. 43-72.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, P. **A Escrita da História: Novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992 (Biblioteca básica).

BURKE, P. **A escola dos Annales: A revolução da historiografia francesa 1928 – 1989**. Tradução Nilo Odália – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b.

BUTLER, J. Como os corpos se tornam matéria. Entrevista a Baukje Prins e Irene Meijer. **Revista de Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, p. 15-16, 2002.

BORGES, V. P. Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; *et al.* **Fontes Históricas**. 3 ed São Paulo: Contexto, 2015.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1999.

CANTELLI, A. L. e NOGUEIRA, S. N.B. **Memórias e narrativas das professoras travestis, mulheres trans e homens trans na educação**. Brasil: IBGE, 2018. Disponível em: <http://observatoriotrans.org/memorial>. Acesso em 15 jun. 2020.

CAMARGO, F. F. **Cursinhos pré-vestibulares populares e o caso da UNESP: alguns condicionantes à sua criação e transformação**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90263/camargo_ff_me_arafcl.pdf;sequence=1 Acesso em 15 out. 2021.

CAMPOS, J. G. **Políticas Públicas de Educação condições de trabalho do professor: os reflexos do uso do mimeógrafo no dia-a-dia dos professores e dos alunos da rede estadual paulista – ensino fundamental i**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Cidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

CARROLL, L. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CARVALHO, S. O’H. C. **Irmã Maria Montenegro: atuação educacional empreendida em Fortaleza, Ceará (1945-1987)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível

em: <http://www.uece.br/ppge/download/dissertacoes-por-turma-2015-a-2019/> Acesso em: 10 set. 2021.

CARDOSO, T. V. B. Quem enxerga a criança trans? Memórias de um menino transgressor. **Revista Brasileira de estudos da Homocultura**, v. 3, n. 9, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/10265>. Acesso em: 28 jul. 2021.

CASTRO, Edmara. 2022. **Entrevista** - concedida à pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, Fortaleza, 12 jul.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2002.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: Difel, 1988.

CERQUEIRA, M. D. F. Ginásio São Luiz Gonzaga: uma instituição educativa católica para a juventude piauiense. In: XVII Congresso de História da Educação do Ceará – tecnologias da educação: passado, presente, futuro. **Anais...** Fortaleza, 2018, v. 1, p. 177 – 187, 2018.

CORDEIRO, D. **Juventude nas sombras**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

COSTA, J. B. **Ginásio Parnaibano: História e Memória (1927-1959)**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

COSTA, M. A. A. da. **Maria Cinobelina Elvas: docência na Escola Normal (1981-1988)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://www.uece.br/ppge/download/dissertacoes-por-turma-2015-a-2019/> Acesso em: 10 set. 2021.

CUNHA, M. I. da. O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, n. 3, p. 609-625, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/xR9JgbzxJggqLZSzbTbXNQRg/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 17 ago. 2021.

DEL PRIORE, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Tapoi**, v. 10, n. 19, p. 7-16, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/wjzgxRYmBc577pm4QqVfDtb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 fev. 2021.

DELEUZE, G; GUATARRI, F. **Mil platôs**. Vol. 3. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

DIAS, A. F. Escrevivências trans* Como potência. **Rev. FAEEBA** – Ed. e Contemp., Salvador, v. 29, n. 59, p. 329-344, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/9932>. Acesso em: 13 out. 2021.

DOSSE, F. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DOSSE, F. A biografia à prova da identidade narrativa. **Revista Escritas do Tempo**, v. 2, n. 4, p. 7-36, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1249>. Acesso em: 23 mar. 2021.

DOSSE, F. **A história em migalhas: dos *Annales* à nova história**. Barueri: Edusc, 2003.

DUARTE, Maria de Jesus Marques. 2022. **Entrevista** - concedida à pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, Fortaleza, 13 jul.

FERREIRA, M. de M. Apresentação. In: AVELAR, A. de S; SCHMIDT, B. B. **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

FIALHO, L. M. F. F. **Biografia de um jovem traficante: brigas de gangues e homicídios em série**. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

FIALHO, L. M. F.; SÁ, É. C. V. Educadora Henriqueta Galeno: a biografia de uma literata e feminista (1887- 1964). **História da Educação**, v. 22, p. 169-188, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/75182>. Acesso em: 25 nov. 2020.

FIALHO, L. M. F.; HERNÁNDEZ DÍAZ, J. M.; FREIRE, V. C. C. História da educação na biografia da transexual José Honorato Batista Neta. In: GONZÁLEZ-DELGADO, M.; LORENZO, M. F.; MACHADO-TRUJILLO, C. (Orgs.). **Transferencia, transnacionalización y transformación de las políticas educativas (1945-2018)**. Salamanca: FahrenHouse, 2020. p. 77-84.

FIALHO, L. M. F.; CARVALHO, S. O'; C.; NASCIMENTO, L. B. S. Memórias de Maria Helena da Silva: licenciatura em Pedagogia em tempos de ditadura (1966-1970). **Cadernos de Pesquisa**, v. 28, p. 335, 2021. Disponível em: <http://www.periodicoelectronico.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/14922>. Acesso em: 10 set. 2021.

FIALHO, L. M. F.; HERNÁNDEZ DÍAZ, J. M. Maria Zelma de Araújo Madeira: memórias de formação e resistências da docente universitária negra. **Revista Diálogo Educacional**, v. 20, p. 775-796, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/26441>. Acesso em: 10 set. 2021.

FIALHO, L. M. F.; SANTOS, H. F. dos; FREIRE, V. C. C. Biografia da Professora Raquel Dias Araújo: um olhar sobre a docência universitária e a militância política. **History of Education in Latin America - HistELA**, v. 3, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/20562/12765>. Acesso em: 10 set. 2021.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, F. G. A. de.; NASCIMENTO, L. B. S. Biografia da educadora Josete Sales: reflexos da formação de professoras no Ceará. **Roteiro**, v. 45, 2020. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/23790>. Acesso em: 10 set. 2021.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, N. M. C.; DIAZ, J. M. H. Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência. **Revista Cocar**, v. 8, p. 371-387, 2020. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/3083>. Acesso em: 10 set. 2021.

FIALHO, L. M. F.; QUEIROZ, Z. F. Maria Neli Sobreira: história e memória da educação em Juazeiro do Norte. **Educar em Revista**, v. 34, p. 67-84, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40602018000400067&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10 set. 2021.

FIALHO, L. M. F.; CARVALHO, S. O'. C. História e memória do percurso educativo de Célia Goiana. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 22, p. 137-157, 2017. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/992>. Acesso em: 28 abr. 2021.

FILGUEIRAS, J. M.; ARAÚJO, J. E. L. Cultura escolar, rituais cívicos e ensino de história nas escolas de alfenas durante o regime militar. **Plures Humanidades**. v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/471/356>. Acesso em: 02 jul. 2021.

FONTENELES, C. C. da S. SOUSA NETO, M. de. A educação pública nos anos 1990: entre expectativas e inovações. In: **Educação: Políticas, Estruturas e Organização**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019.

FRANCO, N. **A diversidade entra na escola**: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13769>. Acesso em: 27 out. 2021.

FRANCO, N. **Professoras Trans brasileiras**: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13671>. Acesso em: 27 out. 2020.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, V. C. C. **Maria Luíza Fontenele**: educação e inserção política. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.uece.br/ppge/download/dissertacoes-por-turma-2015-a-2019/> Acesso em: 10 set. 2021.

FREITAS, M. C. de; BICCAS, M. de S. **História Social da educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009.

FOUCALT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GAMBOA, S. S. **Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argos 2012.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de Método na construção da pesquisa em educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GONGRA, J. G; SHUELER, A. **Educação, poder e sociedade no Império**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, A. de O; TAVARES, N. de O; SOUZA, N. A. O. Arqueologia e Teoria Queer: por uma arqueologia transviada. **Rev. Arqueologia Pública**, v. 13, n. 1, 2019.

HUBERMAN, M. O ciclo da vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António. **Vida de professores**. Porto: Editora Porto, 2000.

ISOLAN, L. Bullying escolar na infância e adolescência. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. v. 16, n. 1, 2014. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v16n1a07.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. Parnaíba-PI. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/parnaiba.html>. Acesso em: 20 fev. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Biblioteca**. Catálogo, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=449063&view=detalhes>. Acesso em: 02 jul. 2021.

JESUS, J. G de. Crianças trans: memórias e desafios teóricos. In: III Seminário Internacional enlaçando sexualidades. 2013, Salvador. **Anais [...]** Salvador, 2019, p. 1-14. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jaqueline-Jesus/publication/250305355_Criancas_Trans_Memorias_e_Desafios_Teoricos/links/02e7e51e9766a39e35000000/Criancas-Trans-Memorias-e-Desafios-Teoricos.pdf. Acesso em: 07 jul. 2021.

JUCÁ, G. N. M. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza, Premius, 2011.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**. n. 1. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749/20279>. Acesso em: 05 jun. 2021.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. 5. ed. 2. Reimp. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: UNICAMP, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 1990.

LIMA, M. L. C. **O uso do nome social como estratégia de inclusão social de transexuais e travestis.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade de São Paulo, 2013.

LIMA, A. M. da S. **Formação e atuação docente de Aída Balaio:** biografia de uma educadora negra em Fortaleza-CE (1908-1970). Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://www.uece.br/ppge/download/teses/>. Acesso em: 02 jul. 2021.

LOPES, T. M. R; FIALHO, L. M; F.; MACHADO, C. J. dos S. Mulheres educadoras do Cariri cearense no fomento à inclusão (1970-1990). **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, v. 23, n. 38, 2018.

LOPES, T. M. R; SOUSA, F. G. A. de; FIALHO, L. M. F. Minerva Diaz de Sá Barreto e o Atendimento às Pessoas com Deficiência em Barbalha-CE. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 21, p. 64-72, 2020. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/ensino/article/view/7768>. Acesso em: 10 set. 2021.

LOPES, T. M. R.; SOUSA, F. G. A. de; FIALHO, L. M. F. F. Maria Zuíla e Silva Moraes: Pioneirismo e protagonismo na fundação da Apae de Juazeiro. **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, v. 9, p. 89-108, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/35197>. Acesso em: 10 set. 2021.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho:** Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. rev. Ampl.; 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

LOZANO, J. E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MACHADO, J. W. de O. **As artes de pintar e as artes de se pintar:** lembranças e esquecimentos sobre Márcia Maia Mendonça, uma artista transexual católica. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

MARQUES, E. de S. A; CARVALHO, M. V.C. de. O significado histórico de práticas educativas: um movimento que vai do clássico ao contemporâneo. **Linguagens, Educação e Sociedade**. Teresina, v. 21, n. 35, 2016.

MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. **História Oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MENDES, F. I. V. **Parnaíba:** Educação e sociedade na primeira república. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

MENDES, S. de L. **O modelo de educação do Jardim de infância natalense (1908-1953)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

MENDES, M. C. F.; COSTA, M. A. A. da C.; BRANDENBURG, C.; FIALHO, L. M. F. Iolanda dos Santos Mendonça: a participação das mulheres em movimentos indígenas (1970-2000). **Cambios y Permanencias**, v. 11, p. 828-853, 2020. Disponível em: <https://revistas.uis.edu.co/index.php/revistacyp/article/view/11094>. Acesso em: 9 set. 2021.

MENDES, M. C. F.; FIALHO, L. M. F.; MACHADO, C. J. dos S. Argentina Pereira Gomes: disseminação de -inovações- didáticas na educação primária na década de 1930. **Revista Diálogo Educacional**, v. 19, p. 527-550, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/24959/23519>. Acesso em: 8 set. 2021

MENDONÇA, O. S. C. Percurso Histórico dos Métodos de Alfabetização. In: COELHO, S. M. (Org.). **Caderno de Formação: formação de professores Didática dos Conteúdos**. 2. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 02, p. 23-35.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec; 2007.

MISKOLCI, R. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2 ed. Ver, e am. Belo Horizonte: UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto), 2012.

MODESTO, E. Transgeneridade: um complexo desafio. **Via atlântica**, São Paulo, n. 24, p. 49-65, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268347171.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2021.

MONTEIRO, C. **Ditado: concepções, orientações e práticas de um dispositivo escolar (1939-1971)**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/149059>. Acesso em 06 jul. 2021.

MOREIRA, M. I. C.; *et al.* Mulheres, Travestis e Transexuais: interseções de gênero em documentos de políticas públicas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, n. 2, p. 234-242, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/DbkPjhM9ywSdSqHD7PnW7Vs/?lang=pt>. Acesso em: 10 ju. 2021.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**. repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MOURA, R. G. de; NASCIMENTO, R. P.; BARROS, D. F. O problema não é ser gay, é ser afeminado: o gay afeminado nas organizações. **Farol: Revista de estudos organizacionais e sociedade**. V. 4, n. 11, p. 1478-1541, 2017.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. 2020. **Entrevista** - concedida à pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, Fortaleza, 24 nov.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. 2021. **Entrevista** - concedida à pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, Fortaleza, 05 maio.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. 2022. **Entrevista** - concedida à pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, Fortaleza, 12 set.

NASCIMENTO, Tícylli Natasha Pereira do. 2021. **Entrevista** - concedida à pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, Fortaleza, 13 ago.

NASCIMENTO, L. C. P. do. Eu não vou morrer: solidão, autocuidado e resistência de uma travesti negra e gorda para além da pandemia. **Inter-legere**. v. 3, n, 21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/21581>. Acesso em: 22 out. 2021.

NASCIMENTO, L. C. P do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017.

ODÁLIA, N. Apresentação. In: BURKE, P. **A escola dos Annales: A revolução da historiografia francesa 1928 – 1989**. Tradução Nilo Odália – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

OLIVEIRA, R. L. SANTOS, J. S. ZULIANE, D. Q. Casas de farinha: resistência e tradição no Maciço do Baturité. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano XXX, n. 2, Edição Especial, p. 59-73, 2019.

OLIVEIRA, M. R. G. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação. **Periódicus**, n. 9, v. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/25762>. Acesso em: 11 abr. 2021.

OLIVEIRA, M. R. G. O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

OLIVEIRA-MENEGOTE, L. M. de; PASINI, A. I.; LEVANDOWISK, G. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 15 n. 2, p. 203-215. São Paulo, SP, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n2/16.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2021.

PASSOS, H. G. da S. **Uma ala para Travestis, Gays e seus maridos: Pedagogias institucionais da sobrevivência no Presídio Central de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/106455>. Acesso em: 10 set. 2020.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 4 ed. Tradução: Denise Botrmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PEREIRA, M. S. A importância da literatura infantil nas séries iniciais. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 6, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/283/189>. Acesso em: 02 jul. 2021.

PEREIRA, A. S. M; SOUSA, A. C. B. de.; FIALHO, L. M. F. Helena Potiguara: biografia da educadora indígena (1954-2009). **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. esp.3, p. 1386–1403, 2021. DOI: 10.21723/riaee.v16iesp.3.15288. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15288>. Acesso em: 10 set. 2021.

PERES, W. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais e transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

PIAUI. **Mensagem do Governador do Estado à Assembléia Legislativa - 1995**. Teresina, fevereiro, 1995.

PINSKY, C. B; A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C.; PEDRO, J. M. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

PINTO, Cintia. **Entrevista** concedida à pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa no dia 01 de junho de 2021. Fortaleza. 1h14min.

PRECIADO, P. B. **Quem defende a criança queer?** Tradução: Fernanda Nogueira. 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/319007578/Beatriz-Preciado-Quem-Defende-a-Crianca-Queer>. Acesso em: 14 set. 2021.

REIDEL, M. **A pedagogia do salto alto: história de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

REGO, J. M. A. N. do. **Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)**. Tese. (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

RIBEIRO, D. Apresentação. In: NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

RICOEUR, P. **A história a memória e o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, R. M. Biografia e Gênero. In: FIALHO, L. F.; VASCONCELOS, J. G.; SANTANA, J. R. **Biografia de Mulheres**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

RODRIGUES, R. M. **O desafio do conhecimento histórico**. Fortaleza: EdUECE, 2018.

RODRIGUES, J. da S. 2021. **Entrevista** - concedida à pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, Fortaleza, 24 ago.

RODRIGUES, J. da S. **Sem rótulos, por favor!**: gênero e sexualidade em ambientes educacionais. Porto Alegre: Nova Práxis Educacional, 2020.

SÁ, É. C. V. de. **Educadora Henriqueta Galeno**: biografia de uma literata e feminista (1887-1964). Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.uece.br/ppge/download/dissertacoes-por-turma-2015-a-2019/>. Acesso em: 10 set. 2021.

SANTOS, D. B. C. dos. **Docências trans***: entre a decência e a abjeção. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47741>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SANTOS, D. M.; LEAL, N. M. A pedagogia de projetos e sua relevância como práxis pedagógica e instrumento de avaliação inovadora no processo de ensino aprendizagem. **Revista Científica da FASETE**. n. 2, 2018.

SANTOS, F. M. B. **Biografia da educadora Maria Socorro Lucena Lima**: formação educativa e contribuições profissionais para a formação de professores no Ceará. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://www.uece.br/ppge/download/dissertacoes-por-turma-2015-a-2019/> Acesso em: 10 set. 2021

SANTOS, G. R. dos; PALES, R. C; RODRIGUES, S. G. Desigualdades Regionais no Brasil 1991-2010. **Revista Científica Internacional**. v. 1, n. 31, 2014. Disponível em: <http://interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/304/301>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SEFFNER, F. Identidades Culturais. **Revista do professor**, Rio Pardo/RS, v. 21, n. 83, p. 20-24, 2005.

SILVA, A. F. da. **Currículo e diferença**: cartografia de um corpo travesti. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

SILVA, E. F. **As políticas públicas para o ensino primário no meio rural piauiense (1964-1983)**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2018. Disponível em: <https://www.ufpi.br/dissertacoes-ppged>. Acesso em 26 out. 2020.

SILVA, H. R. S; **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ISER, 1993.

SILVA, J. C.; RIOS, J. A. V. P. Jovens gays na escola: masculinidades, infância e narrativas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 04, n. 11, p. 558-572, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5968/pdf>. Acesso em: 11 jul. 2021.

SILVA, Z. M. C. **História e memória da educação infantil em Teresina: Piauí (1968 – 1996)**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2008. Disponível em: <https://www.ufpi.br/dissertacoes-ppged>. Acesso em 26 out. 2020.

SILVEIRA, L. C. *et al.* A sociopoética como dispositivo para produção de conhecimento. **Espaço Aberto – Interface**. Botucatu. v. 12. n, 27, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/LKRgcGBrGYnnz47cWv5VZVL/abstract/?lang=pt> Acesso em: 16 nov. 2022.

SOUSA, F. G. de A. **Irmã Elizabeth Silveira: história e memória de uma freira educadora cearense (1943-1968)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://www.uece.br/ppge/download/dissertacoes-por-turma-2015-a-2019/> Acesso em: 10 set. 2021.

SOUZA, A. S. de M. **Francisca Doneta Leite: formação educativa e atuação no magistério na cidade do Crato-CE**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.uece.br/ppge/download/dissertacoes-por-turma-2015-a-2019/> Acesso em: 10 set. 2021.

SHIROMA, E. O; MORAES, M. C. M. de; EVANGELISTA, **Olinda. Política Educacional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2021.

TORRES, M. A. **A emergência de professoras travestis e transexuais na escola: heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporâneas**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS99GHDH/1/psicologia_marco_antonio_torres_tese.pdf. Acesso em: 23 ago. 2020.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

VASCONCELOS, L. M.; FIALHO, L. M. F.; MACHADO, C.J.S. Facetas da (im)potência viril na *Revista Careta: educação e masculinidades no Estado Novo (1937-1945)*. **Acta Scientiarum: Education**, Maringá, v. 40, n. 4, p. 3-12, 2018. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v40i4.41145>

VEIGA, I. P. A. **A aventura de formar professores**. 2 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Salvador, 2016. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19685>. Acesso em: 15 out. 2020.

XAVIER, A. R.; FIALHO, L. M. F.; VASCONCELOS, J. G. **História, Memória e Educação**: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018.

YORK, S. W. P.; OLIVEIRA, M. R. G.; BENEVIDES, B. “Manifestações textuais (insubmissas) travesti”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, e75614, 2020.

YORK, S. W. P. **Tia, você é homem?** Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os "cistemas" de Pós-Graduação. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação as Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

ZANATA, M. H. A contribuição da estimulação para a aprendizagem. *Revista de Educação do Ideal*. v. 9, n. 20, 2014. Disponível em: https://www.getulio.ideal.com.br/wp-content/files_mf/a46e3d694f089c13044bc750c45c778d222_1.pdf. Acesso em 18 de nov. de 2022.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADA AOS COLEGAS DE TRABALHO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UESPI



Universidade Estadual do Ceará - UECE
Centro de Educação – CED
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Doutorado Acadêmico em Educação

Título da pesquisa: Educação e docência da travesti Letícia Carolina Pereira do Nascimento (2007-2018)

Pesquisadora: Maria Aparecida Alves da Costa

Roteiro de entrevista em história oral temática

- 1) Diga seu nome completo e sua profissão.
- 2) Como você conheceu a professora Letícia Carolina?
- 3) Qual o seu vínculo com a professora Letícia?
- 4) Na época de sua gestão na coordenação do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, a professora Letícia ainda vivia na identidade Romário?
- 5) Em sua visão a transição da identidade de gênero de Romário para Letícia, dentro da universidade, aconteceu de forma repentina ou gradual?
- 6) A identidade de gênero da professora no momento da transição causou algum estranhamento ou até mesmo algum preconceito por parte do corpo docente e discente?
- 7) O uso do nome social foi respeitado na instituição, a partir do momento que Romário começou a apresentar-se como Letícia Carolina?
- 8) Na Uespi nesse momento havia algum componente curricular ou até mesmo atividades que abordassem temáticas relacionadas a gênero e sexualidade?
- 9) Em relação à prática pedagógica, Letícia se mostrava uma professora dinâmica e atenciosa com os alunos ou sua vertente pedagógica era mais tradicionalista?
- 10) Além das atividades relacionadas aos componentes curriculares, a professora também era envolvida com atividades de pesquisa e extensão, como participar de eventos e fazer parte de grupos de estudo?

ANEXO A – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDOS (ASSINADOS)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Senhora **Letícia Carolina Pereira do Nascimento**, você foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: “Letícia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (1989-2019)”, que tem como objetivo de Biografar a professora Leticia Carolina Pereira do Nascimento com ênfase na sua trajetória formativa e atuação profissional na Universidade Federal do Piauí. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa que utiliza a História Oral como método e trata, especificamente, da sua biografia.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, aluna regularmente matriculada no curso de Doutorado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), sob orientação da Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho.

Sua participação na pesquisa consistirá em responder perguntas a serem realizadas sob forma de entrevistas. As respostas às entrevistas serão gravadas, transcritas, textualizadas e validadas por sua pessoa, isto é, em nenhum momento serão divulgadas informações sem o seu prévio consentimento. Sua participação é voluntária, ou seja, qualquer instante você pode se recusar a responder perguntas ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador. Informamos também que essa pesquisa poderá gerar riscos e/ou desconfortos como: tristeza, alegria, choro etc. considerando que a partir das entrevistas suas lembranças serão revisitadas.

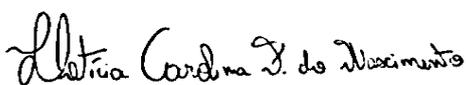
A Sra. não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. A pesquisa, no entanto, poderá ser divulgada por meio de publicações – artigos, livros, capítulos ou conferências públicas – portanto as informações prestadas não serão sigilosas, podendo ocorrer de as mesmas serem utilizadas por outros pesquisadores ou os demais interessados em estudos e análises futuras, inclusive, acrescentando e questionando as suas informações, fator que foge ao controle do pesquisador. Os dados obtidos por intermédio da sua participação poderão possibilitar refletir o contexto educacional em tela e ajudar a preservar a história e a memória da educação no Piauí, especificamente da cidade de Parnaíba.

Este documento está elaborado em duas vias, sendo uma cópia para o participante e outra para a pesquisadora. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora através do e-

mail: mariapedagoga99@gmail.com ou pelo telefone: (89) 981300299. E com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, localizado na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-Ceará –UECE. CEP 60.714903- Fone (85) 3101.9890. E-mail: cep@uece.br. Horário de funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h de segunda a sexta. Acordando com esse Termo de Consentimento, você autoriza o(a) pesquisador(a) a utilizar os dados coletados em ensino, pesquisa e publicação, estando a sua identidade preservada.

Você concorda com o TCLE? Sim () Não ()

Fortaleza, ____ de _____ de 2021.



Assinatura da participante da pesquisa



Assinatura da pesquisadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Senhor (a) **Cintia Pinto** você foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: “Letícia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (1989-2019)”, que tem como objetivo de Biografar a professora Letícia Carolina Pereira do Nascimento com ênfase na sua trajetória formativa e atuação profissional na Universidade Federal do Piauí. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa que utiliza a História Oral como método e trata, especificamente, da sua biografia.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, aluna regularmente matriculada no curso de Doutorado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), sob orientação da Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho.

Sua participação na pesquisa consistirá em responder perguntas a serem realizadas sob forma de entrevistas. As respostas às entrevistas serão gravadas, transcritas, textualizadas e validadas por sua pessoa, isto é, em nenhum momento serão divulgadas informações sem o seu prévio consentimento. Sua participação é voluntária, ou seja, qualquer instante você pode se recusar a responder perguntas ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador. Informamos também que essa pesquisa poderá gerar riscos e/ou desconfortos como: tristeza, alegria, choro etc. considerando que a partir das entrevistas suas lembranças serão revisitadas.

A Sra. não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. A pesquisa, no entanto, poderá ser divulgada por meio de publicações – artigos, livros, capítulos ou conferências públicas – portanto as informações prestadas não serão sigilosas, podendo ocorrer de as mesmas serem utilizadas por outros pesquisadores ou os demais interessados em estudos e análises futuras, inclusive, acrescentando e questionando as suas informações, fator que foge ao controle do pesquisador. Os dados obtidos por intermédio da sua participação poderão possibilitar refletir o contexto educacional em tela e ajudar a preservar a história e a memória da educação no Piauí, especificamente da cidade de Parnaíba.

Este documento está elaborado em duas vias, sendo uma cópia para o participante e outra para a pesquisadora. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora através do e-mail: mariapedagoga99@gmail.com ou pelo telefone: (85) 981182303. E com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, localizado na Av. Dr. Silas Munguba,

1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-Ceará –UECE. CEP 60.714903- Fone (85) 3101.9890. E-mail: cep@uece.br. Horário de funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h de segunda a sexta. Acordando com esse Termo de Consentimento, você autoriza o(a) pesquisador(a) a utilizar os dados coletados em ensino, pesquisa e publicação, estando a sua identidade preservada.

Você concorda com o TCLE? Sim (x) Não ()

Fortaleza, ____ de _____ de 2021.

Outira Pute do Nascimento

Assinatura da participante da pesquisa

Maria Aparecida Reis da Costa

Assinatura da pesquisadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Senhor(a) Tícylli Natasha Pereira do Nascimento você foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: “Leticia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (1989-2019)”, que tem como objetivo de Biografar a professora Leticia Carolina Pereira do Nascimento com ênfase na sua trajetória formativa e atuação profissional na Universidade Federal do Piauí. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa que utiliza a História Oral como método e trata, especificamente, da sua biografia.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, aluna regularmente matriculada no curso de Doutorado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), sob orientação da Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho.

Sua participação na pesquisa consistirá em responder perguntas a serem realizadas sob forma de entrevistas. As respostas às entrevistas serão gravadas, transcritas, textualizadas e validadas por sua pessoa, isto é, em nenhum momento serão divulgadas informações sem o seu prévio consentimento. Sua participação é voluntária, ou seja, qualquer instante você pode se recusar a responder perguntas ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador. Informamos também que essa pesquisa poderá gerar riscos e/ou desconfortos como: tristeza, alegria, choro etc. considerando que a partir das entrevistas suas lembranças serão revisitadas.

A Sra. não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. A pesquisa, no entanto, poderá ser divulgada por meio de publicações – artigos, livros, capítulos ou conferências públicas – portanto as informações prestadas não serão sigilosas, podendo ocorrer de as mesmas serem utilizadas por outros pesquisadores ou os demais interessados em estudos e análises futuras, inclusive, acrescentando e questionando as suas informações, fator que foge ao controle do pesquisador. Os dados obtidos por intermédio da sua participação poderão possibilitar refletir o contexto educacional em tela e ajudar a preservar a história e a memória da educação no Piauí, especificamente da cidade de Parnaíba.

Este documento está elaborado em duas vias, sendo uma cópia para o participante e outra para a pesquisadora. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora através do e-mail: mariapedagoga99@gmail.com ou pelo telefone: (85) 981182303. E com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, localizado na Av. Dr. Silas Munguba,

1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-Ceará –UECE. CEP 60.714903- Fone (85) 3101.9890. E-mail: cep@uece.br. Horário de funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h de segunda a sexta. Acordando com esse Termo de Consentimento, você autoriza o(a) pesquisador(a) a utilizar os dados coletados em ensino, pesquisa e publicação, estando a sua identidade preservada.

Você concorda com o TCLE? Sim (X) Não ()

Fortaleza, ____ de _____ de 2021

Édicyli Natápha Pereira do Nascimento

Assinatura do participante da pesquisa

Aracina Aparecida Pereira da Costa

Assinatura da pesquisadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Senhor(a) **Jessyka da Silva Rodrigues** você foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: “Letícia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (1989-2019)”, que tem como objetivo de Biografar a professora Letícia Carolina Pereira do Nascimento com ênfase na sua trajetória formativa e atuação profissional na Universidade Federal do Piauí. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa que utiliza a História Oral como método e trata, especificamente, da sua biografia.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, aluna regularmente matriculada no curso de Doutorado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), sob orientação da Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho.

Sua participação na pesquisa consistirá em responder perguntas a serem realizadas sob forma de entrevistas. As respostas às entrevistas serão gravadas, transcritas, textualizadas e validadas por sua pessoa, isto é, em nenhum momento serão divulgadas informações sem o seu prévio consentimento. Sua participação é voluntária, ou seja, qualquer instante você pode se recusar a responder perguntas ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador. Informamos também que essa pesquisa poderá gerar riscos e/ou desconfortos como: tristeza, alegria, choro etc. considerando que a partir das entrevistas suas lembranças serão revisitadas.

A Sra. não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. A pesquisa, no entanto, poderá ser divulgada por meio de publicações – artigos, livros, capítulos ou conferências públicas – portanto as informações prestadas não serão sigilosas, podendo ocorrer de as mesmas serem utilizadas por outros pesquisadores ou os demais interessados em estudos e análises futuras, inclusive, acrescentando e questionando as suas informações, fator que foge ao controle do pesquisador. Os dados obtidos por intermédio da sua participação poderão possibilitar refletir o contexto educacional em tela e ajudar a preservar a história e a memória da educação no Piauí, especificamente da cidade de Parnaíba.

Este documento está elaborado em duas vias, sendo uma cópia para o participante e outra para a pesquisadora. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora através do e-mail: mariapedagoga99@gmail.com ou pelo telefone: (85) 981182303. E com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, localizado na Av. Dr. Silas Munguba,

1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-Ceará –UECE. CEP 60.714903- Fone (85) 3101.9890. E-mail: cep@uece.br. Horário de funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h de segunda a sexta. Acordando com esse Termo de Consentimento, você autoriza o(a) pesquisador(a) a utilizar os dados coletados em ensino, pesquisa e publicação, estando a sua identidade preservada.

Você concorda com o TCLE? Sim () Não ()

Fortaleza, ____ de _____ de 2021

Jessyka da S. Rodrigues

Assinatura do participante da pesquisa

Árcia Aparecida Reis da Costa

Assinatura da pesquisadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Senhor(a) **Evangelita Carvalho da Nóbrega** você foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: “Leticia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (1989-2019)”, que tem como objetivo de Biografar a professora Leticia Carolina Pereira do Nascimento com ênfase na sua trajetória formativa e atuação profissional na Universidade Federal do Piauí. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa que utiliza a História Oral como método e trata, especificamente, da sua biografia.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, aluna regularmente matriculada no curso de Doutorado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), sob orientação da Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho.

Sua participação na pesquisa consistirá em responder perguntas a serem realizadas sob forma de entrevistas. As respostas às entrevistas serão gravadas, transcritas, textualizadas e validadas por sua pessoa, isto é, em nenhum momento serão divulgadas informações sem o seu prévio consentimento. Sua participação é voluntária, ou seja, qualquer instante você pode se recusar a responder perguntas ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador. Informamos também que essa pesquisa poderá gerar riscos e/ou desconfortos como: tristeza, alegria, choro etc. considerando que a partir das entrevistas suas lembranças serão revisitadas.

A Sr (a). não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. A pesquisa, no entanto, poderá ser divulgada por meio de publicações – artigos, livros, capítulos ou conferências públicas – portanto as informações prestadas não serão sigilosas, podendo ocorrer de as mesmas serem utilizadas por outros pesquisadores ou os demais interessados em estudos e análises futuras, inclusive, acrescentando e questionando as suas informações, fator que foge ao controle do pesquisador Os dados obtidos por intermédio da sua participação poderão possibilitar refletir o contexto educacional em tela e ajudar a preservar a história e a memória da educação no Piauí, especificamente da cidade de Parnaíba.

Este documento está elaborado em duas vias, sendo uma cópia para o participante e outra para a pesquisadora. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora através do e-mail: mariapedagoga99@gmail.com ou pelo telefone: (85) 981182303. E com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, localizado na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-Ceará –UECE. CEP 60.714903- Fone: (85) 3101.9890.

E-mail: cep@uece.br. Horário de funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h de segunda a sexta.
Acordando com esse Termo de Consentimento, você autoriza o(a) pesquisador(a) a utilizar os dados coletados em ensino, pesquisa e publicação diversas.

Você concorda com o TCLE? Sim () Não ()

Fortaleza, 17 de setembro de 2022



Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Senhor (a) João Carlos de Freitas Borges _____ você foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: “Leticia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (1989-2019)”, que tem como objetivo de Biografar a professora Leticia Carolina Pereira do Nascimento com ênfase na sua trajetória formativa e atuação profissional na Universidade Federal do Piauí. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa que utiliza a História Oral como método e trata, especificamente, da sua biografia.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, aluna regularmente matriculada no curso de Doutorado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), sob orientação da Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho.

Sua participação na pesquisa consistirá em responder perguntas a serem realizadas sob forma de entrevistas. As respostas às entrevistas serão gravadas, transcritas, textualizadas e validadas por sua pessoa, isto é, em nenhum momento serão divulgadas informações sem o seu prévio consentimento. Sua participação é voluntária, ou seja, qualquer instante você pode se recusar a responder perguntas ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador. Informamos também que essa pesquisa poderá gerar riscos e/ou desconfortos como: tristeza, alegria, choro etc. considerando que a partir das entrevistas suas lembranças serão revisitadas.

A Sr (a). não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. A pesquisa, no entanto, poderá ser divulgada por meio de publicações – artigos, livros, capítulos ou conferências públicas – portanto as informações prestadas não serão sigilosas, podendo ocorrer de as mesmas serem utilizadas por outros pesquisadores ou os demais interessados em estudos e análises futuras, inclusive, acrescentando e questionando as suas informações, fator que foge ao controle do pesquisador Os dados obtidos por intermédio da sua participação poderão possibilitar refletir o contexto educacional em tela e ajudar a preservar a história e a memória da educação no Piauí, especificamente da cidade de Parnaíba.

Este documento está elaborado em duas vias, sendo uma cópia para o participante e outra para a pesquisadora. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora através do e-mail: mariapedagoga99@gmail.com ou pelo telefone: (85) 981182303. E com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, localizado na Av. Dr. Silas Munguba,

1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-Ceará –UECE. CEP 60.714903- Fone.(85) 3101.9890.
Email: cep@uece.br. Horário de funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h de segunda a sexta.
Acordando com esse Termo de Consentimento, você autoriza o(a) pesquisador(a) a utilizar os dados coletados em ensino, pesquisa e publicação diversas.

Você concorda com o TCLE? Sim () Não ()

Fortaleza, ____ de _____ de 2021



Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Senhor (a) Edmara de Castro Pinto, você foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: “Letícia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (1989-2019)”, que tem como objetivo de Biografar a professora Letícia Carolina Pereira do Nascimento com ênfase na sua trajetória formativa e atuação profissional na Universidade Federal do Piauí. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa que utiliza a História Oral como método e trata, especificamente, da sua biografia.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, aluna regularmente matriculada no curso de Doutorado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), sob orientação da Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho.

Sua participação na pesquisa consistirá em responder perguntas a serem realizadas sob forma de entrevistas. As respostas às entrevistas serão gravadas, transcritas, textualizadas e validadas por sua pessoa, isto é, em nenhum momento serão divulgadas informações sem o seu prévio consentimento. Sua participação é voluntária, ou seja, qualquer instante você pode se recusar a responder perguntas ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador. Informamos também que essa pesquisa poderá gerar riscos e/ou desconfortos como: tristeza, alegria, choro etc. considerando que a partir das entrevistas suas lembranças serão revisitadas.

A Sr (a). não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. A pesquisa, no entanto, poderá ser divulgada por meio de publicações – artigos, livros, capítulos ou conferências públicas – portanto as informações prestadas não serão sigilosas, podendo ocorrer de as mesmas serem utilizadas por outros pesquisadores ou os demais interessados em estudos e análises futuras, inclusive, acrescentando e questionando as suas informações, fator que foge ao controle do pesquisador. Os dados obtidos por intermédio da sua participação poderão possibilitar refletir o contexto educacional em tela e ajudar a preservar a história e a memória da educação no Piauí, especificamente da cidade de Parnaíba.

Este documento está elaborado em duas vias, sendo uma cópia para o participante e outra para a pesquisadora. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora através do e-mail: mariapedagoga99@gmail.com ou pelo telefone: (85) 981182303. E com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, localizado na Av. Dr. Silas Munguba,

1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-Ceará –UECE. CEP 60.714903- Fone.(85) 3101.9890.
Email: cep@uece.br. Horário de funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h de segunda a sexta.
Acordando com esse Termo de Consentimento, você autoriza o(a) pesquisador(a) a utilizar os dados coletados em ensino, pesquisa e publicação diversas.

Você concorda com o TCLE? Sim () Não ()

Fortaleza, ____ de _____ de 2021

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora

TERMO DE CONSENTIMENTO DE MARIA DE JESUS DUARTE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Senhor(a) Maria de Jesus Marques Duarte você foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: "Leticia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (1989-2019)", que tem como objetivo de Biografar a professora Leticia Carolina Pereira do Nascimento com ênfase na sua trajetória formativa e atuação profissional na Universidade Federal do Piauí. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa que utiliza a História Oral como método e trata, especificamente, da sua biografia.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa, aluna regularmente matriculada no curso de Doutorado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), sob orientação da Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho.

Sua participação na pesquisa consistirá em responder perguntas a serem realizadas sob forma de entrevistas. As respostas às entrevistas serão gravadas, transcritas, textualizadas e validadas por sua pessoa, isto é, em nenhum momento serão divulgadas informações sem o seu prévio consentimento. Sua participação é voluntária, ou seja, qualquer instante você pode se recusar a responder perguntas ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador. Informamos também que essa pesquisa poderá gerar riscos e/ou desconfortos como: tristeza, alegria, choro etc. considerando que a partir das entrevistas suas lembranças serão revisitadas.

A Sr (a). não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. A pesquisa, no entanto, poderá ser divulgada por meio de publicações – artigos, livros, capítulos ou conferências públicas – portanto as informações prestadas não serão sigilosas, podendo ocorrer de as mesmas serem utilizadas por outros pesquisadores ou os demais interessados em estudos e análises futuras, inclusive, acrescentando e questionando as suas informações, fator que foge ao controle do pesquisador Os dados obtidos por intermédio da sua participação poderão possibilitar refletir o contexto educacional em tela e ajudar a preservar a história e a memória da educação no Piauí, especificamente da cidade de Parnaíba.

Este documento está elaborado em duas vias, sendo uma cópia para o participante e outra para a pesquisadora. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora através do e-mail: mariapedagoga99@gmail.com ou pelo telefone: (85) 981182303. E com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, localizado na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-Ceará –UECE. CEP 60.714903- Fone: (85) 3101.9890. E-mail: cep@uece.br. Horário de funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h de segunda a sexta. Acordando com esse Termo de Consentimento, você autoriza o(a) pesquisador(a) a utilizar os dados coletados em ensino, pesquisa e publicação diversas.

Você concorda com o TCLE? Sim (X) Não ()

Fortaleza, 13 de julho de 2022

Maria de Jesus Marques Duarte
Assinatura do participante da pesquisa

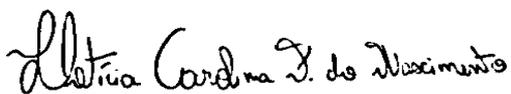
Assinatura da pesquisadora

ANEXO B – TERMOS DE VALIDAÇÃO DE ENTREVISTAS (ASSINADOS)**TERMO DE VALIDAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Eu, **Leticia Carolina Pereira do Nascimento** declaro ter lido a transcrição da entrevista realizada nos dias 24 de novembro de 2020, 5 de maio de 2021 e 12 de setembro de 2022 pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa. Venho por meio deste validar a transcrição a entrevista supracitada para a utilização na pesquisa “Leticia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (1989-2019)” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE).

Fortaleza, 14 de novembro de 2022.

Entrevistada: _____

Assinatura: 

Documento de identificação: _____

TERMO DE VALIDAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Eu **Cintia Pinto do Nascimento** declaro ter lido a transcrição da entrevista realizada no dia 01 de junho de 2021, pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa. Venho por meio deste validar a transcrição a entrevista supracitada para a utilização na pesquisa “Letícia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (1989-2019)” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE).

Fortaleza, ___ de _____ de ____.

Entrevistada: _____

Assinatura: *Cintia Pinto do Nascimento*

Documento de identificação: _____

TERMO DE VALIDAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Eu, **Tícylli Natasha Pereira do Nascimento** declaro ter lido a transcrição da entrevista realizada no dia 13 de agosto de 2021, pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa. Venho por meio deste validar a transcrição a entrevista supracitada para a utilização na pesquisa “Letícia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (1989-2019)” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE).

Fortaleza, ___ de _____ de ____.

Entrevistada: _____

Assinatura: Tícylli Natasha Pereira do Nascimento

Documento de identificação: _____

TERMO DE VALIDAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Eu, **Jessyka da Silva Rodrigues** declaro ter lido a transcrição da entrevista realizada no dia 13 de agosto de 2021, pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa. Venho por meio deste validar a transcrição a entrevista supracitada para a utilização na pesquisa “Letícia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (1989-2019)” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE).

Fortaleza, ___ de _____ de ____.

Entrevistada: _____

Assinatura: Jessyka da S. Rodrigues

Documento de identificação: _____

TERMO DE VALIDAÇÃO De ENTREVISTA

Eu **João Carlos de Freitas Borges** declaro ter lido a transcrição da entrevista realizada no dia 12 de julho de 2022, pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa. Venho por meio deste validar a transcrição a entrevista supracitada para a utilização na pesquisa “Letícia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (2007-2019)” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE).

Fortaleza, ____ de _____ de ____.

Entrevistado (a): _____

Assinatura:  _____

Documento de identificação: _____

TERMO DE VALIDAÇÃO De ENTREVISTA

Eu **Evangelita Carvalho da Nóbrega** declaro ter lido a transcrição da entrevista realizada no dia 14 de julho de 2022, pela pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa. Venho por meio deste validar a transcrição a entrevista supracitada para a utilização na pesquisa “Letícia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (2007-2019)” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE).

Fortaleza, ____ de _____ de ____.

Entrevistado (a): _____

Assinatura:  _____

Documento de identificação: _____

ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE FOTOGRAFIAS**

Eu **Letícia Carolina Pereira do Nascimento** autorizo a utilização dos registros fotográficos retirados de meu acervo pessoal e cedidos para a pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa no dia 12 de setembro de 2022. Venho por meio autorizar a publicação das fotografias na pesquisa “Letícia Carolina Pereira do Nascimento: trajetória formativa e atuação docente de uma educadora travesti (1989-2019)” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), sob orientação da professora Dra. Lia Machado Fiuza Fialho.

Fortaleza, ____ de _____ de ____.

Assinatura: *Letícia Carolina P. do Nascimento*

Documento de identificação: _____

ANEXO D – CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

UNIDADE ESCOLAR SÃO LUIZ GONZAGA
Nome do Estabelecimento de Ensino

AV. CAPITÃO CLARO, 676 - CENTRO
Endereço Completo

GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA
Nome da Entidade Mantenedora

AUTORIZADO A FUNCIONAR PELO DECRETO Nº 21.241
RESOLUÇÃO CEE - PI Nº 334/2001 DE 08/11/2001.

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL

O Diretor da **UNIDADE ESCOLAR SÃO LUIZ GONZAGA**, certifica que **ROMÁRIO RÁWL YSON PEREIRA DO NASCIMENTO**, filho de Raitlon Gomes do Nascimento e de Aglai Maria Pereira do Nascimento, natural de Paraitiba Unidade da Federação Piauí, nascida em 14 de agosto de 1989, concluiu em Dezembro de 2003 o Ensino Fundamental nos termos da Lei.

Paraitiba (PI), 23 de junho de 2006

Alcides Sebastião Araújo
Ass. Prof. nº 492/2005
CPF: 439.092.183-20

Dr. Juvenal da Silva Oliveira
Dir. Jurídico
Ass. Prof. nº 076/2008
CPF: 388.640.813-53

ANEXO E – CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 ESTADO DO PIAUÍ
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
 Organização Educacional Apoio Ltda
 COLÉGIO APOIO
 Rua Coelho Rodrigues, 786 São José CEP 64218-120
 Parnaíba, Piauí



Autorizado pela Resolução CE/PI Nº 395/2006 de 23.11.2006

Ab, Nº, Data e Origem do Poder Público que Autorizou ou Reconheceu o Funcionamento do estabelecimento

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO

O Diretor do COLÉGIO APOIO, no uso de suas atribuições legais, confere a ROMÁRIO RÁWLYSON PEREIRA DO NASCIMENTO, filho(a) de *Railton Gomes do Nascimento e de Agilma Maria Pereira do Nascimento* natural de *Parnaíba - PI*, nascido em *14 Agosto de 1989*, o presente certificado por ter concluído em 30 de dezembro de 2006 o ENSINO MÉDIO.

Parnaíba - PI, 30 de Dezembro de 2006

Romário Rawlyson Pereira do Nascimento
 Assinatura do Concluinte

Argemiro Portinari de Sousa e Silva
 Argemiro Portinari de Sousa e Silva
 Aut. Port. Nº 082/04
 CPF 712.855.393-20
 Diretor

Ana Maria Ferreira e Silva
 Ana Maria Ferreira e Silva
 Aut. Port. Nº 088/04
 CPF. 453.988.013-68
 Secretária

ANEXO F – MEMORANDO DE APRESENTAÇÃO DO CONCURSO PÚBLICO DE
LUÍS CORREIA - PI

 PREFEITURA MUNICIPAL DE LUÍS CORREIA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA 

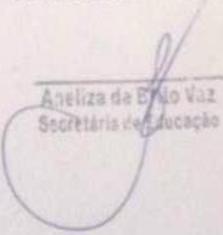
MEMORANDO DE APRESENTAÇÃO

Nº ____/____
Sr(a). Diretor(a) Gedeane Barros Freitas
da Escola Municipal Rain de Sol

Apresento-lhe o(a) funcionário(a) Romario Kaullyson P. de Nascimento
na situação de concurso para atuar na Educação Infantil na
função de professor ciclo(s) matutino, garden I e II
turno(s) manhã e tarde a partir da data 05 / 10 / 2011.

Luis Correia (PI), 04 de outubro de 2011.

Atenciosamente,


Aneliza de Brito Vaz
Secretária de Educação

ANEXO G – PRIMEIRA PÁGINA DO CURRÍCULO LATTES DE LETÍCIA CAROLINA PEREIRA DO NASCIMENTO

		<h3>Letícia Carolina Pereira do Nascimento</h3> <p>Endereço para acessar este CV: http://lattes.cnpq.br/7740026689471870 ID Lattes: 7740026689471870 Última atualização do currículo em 10/05/2021</p>
<p>Mulher Travesti, Negra e Gorda. Filha de Xangô e Iansã, no Candomblé de tradição Ketu. Filha de Cabocla na Jurema Sagrada. É leonina, com lua em Capricórnio. Feiticeira de Devires e Bruxa da Sociopoética. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI/PPGED). Formada em Pedagogia (UFPI/Parnaíba). Professora do curso de Pedagogia da UFPI, na área de Metodologias de Ensino e Estágio Supervisionado. É terapeuta com formação em Reiki e Arteterapia. É ativista social atuando como co-fundadora e articuladora do Acolhe Trans e junto a coordenação executiva nacional do Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (FONATRANS). Vinculada aos seguintes núcleos: Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Gênero e Cidadania (NEPEGEI/UFPI); a Rede Interdisciplinar de Mulheres Acadêmicas do Semiárido (RIMAS/UFRPE); e ao Políticas do Corpo e Diferenças (POC's/UFPEL). Pesquisadora filiada a Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN) e a Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia (AINPGP). Pesquisadora transfeminista investigando e produzindo cartografias decoloniais com travestis negras a partir de uma perspectiva mestiça de encontros entre ideias decoloniais, feministas e da filosofia da diferença. Autora do livro Transfeminismo na Coleção Feminismos Plurais coordenada por Djamila Ribeiro. (Texto informado pelo autor)</p>		
<h3>Identificação</h3>		
Nome	Letícia Carolina Pereira do Nascimento	
Nome em citações bibliográficas	NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do;NASCIMENTO, Romário Ráwlyson Pereira do;NASCIMENTO, L. C. P. do;Letícia Carolina Pereira do Nascimento;NASCIMENTO, LETICIA CAROLINA PEREIRA DO	
Lattes iD	 http://lattes.cnpq.br/7740026689471870	
Orcid iD	 https://orcid.org/0000-0003-2159-7179	
<h3>Endereço</h3>		

ANEXO H – CARTA ESCRITA POR LETÍCIA DESTINADA A SEUS AGRESSORES DA INFÂNCIA



NOHS SOMOS Carta aos meus agressores: com amor, Letícia

por [Marianna Godoy](#) | mar 8, 2021 | [Blog](#) | 2 Comentários



Vocês estão comigo, seus olhares me seguem onde eu vou, seus dedos apontados, suas vozes graves e estridentes, seus risos ecoam, quantas vezes vocês riram e gritaram: baleia, viado! Vocês são o medo em cada passo que dou, vocês me puseram numa corda bamba que se estende entre mim e o passado, entre mim e o futuro, **vocês me fazem tremer quando olho pra trás, hesitar quando olho pra frente.**

*“ Vocês estão comigo,
seus olhares me
seguem onde eu vou,
seus dedos apontados,
suas vozes graves e
estridentes, seus risos
ecoam, quantas vezes
vocês riram e gritaram:
baleia, viado! „*

Vocês são a pedra que insiste em permanecer em meu caminho, a pedra sempre pronta pra me fazer tropeçar. Vocês sempre quiseram me fazer cair. Seus risos e piadas me fizeram sonhar dentro de uma gaiola. Duvidar de mim mesma, questionar meu potencial, minha coragem, vocês me fizeram acreditar que eu não chegaria a lugar nenhum além do fosso no qual me puseram.

Às vezes, quando olho no espelho, ainda vejo aquela menina assustada, com os olhos tristes, com lágrimas que transbordam o olhar, um rubro olhar de tanto chorar, ela me olha, ela me pede abraço e proteção. Essa menina sou eu, ela vive em mim, eu me abrijo nela, sem nada falar ela faz no abraço o corpo vibrar palavras, as muitas palavras de dor esculpidas em sua pele se derramam sobre mim.

É por isso que decidi escrever essa carta. Preciso contar a vocês que quero perdoá-los por tudo que fizeram. Vocês estavam errados e eu não quero errar agora também. Eu queria deixar vocês para trás, que suas lembranças não fizessem mais parte de mim, mas em todas as conquistas seus dedos-vozes-olhares estão lá.

Não sinto que devo ser grata a vocês. Não sinto que cheguei onde cheguei por ter sofrido tudo que sofri. É verdade que essas dores me fizeram mais forte, mas não podemos naturalizar o caminho da dor como possibilidade de aprendizagem.

Eu sei que eu poderia conquistar tudo que conquistei sem tantas dores e marcas, se ao invés de intimada, eu tivesse sido encorajada. Não!

Vocês tomaram tanto de mim, as minhas vitórias não pertencem a vocês!

Eu escrevo pra saber se vocês se tornaram pessoas melhores. Se vocês também lembram da infância do modo como eu me lembro. Se vocês também carregam dores, se aprenderam a lidar com elas. Vocês realizaram os sonhos de vocês? Pergunto, mas não sei se gostaria de ouvir as respostas, não sei como seria ficar frente a frente com vocês.

*“ Eu escrevo pra saber
se vocês se tornaram
pessoas melhores.*

(...)

*Vocês realizaram
os seus sonhos? „*

Não lhes desejo mal. Na verdade, até quero perdoar vocês. Uma parte de mim já perdoou, mas, apesar disso, vocês insistem em fazer parte de mim. As lembranças me cercam, sufocam. Sinto que perdoar não é esquecer. **Perdoar deve ser aprender a criar outros modos de vida a partir do que lhe trouxe dor.**

Começo a entender que o fato de vocês insistirem em me acompanhar em cada vitória é por conta de serem vocês, e não eu, os maiores questionadores do meu sucesso. Toda essa insegurança não vem de mim, ela é parte das lembranças de vocês.

Vocês tentaram me fazer acreditar que eu não era forte o suficiente, mas cada respiração é prova do quanto vocês estavam errados. **Viver com medo é um ato de coragem.** A coragem não vence o medo: ela o abraça, pois o medo precisa de aconchego.

A lembrança de vocês me faz perceber o quanto eu sou forte, o quanto eu preciso lutar para que as outras como eu, possam seguir seus sonhos sem a existência das marcas deixadas por agressores como vocês. É o que posso fazer na impossibilidade de apagar vocês: **possibilitar que outras não tenham seus sonhos postos em gaiolas imaginárias.**

Eu escrevo e as palavras vibram como um mantra. Na frequência do chakra cardíaco, enchendo a vida de amor, perdão e compaixão, o pueril coração ferido ainda sangra. Mas as batidas são firmes como os tambores ancestrais: **as raízes da resistência que me lembram que nosso dever ancestral é ser feliz.**

Eu escrevo a vocês, meus agressores, pra dizer que eu escolhi seguir frágil e que faço da fragilidade, força; que faço das lembranças, resistência; do medo, sonhos. Saibam que não fariam falta se não estivessem aqui. **Todavia, em suas constantes permanências, celebrem comigo minhas vitórias: mesmo elas não sendo suas, me alegra dividir a alegria com quem me trouxe dor.**

Letícia Carolina é a primeira travesti professora da UFPI e do Brasil. Responsável por três disciplinas na instituição, ela orienta alunos para o TCC e tem um grupo quinzenal de estudos. Escreve artigos mensalmente para publicar em revistas e eventos, nacionais e internacionais, escreve capítulos de livros e desde o ano passado também [escreve para o blog da Nohs Somos](#).

Texto por Letícia Carolina Nascimento Revisão por Dominique Rangel Leite Ilustração por Thadeu dos Anjos Organização por Marianna Spindola Godoy.

A Nohs Somos trabalha para mapear espaços seguros e acolhedores à população LGBTI+. Você pode ajudar avaliando locais amigáveis na nossa [plataforma](#)!